



Programa de
Pós-Graduação em
Linguística

A VOZ DECOLONIAL DO RAP NACIONAL

SÃO CARLOS
2021



Universidade Federal de São Carlos

FLAVIO HENRIQUE MORAES

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA

A VOZ DECOLONIAL DO RAP NACIONAL

FLÁVIO HENRIQUE MORAES

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em
Linguística da Universidade Federal de São Carlos,
como parte dos requisitos para a obtenção do Título
de Doutor em Linguística.

Orientador: Prof. Dr. Valdemir Miotello

Henrique Moraes, Flavio

A voz decolonial do rap nacional / Flavio Henrique
Moraes -- 2021.
251f.

Tese de Doutorado - Universidade Federal de São Carlos,
campus São Carlos, São Carlos
Orientador (a): Valdemir Miotelo
Banca Examinadora: Valdemir, Miotello
Bibliografia

1. Estudos bakhtinianos. 2. Rap. 3. Linguística . I.
Henrique Moraes, Flavio. II. Título.

Ficha catalográfica desenvolvida pela Secretaria Geral de Informática
(SIn)

DADOS FORNECIDOS PELO AUTOR

Bibliotecário responsável: Ronildo Santos Prado - CRB/8 7325



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS

Centro de Educação e Ciências Humanas
Programa de Pós-Graduação em Linguística

Folha de Aprovação

Defesa de Tese de Doutorado do candidato Flávio Henrique Moraes, realizada em 25/02/2021.

Comissão Julgadora:

Valdemir Miotello

Prof. Dr. Valdemir Miotello (UFSCar)

Prof. Dr. Wilson Alves Bezerra (UFSCar)

Prof. Dr. Jorge Leite Junior (UFSCar)

Profa. Dra. Rosângela Ferreira de Carvalho Borges (UEMG)

Prof. Dr. José Kuiava (Unioeste)

Prof. Dr. José Radamés Benevides de Melo (IF Baiano)

Profa. Dra. Sílvia Beatriz Adoue (UNESP)

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.
O Relatório de Defesa assinado pelos membros da Comissão Julgadora encontra-se arquivado junto ao Programa de Pós-Graduação em Linguística.

Dedico essa tese às forças astrais e ancestrais que nos regem e à linha matriarcal que me sustenta, em especial à Marilena de Jesus Vieira, minha amada e preta mãe e à sua mãe, Anetilha Maria de Jesus, minha avó.

AGRADECIMENTOS

Um dia, quando eu voltei da França sem eira nem beira, escrevi a um certo Valdemir Miotello perguntando se eu teria poderia me inscrever e participar do processo seletivo de mestrado na UFSCar. Ele logo abriu seu abraço por meio das palavras e disse-me: “a universidade é pública é aberta, meu camarada! Estamos aqui te esperando para fazer parte de nosso grupo”. Isso foi nada menos que uma dose de incentivo e grande motivação. Como não se animar com essa recepção? Então, no que concerne à maior parte da minha trajetória acadêmica, agradeço a esse velho barbu-do por ser tão generoso e acreditar sempre que é possível mudar e alçar novos voos por meio da dialogia sem que se pise na cabeça de ninguém.

Aos mestres que o antecederam agradeço e serão lembrados, Micael Côrtes (UFTO); Mônica Baltasar Diniz (UFSCAR); Andressa de Oliveira (UNESP); Rosângela de Oliveira Borges (UEMG); Radamés Benevides (IFBA). Cada qual a seu modo me ensinou a ser mais transmodernamente humano.

Aos amigos do GEGe/UFSCar (Grupo de Estudos do Gênero, me especial a Rosângela, Nathan, Carlos, Sandra, Marisol e todos demais que direta ou indiretamente sempre se dispuseram a ouvir e estar mais próximo possível.

Agradeço a todos aqueles e aquelas que antecederam essas palavras e lutaram para que elas pudessem ser escritas: às pretas e pretas velhas; às mulheres e homens indígenas; europeus e asiáticos que pretenderam transmitir a palavra e a cultura própria-alheia libertadora.

Às mulheres da minha família. Obrigado minha mãe, pois ao verte sempre me ajudando a me superar, compreendi que é possível. Obrigado ao meu pai de sangue e de criação. O primeiro pelo que não foi. E o segundo pelo que é, mesmo não tendo sido, pelo que demonstra na persistência da humildade em ser sempre gentil e batalhador.

Pelo chamego de quem hoje me acompanha, a ti, Jaqueca, agradeço pela leitura dessa tese e pelas dicas dadas;

À D'eus. Que assim escrito traz o conceito de que muitos “eu’s” é de “eus”, de mim, de outros, de nós; da historicidade em curso e, para sempre, como um ato responsável.

*É necessário sempre acreditar que o sonho é possível
Que o céu é o limite e você, truta, é imbatível
Que o tempo ruim vai passar, é só uma fase
Que o sofrimento alimenta mais a sua coragem*

A vida é desafio
Racionais MCs

RESUMO:

Em cada esfera social alguns tipos de enunciados são predominantes, sendo por meio deles que a compreensão de si e do outro se estabelece. Uma vez que toda civilização ocidental está determinada por tudo o que fora configurada a partir da ideia e do empreendimento de que se convencionou chamar de Ocidente e esse, por sua vez, fora resultado de constantes processos de colonização e da colonialidade de povos, biomas e culturas, isto é, de inúmeras formas de vida, tal como hoje lhas conhecemos, toda nossa subjetividade e objetividade se colocam mediadas e validadas pela epistemologia ocidental, eurocêntricas, a começar pela língua pela qual nos expressamos. Basicamente, o Ocidente se fundamentou por meio de ações de colonizações e colonialidades que se fundamentam na ideia de raça, gênero e classe, o que justificou massacres e processo de eliminação ainda em curso. À margem da configuração ideal de um modelo de civilização eurocentrada, um enunciado potente surgido nos anos 60 no Brooklin, o rap, em meio ao Movimento *Hip Hop*, contesta e expõe as chagas dessas colonialidades que constantemente produzem mortes e guerras. A tese que aqui se apresenta buscará mostrar o quanto os enunciados-rap escancaram e denunciam processos de colonialidades ainda em curso, todavia podem e devem ser superados por meio de orientações decoloniais e dialógicas, as quais valorizam a alteridade e a dialogia. Os/As pensadoras que nos ajudam nessa pesquisa são: Walter D. Mignolo (2005), Mikhail Bakhtin (1988), Quijano (2005), Catherina Walsh (2017), Fanon (1968) e outros de vertentes que consideram a necessidade da desobediência ou reconsiderações epistêmicas.

PALAVRAS-CHAVE: Rap, Dialogia, Decolonial, Enunciado Concreto, Transmodernidade.

ABSTRACT:

In each social sphere, some types of statements are predominant, and it is through them that the understanding of oneself and the other is established. Since all Western civilization is determined by everything that was configured from the idea and enterprise that was conventionally called the West and that, in turn, was the result of constant processes of colonization and coloniality of peoples, biomes, cultures, that is, of countless forms of life as we know them today, all of our subjectivity and objectivity are mediated and validated by Western, Eurocentric epistemology, starting with the linguistic expression we express ourselves. Basically, the West was based on actions of colonization and coloniality that are based on the idea of race, gender and class, which justified massacres and the process of elimination still underway. Apart from the ideal configuration of a Eurocentric model of civilization, a powerful statement that emerged in the 1960s in Brooklyn, rap, in the midst of the Hip Hop Movement, disputes and exposes the wounds of these colonialities that constantly produce deaths and wars. The thesis presented here will seek to show how the rap statements opened up and denounced processes of coloniality that are still ongoing, however they can and must be overcome through decolonial and dialogical orientations, which value alterity and dialogue. The thinkers who help us in this research are: Walter D. Mignolo, Mikhail Bakhtin, Quijano, Catherine Walsh, Fanon and others from areas that consider the need for disobedience or epistemic reconsiderations.

KEYWORDS: Rap, Dialogy, Decolonial, Concrete Enunciation, Transmodernity

ÍNDICES DE FIGURAS

Figura 1 - Bronx de 1920.....	57
Figura 2 - Grafite.....	101
Figura 4 - Ferro do Orixá Ogum.Década de 1990. Ferro Coleção particular.....	225

ÍNDICES DE TABELAS

Tabela 1 - Comparativa rap/mpb.....	62
Tabela 2 - Mapa da Violência.....	77
Tabela 3.....	226

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	17
CAPÍTULO I.....	21
1.1 O caminho metodológico do Sample.....	21
CAPÍTULO II.....	35
2.1 Sampleando Bakhtin e a Teoria Decolonial.....	35
2.2 O Nascimento de um gênero.....	58
2.3 Racismo e Sociedade.....	67
2.4 Negro Drama: um cântico decolonial.....	72
2.5 Capítulo 4, Versículo III.....	85
2.6 A palavra e sua “função social”.....	100
2.7 O Rap como “diferença colonial” e “pensamento fronteiriço”.....	106
2.8 A <i>arquitetônico</i> enunciado-concreto Brasil.....	120
2.9 Trabalhadores do Brasil.....	129
CAPÍTULO III.....	138
3.1 O gênero e a práxis.....	138
3.2 Consciência Black I – 1990.....	155
Capítulo 4.....	165
LETRAMENTOS DECOLONIAIS PELA VOZ SOCIAL DO RAP.....	165
4.1 Entrevista com Mmoney.....	167
4.2. Letramento decoloniais por meio do rap.....	183
4.3 Entrevista com Sasquat.....	187
4.4 Matéria Rima, insurgência da desobediência civil e educação decolonial. .194	
4.5 Princípio Prudencio.....	200
4.6 Museus Afrobrasil e os caminhos da <i>aiesthetica</i> de Walter Mignolo.....	216
Anexos.....	235
ANEXOS.....	246
Websites Consultados.....	247

INTRODUÇÃO

Paris, janeiro de 2012, aeroporto Charles de Gaulle, França. Depois de fazer uma escala em Amsterdã e ter me impressionado com o profundo ordenamento daquela cidade por suas ruas, avenidas, vielas, casas e jardins, cuja padronização me fez cotejar a *Cidade das Letras*, obra de Angel Rama, desço na capital francesa. O coração de um viajante caminha em abertura e fechamento de sensações; impressiona-se com as veredas. Com malas em mãos já em direção à saída do aeroporto, antes de passar pelo último oficial do exército, o qual estava armado com uma metralhadora, fui barrado antes de passar na catraca de saída para rua. Olhou firme e me perguntou:

- “De onde vens?”

“Do Brasil”.

- “Para onde vais?”

“Para Lille, norte”.

Obviamente que fiquei nervoso, embora comigo estivesse tudo certo: visto, grana, passagens de ida e volta, carta de recomendação da universidade etc. Logo lhe respondi:

- “Venho para um intercâmbio e vou embora em julho, é um *séjour* (período de permanência) curto. Por quê?”

Ele não me respondeu. Estava falando na língua dele, estava curvado ao seu *horizonte social* de mundo linguístico, mas era a minha imagem, cuja *forma composicional* naquele espaço e naquele tempo que era, assim como ainda hoje, estigmatizada. Olhou-me e disse:

“D’accord, allez-y!” (De acordo, siga!)

Para quem chega em casa nova “entra-se mudo e se sai calado”. Depois que voltei do intercâmbio, após a imersão nos estudos decolonias e bakhtinianos pude retomar esse *pequeno tempo* vivido com outros olhos. O *pequeno tempo* – o qual se vive hoje, o qual se fez presente ontem, o agora ou o logo – somente me foi compreendido a partir de um *grande tempo*, pois hoje completam-se 7 anos em que estive na França. No jogo das consciências, o que nos é apresentado como desenhos bem definidos é resultado de esboços múltiplos somados no decorrer das nossas veredas e saberes mediante a dinâmica ecológica e dialógica do saber.

Hoje me é sóbrio o porquê pelo qual quando cheguei à Lille fora recebido por um árabe como se fosse um de seus irmãos. Quando veio logo me saudando com um “saramaleiko” Disse que reafirmar que a Hassan que eu não era árabe. Ele não acreditara, achava que estava

de onda com ele, mas logo percebeu meu sotaque. Ao afirmar que era brasileiro, a empatia não diminuía. Esse encontro me marcou em contrário ao que senti quando fui abordado pelo oficial.

Retomando o fato, pude compreender que as quatro pessoas que passaram antes de mim tinham a pele clara, mais próximas ao tom, à epiderme do oficial do exército. Tratava-se de uma linguagem tácita que me era ininteligível. No Brasil sou considerado branco de maneira que a questão racial nunca me tocou por não ser um “negro retinto” e ser filho de mãe negra de pele clara e pai branco. Nunca essas classificações anteriores me fizeram diferença. Quando retomo o que ocorrera nos dias de hoje, venho acompanhado de inúmeras vozes que compõem esse modo de ver, essa *exotopia* chamada decolonial, vem-me Fanon (2008, p. 33): “O negro tem duas dimensões. Uma com seu semelhante e outra como branco. Um negro comporta-se diferentemente com o branco e com outro negro. Não há dúvida de que esta cissiparidade é uma consequência direta da ‘condição colonial’”, trecho da obra **Pele Negra, Máscaras Brancas** (2008), ausculto Bakhtin (2003), quando trata da questão da identidade como formadora de monologias e a consequente monologização do outro que se dá por inúmeras vias.

Minha estadia na França durara seis meses. Tempo suficiente para alargar profundamente as possibilidades de compreensão do que era *não-ser-europeu* e de como meu ser e estar estava intrinsecamente ligado a esse fato, desde tempos mais imemórias situado no *grande tempo* – 520 anos de colonização – ao *pequeno tempo* dos meus 28 anos de idade. Mas que contraste de tratamento teria sido aquele que recebera em mim. Um árabe me era tão importante quanto um oficial francês. A identificação antes de ser racial é fenotípica, assim como veremos no decorrer dessa tese, de maneira que a justificação racial é a materialização do máximo grau da identificação, do eu (“verdadeiro”) genia (parentesco). Obviamente, que se a questão racial é uma ideologia, antes é um empreendimento econômico. O árabe que me saldou e me levou para conhecer sua família quando me encontrou vindo do trabalho nas linhas férreas da metrópole de Paris. Quando minhas economias acabaram, há dois meses antes de voltar para o Brasil, tive que trabalhar para uma família no interior da França para pagar minhas regalias de viagem e o básico que era o aluguel.

Essa viagem foi o porto de passagem para uma compreensão tácita do que era o primeiro mundo e o que era ter vindo de um mundo outro, negado e estigmatizado. O *sistema-mundo* ressaltou-me aos olhos quando caminhava, pois a marcação nítida de “quem era quem”

nas ruas determinava que cada grupo étnico africano ou do Oriente Médio ficava entre os seus e seus lugares já estavam pressupostos ou já bem desenhados em termos de trabalho e de ocupação espacial na cidade. Os horizontes modelares de um primeiro mundo só se efetivam pelo imaginário de superioridade que alimentamos sobre o europeu. Esses nada seriam sem os recursos humanos e naturais do restante do mundo, nada seriam se não existisse quem lhes lavrasse o suor do plantio e da lida ingrata dos trabalhos “menos brancos”!

Entender a dinâmica da *condição colonial* é saber que sabemos mais do outro – francês – do que de nossa própria cultura. E isso não é uma escolha, inicialmente, mas uma *condição colonial* que nos foi implantada e a qual precisa a cada dia ser decomposta para ser vista. Ir a um supermercado francês e poder comprar o suco que é produzido na minha cidade e que jamais um de meus concidadãos provaria, nem ao menos meus pais, que trabalharam na fábrica de sucos da CUTRALE¹; comprar café da melhor safra e a preços menores que no Brasil e pagar para morar, se locomover e se comunicar com um terço a menos do que pagara no Brasil só poderia ser um indicativo de subalternidade velada por parte do meu povo, cujos determinantes foram postos e impostos como formas de governabilidade e acumulações primitivas e que ainda permanecem.

O olhar do oficial no aeroporto e a sua função de policiamento visava-se à intimidação e a certificação que não ficaria naquele país em que o Estado de Bem Estar Social funciona.

Segui por seis meses como um estrangeiro e tive a certeza das razões pelas quais ouvia rap quando morava na periferia de Araraquara-SP. A região não central da cidade é um lugar de observação em seu lado positivo, pois na migração pendular diária entre a maquete física e social das cidades de centro e não centro, fica exposta a quem vai e vem. “Da ponte pra cá é sempre diferente”.

Quando estive na França passei a enxergá-la como a cidade central, sendo o Brasil a periferia. Desde então, jamais deixei de ser um estrangeiro, haja vista que uma visão ampliada pode titubear, mas jamais recairá em falsas consciências. Se o Rap é, por princípio, a via pela qual se externaliza a exotopia da *condição colonial* tal como aqui pretendo desenvolver, sendo o “rap compromisso”, bem como salientava Sabotagem, é a partir dessa forma *relativamente estável de enunciado*, que enunciarei uma leitura decolonial em vista de apontar para possibilidades translógicas, bem como fora todo o empreendimento de Mikhail Bakhtin e seu Círculo de Estudos e bem como prevê toda teoria decolonial.

1 Empresa produtora de suco e subprodutos da laranja, com sede na cidade de Araraquara-SP.

CAPÍTULO I

1.1 O caminho metodológico do Sample

O *bit*, ou batida que guia a voz, o som e a configuração do *enunciado concreto* do gênero Rap é tão simples quanto o que se denuncia em seu amplo *projeto de discurso*: a *colonialidade do poder*, que rege nossas formas de vida. Instaure-se por meio desse gênero, um grito que reivindica um novo olhar, uma nova compreensão: é preciso conhecer as *colonialidades* para dela se emancipar. Entre uma batida e outra, *sampleia-se* inúmeras outras *vozes sociais*. Ao som do *sampler*², instrumento de remixagem sobre o qual se sobrepõe uma voz, um *bit*, o Mestre de Cerimônia (MC) desenvolve na máxima expressão da dialogia que lhe é característica: versos responsivos de uma ponta a outra da imensa *diáspora*³ que configurou o jogo do pensamento conhecido como Rap.

Dotado de uma função dialógica que valoriza a voz alheia, instaura um movimento de alteridades porque é sempre uma resposta bem elaborada ao *pequeno tempo* sobre o qual é entoada e ao *grande tempo* no qual se constituiu.

A arquitetônica responsiva desse gênero reitera seu *lugar de fala* que originalmente advém das instâncias do “marginal”, ou, se retomarmos à questão elencada na obra *Cidades das Letras*, de Angel Rama (2015), da cidade não central – em termos da administração e da cultura letrada e erudita. Mas esse gênero tem conquistado outros lugares de escuta não mais se restringindo à cultura de rua e dos guetos de onde originara. Ele tomou lugar e voz em outras esferas e campos sociais seja na voz de políticos importantes como Eduardo Suplicy, que tanto no Congresso, quanto em outros lugares já cantara a letra *Um Homem na Estrada*, dos *Racionais Mc’s*, por várias vezes, até mesmo em plataformas de música como em premiações musicais que se estendem por todo país. Como toda forma relativamente estável de expressão,

2 “O sampler armazena sons diferentes em uma memória digital, que pode ser acessada posteriormente. Pode-se tanto usar o som de um violino sampleado, para criar melodias tocadas por violino, como usar um sample de quatro compassos de determinada gravação e tornar isso a base de uma nova música” (TAPERMAN, 2015, p. 22).

3 Segundo Singleton e Souza (2013, p. 449, tradução minha), compreende-se como diáspora “A dispersão mundial dos povos africanos e de seus descendentes como consequência da escravidão e outros processos de imigração”. Como em grande parte dos eventos de migração de grandes contingentes populacionais, a dimensão econômica, em se tratando da modernidade, colocou-se como um dos grandes motivadores. Em especial sobre as circunstâncias da imensa imigração de inúmeras etnias africanas para o Brasil, a dimensão econômica desempenhou modos sofisticados, métodos de segregação e torturas, os quais fragmentaram e dificultaram processos de insurreições e de organizações sociais para além do aspecto cultural, diferentemente do que ocorrera com outros processos de imigração, sendo todos os demais não mediados pela subalternidade da condição de escravidão. Embora para maior parte dos leitores essa questão esteja claramente posta, vale ressaltá-la haja vista que a mesma será mediadora de vários debates dessa tese.

o Rap traz um horizonte de enunciação que representa vozes sociais e, por isso, está intrinsecamente conectado às historicidades individuais e de projetos contra o Estado e estados de formas de vida que sempre coadunam na questão das desigualdades sociais advindas do preconceito e da formação desse estado-nação chamado Brasil.

Cada enunciado que nessa tese se lançará à compreensão será apreendido como voz *social*. Bakhtin (2003), quando critica as categorias da linguagem, a linguística e a estilística, situa o gênero romanesco na dinâmica da história da atividade criadora humana e, por isso mesmo, considera o gênero romance no escopo das relações com as “forças histórico-reais do porvir verbal” Bakhtin (2003, p.234). Dessas forças-histórico-reais é que se obtém os gêneros e seus consequentes estilos da linguagem humana, sempre com vistas à contrapalavra, ao sempre emergente processo da reação da palavra à palavra, isto é, à delimitação criativa da revelação e da representação de determinada esfera social. Vale lembrar que “as forças histórico-reais do porvir verbal e ideológico de certos grupos sociais [...] aquelas da unificação e da centralização das ideologias verbais” (Bakhtin *apud* Melo, 2010, p. 80-81) são as que configuram as variadas *esferas sociais*. Entre uma batida e outra se enuncia as *forças histórico-reais* que estão em jogo há mais de 500 anos “500 anos de Brasil e no Brasil aqui nada mudou” (RMC’s)⁴

Se o gênero romanesco emergiu no ponto limítrofe entre a cultura burguesa e a cultura popular, ambas em face do declínio dos estados absolutistas, o gênero em questão compreendido nessa tese ressalta o cotejo de forças que há entre as esferas e microsferas sociais: da periferia e do não periférico, ou seja, daqueles que administram o engenho capitalista em um momento de convergências sociais, cujo nascimento em termos de forma composicional, tal como conhecemos, ocorrera nas décadas de 60 e 70.

Isso posto, o Rap não poderia destoar do modo como Bakhtin (1988) pensava e sentia a linguagem, por isso, considero a constituição do gênero ao longo da história, isto é, em suas relações com “as forças históricas-reais do porvir verbal e ideológico de certos grupos sociais [...] aqueles da unificação e da centralização das ideologias verbais (*ibidem*, p.80), as quais são justamente as criadoras da linguagem.

Quando há uma esfera social, há estética, ética e cognição decorrentes dessa entidade de agremiação e alteridade, já que nela há a criação ou a recuperação dos *índices sociais de*

⁴Algumas siglas serão usadas representando as iniciais de alguns grupos de Rap. No caso, (RMC’s) representará como pode ser notado, o grupo Racionais MC’s.

valor⁵. É por isso que dos lugares de onde surge e dos enunciadores os quais os emanam, sempre se pode considerar que há unidades de linguagem e modos de ver e sentir a vida muito bem colocados diante das questões estruturais da sociedade brasileira.

Então, para cada compreensão, dar-se-á uma *sampleada* na história para que se toque, ainda mais dialogicamente, nos entremeios da historicidade. Se as línguas nacionais e os Estados-nação se formaram no bojo de forças centrípetas e centrífugas da transição de um medievalismo a um modernismo, já nesse Estado Moderno, o Rap se forma como um dissidente dos processos a partir dos quais se sustentou o *Novo Mundo*, o qual garantiu a “modernidade” sob a perspectiva eurocêntrica. Por que da estranheza da discursividade quase plena (com pouca musicalidade arranjada) com conteúdos tão diretos e “agressivos” tal como “Cês diz que nosso pau é grande. Espera até ver nosso ódio”?⁶ Se a linguagem Rabelaisiana tocava no interdito transcendendo a medievalidade em anúncio à modernidade nascente, há também nas letras de rap certo *princípio material-corporal*⁷ que emancipa às percepções usuais que conhecemos, sobretudo pelo fato desse gênero denunciar a colonialidade latente que nos conduz.

O *Hip Hop*, na totalidade do movimento e ainda mais em sua dança, o break, descentralizavam e refutavam a cidade central, pois no Bronx, onde as mazelas eram mais nítidas na década de 60 e 70, foi seu lugar de nascimento como movimento: a dança, a música, as festas e o grafite se tornaram meios de renascimentos internos para que um povo não mais brigasse entre si; foi quando afroamericanos passaram a se compreender como detentores de um lugar e de uma riqueza que não podia se perder, mas que devia se congregar em se olhando para novos horizontes, pois a presença negra nas Américas fora resultado de movimentos diaspóricos. Por isso da estranheza do gênero maior *Hip Hop* que abrange: um estilo musical, dança, artes plásticas que buscam a integração e a não-dissociação entre vida, arte e teoria. Por meio desse gênero maior denuncia-se o *guerra-muerte*, no qual o povo imigrante afro-americano e afro-caribenho viviam e de certo modo ainda vivem. Isso coloca em evidência a não docilidade das letras ritmos e arranjos do rap; tão logo sendo a máxima expressão de um discurso decolonial, como defenderei ao longo desse texto. Esse gênero não poderia ser trivial

⁵Por esse termo, em **Marxismo e Filosofia da Linguagem** (1988), Bakhtin/Voloshinov compreende que todas as agremiações sociais têm determinados índices que as singularizam, certos signos que são consitutivos da dinâmica social específica de uma dada etnia ou sociedade, os quais se materializam de diferentes formas e modos.

⁶(SQQLC,) EMICIDA. Sobre Crianças, quadris e lições de casa. CD. Sony Music: São Paulo, 2015.

⁷Catherine Walsh (2017)

e convencional, dado que denuncia e ressalta o que há de característico na configuração danosa do Ocidente.

O Rap veio revestido em formas binárias para que pudesse ser ouvido e compreendido de forma simples em se ressaltando mais o conteúdo a ser expresso que as outras partes da forma composicional, causando profundidade contestatória e diagnóstica disso a que venho chamando aqui de *condição colonial*. Por isso do estranhamento, do deslocamento e da reconfiguração do que havia já concebido como padrão. Por isso que a compreensão das forças sócio-históricas é tão importante, desvelando e colocando em evidência a *forma arquitetônica* de modo que haverá ampliação daquilo que pode ser percebido no *pequeno tempo* para um outro *grande tempo*, pois “ainda há tempo”⁸de, pela compreensão, propor novas configurações de modos de vida, as quais, por sua vez, tem de ser gregárias e não dicotômicas por razões e socioemotividades plurais, dado os excessos decorrentes.

Nesse ínterim, é momento de apresentar um primeiro enunciado-rap para que possamos compreender de que maneira as forças histórico-reais do porvir verbal e ideológico de certos grupos sociais se materializam esteticamente em uma forma relativamente estável, em um gênero. A canção *Duas de Cinco*,⁹do rapper Criolo, de seu disco “Convoque seu Buda”, é possível perceber a singularidade dessa linguagem musical:

Compro uma pistola do vapor
Visto o jacocalifórnia azul
Faço uma mandinga pro terror
E vou

É o cão, é o canhamo, é o desamor
É o canhão na boca de quem tanto se humilhou
Inveja é uma desgraça
Alastra ódio e rancor
E cocaína é uma igreja gringa de *Le Chereau*
Pra cada rap escrito uma alma que se salva
O rosto do carvoeiro é o Brasil que mostra a cara
[...]

Alô, Foucault, cê quer saber o que é loucura?
É ver Hobsbawm na mão dos boy, Maquiavel nessa leitura
Falar pra um favelado que a vida não é dura
E achar que teu doze de condomínio não carrega a mesma culpa.

(CRIOLO, 2019).

⁸CRIOLO. Ainda há tempo. São Paulo: **Oloko Records**, 2016. Disponível em: <http://www.criolo.net/aindahatempo/>. Acesso em: 10 Março de 2018.

⁹CRIOLO. Convoque seu Buda. Faixa 1, Convoque seu Buda. São Paulo: **Oloko Records**, 2014. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=HncAs9LeyIQ>. Acesso em: 10 de Março de 2019.

Inicialmente, é preciso dizer que o material de análise é compreendido como um *enunciado concreto* musical, a partir da abordagem da **Introdução à Teoria do Enunciado Concreto do Círculo Bakhtin / Volochinov / Medvedv** (1999). Nesse sentido, percebe-se que há um *projeto de discurso* no enunciado musical acima, ou uma *vontade de dizer*, de esferas sociais não centrais da cidade de São Paulo. O título da canção, “Duas de Cinco” alude a duas notas de cinco reais, custo de uma pequena quantia de cocaína. Seguindo para a 1º estrofe, enuncia-se as ações de alguém que compra um revólver de um policial, veste-se com uma jaqueta para situações noturnas, faz-se uma oferenda às entidades denominadas como *linhas de esquerda* da simbologia da Umbanda (“faz-se mandinga”) e segue rumo ao tráfico. Já na 2º estrofe, enuncia-se o objeto de tráfico “a cocaína” e as consequências negativas que a “igreja gringa de Le Chereau” desempenha.

Compreender o sentido pressupõe abordar dialogicamente o enunciado, pois a palavra é polissêmica e dotada de plurivalências vivas (Bakhtn/Volochinov, 1988, p.103) de modo que há no enunciado-rap uma profusa sofisticação nesse sentido. Com base naquele último termo, é possível compreender bem isso. O neologismo “Le Chereau” é um trocadilho de significação entre o verbo cheirar, que em nossa língua se aproxima foneticamente da palavra “Chereau”, cujas três últimas vogais [eau] são lidas com um único som [ô] na língua francesa. Fora isso, há ainda a alusão ao diretor de cinema Patrice Chereau, o qual produziu a obra “La Reine Margot”, em cujo enredo enfatiza-se o episódio da “Noite de São Bartolomeu”, data em que ocorre um grande massacre dos protestantes considerados na França como gringos e hereges. Daí o termo em comparação com a cocaína, a qual mata tanto por questões ideológicas representadas pelo tráfico, quanto pela dependência química, de modo que o autor aproxima o uso da cocaína como uma nova igreja herege que age muito além do domínio do estado. Nos versos finais, há o exercício metalinguístico de se referir ao Rap como o enunciado cujo projeto de sentido é salvacionista, em um país cujas crianças ainda executam trabalho escravo nas carvoarias¹⁰, sendo aquele enunciado a refração por meio de uma denúncia do que não é dito nas vias de informação públicas mais acessíveis, sendo uma contingência de ação pela denúncia apresentada.

Percebe-se a noção do *discurso alheio*, (Bakhtn/Volochinov, 1988), dado que a *palavra de outrem* define, em certa medida, a teoria do enunciado concreto no sentido de que “todo

¹⁰Há, no Brasil, criada em 2003, a lista suja do trabalho escravo, a qual em 2016 foi suspensa pelo STF, voltando a ser novamente exposta em 2017 após grande pressão do MPT e de parcela da sociedade civil. Mais de 60 empresas ainda mantinham trabalhadores sob o regime escravo em diversas regiões. (COSTA, 2016).

enunciado é um elo na cadeia infinita do discurso e que as palavras sempre estão em reação à palavra (ibidem, 1988, p.145). O autor, pela função fática com o uso da interjeição “alô”, retoma a Foucault no que se refere aos postulados que o filósofo faz sobre a loucura, à compreensão histórica de Hobsbawm em posse da classe “burguesa” e à teoria do estado moderno de Maquiavel diante o processo de segregação social como pré-condição à formação do estado. Com isso, pretende-se mostrar o distanciamento entre a teoria, vida e as contradições que uma desempenha sobre a outra, haja vista que nas esferas marginalizadas da sociedade é muito mais perceptível como os domínios do saber se efetuam sob os pouco letrados.

Ainda, nos últimos versos, reclama-se o direito à moradia de uma população sub-representada, trazendo à baila, para isso, o enunciado jurídico, responsável pela regulação social. No trecho da letra “seu 12 de condomínio não carrega a mesma culpa”, faz-se referência ao Art. 12, § 1 da Lei do Condomínio – Lei 4.591/64, a qual dispõe sobre os condomínios em edificações e as incorporações imobiliárias, tendo naquele referido artigo a discriminação de que “Cada condômino concorrerá nas despesas do condomínio, recolhendo, nos prazos previstos na Convenção, a quota-parte que lhe couber em rateio”. Alude-se à lei que regulamenta a edificação e a incorporação de condomínios – ferramenta jurídica que viabiliza o apartamento social via construção predial – fato que influi diretamente na vida de comunidades que não raras vezes são deslocadas, isoladas socialmente, seja por aspectos geográficos, econômicos e políticos, das vias de acesso às regiões centrais como resultado direto da especulação imobiliária. Uma vez às margens das centralidades, o tráfico é uma alternativa de sobrevivência.

Trago agora o enunciado de outro rapper, cujas letras de seu disco *Sobre crianças, quadris, pesadelos e lições de casa* (2015), demonstra outras intenções de fala. Trata-se da faixa de número 12 do disco de nome **Mandume**, a qual enuncia:

Eles querem que alguém
 Que vem de onde nóiz vem
 Seja mais humilde, baixa a cabeça
 Nunca revide, finge que esqueceu a coisa toda
 Eu quero que eles se ...!

(Nunca deu nada pra nóiz, caralho!)
 Nunca lembrou de nóiz, caralho!)
 Nunca deu nada pra nóiz, caralho!)

[...]

Mas mano, sem identidade somos objeto da História
 Que endeusa "herói" e forja, esconde os retos na História
 Apropriação há eras, desses tá repleto na História
 Mas nem por isso que eu defeco na escória.
 Pensa que eu num vi?
 Eu senti a herança de Sundi
 Ata, não morro incomum e
 Pra variar, herdeiro de Zumbi
 (...)
 Sem ideia torta no rap, eu vou na frente da tropa.
 Sem eucaristia no meu cântico,
 Me veem na Bahia em pé, dão ré no Atlântico,
 Tentar nos derrubar é secular,
 Hoje chegam pelas avenidas, mas já vieram pelo mar.

[...]
 Emicida (2015).

Partindo do título, “Mandume”, que é derivado do verbo mandar, percebe-se que há um projeto de discurso que visa denunciar a condição subalterna a partir da qual as classes marginalizadas são educadas, “mandadas” ou instruídas por aquela ordem global já denunciada acima. O estilo não padrão, ou seja, o uso do “noiz” na forma de expressão coloquial e o termo pejorativo “caralho”, evidenciam a “reação da palavra a palavra” (Bakhtin/Volochínov, 1988, p.145) entre *esferas sociais*, em que reside o *locus do ato de fala*. Reclama-se, nesse trecho, a representatividade civil de direito negada a certa parcela da população, fato que culmina na formação de um contingente populacional excluído das garantias básicas ou de qualidade do ser humano e que, por isso, servem como mão de obra não especializada e barata.

No segundo trecho, ressalta-se a importância da identidade como resistência à não objetificação histórica (lê-se esquecimento), reiterando de outra parte os “heróis”, qual referência se dirige àqueles que se colocam, historicamente, na condição de privilegiados (brancos europeus de classe média alta). Louva-se a identidade negra, daqueles que tem herança na língua Sandi, uma das inúmeras etnias que foram eliminadas no Brasil; identificada como herdeiro de Zumbi e Ati, figuras históricas de relevo na luta pela identidade do negro.

Observando esses dois enunciados, percebe-se que o *estilo*, o *conteúdo* e a *forma* composicional do gênero Rap nacional trazem um tipo de enunciado cujo projeto de discurso denuncia as mazelas, desigualdades e injustiças sociais. Tendo isso em vista, pode-se afirmar que esse gênero é repleto de enunciados de *exotopiasociológica*, no que se refere à reflexão dos condicionamentos sociais.

Para além da concepção de *unidades linguísticas*, o enunciado possui um acabamento específico que torna possível a réplica por parte de um destinatário. Tal acabamento, quando em enunciados estéticos, carrega um nível mais elevado de consciência, ou seja, de *exotopia*, dado que o autor é aquele que abrange a consciência interna de todos os elementos da obra, de modo que esse autor é o elemento de tensão entre a obra, suas partes constituintes e o lugar do qual se produz o ato de fala, assim,

a consciência do autor é a consciência da consciência, isto é, a consciência que abrange a consciência e o mundo da personagem com elementos por princípios transgradientes a ela mesma e que, sendo imanentes, a tornariam falsas (Bakhtin, 2011, p. 264).

No gênero rap, a *inexaurabilidade*¹¹ - que nas formas artísticas são ainda mais relativas – trazem um maior grau de acabamento discursivo, isto é, valoriza-se o discurso e o conteúdo, cuja orientação de sentido é mais enfática, objetivando-se a transmissão da palavra discursiva de uma esfera a outra. Isso posto, me arrisco em afirmara hipótese de que uma adequada distinção conceitual entre canção e o Rap, fazendo referência à Semiótica da Canção e cotejando como a perspectiva bakhtiniana, ocorre justamente no quesito da *arquitetônica bakhtiniana*. A partir dos postulados do Círculo, posso compreender que o Rap é um enunciado que exige responsividade entre os sujeitos que se alternam no enunciado mediante as esferas que representam. Desse modo, a questão ideológica tem maior evidência sendo a *entoação apreciativa*¹²o ponto regente do gênero.

Já o gênero canção é definido por Tatit (1994) como um processo de compatibilização entre melodia e letra mediadas por valores que se sobressaltam a depender de cada tipo de canção, isto é, existe a canção passional, a temática e a figurativa; cada um desses tipos de canção executam um certo tipo de comportamento entoacional – no sentido musical. Então, o critério de definição de canção perpassa pelos tipos de relação que há entre a fala e melodia e quanto mais próximo da fala menos melódico, mais “puro” quanto a noção da fala cotidiana. Para Tatit (1994), rap também é um tipo de canção (Silva, 2007)¹³

11Na teoria bakhtiniana, compreende-se “inexaurível” aquilo que não tem fim, isto é, o sentido que pode ser atribuído a uma música ou a qualquer obra de arte que é renovado a cada época e em cada momento em que se enuncia uma determinada obra de arte.

12Para Bakhtin, a entoação apreciativa trata dos valores sociais e pessoais que transcorrem no decurso da vida social sempre mediados pelas relações entre a infra e superestrutura.

13Disponível em:

https://www.digestivocultural.com/blog/post.aspxcodigo=1567&titulo=O_que_e_cancao_por_Luiz_Tatit. Acesso em: 20 de Jan.2020.

Tatit (1994) polemiza ao dizer que o Rap é uma canção pura, como se fosse possível chegar à raiz, porque é alguém que fala e utiliza organizações de métrica. O *rap* passa uma mensagem e por isso é necessário aproximar ao máximo da fala. A questão ideológica produz evidências (Orlandi, 2012) refletidas e refratadas na música. Essas evidências, podem ser verificadas na ênfase discursiva que se dá no gênero rap em que se valoriza a fala em detrimento do musical, embora novos artistas como Criolo tenham valorizado arranjos musicais mais amplos e diversos, aproximando sua musicalidade do que se conhece como MPB, mas sem que se perca a intenção da fala ser o que prepondera.

A importância social que a música popular brasileira desempenha na formação discursiva em nosso país é um fato que se evidencia pelo amplo repertório que a constitui e por ser a manifestação cultural de maior expressão e compartilhamento em nosso país. Isso ocorre em razão do processo de colonização pelo qual o Brasil se constituiu, haja vista que as línguas autóctones indígenas e africanas e a cultura desses povos, sobretudo depois de meados do século XVIII, com a fundação da política linguística cultural pombalina, sofreram apagamentos de diversas ordens de suas vozes e expressões culturais. Nesse contexto, por ser um enunciado sincrético, a canção traduz o que não pode ser expresso por vias oficiais de caráter legislativo ou regulamentador, uma vez que as políticas de alfabetização são recentes e grande parte da população ainda é analfabeta, sendo esse quadro ainda pior quando se trata das populações sub-representadas.

Nesse sentido, hoje, algumas expressões musicais tais como o rap nacional trazem em seus enunciados musicais projetos discursivos que buscam evidenciar as sequelas e a permanência da condição colonial, enunciando as vozes das periferias urbanas, parcela social sob a qual se reflete as mazelas do sistema econômico regente e que, por isso, refrata de forma mais lúcida, as desigualdades sociais. Bem como o samba fora no início do século XX o gênero musical que entou o horizonte social do negro, do crioulo e demais humanos sub-representados, atualmente o *rap nacional* cumpre essa responsabilidade dialógica.

A tese fundamental desse trabalho é: nosso pensamento e nossas formas de vida estão colonizadas por meio de dispositivos de subjetivação que segregam e racializam promovendo a criação de exterioridades. Contrariamente ao singular, aquela ordem a que me refiro promove processos de homogeneização, em que se apaga o singular em favor da ordem econômica global. De outro ponto de vista, nada pode ser totalizado, pois em nada há *exauribilidade*, isto é, em nada há esgotamento, embora as esferas hegemônicas pretendam enfatizá-lo por meio

de suas formas de subjetivação e coerção. Desse modo, essa problemática do esgotamento pode ter um direcionamento solucionador na valorização do singular. Para realizar esse trabalho, nossa linha teórica central se concentra nos estudos do Círculo de Bakhtin e do pensamento decolonial, os quais, por sua vez, são corolários do pensamento contra-hegemônico. A partir de tal diretriz, pode-se apreender a linguagem como um evento social, o qual se expressa por meio de *enunciados concretos*. Ao tocar na questão da colonialidade, a presente pesquisa entende letras de música como enunciados concretos que entoam, ao seu modo, as consequências do projeto colonial constituidor do nosso tecido social. Cotejar é o princípio fundador *identidade* da sociabilidade humana.

O tom dessa pesquisa se concentra na língua viva e real, na linguagem sicrética como não aleatória ao espaço de onde nasce e se concretiza enquanto voz de outros que permeiam a minha voz. Com vistas a debater questões de hegemonias discursivas, meus dados de análise – enunciados concretos – estarão concentrados no gênero musical e discursivo: rap, pois desse lugar enunciativo pode-se samplear o *modus operandi* que nos constitui enquanto consequências da condição colonial. Isto posto, samplearemos conjuntamente com a minha visão e experiência de mundo, o pensamento decolonial, tais como Darcy Ribeiro (1995), Henrique Dussel (1998) e, em acentuação especial, a obra de Walter D Mignolo (2003), pois esse último sampleia de modo mais direto naquilo que mais me interessa – a questão da enunciação como a chave da emancipação da condição colonial.

No Brasil, o gênero canção apresenta concreta importância na formação discursiva de grande parte de sua população, a qual a partir da década de 1930 adquiriu amplitude nacional com o advento do rádio e do disco e, atualmente, via a diversidade dos meios de comunicação e de tecnologias digitais passa a ser um elemento de interação ainda mais presente em nosso dia a dia. Há, nesse gênero, um grau de sofisticação em termos de linguagem resultante do encontro entre povos, etnias, nações que, mesmo tendo sido executado por meio de um processo controverso e violento de miscigenação, culminou na formação de um repertório vasto em seus aspectos rítmicos, melódicos, harmônicos e de conteúdo discursivo. A música popular no Brasil e na América Latina é a representação do *mosaico cultural* de que fala (AIVARENGA, 1982), que culminou num *complexo cultural híbrido* (Canclini, 1998) que espelha as sínteses das diferenças culturais mediante seu processo adaptativo.

No início da primeira metade do século XX, como resultado da modernização pela qual o Brasil passava, a canção popular brasileira ganhava a dimensão de sucesso, qual fora

disseminada tanto no meio urbano quanto no rural, já que congregava em sua forma e conteúdo, enquanto gênero, todo um processo de adaptação da música popular e folclórica para um estilo musical urbano. Dotada de grande maleabilidade, a canção atinge várias faixas de consumo, que cobre desde a produção de selos independentes, às grandes gravadoras internacionais Tatit (2009, p. 58).

Nesse contexto, estilos musicais como o samba, até então restrito às senzalas, penetrou por espaços inatingíveis como nas ruas e nas casas até o ponto de se tornar uma fundamental matriz da MPB. É mediante esse conjunto de fatores que intelectuais brasileiros como Mário de Andrade, Oneyda Alvarenga, José Ramos Tinhorão e jornalistas, pesquisadores e músicos como José Eduardo Homem de Mello e Orestes Barbosa passam a desenvolver estudos acerca da canção popular, muito embora determinados pela distinção dicotômica entre música folclórica e urbana ou por seguir um viés descritivo e biográfico (CARETTA, 2013, p. 9). Entre as décadas de 70 e 80, houve maior variedade nos estudos, destacando-se os trabalhos de Walnice N. Galvão (2015), com sua análise ideológica da canção. José Miguel Wisnik, com abordagens mais estruturais com elementos da teoria musical e Luiz Tatit, em sua abordagem semiótica das relações de compatibilização entre melodia e letra. Em tempos mais recentes, o trabalho de Caretta (2003) abordou a canção por meio de uma análise dialógica discursiva mesclando a teoria baktiniana, à semiótica da canção e à Análise do Discurso francesa.

Alguns gêneros musicais surgem e se desenvolvem como expressão de resistência social. Assim como o samba, que por volta de 1920 se configurava como um enunciado musical marginalizado, cuja forma *composicional, conteúdo e estilo* em nada se assemelhavam às expressões musicais europeias que no Brasil eram veiculadas na TV e no Rádio. Semelhantemente, hoje o rap nacional pouco se aproxima do que se considera MPB tradicional, ou seja, enunciados musicais consagrados que sobretudo após o advento da Bossa Nova a partir dos festivais dos anos 60, passou a ser considerada *mainstream*¹⁴

Bem como o samba no século passado, o rap e ainda mais o funk carioca representam os estilos musicais que materializam as vozes das esferas marginalizadas da sociedade. A exemplo, temos o surgimento da cultura *Hip Hop*, que chega ao Brasil no início dos anos 80 como ressonância dos Movimentos Negros nos EUA, os quais eram manifestados em bailes organizados por equipes em São Paulo e Rio de Janeiro (MOREIRA, 2016, p.115). As esferas sociais marginalizadas de São Paulo e Rio de Janeiro encontram nesse gênero a forma

¹⁴Termo que designa a linha cultural mais corrente em determinada época.

composicional para expressão do projeto de discurso que entoava a condição do negro no contexto pós Segunda Guerra Mundial. Há, em todo processo de conformação, de identificação e agremiação, a formação de uma linguagem singular, de estética e ética próprias.

Não obstante, o estilo de tais enunciados são ainda objetos de estranhamento e julgamento por parte do grande público. Mas o que trazem de tão singulares tais enunciados concretos? A problemática posta, abre um campo de debate que recai sobre as condições de produção do enunciado, dos lugares de onde advém e a qual horizonte social é dirigido. A teoria do enunciado concreto, pela qual abordoos objetos, desenvolvida pelo Círculo de Bakhtin, é aquela que mais se aproxima ao propósito de se responder a tal questão, pois “em todo signo ideológico confrontam-se *índices de valor* contraditórios” (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 1988, p. 46) os quais encontram em um determinado gênero a adequação e o repouso relativo de certo conjunto de valores de uma dada comunidade.

Tomando a abordagem estrutural de Luiz Tatit (2009), o rap é a mais pura canção em razão da sua proximidade com a fala, sem a marcante presença de passionalizações, pois prioriza-se a ideologia, a denúncia, de modo que a emoção não reflexiva é pouco interessante ao tipo musical (Tatit 2009).

Vale ressaltar que em todo material linguístico, sob o qual centra-se na distinção entre fala e entoação no plano do sistema da língua, percebe-se a centralidade das questões ideológicas. Em vista disso, faz-se necessário um aprofundamento para se compreender os embates do *signo ideológico*, sempre com vistas nos conflitos entre as respectivas esferas sociais, cujas vozes constituem a vontade de dizer do discurso transmitido nas letras.

Em cada época, em cada círculo social, em cada micromundo familiar, de amigos e conhecidos, de colegas, em que o homem cresce e vive, sempre existem enunciados investidos de autoridade que dão o tom, como as obras da arte, ciência, jornalismo político, nas quais as pessoas se baseiam, as quais elas citam, imitam, seguem. “*Eis porque a experiência discursiva individual de qualquer pessoa se forma e se desenvolve em uma interação constante e contínua com os enunciados individuais dos outros*”. (BAKHTIN, 2003, p. 294, grifos meus).

A imagem do *sampler* aqui empregada evidencia o grau dialógico acentuado do gênero rap sob o qual me debruçarei. Se samplear é trazer para a minha musicalidade a musicalidade de outro quase que explicitamente, então, samplear é configurar significativa dialogia em prol da grande dinâmica das confluências de vozes que se fazem presentes na dinâmica da vida social. Outro fator dialógico que vale a pena ressaltar aqui é a questão de que o nascimento de

um gênero cuja localização histórica se faz a partir da década de 60 – quando há significativa crise no que se refere a noção de Ocidente - coloca também em evidência valores que até hoje sobre eles nos confrontamos: se o modelo de vida no qual nos baseamos, o modelo neoliberal é um modelo que se sustenta, haja vista que o nível de marginalização que ele produz é bem maior que o nível de inserção aos direitos básicos garantidos ao menos constitucionalmente.

Os enunciados individuais são réplicas e refração de outros enunciados. O “investimento de autoridade” (BAKHTIN, 2003) que em épocas distintas variados gêneros adquirem, no gênero rap pode ser considerado como o investimento de responsabilidade, dado que sua temática sempre estará imersa em linhas de pensamento e relatos que veiculam a denúncia e a compreensão da configuração das margens sociais. Nesse ínterim, inicia-se aqui, uma dinâmica de sampleamentos decoloniais no âmbito de vozes sociais, pois tudo é dialógico.

CAPÍTULO II

2.1 Sampleando Bakhtin e a Teoria Decolonial

[...] a crítica da razão dialógica não é somente a colocação em discussão de toda a orientação da filosofia ocidental, mas também daquela dominante na cultura a qual essa pertença

[...] Embora não existam estatísticas confiáveis, parece seguro dizer que os povos indígenas dizimados pelos europeus que colonizaram a América do Norte equiparam-se, em termos numéricos, às vítimas de outros genocídios reconhecidos. Entretanto, não há termo largamente empregado – como antissemitismo ou holocausto – para designar esse massacre inconcebível. [...] O racismo goteja da flecha envenenada do orgulho. Muitos africanos e asiáticos acusam os ocidentais brancos de racistas, mas o racismo também é uma instituição na Ásia. Pelo menos, no Ocidente há leis contra o racismo e ele é publicamente condenado. Uma moça em Cingapura não pode levar para sua casa seu marido belga para conhecer sua família [...] (Khyentse, 2008, p. 72-73).

Samplear, no que se refere ao rap, é trazer a palavra alheia, mas especificamente a batida e o som do outro à voz da qual se serve o artista. Nesse sentido, ao se enunciar de maneira diferenciada ou ao se criar uma batida, o que se tem é a *transgradiência* das atividades cotidianas por meio de um gênero. Os enunciados circulam sempre de um círculo social ou campo para outro.

As teorias que embasam a tese que escrevo são resultados de dois grandes círculos de pesquisadores, cujo centro das pesquisas pautavam-se na questão da alteridade como um processo posterior à compreensão da existência de uma supremacia da *identidade monológica*, isto é, eurocêntricas que permeava a maior parte dos estudos das Ciências Sociais, o que instaurava um deslocamento de sentido do que propriamente se estudava: os efeitos e causas da colonialidade. Deslocamento sobre o que se passou a valorizar imensamente: o *lugar da enunciação* (MIGLIEVICH-RIBEIRO e BENEDEZI, 2015). Ambas questionavam o Ocidente enquanto uma entidade de pensamento e *práxis* social, uma vez que as duas eram tributárias e refratárias de teorias marxistas. O primeiro, o Círculo de Bakhtin, reúne em seu conjunto uma gama de pesquisadores de variadas áreas como música e física e tem como característica *cronotópica* um período de convergências políticas resultantes das políticas de estado de Rússia Soviética e da intersecção das ciências positivistas com as novas perspectivas advindas dos

resultados da Primeira Guerra Mundial, em que já se sentira os efeitos do universo dicotômico e racionalista

O segundo Círculo chamava-se Grupo *de Estudos Subalternos*, o qual teve como uma de suas bases o pensamento da tríade francesa¹⁵ composto por Frantz Fanon (1925-1961), Albert Memmi (1920-2020) e Aimé Cesáire (1913-2008), os quais cada qual a seu tempo e com certa interlocução entre si, ocuparam na história, a partir de 1930, um lugar de enunciação, inovador pela singularidade temática ao tratar das questões do colonialismo como fundantes das formas de vida e pensamento que deveriam ser questionadas e recolocadas nas ciências humanas, pois as categorias conceituais recorrentes à época e que ainda vigoram como a clássica: classes sociais, deveria ter como base a noção de que o pertencimento a qualquer classe social em locais que passaram por processos de colonialização estariam, assim como ainda estão, em um lugar de subalternidade dado que o padrão epistemológico, a começar pela língua, faz com que haja uma singularidade fundante ao se pensar as conceituações pensadas fora da Europa, as quais, por sua vez, com elas mantêm relações de intertextualidade – a epistemologia ocidental mantém relações eurocentradas que não se acabam nem quando sobre a própria episteme se pensa.

O momento do pós-guerras trouxe redefinições geopolíticas, que Mignolo (2005) chamará de *geopolítica do conhecimento*¹⁶, importantes para a compreensão da noção de Ocidente e da dinâmica social global eurocentrada, cuja intelectualidade da época, ainda como hoje, em grande parte se apresenta ignorada. Os processos de secularização e os 500 anos da história da modernidade, no bojo do “encobrimento” das Américas (DUSSEL, 2012) passou a ser percebido pelos lugares de fronteiras deixados pelas misérias e reconfiguração da presença exploratória na África e Antilhas, momento em que houve reconhecimento por parte desses pensadores quando de identidades, no sentido bakhtiniano, que negavam suas alteridades.

Em meados dos anos de 1920, a distinção conceitual e de autoria entre o grupo denominado Círculo de Bakhtin era quase impossível de ser feita, haja vista que a produção desse grupo se entrelaçada de maneira que a palavra de outrem se intercalava entre a de outros, bem como nos lembra Augusto Ponzio (2013) quando afirma que tal fato corroborava

15 As obras foram publicadas, respectivamente a cada um dos autores seguidamente citados, nos anos de 1968. 1957 e 1955.

16 Para Mignolo (2003), o conhecimento acadêmico e científico necessita da validação das grandes agências e instituições do norte global, seja da Europa, dos Estados Unidos ou do Japão, haja vista que a Ciência no bojo da modernidade colonialidade mantém padrões de poder e domínio os quais exigem que toda a produção do conhecimento esteja moldada às noções da racionalidade eurocêntrica.

com a tese do caráter “semi-outro” da “palavra própria, tendo sido a questão da alteridade a tendência do foco de todo pensamento de Bakhtin, o qual se defendia uma filosofia da literatura ou da teoria literária centrada na filosofia moral sustentada pelo problema da responsabilidade ou ato responsável (PONZIO, 2013, p. 232).

Alguns gêneros contemporâneos fazem com que possamos interagir na imediata presença de sua execução de forma recepção que se dissocia a personagem na sua atividade estética das referências do mundo.

Aquilo que complexamente emerge sob nossos olhos é que, independentemente de como se queira utilizar o pensamento bakhtiniano ou onde se queira aplicá-lo [...], o seu interesse principal é voltado àquilo que podemos chamar de uma filosofia da literatura, ou da teoria da literatura, ou a uma filosofia da linguagem, como ele mesmo denominava sua pesquisa (PONZIO, 2013, p. 232).

A filosofia moral e o problema da responsabilidade são o ponto de encontro das visões de textos que se efetivaram com as pesquisas no campo da literatura de Mikhail Bakhtin. Na sua obra inaugural e que traduz com maior profundidade a preocupação e a volição do filósofo **Para um Filosofia do Ato Responsável** (1929), nas duas partes que a compõem, seja na Introdução ou na denominada Parte I, o momento da contingência ou da eventicidade são importantes para distinguir as esferas nas quais a prática social se efetiva. Eventicidade e contingência seriam os momentos do acontecimento real, quando não se pensa nem se produz estética sobre o que se viveu, então, um meio caminho entre as atividades outras. Quando há um ato científico, filosófico, artístico ou historiográfico, então o caráter único como evento irrepetível não pode existir, logo a vida e a cultura, os campos limites desse fenômeno autêntico, se sobreporam a eventicidade de ato de existir. Justamente com zona de convergência, há a responsabilidade ou o *ato responsável*, compreendido como dois aportes, o da *responsabilidade especial*, ou do objeto e da significação e o *da responsabilidade moral*, da vida em sua contingência. Essas responsabilidades, assim como veremos mais adiante, antecipam outros conceitos que são caros à teoria bakhtiniana, *tema e significação*.

Essa visão de mundo teórica se preocupa não somente com as questões da teoria e da estética, mas com o projetar desses campos à vida singular de cada outro e da coletividade que instaura um eixo de parâmetro novo, o qual denota certo deslocamento no pensamento ocidental, sobretudo no que diz respeito aos estudos da linguagem.

A “revolução bakhtiniana” consiste no deslocamento da atenção, em todos esses problemas e campos, da identidade a alteridade. A Bakhtin interessa a responsabilidade de como responder ao outro e pelo outro sem álibi. Interessa mostrar que não o valor do eu, mas o valor do outro é esteticamente produtivo. Bakhtin (2003) ocupa-se da palavra para evidenciar nela a presença de uma outra palavra que a torna inteiramente dialógica; ocupa-se de problemas linguísticos para evidenciar que, ao lado das forças centrípetas que constituem a identidade da língua, agem as forças centrífugas que a tornam inteiramente outra em relação a si mesmas.

Se a revolução bakhtiniana defende a alteridade, a monologia secular que configurou tudo aquilo que conhecemos como produto da modernidade erigiu o contrário, isto é, o isolamento e a dissociação entre a vida, a arte e a teoria. Nesse ínterim, é preciso chegar a um novo ponto *pluriversalista e translógico* em que a alteridade emancipa a identidade. Tendo isso em vista, os “ismos”, na maior parte das vezes, sinalizam projetos de identidade modernas reificadas por sistemas que se querem permanentes. Por isso, para Bakhtin e seu Círculo, tanto o pensamento quanto o sujeito real dos atos de falas são mediados por *enunciados concretos*, os quais, por sua vez, pressupõem, inevitavelmente um outro real, histórico e singular e indispensável no processo de constituição do meu “eu”. As identidades são provisórias e a alteridade é constante, embora pareça o contrário.

Em 1960, diversos acontecimentos emergiam como resultado de diversas críticas às ideologias dominantes e às instituições políticas e culturais ao passo que ressaltavam o fato do capitalismo não ser um todo homogêneo, direcionando nosso olhar para outras veredas não ocidentais. Acontecimentos como em Berkeley (USA), “A primavera de Praga” e a formação de grupos como os “Panteras negras”, “Maio de 1968”, “Novo Curso” e outros, tornaram dissonantes críticas ao modo de vida “ocidental”. Todas essas manifestações sociais formavam “Um grande espaço de identidade, que forma parte de uma longa tradição histórica e que encontra sua expressão no que podemos chamar de *logos* ocidental, isto é, a Europa”. (PONZIO, 2008, p.17). Diante de tal conjuntura, a formação da unidade político-administrativa da Comunidade Européia cunhou o enunciado identário “extracomunitário” como classificação de todos aqueles que não pertenciam aos estereótipos europeus, tão pouco cumpriam os regimes burocráticos daquele bloco político e econômico, de modo que “Um homem de cor está marcado, porém por duplo esteriótipo negativo: o primeiro se refere à cor de sua pele e é

do tipo racista; o segundo se refere ao fato de que provém de uma determinada comunidade político-cultural e é do tipo nacionalista” (ibdem, p.18)

A realidade econômica chamado “capitalismo”, no escopo da história das ideias e as respectivas formas de vida globais e locais por elas orientadas no contexto da unidade da Europa, instaura a circulação do *logos* ocidental. A unidade da Europa é a unidade do capitalismo europeu que comporta, por exemplo, a redução ou a eliminação dos obstáculos de intercâmbio e dos inconvenientes devido à diferença monetária. Além disso, propicia a formação de monopólios, a concentração de capitais em sociedades multinacionais em que todos tenham as mesmas necessidades, graças à publicidade. Hoje o capitalismo domina a Europa (ibdem, p.18). Parece, grosso modo, que a luta, o diálogo e a dialética entre as ideologias foram substituídos pela monotonia de um único ponto de vista dominante”, o qual não necessita de um nome que o defina, pois se reproduz a si mesmo de forma automática e silenciosamente por meio da lógica do desenvolvimento capitalista. Mas, “a esse ponto de vista dominante, nominaliza um nome genérico a ‘passe-partout’, o qual seria: democracia” (PONZIO, 2010, p.19).

Desse modo, a utopia e as outras formas de organização social não poderiam ser nada mais do que “fantasias e volições” de aperfeiçoamentos da realidade já dada na qual vivemos, haja vista que a democracia ao mesmo tempo que abarca as diversidades pela representatividade, torna-se um meio hegemônico, no “contexto ocidental” de adequações ao empreendimento capitalista. Dessa entoação, sampleio uma segunda, a de Mignolo (2002, p.) quando o mesmo afirma que: “antigamente a economia fazia parte da sociedade, hoje a sociedade faz parte da economia”, tanto que Ponzio (2010, p.) corrobora ao dizer que

A política representa o conjunto de mecanismos que sustentam e promovem a sociedade capitalista moderna [...] A eleição de um político já não responde a movimentos e correntes políticas contrastantes, mas está ligada a formas de clientelismo: o melhor especialista em política é também o que consegue uma clientela maior. Como consequência, qualquer tendência que contraste oficialmente com a tendência dominante nem sempre é uma verdadeira força de oposição. Na maioria das vezes trata-se de outro grupo de clientes que aspira à hegemonia (ibdem, 2008, p. 21).

É por isso que a “desintegração das grandes ideologias” (ROSSI-LAND APUD PONZIO, 2008, p. 21), isto é, de projetos sociais, estando subalternos à lógica europeia do desenvolvimento do capital (sem restrições territoriais, como já afirmei) sustenta monologias discursivas, e por sua vez, monologias de formas de vida que se corporificam dando

materialidade a grandes corporações as quais confirmam e reforçam a própria esfera de identidade, seja a níveis internos ou externos (partidos políticos, multinacionais ou nas relações intrapessoais) locais ou globais (nações ou movimentos sociais), sempre com vistas a processos de identidade em detrimento da alteridade. Se do Bronx, um lugar interdito pela miséria e mazelas sociais, enunciou-se por meio de um novo gênero um devir mais digno do que a realidade atual, pelas palavras que configuram essa tese, gritarei que é preciso decolonizar nosso pensamento; nossas formas de vida. Como já afirmei acima, o rap se destaca mais do que outros gêneros, pela capacidade de discursivizar o jogo de forças que há entre as esferas sociais, das constantes forças histórica-sociais. Nele, percebe-se, claramente, que “as formas do signo são condicionadas tanto pela organização social de tais indivíduos quanto pelas condições em que a interação acontece” (VOLOCHINOV/BAKHTIN, 1988, p. 44).

A interação de criação e amplificação do rap, assim como de toda cultura e movimento do *Hip Hop* vem de organizações e interações sociais que denunciavam a condição colonial da segregação e das subalternidades marcadas pelos processos de ocidentalização que, a partir dos anos 60, no contexto da Guerra Fria, passou a ser ainda mais nítida, sobretudo em termos do papel do lugar das colônias diante o centro do capitalismo europeu e norte-americano.

Como um enunciado de fronteira, o som das ruas na mensagem do rap promove o deslocamento necessário para que seja compreensível as nuances dessa tal modernidade, desse modo de viver que nos parece tão normal e eterno, entretanto, não nos é realmente assimilado de um modo palpável à adaptação de nossas próprias vidas a da realidade em que se está. As tensões geradas por essa modernidade são suprimidas pela ilusão do consumo, e é essa a figura que prevalece e faz prevalecer valores que poderiam elevar nossa qualidade de vida desde os horizontes mais simples aos mais complexos. Como em um campo de guerra, a voz decolonial do rap busca responsivamente empoderar àqueles que lho tomam como referência, daqueles que lho auscultam, quase sempre sendo esses homens e mulheres que como eu, sentem e veem para além do dia a dia. Quando o cotidiano se enuncia por vozes decoloniais, ele passa a ser não mais um mero viver, mas se encarrega de novos horizontes de sentido, nos possibilitando sermos senhores de si e também negar a própria configuração senhorial que nos constituiu, passa-se ao auscultá-lo a convocar Budas que existe em si próprio, a não venerar, mas lutar com a noção da consciência livre das amarras das democracias e das teologias da prosperidade, passa-se a encaminhar-se para outrem como igual na condição colonial mediante a consciência de possibilidade de mudança, de deslocamentos.

Convoque seu Buda, o clima tá tenso
 Mandaram avisar que vão torrar o centro
 Já diz o ditado: “Apressado come cru”
 Aqui não é Gta, é pior, é Grajaú
 Sem pedigree, bem loco
 Machado de Xangô, fazer honrar teu choro
 De Uzi na mão, soldado do morro
 Sem alma, sem perdão, sem jão, sem apavoro
 Cidade podre, solidão é um veneno
 O Umbral quer mais Chandon
 Heróis, crack no centro
 Da tribo da folha favela desenvolvendo
 No jutsu secreto, Naruto é só um desenho

A tensão do entre lugares, cujas divisórias não são apenas geográficas, mas também
 tácitas, em que vidas são dispostas à ordem global e o dia a dia tantas vezes é reduzido às
 dificuldades da segregação, logo inicialmente, enuncia-se um lugar que não é o centro e, por
 tal, que “vão torrar”, pois o que não se reconhece como próprio, o que é alheio ao que me
 representa deve ser eliminado ou sofrer o valor da ausência

Um cara que cola pra ver se cata mina
 Um mas minas que cola e atrapaalha ativista
 Mudar o mundo do sofá da sala e postar no insta
 E se a maconha for da boa que se foda a ideologia

Nin-Jitsu, Oxalá, Capoeira, Jiu-Jitsu
 Shiva, Ganesh, Zé Pilindai equilíbrio
 Ao trabalhador que corre atrás do pão
 É humilhação demais que não cabe nesse refrão

Nin-Jitsu, Oxalá, Capoeira, Jiu-Jitsu
 Shiva, Ganesh, Zé Pilindai equilíbrio
 Ao trabalhador que corre atrás do pão
 É humilhação demais que não cabe nesse refrão
 E se não resistir
 E desocupar
 Entregar tudo pra ele, então, o que será?
 E se não resistir
 E desocupar
 Entregar tudo pra ele, então, o que será?
 Sonho em corrosão, migalhas são
 Como assim, bala perdida? O corpo caiu no chão
 Num trago pra morte, cirrose de depressão
 Se o pensamento nasce livre, aqui ele não é não
 Sem culpa católica, sem energia eólica
 A morte rasga o véu, é o fel, vem na retórica

Depressão é a peste entre os meus
 Plano perfeito pra vender mais carros teus
 A beleza de um povo, favela não sucumbir
 Meu lado África, aflorar, me redimir
 O anjo do mal alicia o menininho
 E todo noite alguém morre, preto ou pobre por aqui
 E se não resistir
 E desocupar
 Entregar tudo pra ele, então, o que será?
 E se não resistir
 E desocupar
 Entregar tudo pra ele, então, o que será?
 (CRIOLO, 2014).

Convoco-vos a ouvir a voz de Dussel, em ritmo e prosa (RithmandPoetry), nessas palavras iniciais, que, dentre outras questões, faz a radiografia da modernidade tal como a conhecemos e da sua constituição como processo de negação do outro, a qual se fez por um processo profundamente contrário ao que é basilar em Bahktin (2003): a condição do outro na linguagem. Esse outro: ameríndios, africanos e africanizados. O ano de 1492 é um marco importante, trata-se de um enunciado concreto cuja forma composicional grafo-numérica marca o início de um período de negações e consequentes etnocídios. Nega-se pelo apagamento o ano de 1421, ano da interação (nem descobrimento, nem encobrimento) da China com as Américas. A conquista por meio do belicismo, do espólio e da destruição humana e da natureza se dá em 1492. O que ocorrera em 1421 ainda está por se descobrir. Sobre a gênese do que somos hoje tendo em vista o marco civilizatório daquele ano, em oito conferências realizadas em Frankfurt, Dussel (1993) expõe seu pensamento arquitetado em sua obra: **1492: Encobrimento do outro: a origem do mito da modernidade**. O defensor da Teologia da Libertação¹⁷ defende uma *transmodernidade* em detrimento da modernidade, fenômeno conhecido como exclusivamente europeu. Junto a “conquista européia”, fundada no diferencial “racional” e “desenvolvido” europeu, há o quesito irracional que reside justamente no fato da negação do alheio, do não europeu como condição imprescindível no processo translógico (já aqui na perspectiva do próprio autor) de reconhecimento do “eu” mediante um “outro”. Para o autor, o *eurocentrismo* tem como seu componente fundante a noção de *desenvolvimento*, consequência básica da Ilustração que tem em Hegel diretrizes muito bem fundadas.

O Espírito germânico é o Espírito do Novo Mundo, cujo fim é a realização da verdade como autodeterminação infinita da liberdade, que tem por conteúdo sua própria forma absoluta [...] A significação ideal é a do espírito, que volta a si mesmo, desde o embotamento da consciência. Surge a justificação da consciência de si mesmo, mediante o restabelecimento da liberdade cristã. O princípio cristão passou pela fornidável disciplina da cultura; e a Reforma lhe dá também em seu âmbito exterior, com o *descobrimento da América* (DUSSEL, 1993, p. 21 apud HEGEL, 2002, p.12, grifos meus).

Instaura-se, por meio desse centralismo da *História Universal* um outro periférico e subalterno ao “Espírito germânico e ao espírito do Novo Mundo”, dicotômico e racional. Como se fosse possível haver sujeitos autossuficientes a si mesmos e que se bastassem a si mesmos. Dussel (2002) chega a esse pensamento em seus textos (*op.cit*) ao cotejar a visão classificatória de Hegel (1992), quando o mesmo elege a África e Ásia, além da Ásia (essa em menor grau) como detentoras de “imaturidade” e “minoridade” “culpáveis”, sendo suas causas a *preguiça* e a *covardia* que só poderiam ser sanadas" por meio da Ilustração. A origem daqueles termos classificatórios e as ações que lhes são correspondentes, fundam-se na negação primária e essencial de um “outro” reificado, monologizado e determinado em se negando quase que exclusivamente quaisquer *índices sociais de valor* alheios (o indígena das Américas, dos negros da África e da diversidade asiática), das experiências de cotejamento que lhes foram mais do que essenciais no processo de reconhecimento da Europa a si própria dado que a Europa tal como a conhecemos do cotejo como a não Europa.

Ponzio (*op.cit.p.158*) quando questiona a noção estereotipada do termo “extracomunitário” que em 1990, ano de publicação do livro **A revolução Bakhtiniana**, era utilizado entre os membros da União Europeia, sampleia as palavras-próprias e alheias de E. Amorim (1992) para enunciar um dos legados da presença da Europa ocidental que

Desenvolveu ao extremo e difundiu pelo mundo a busca obsessiva e demente da Salvação, a intolerância religiosa, o capitalismo, o sistema tecnocrático, a vontade de Poder e a ganância desenfreadas, o frenético mito do desenvolvimento, a destruição da cultura humana e dos ambientes naturais. (E.MORIN, 1992, p, apud PONZIO, 2010, p.125).

Nota-se que o desenfreio do “desenvolvimento” está associada ao capitalismo que, em se tratando de um sistema econômico predatório do qual se utilizou da escravização de indígenas e africanos é singularmente europeu.

Vale reiterar aqui que quando me referido a Europa, sinalizo ao grupo de maior formação e imposição do *sistema-mundo*¹⁸(WALLENSTEIN, 1974a, p.125)e da consequente episteme globalizante que se iniciou a partir das grandes navegações. Do ponto do encontro com outros continentes para além do oceano mediterrâneo, conhece-se no movimento transatlântico e no contato com as pluralidades humanas aquém e além da europa, um outro que passa a ser denominado como oriental, gentil, brasis etc., compondo um lugar imaginativo e abstrato desse outro em comparação com aquele “Espírito do Novo Mundo” ou europeu.

Um das áreas de inivação da Revolução Bakhtiniana, segundo Ponzio (ibdem) está no refino do que se compreende por ideologia e por superestruturas, que na teoria marxista, por exemplo, pouco há de contribuição específica, além do “papel dos signos, a caracterização da linguagem verbal com relação a outros sistemas signos, as características da arte, as peculiaridades da palavra literária, o problema do sujeito e da consciência” (ibdem; op.cit). Todas essas contribuições, grosso modo, têm como base a presença do outro o qual me constitui “apesar de mim”. Esse “outro” bakhtiniano (2003) é dotado de total importância pela sua singularidade, dado a sua unicidade diante o mundo. Essa alteridade que me constitui é negada por identidades provisórias, pois somos historicamente condicionados por interações e por pluriversalidades, embora as hegemonias dominantes nos ceguem perante a isso. A pequena referência ao termo “extracomunitário” colocado por Ponzio (2010) enuncia, de certa forma, um dos princípios de negação formadores das Américas e que, hoje, dado a crise migratória em decorrência das contradições em processo do capitalismo, também ocorre na Europa “Um homem de cor está marcado por um duplo esteriótipo negativo: o primeiro se refere à cor de sua pele e é do tipo racista; o segundo se refere ao fato que provém de uma determinada comunidade político-cultural e é do tipo nacionalista”.(REFERÊNCIA). É nítida e inter-relação entre a racionalização e os processos de formação dos estados nacionais. Veremos mais adiante que o processo de formação do estado-nação brasileiro é, por si, só, uma emaranhada de negações e apagamentos. Disso, se instaura a tradição de nominalização, de construções de projetos discursivos, de representações variadas de um “outro que não poderia representar a si mesmo” (HEGEL, 1992). A partir do protagonismo náutico europeu (partindo do marco de 1492) abre-se um campo de pesquisa e representação chamado por

18 Cuj base está na divisão interregional e também transnacional do trabalho, resultando na divisão do mundo em três condições; países centrais, semiperiféricos e periféricos. Os primeiros se concentram na produção altamente especializada e capital-intensiva, enquanto o resto do mundo se dedica à produção trabalho-intensiva e não especializada e à extração de matérias-primas. Isto tende a reforçar a dominância dos países centrais (Wikipédia)

“orientalismo”. Said (2007, p. 29-30) esclarece que “falar do orientalismo, portanto, é falar principalmente, embora não exclusivamente, de um empreendimento cultural britânico e francês”, um projeto cujas dimensões incluem áreas tão díspares como a própria imaginação”. Não somente francês e inglês, mas a extensão do orientalismo também espanhol, português e holandês. Hegel (1992) faz jus a um movimento racionalizante da época, cujas predicções intelectuais foram constituidoras desse outro a partir do *eurocentrismo* (DUSSEL, 1993, p.19-20 apud HEGEL, 1992, p.127).

A África é em geral uma terra fechada, e conserva este caráter fundamental. Entre os negros é realmente característico o fato de que sua consciência não chegou ainda à intuição de nenhuma objetividade, como, por exemplo, Deus, a lei, na qual o homem está em relação com a sua vontade e tem a intuição de sua essência [...] É um homem em estado bruto [...] Este modo de ver dos Africanos explica o fato de eles serem seres tão extraordinariamente facilmente fanatizados. O Reino do Espírito entre eles é tão pobre e o Espírito tão intenso que basta uma representação que lhes é inculcada para levá-los a não respeitar nada, a destroçar tudo [...] A África não tem propriamente história.”

Dussel (2005) não nega ser a modernidade um fenômeno europeu, mas defende que aquele não ocorrera sem o cotejamento supracitado, necessário e primário ao reconhecimento do eu no outro que não eu. A modernidade se inaugura quando a Europa se coloca como centro de uma *História Universal* e de outra parte as “periferias” do mundo que resultam dessa centralização. Em 1492¹⁹, data da descoberta das Américas por Colombo, não só se inaugura e modernidade racionalizada, mas também o mais profundo processo de identificação e de imposição de valores que ainda hoje são considerados reais e validados com certos. A sociedade de classes, a escravização, o trabalho como mercadoria, os processos de miscigenação, a territorialização dos espaços em comum, a estratificação social junto as outras culturas, a venda e o aproveitamento das *gentes locais* (indígenas), a transplantação de africanos e africanas, o domínio sobre a natureza, sobre o solo e as inúmeras ressignificações convergentes do “contato” com o “outro” fora indiferente, bem como remarca Luiz Koshiaba (1994, p. 76-77):

19 No contexto da sistematização das gramáticas das línguas modernas, das “vulgares” da Península Ibérica. Em 1492 há a publicação da gramática do castelhano de António Nebrija. Nesse ano ocorre, não arbitrariamente, a unificação do império espanhol e a descoberta da América.

“A antiga sociedade portuguesa era aristocrática e fortemente hierarquizada em camadas superiores e inferiores ou de exploradores e explorados. No confronto dessas duas sociedades, os indígenas foram mortos, escravizados ou simplesmente expulsos de suas terras. A sociedade foi desorganizada e sua tradição cultural, os seus costumes foram destruídos. A derrota dos indígenas foi completa: física e espiritual. [...] a isso os antropólogos chamam de *etnocídio* ou assassinato espiritual de um povo [...]. Os portugueses impuseram, por exemplo, o seu padrão de confronto armado, sua concepção de casamento e família, a sua religião e, por fim, a sua lógica econômica [...] a derrota se deu também ao caráter igualitário das sociedades indígenas, ou seja, ao fato de serem sociedades sem classe [...].”

Enquanto os índios ofereciam mulheres de sua tribo como esposas, a fim de estabelecer alianças guerreiras, os portugueses encaravam essa oferta como aquisição de escravas. Mas os colonos portugueses os enxergavam como homens a serem dominados e submetidos ao trabalho e à exploração, enquanto os religiosos os consideravam como objetos da catequese e, assim, como fiéis católicos em potencial. Do ponto de vista da Coroa, os índios eram vistos como possíveis súditos para servirem como soldados ou trabalhadores. Para atingir esses objetivos, transformando-os em trabalhadores, cristãos e súditos, os portugueses concluíram que era necessário, antes de qualquer coisa, a sujeição, admitindo-se, para isso, o uso da violência. De bravos e corajosos guerreiros, os índios foram transformados e então reduzidos e amedrontados trabalhadores a serviço dos interesses portugueses.

Enunciar é abordar fatos históricos com vontade de libertação, por isso, seu olhar se faz daqui para acolá (velho continente europeu), pois, na medida possível, ressalta o protagonismo que aqui havia quanto a alteridade respeitada. Foi um prazer entregar cartas a esse grande pesquisador quando era eu agente dos Correios, popularmente conhecido como Carteiro. Dado a tônica da voz acima, vale enfatizar agora seu conteúdo: as bases do projeto de estado-nação brasileiro tem em seu cerne a negação de outro não europeu, cujos dispositivos de execução dessa negação fora e, como veremos no quarto capítulo, ainda são de brutal violência configurando, desse modo, o *sistema-muerte*, retomado por Walsh (2017, p. 27 *apud* TORRES, 2001, p.) “un sistema de guerra-muerterecuerdalo que Nelson Maldonado-Torres estabelece o “paradigma de guerra”, um paradigma que marca “una forma de concebir la humanidad, el conocimiento el orden y las relaciones sociales centrales al mundo-vida moderno”.

O processo de colonização mencionado por Koshiba (1994) ainda perpetua por meio do *sistema-muerte* que fundamentou o estado-nação da Europa e os impérios subsequentes. Ao lado da figura 1492, da “descoberta” e da intrínseca modernidade, tem-se, a violência do

processo civilizatório que, necessariamente quando se pensa em sociedade de livre capital coloca-se a condição da *exterioridade*, ou seja, da transformação de seres vivos e humanos em mercadorias e consumidores de produtos industrializados. Seguida a independência política e econômica da metrópole e o advento do *Novo Mundo* já solidamente “ocidental”, novas figurações e práxis daquela condição de sujeição referidas por Koshiha (ibdem) são desenvolvidas: *a colonialidade do poder e do saber*.

Vale lembrar que, atualmente, essa noção civilizatória colonial não mais se restringe a uma geografia centro-periferia, colônia-metrópole (SCHOLZ, 2017); dissolveu-se territorialmente as centralidades eurocêntricas, as *hegemonias discursivas*²⁰, entretanto, a ideologia do desenvolvimento, corolário da modernidade e que, ainda na pós-modernidade se faz presente deu ao europeu a condição de detentor de um “direito absoluto” por ser portador daquele Espírito de construir a imagem e a representação do outro como subdesenvolvido, o que também é veemente reiterado por Dussel (1993, p. 22-23) quando esse sinaliza ao fato de que mesmos críticos a Hegel como o próprio Marx, não perceberam que a “sociedade civil” contraditória é superada como “Estado” em Hegel graças à constituição de colônias que absorveram tal condição (HEGEL, p.1992)

Por uma dialética que lhe é própria, a ser superada, em primeiro lugar, tal sociedade é levada a buscar fora dela mesmas novos consumidores, e por isso busca meios para subsistir entre outros povos que lhe são inferiores quanto aos recursos que ela tem em excesso, ou, em geral, a indústria’. Este desdobramento de relações oferece também o meio da colonização, a qual, de forma sistemática ou esporádica, uma sociedade civil acabada é impelida. A colonização permite que uma parte de sua população (sic), e ao mesmo tempo, procure para si mesmo uma nova possibilidade e campo de trabalho.

A questão se centra na defesa de que a modernidade se concentra no contexto da colonização que, por sua vez, desenvolve *colonialidades de poder*²¹ depende da supressão quase que em absoluto do diferente, em que se impõe, dessa forma, categorias e novas necessidades, “novas embalagens para antigos interesses” (CRIOLO faixa Y). E tal processo não pode ser realizado sem o contato com os não “Espiritualizados”. Dussel (1993) nega a irracionalidade do *mito moderno*, pois é radicalmente um *mito sacrificial do “Outro” por “razões” instauradas* por critérios daqueles que se autoafirmaram ser o centro – espiritualizado – de uma globalidade até então inexistente sem se considerar que as movimentações

²⁰No que defende Valdemir Miotello (1992).

²¹*Colonialidade do poder* não depende de demarcações geográficas contrariamente ao que ocorre no conceito de *colonização*.

transatlânticas e a intersecção de culturas necessária a quaisquer empreendimentos, dado que (op.cit apud Hegel, p.125):

O que a gente tá tentando mostrar é que existe uma história muito mais complexa das contribuições das diferentes culturas para as ciências e tecnologias que temos hoje [...] recontar de forma não hierarquizada as origens do conhecimento a partir de uma perspectiva que inclua as contribuições do continente africano

Conforme pode ser encontrada na **História Geral da África** (2015), ou então, na cultura popular e indígena. Depois de superado os obstáculos naturais e estabelecida, de certa forma a força do homem europeu sobre a conquista do Novo Mundo, instaurou-se o *ego conquiro* na relação humano-humano em que a estética e as unidades científicas forjaram um *modus operandi* novo, com vistas a homogeneização da cidade das Letras (RAMA, 2015) sobre uma cultura *Outra*, sobre e sob as iletradas culturas, aquém das civilizações orientadas pela razão binária européia. Disso, a *práxis* ocidentalizante tomou frente a *teoria* de uma superioridade instaurando o que hoje vemos e sentimos nos grandes centros urbanos, da língua padrão ainda denominada como culta e da organização social como um todo. A “Conquista” tomou lugar do “Descobrimento”, o que para Dussel (1993) passa a ser a segunda *grande figura*²², isto é, a descoberta do outro passou a ser ainda mais intensa, pois impunha forças militares, políticas e de regulação daquele já citado “sistema-muerte”. Ainda ressalta Dussel (1993, p.14) que

“A conquista é um processo militar, prático, violento que inclui dialeticamente o Outro que deve estar moldado aos parâmetros do estados-nação, isto é, a língua e a cultura européias. O Outro não-europeu, em sua distinção, é negado como tal e por isso é assujeitado, subsumido, alienado a se incorporar à Totalidade dominadora como coisa, como instrumento, como oprimido, como “encomendado”, como “assalariado” (nas futuras fazendas), ou como africano escravo (nos engenhos de açúcar ou outros produtos tropicais).

A subjetividade do “conquistador”, por seu lado, foi se constituindo, desdobrando lentamente na *práxis* (DUSSEL, 2003, p. 44). Nesse sentido, a figura **1492** remete ao início dos processos coloniais que instauraram as colonialidades quando negaram ou renomearam os saberes outros pelos quais gerou dominações que hoje conhecemos tanto no âmbito generalizante: unidades globais na política e economia e nos aspectos menores de cada estado-nação (singulares do nosso dia a dia) e não menos intensos e dolorosos: o domínio sob o corpo

feminino, sobre a natureza, sobre as soberanias populares e nacionais, Outras que não sejam européias²³.

Pode parecer longínquo, a tempos imemoriais ao estado declarado colonial, antes da independência do Brasil, mas, em verdade, o que temos se trata, em suma, de uma *práxis* que nos acomete em nossas formas de vida, dado que a América, sendo a primeira *periferia* da *europa*, foi a primeira que se transformou na *coluna* (no sentido romano) no processo de *colon* (cultivar no outro o que é devido). A primeira relação foi de violência e dominação, de uma superioridade bélica e, por isso, tecnológica e desenvolvida perante quase a divindade de um *Eu* maior sobre um *Outro*, menor, subdesenvolvido. “É um eu-violento-militar que cobiça” (op.cit. p.15) que se inter-relaciona com o *Outro* (criado e domesticado) para a manutenção de estruturas que são não somente concretas em termos materiais, mas também e com maior vigor no aspecto da subjetividade, orientadora de nossas variadas manifestações.

É contra esse sentido da subalternidade que todo pensamento decolonial se levanta e grita, pois as condições de desigualdades entre os centros de poder que, embora não sejam tão somente europeus, ainda se repercutem nas epistemes e nas ferramentas de dominação que hoje estão na demasiada criação de algoritmos e na vida em rede virtualmente constituídas. O sistema financeiro atual que o diga, dado que a aldeia global hoje é comandada pela força de um *capital-fictício*, cujos resultados fazem-se sentir por nosso corpo, gestos e aldeamentos identitários, muito diferente daquele cujas aldeias eram formas de organização não predatória.

Para uma compreensão dos percursos que o capital percorre incidindo de forma ainda mais violenta nas periferias do mundo ocidental, recorro às considerações de Robert Kurtz (2017):

este processo culmina com bolhas financeiras cada vez mais avançadas, essencialmente através do aumento especulativo do valor das acções (isto é, do preço dos simples títulos de propriedade) e a ele associado “capital financeiro” (Marx). O reverso do processo de desvalorização secular é a falta de poder de compra social, para realizar o valor, isto é, a mais valia (fictícios, grandes apenas como expectativas futuras). Em consequência, no século XX começou a fazer –se a “capitalização do futuro” na forma do crédito privado ao consumo (KURTZ, 2017, p.154)

Sair do lugar-comum, enxergar o chão em que se pisa e todas as manifestações humanas que acima desse solo existem como parte de um ato singular de significações. De

²³Vale lembrar que as colonialidades não são locais e, por isso, estão refratadas, refletidas, reiteradas e amplificadas bem como reconfiguradas em outras instâncias, bem como defendido por Roswitha Scholz (2017a).

outra parte, é importante saber que essas formas singulares estão mediadas por uma visão genérica, a qual faz parte de um grande projeto de poder. “Nem a palavra Ocidente nem a palavra Oriente têm estabilidade ontológica, ambos são constituídos de esforço humano, parte identificação, parte afirmação do Outro” (SAID, 2007, p. 13). Um livro clássico dos estudos culturais, **Orientalismo: O oriente como invenção do ocidente**(SAID, 2007), reorienta e alarga nossa compreensão para o que se convencionou chamar de Oriente, cujo sentido geralmente se associa a um valor exótico, “diferente”. O autor dessa obra, Eduard Said, insistiu em uma questão quando da elaboração desse livro que nos é muito cara, pois aqui se deseja transgredir às barreiras da monologia:

[...]os terríveis conflitos reducionistas que agrupam pessoas sob rubricas falsamente unificadoras como “América”, “Ocidente” ou “Islã”, inventando identidades coletivas para multidões de indivíduos que na realidade são muito diferentes uns dos outros, não podem continuar tendo a força que tem e deve ser combatidos; sua eficácia assassina precisa ser radicalmente reduzida em eficácia e em poder mobilizador (SAID, 2007, p. 28).

A significação da palavra orientalismo está mediada por um **conteúdo** e **estilo de** pensamento baseado numa distinção ontológica e epistemológica feita entre “Oriente” e o “Ocidente” (Said, 2005, p. 29), por uma **forma**, quando se pensa que as línguas ocidentais e nas instituições civis e políticas que são aquelas que regem o mundo globalizado e por **materiais** (*todas as formatações correspondentes ao que é produzido através da indústria e que pode ganhar as vias de comunicação e trocas comerciais, seja ela física ou virtual, deve estar de acordo com normas e padronizações internacionais*) que, na verdade, são leituras e reinterpretações de um “Ocidente que reinterpreta o “Oriente”. **Conteúdo, forma e material**, retomando aqui as bases da constiuição do enunciado concreto²⁴ (Bakhtin:2003, p. 356) do “Ocidente”, em certa medida, nos constitui enquanto viveres de um projeto maior, isto é, de uma matriz colonial de poder, *dado que em nosso cronotopos, somos uma consequência do que se constitui como Ocidente. Mas quem articulou esse projeto de discurso “Orientalismo”? A esse questionamento, tem-se que:*

Orientalismo pode ser discutido e analisado como a instituição autorizada a lidar com o Oriente que fala a seu respeito, que o descreve através de uma palavra alheia que não lhe garante o próprio representar-se, que o diminui e o coloca posterior e inferiormente ao domínio europeu como um estilo ocidental para dominar, reestruturar e ter autoridade sobre o Oriente [...] falar do

24Por enunciado concreto.

orientalismo, portanto, é falar principalmente, embora não exclusivamente, de um empreendimento cultural britânico e francês²⁵, um projeto cujas dimensões incluem áreas tão díspares como a própria imaginação, toda a Índia e o Levante, os textos bíblicos e as terras bíblicas, o comércio de especiarias, o exército coloniais e uma longa tradição de administradores, um formidável corpo de eruditos, inúmeros “especialistas” e “auxiliares” orientais [...] filosofias e saberes orientais domesticados para o uso europeu (SAID, 2007, p. 32).

A predominância de uma cultura sobre outra em uma sociedade não totalitária é o que Gramsci (1999, p. 125) chama por *hegemonia*. A cultura, para esse mesmo autor, se localiza entre a sociedade civil e a política, agindo como ponto intermediário de um consenso que lhe permite existência. E onde estaria o rap nesse *mezzo* social se o consenso que lhe permite existência advém de esferas socialmente díspares do *modus operandi*? Justamente na contra-mão dessa hegemonia trabalhada em Gramsci (1999), isto é, entre as zonas leste, oeste, norte e sul, entre centro e periferia, entre as *ciudades das letras* e o campo da oralidade ou da cultura não letrada em tema e código linguístico. A geografia que se materializou e aquela que se constrói é delineada e instaurada a partir de perspectivas dicotômicas cujo eixo principal se pauta na *orbee* na *urbe* anglo-franca-luso-espânico. As definições de fronteira ocorrem por meios arbitrários que se localizam na concepção *eu-outro* de maneira que tudo aquilo que não esteja mediado pelas epistemologias que me circunscrevem às esferas das quais pertencem estarão além do meu lugar.

A gramaticalização, não distante dos processos de centralização europeia, é também uma atividade de unificação e de singularização das esferas ocidentalizantes no conjunto da formação da unidade maior e mais ampla da qual pertencemos: a modernidade. Evoco, nesse momento, nosso companheiro gegeliano Radamés de Mello (2017, p. 46):

No caso das línguas “vulgares”, da Península Ibérica, o texto mais famoso é o de António de Nebrija, a sua gramática do castelhano, publicada em 1492, não por coincidência, ano da unificação imperial da Espanha e da descoberta da América, sob a égide dos reis católicos Isabelde Castela e Fernando Leão. É também desse período a produção de gramáticas portuguesas, como as de Fernão de Oliveira (1536) e João de Barros (1540), também inspiradas na de António de Nebrija. Ainda na Idade Moderna, há o advento do projeto de construção de uma gramática universal, e exemplo da de Port-Royal (1660), fundada nos pressupostos da filosofia de Leibniz. Na Rússia, conforme Griollo e Américo (2013, p.96), em 1755, é preparada a primeira Gramática da língua russa, por Mikhail Lomonósov (MELO, 2017, p. 46).

²⁵E também estaduniadense.

O conteúdo de sentido que o termo “Ocidente” carrega consigo estrutura o projeto de modos vidas e percepções a partir dos quais fomos constituídos. Oscilando entre seu total desconhecimento e a sua exaustão, pouco se questiona sobre a bipartibilidade da divisão dominante das culturas e da territorialidade entre Ocidente e Oriente e tudo o que a esses dois polos se liga. Em vista dessa lacuna epistêmica e tácita, faz-se necessário traçar panoramas de compreensão das terminologias constitutivas da modernidade com base nos *Estudos Subaltermos*, teoria emprestada de (QUIJANO, 1998) e à luz da teoria decolonial com a qual se pensa esse trabalho.

Walter Mignolo (2005), parte da tese de que a ideia de Hemisfério Ocidental mudou o imaginário (termo pautado em Glissant (1997)) e as *estruturas de poder* do mundo moderno colonial, traça um percurso de compreensão em quatro eixos, relacionando ao projeto de discurso que engloba o enunciado *Hemisfério Ocidental*, quais sejam: i) o imaginário do mundo moderno colonial; ii) a questão da dupla consciência *criolla*; iii) a geocultura do mundo moderno colonial e; iv) a configuração do Atlântico Norte.

1. Por imaginário, o autor se vale da recuperação conceitual de Glissant (1997), o qual o define como a construção simbólica mediante a qual uma comunidade se define a si mesma, sejam essas comunidades variados grupos com diferentes referências de gênero, raça, nacional, imperial, sexual etc., atribuindo a esse conceito um sentido geopolítico que é fundante no imaginário do *sistema-mundo* moderno colonial, o qual se estruturou a partir da diferença, da diferença colonial, melhor dizendo, ou então, da concepção do outro (Todorov). A *cronotopia* das fundações desse outro, ocorre a partir das manifestações da “exterioridade”, concretizadas a partir do século XVI e orientadas pelo triplo fator: a expulsão dos judeus, a derrota dos mouros e a expansão atlântica, posto que judeus, mouros e ameríndios e depois os africanos escravizados passaram a configurar, no imaginário ocidental cristão, a diferença (a exterioridade). Esse imaginário ocorre de forma externa e interna. Da Europa para com os povos originários e/ou transferidos para as colônias bem como para com esses próprios – (colonos, em especial aos senhores de terras no Brasil) e para com tudo o que não fosse de referências europeias.

A instauração do “diferente” - mais tácito a nós a partir do termo “exótico” - pertence tanto a um, quanto de fora dos centros de poder, antes metrópole, hoje centros financeiros, bem como de dentro de tais *cronotopos*, haja vista a supressão das singularidades que a esses

espaços são inatos. Após os processos constantes de genocídio e apropriação de espaços habitados e transformados em territorialidades subdivididas e administradas por instituições estrangeiras, acontecimentos substanciais como a Revolução Haitiana, a produção cultural e as rebeliões indígenas e a Revolução Francesa também muito contribuíram para a formação desse imaginário, embora não seja considerado por teóricos tais como Wallerstein (1974), com o qual dialoga o próprio Mignolo (ANO), pois quando se fala em *sistema-mundo*, o qual não considera os acontecimentos supracitados como constituidores desse imaginário, tampouco se toca nas questões da consideração colonial no que reivindica Mignolo (2000) em se tratando dos conceitos de *colonialidade de poder* (QUIJANO, 1997;1998) e *diferença colonial* (MIGNOLO 1999;2000), pontos nevrálgicos para se compreender a colonialidade em sua dimensão não monológica por parte daqueles que constituíram a ordem do discurso²⁶

Nesse ínterim, é preciso, nesse momento, enfatizar o quanto o conceito de *colonialidade de poder* (QUIJANO, 1999) proporcionou um giro teórico nas formas de percepção de nossa própria história, pois evidenciam quais e como as estratégias da modernidade

“desde o momento da expansão da cristandade para além do Mediterrâneo (América e Ásia), que contribui para a autodefinição da Europa e foi parte indissociável do capitalismo, desde o século XVI, ainda são permanentes e atuais. Este momento na construção do imaginário colonial, iniciado nos processos de navegação pelo atlântico e pela cristianização de povos originários das Américas será depois retomado e transformado pela Inglaterra e França no projeto da missão civilizadora” (MIGNOLO, 2005, p.36).

Idade, sufixo que marca períodos específicos, condição ou modos de vida em geral marcando substantivos abstratos (que no caso de nosso tema é mais que real e tácito). Colonialidade do poder, ou em outra forma, o poder que resulta da colonialidade, de todo o processo ainda em curso – do projeto de colonização (QUIJANO, 2005).O eurocentrismo, pautado na ideia de raça e das conseqüentes estratégias de dominação para que essa “diferença” permaneça, como a escravização de povos “outros”, moldou a globalidade na qual hoje vivemos, a qual se iniciou com a constituição da América e do capitalismo colonial centralizado por instâncias administrativas e regimentais europeias estruturadoras do padrão de poder eurocêntrico, traço distintivo e volitivo do sujeito colonizador. Essa construção mental, esse imaginário de superioridade globalizante (em se valendo ainda da própria

²⁶Na obra **A ordem do discurso** (2013), Foucault defende a hierarquia pelas quais os discursos transcorrem, e justamente por ser a linguagem discursiva a materialidade concreta de projetos de discurso (desse conceito já recuperado Bakhtin(1988) são a ela dependentes e subordinados.

definição da Wallerstein (1974) em relação aos europeus colonizadores) é um dos principais eixos da engenharia colonial em sua mais profunda raiz e que, conseqüentemente, impulsiona a guinada de reificação e monologização do outro. Tal eixo, embora tenha se iniciado no período de colonização, ainda é estruturante das interações sociais e elevadas às instâncias das esferas superiores – dos gêneros secundários, em especial, às instâncias jurídicas e das determinações financeiras e do trabalho global.

O imaginário América é, ainda, uma entidade, cuja práxis de sua interpretação é orientada pela subordinação, dado que o conteúdo de sentido sedimentado do termo é resultado das conseqüências do processo de secularização. O *sistema-mundo* traz a pressuposição inevitável da modernidade, uma vez que essa só se constituiu a partir dos fatores já citados. Tem-se, a partir da entidade América, uma construção geocultural, o ato constitutivo do *sistema-mundo*, quanto a conceituação de Wallerstein (ANO).

Não nos esqueçamos que é fundamental que se havia ou não capitalismo antes da empreitada da colonização, é fato que a economia capitalista mudou de rumo e acelerou seu processo com a emergência do circuito comercial do Atlântico, o qual reconfigurou a concepção aristotélica de escravidão exigida tanto pelas novas condições históricas, quanto pelo tipo humano (negro, africano) que foram identificados monologicamente e desumanizados em detrimento da justificação da escravidão e estabeleceu novas relações de raça e trabalho (MIGNOLO, 2005, p.37).

A partir desse momento, não é possível conceber a modernidade sem a colonialidade, o lado silenciado pela imagem reflexiva que a modernidade e a grande parcela da intelectualidade constroem de si mesma e que o discurso criticou do interior da modernidade como do poder (ibidem, 2005, p.38). Aqui, o autor me leva a questionar justamente o quão ainda reprodutivos e pouco dialógicos e responsáveis – quanto a teoria do ato responsável somos, em se tratando de partirmos do singular em direção ao outro, ou seja, brasileiros que não se veem como singulares, mas como “exteriores” do interior do próprio *cronotopos* colonial.

Ao mesmo tempo e imprescindivelmente à hegemonia capitalista-financeira da Europa, houve o controle das relações intersubjetivas, dispositivo de dominação responsável pela padronização das formas de agir e pensar, pelas referencialidades e produção de conhecimentos. O Outro e seu trabalho, suas referências territoriais, suas memórias, seu saber e sua singularidade, na mais profunda compreensão, foram brutalmente – ainda são –

colonizados a serviço do traço eurocêntrico (WALLEINSTEIN, 1974), em que a incorporação da heterogeneidade social das Américas, Ásia e África (termos que após a criação da entidade América puderam ser compostos) foi homogenizada a partir de uma redefinição histórica consequente ao dismantelamento das formas de vida e de organização social do que havia. Mas, por meio de quais operações foi possível haver a configuração da *colonialidade de poder* no que se refere as relações intersubjetivas? Quijano (2007, p.237) afirma que isso foi possível a partir de alguns procedimentos. O primeiro e mais direto foi a expropriação das descobertas culturais úteis ao empreendimento capitalista. Basicamente, a partir de escambos iniciais e, posteriormente, pela própria escravidão forçada, foram possíveis a espoliação e o progressivo domínio das riquezas locais e sua consequente transferência às rotas redefinidas de comércio euro-afro-asiático.

O segundo procedimento e o mais violento, por não só tocar nas questões da territoriais e materiais, mas sobretudo simbólicos a máxima repressão as formas de produção de conhecimento dos colonizados, seus padrões de produção de sentido, seus padrões de expressão, ou seja, seus *índices de valores sociais* e de seus consequentes *horizontes sociais*, tendo sido mais forte nas colônias Ibéricas, haja vista que nas saxônicas houve quase o total extermínio das populações nativas. Em terceiro lugar, houve/há a imposição de que os colonos aprendessem a cultura dos dominadores em tudo o que fosse útil para a reprodução da dominação, seja no campo material, tecnológico, bem como da subjetiva, em relevância aos dispositivos de subjetivação projetados pela esfera judaico-cristã, “Todo esse acidentado processo implicou a longo prazo em uma colonização das perspectivas cognitivas, dos modos de produzir ou outorgar sentido aos resultados da experiência material ou intersubjetiva do mundo; em suma, da cultura”(Ibdem, 237). É contra esse acidentado processo de controle, seja pela perspectiva da reeducação ou da conscientização para com o *devir bakhtiniano*, que grande parte das obras do gênero rap se voltam.

Miotello (2001, p. 122) percebe que a questão do “sujeito significativo” é o fundamento da obra de Bakhtin. Sendo a sociedade um complexo de relações não mecânicas que gira em torno do eixo da infraestrutura (esfera das relações econômicas onde acontece as trocas comerciais mais imediatas) e da superestrutura (local das ideologias, dos centros administrativos), a linguagem expressa os modos como o signo reflete e refrata a sociedade em transformação.

Desse modo, reside nos modos de percepção do outro, mediante essas relações complexas sociais a partir dos projetos de discurso hegemônicos, orientadas por interações sociais definidas secularmente, a legitimação do outro como não eurocêntrico, ou não ocidental branco e heterossexual. Bahktin (ANO), quando trata das questões da interação verbal no âmbito marxista da linguagem, evidencia com clareza que o processo da síntese, para ele compreendido como negação dos valores locais, tem por base a apropriação, a fragmentação, a recusa, a negação de índices sociais alheios em detrimento de valores absolutos. Desse modo, a estética mesmo não se diferencia, sendo também um vetor de padronização e categorização das manifestações culturais sempre em subordinação ao ocidentalismo, matriz epistêmica que garante a hegemonia da modernidade, assim como a conhecemos em nossa terra americana.

Nesse ínterim, a Revolução Bakhtiniana (PONZIO, 2015) e as teorias decoloniais citadas, em especial no que se refere aos conceitos: *colonialidade do saber*, *colonialidade do poder*, *ocidentalismo*, *valor-dissociação*, *matriz colonial do poder* e eurocentrismo, hão de ajudar a compreender a dinâmica de sentido dos “sujeitos significantes” (REFERÊNCIA) que compõem as relações complexas da sociedade no entorno das relações da sociedade brasileira em certo período de tempo, desde a década de 80 quando o gênero em questão passou a ganhar importância e forma no Brasil.

Esses conceitos apresentados são corolários da perspectiva marxista relida e reinterpretada em se considerando a singularidade do lugar de onde se fala e se produz esses enunciados, o que incita de certo modo, uma procura pela *Epistemologia do Sul*, bem como defende Boa Ventura de Souza Santos (2009).

2.2 O Nascimento de um gênero

[...] uma sociedade escolhe e codifica os atos que correspondem com maior proximidade a sua ideologia, eis por que a existência de certos gêneros numa sociedade, sua ausência numa outra, são reveladoras dessa ideologia e nos permitem estabelecê-la com maior ou menor certeza” (BAKHTIN, 1980, p.50).

Lembramos, no entanto, que a difusão de um ‘pensamento único’, visando reformas no Estado, reestruturação nas formas e organização de produção e nas relações capital/trabalho, configura-se sob inúmeras denominações, a saber: “(...) globalização, Estado mínimo, reengenharia, reestruturação produtiva, sociedade pós-industrial, sociedade pós-classista, sociedade do

conhecimento, qualidade total, empregabilidade, etc” (FRIGOTTO E CIAVATTA, 2003, p. 95).

Não obstante, concordamos que o hip-hop nasceu em meio ao processo de reestruturação produtiva empreendida nos Estados Unidos no final dos anos 60 e década de 70 do século 20” (SANTOS, 2005, p. 21).

As formas de expressão artística são corolários às forças sociais centípedas e centrífugas que gravitam no entorno do discurso? Entre a Guerra Fria e o ápice do capitalismo radical com o neoliberalismo, os procedimentos de redefinições de fronteiras e de aprofundamento de variados tipos de dissociações contribuíram para a emergência do gênero rap no bojo do movimento *Hip Hop*.

Pretendendo-se impedir o ressurgimento de crises como a que ocorrera em 1930, a reestruturação das formas de estado após a Segunda Guerra Mundial exigia ações austeras de remodelamento produtivo cujo maior objetivo era aumentar a lucratividade sem riscos reais à economia da época. Estabelece, então, um “Estado cuja missão fundamental foi criar condições favoráveis à acumulação lucrativa de capital pelos capitalistas domésticos e estrangeiros. Dou a esse tipo de aparelho de estado o nome de Estado neoliberal” (HARVEY, 2005, p. 13). Mais de 170 mil pessoas nos Estados Unidos foram deslocadas ou expulsas de seus lugares para a construção de estradas, avenidas, shoppings em um contexto que políticas de bem-estar social criadas em 1920 como forma de suprir as contradições do capitalismo passaram a ser consideradas culpadas pela recessão pela qual passava os Estados Unidos e a Europa. Eis um enunciado pictórico que revela a situação do Bronx à época:



Figura 1 - Bronx de 1970

Sampleio questões da estética da criação verbal ao olhar essa imagem: “A objetificação ética e estética necessita de um poderoso ponto de apoio, situado fora de si mesmo, de alguma força efetivamente real, de cujo interior eu poderia ver-me como outro” (BAKHTIN, 2011, p. 28); o ponto de apoio passa a ser a alteridade na imagem que vivemos quando a identidade já fora superada. Sei o que é viver em casa alugada, situação que vivo até hoje, mas sequer passo perto de saber o que não é ter onde viver.

Os movimentos de redefinição de fronteiras são sempre muito intensos e erigem nas gentes profundas modificações, tanto que fica a pergunta: como me vejo como outro mediante a negação daquilo que me é básico? O ponto de apoio real no contexto de surgimento do rap é o contexto neoliberal, que bem como orienta Bakhtin (1988), faz parte de um projeto que codifica certa ideologia por meio de gêneros ou sistemas tão brutais e perversos como o modelo neoliberal. As formas de reificação do outro necessitam ser respaldadas e aceitas, isto posto:

Nenhum modo de pensamento se torna dominante sem propor um aparato conceitual que mobilize nossas sensações e nossos instintos, nossos valores e nossos desejos, assim como as possibilidades inerentes ao mundo social que habitamos. Se bem-sucedido, esse aparato conceitual se incorpora a tal ponto ao senso comum que passa a ser tido por certo e livre de questionamento. As figuras fundadoras desse pensamento neoliberal consideram fundamentais os

ideais políticos da dignidade humana e da liberdade individual, tomando-os como valores ‘centrais da civilização’. Assim agindo, fizeram uma sábia escolha, porque esses certamente são ideais bem convincentes e sedutores. Esses valores sustentavam essas figuras, estavam ameaçados não somente pelo fascismo, pelas ditaduras e pelo comunismo, mas também por todas as formas de intervenção do estado que substituíssem os julgamentos de indivíduos dotados de livre escolha por júzcos coletivos. (HARVEY, 2005, p. 17, grifos meus).

Confesso que há um cansaço que me bate quando escrevo e busco *samplear* e fazer meu ato responsável diante a realidade neoliberal atual que se apresenta. Os projetos de neoliberalismo atual, nos dias de 14 de janeiro de 2019, dos mais perversos possíveis alterando nossas formas de vida por meio de medidas que alteram bases com a Previdência Social, a LDB, as políticas de ações afirmativas, a demarcação de terras indígenas, a extinção de Ministérios e mais em que a “dignidade humana” e a “liberdade individual” são as fontes da monologia que nos oprime e nos promove como subalternos. Mas vamos adiante firmemente, sem medos, sem “eucaristia no meu cântico”, como entoava Emerica, em “Mandume”.

A foto acima representa a situação do Bronx na década de 70, momento de fronteira entre duas grandes guerras e a bipartição da guerra fria. Retira-se pessoas de onde estão em prol de uma avenida, como foi o caso da construção da *Cross Bronx Expressway*, cujo engenheiro responsável, a fim de minimizar custos, projetou a obra em linha reta o que gerou inúmeras demolições, como pode ser notado.

A ilusão da liberdade individual e da dignidade humana, bem como destaque das palavras de Harvey (2005), demonstram as fontes de um *exotopia* monológica, isto é: sem considerar as singularidades trazidas pelas máculas de processos de formação do estado brasileiro que se pautou no genocídio e na escravidão. É preciso se atentar, o gênero é uma resposta relativamente estável, cuja forma estabiliza as contradições do momento. A segunda metade do século XX ao mesmo tempo que proporcionou guinadas do neoliberalismo, apontou para o despertar da compreensão ampla da condição das colonialidades, dado que as dissidências de Maio de 1968” e a Queda do Muro de Berlim abriram um campo para que se pudesse enxergar os lugares tão bem marcados do negro, da mulher, do imigrante, da natureza e da ausência da presença indígena entre outras questões

Vê-se na imagem da fotografia senão a exterioridade do outro diminuído e colocado à guisa da miséria? A tensão básica para o estabelecimento das condições necessárias ao surgimento ao gênero rap e ao movimento *Hip Hop* era essa, a da negação daqueles que não

brancos, que não herdeiros brancos e bem colocados financeiramente. A dicotomia constituidora da modernidade é assimilada no ritmo do gênero em questão. Muito simplificada, um bit (uma batida) de rap se faz entre um “pun” e uma “pá”, ou seja, uma contagem binária a partir da qual se produz rimas. Quando ao ritmo de uma obra literária Bakhtin afirma:

O ritmo é um ordenamento axiológico do dado interior, da presença. Não é expressivo no sentido exato do termo, não exprime o vivenciamento, não é fundamental de dentro dele, não é uma reação volitivo-emocional ao objeto e ao sentido, **mas uma reação a essa reação.** O ritmo é vago no sentido de que não opera imediatamente com um objeto, mas com o vivenciamento do objeto, é uma reação a ele, por isso rebaixa a significação concreta dos elementos da série. (BAKHTIN, 2011, p. 106, grifos meus).

De reação a reação se ordena axiologicamente o dado interior. Então, tem-se o ritmo, esse elemento que não é uma vontade alheia, mas a compreensão de um projeto social exterior. Um e Dois. Três e Quatro. Sempre binariamente. Rico ou pobre. Branco ou Negro. Tese e antítese na configuração barroca que fundamentou e construiu praticamente toda a modernidade e os processos de apagamento e negação. A partir de uma base monótona, mas não monológica, diseca-se essa modernidade do Holocausto, esse Holocausto Urbano, tendo como regência o disco de Racionais (1992). E como compreender esse contexto neoliberal nas vozes de Emicida e Criolo? As letras “Casa” e “Esquiva da Esgrima” são bem importantes para se compreender o Estado Neoliberal, mas antes das vozes decoloniais, faz-se necessário trazer aqui um dos enunciados colonizantes fundante desse Estado de liberdade individualidade “dignidade humana”, enunciado em MontPelerin Society, em 1947, em um spa suíço – a *cronotopia* e a função social na configuração da consciência; Suíça, um dos maiores centros administradores do Ocidente - local onde se encontra notáveis como Friedrich von Hayek, filósofo político austríaco que foi o grande pensador do neoliberalismo, Milton Friedman, economista, Ludwig von Mises e outros; um dos enunciados constituidores são:

Os **valores centrais da civilização** se acham em perigo. Em grandes extensões da superfície da terra, as condições essenciais da **dignidade e da liberdade humanas** já desapareceram. Noutras, acham-se sob a constante ameaça do desenvolvimento das atuais tendências políticas. A posição do indivíduo e o grupo autônomo se acham progressivamente solapados por avanços do poder arbitrário. Mesmo o mais precioso bem do **Homem Ocidental,**

a liberdade de pensamento e de reflexão, encontra-se ameaçada pela disseminação de credos que, reivindicando privilégio da tolerância quando em posição minoritária, buscam apenas galgar uma posição de poder a partir da qual possam suprimir e obliterar todas as concepções que não a sua.

O grupo sustenta que esses desenvolvimentos vêm sendo promovidos pela ascensão de uma concepção de história que nega todos os padrões morais absolutos e de teorias que questionam o caráter desejável do regime de direito. Ele sustenta ainda que esses desenvolvimentos vêm sendo promovidos por um declínio da crença na propriedade privada e no mercado competitivo; porque sem o poder e a iniciativa difusos associados a essas instituições, torna-se difícil imaginar uma sociedade que se possa efetivamente preservar a liberdade. (Grupo Neoliberal *apud* Harvey Op.,cit. p.40, *grifos meus*).

O que seria da civilização Ocidental senão esse jogo de imposições em que o outro fica sempre à mercê de grupos que têm maior desenvolvimento econômico ou técnico? Mas que valores de dignidade e liberdades são esses, meus chapas (refiro-me ao dêitico que inicia o segundo parágrafo “grupos”)? Em desterritórios em que a cor da pele e o gênero remete a uma determinada função social, que tipo de liberdade seria essa em que se pode livremente comercializar? O capital inicial e o giro da moeda são profundamente menores em mãos negras, femininas e latinas, seja no cone Sul ou na América do Norte, que dirá em democracias ainda mais rígidas como das esferas islâmicas.

Grande parte da população está em regime de direito há muitos anos, mas entenda-se regime por “ausência de” e não por qualquer outra razão. Essa razão do homem ocidental é nada menos que a fragmentação do outro em prol de uma parcela pequena de pessoas em escalas mundiais. Da Suíça se entoa a razão colonial. Não se pode negar as façanhas e construções de nosso líder genebrino, pois a compreensão dicotômica da linguagem ajuda sobremaneira na globalização das formas de identificação linguística, assim como o dólar nos ajuda a mensurar o valor do que produzimos. Processos de identificação são necessários à vereda segunda: a alteridade. O *Hip Hop*, em especial aqui o rap, se encontra na zona fronteira entre as consciências do que é ser esse Homem Ocidental.

Ocidental é também aquele que está relegado a processos de subalternização sem que lho saiba; é ter-lhe invadida a privacidade por vias de inúmeras formas: de repente, sua casa deixa de existir em nome da América que precisa efetivar projetos anti-crise. E como a voz decolonial nos adverte sobre isso, dado que os Estados de bem-estar social não estão conosco

há tempos, embora políticas sociais lhas tenha valido com suporte necessário para a condução da economia. Em asa (SCQLÇ;f.), a lição que se efetua é sobre a casa, ou seja, sobre as condições de organização pelas quais nos guiamos. Vale a pena aqui reiterar o conceito de casa (οἶκος) que em grego remete à correlação entre três termos: a família, a casa e as propriedades da família. Emicida então, solta a voz e canta “Casa”:

Ôôôôô
 Lá fora é selva
 A sós entre luz e trevas
 Nós, presos nessas fases de guerra, medo e monstros, tipo Jogos Vorazes
 É pau, é pedra, é míssil
 E crer, é cada vez mais difícil
 Entende o negócio: nunca foi fácil
 Solo não dócil, esperança fóssil
 O samba deu conselhos, ouça
 Jacaré que dorme, vira bolsa, amor
 Eu disse no começo
 É quem tem valor, versus quem tem preço
 Segue teu instinto, que ainda é
 Deus e o Diabo na terra do sol
 Onde a felicidade, se pisca, é isca
 E a realidade, trisca, anzol
 Corre!

Emicida (ANO).

Tenho comigo que o capitalismo é um play. Dissocia-se a coisa do ser, e tão logo, jogo com o que quero, pois tudo se compra. O filme “Jogos Vorazes” bem retrata a guinada neoliberal – a qual nos rodeia, pois muito em breve seremos aqueles espectros tais os que vivem no Chile que, após as reformas na Previdência, hoje tem o maior número de idosos que cometem suicídio. O filme trata traz a história em uma realidade imaginária, uma utopia, da nação de Panem, onde garotos e garotas devem participar dos Jogos Vorazes, um evento anual televisionado na qual os “tributos” precisa lutar até a morte até que sobre apenas um, que é coroado vencedor. Mas veja só quão similar é a personificação “tributos” com a realidade na qual vivemos. Foi-se a Coroa portuguesa, ficaram os bancos. O Haiti talvez seja a única nação que adquirira realmente a independência, a qual ainda hoje custa e custou sua marginalização a nível internacional. Pois bem, na mesma toada de “Jogos Vorazes” poderíamos colocar “Blade Ranner” ou “Matrix”, em que a raça humana está sob ameaça. Uma das grandes dificuldades no processo de compreensão dos enunciados de rap se encontra justamente na imensa potência dialógica que carrega:

Tabela 1 - Comparativa rap/mpb

“É pau é pedra, é míssel”	“É pau, é pedra. É o fim do caminho	Águas de março - Tom Jobim
“O samba deu conselhos, ouça Jacaré que dorme, vira bolsa, amor”	“Camarão que dorme a onda leva Hoje é o dia da caça”	Camarão que dorme a onda leva - Beth Carvalho
“Corre!”	“Get Out”	“Get Out” (2017)

A relação entre quem tem valor e preço, os solos não dóceis ao quem é negro, lembrando que é preciso salientar a negritude do rapper Emicida, as dicotomias na *Terra do Sol*²⁷, em que deus e o diabo configuram essa inospitalidade barroca, cuja justificativa do além-terra promove e promoveu genocídios de um sem-número de mortes. A casa sem amor, o amor que vem de Zambi (Deus maior em uma das tradições iorubás) nada é, nada significa porque de fora dela há simples e unicamente uma selva, inóspita e que queima não só a pele, mas a roupa de quem tanto luta veemente por justiça social.

O céu é meu pai
 A terra, mamãe
 E o mundo inteiro é tipo a minha casa
 O céu é meu pai
 A terra, mamãe
 E o mundo inteiro é tipo a minha casa
 [...]

O bit, a batida dicotômica é como um pêndulo que vai e vem e sua reiteração serve justamente para reiterar o que deve ficar na consciência naquele instante. Tum, tum, tum, tum..., entre um e outro o que se entoa é a força dos *griots*, da mensagem que ecoa. Casa é mundo na circunscrição espaço-temporal na qual se encontra. Casa é o céu e a terra personificados entre a casa e realidade externa, entre as próprias externalidades cruéis que rivalizam a um devir pleno de alteridades ausente de preconceitos geradores das colonialidades do poder e só saber.

Aos quinze, o Saara na ampulheta
 Aos trinta, tempo é treta
 Rápido como um cometa
 Hoje a fé numa gaiola, o sonho na gaveta

Foi pelo riso delas que vim
 No mesmo caminho por nós, tipo Mágico de Oz
 Meu coração é tamborim, tem voz, sim
 Ainda bate veloz
 Entre drones e almas, flores e sorte
 Se não me matou, me fez forte
 É o caos como cais; sem norte
 Venci de teimoso, zombando da morte
 Sem amor, uma casa é só moradia
 De afeto, vazia
 Tijolo e teto, fria
 Sobre chances, é bom vê-las
 Às vezes se perde o telhado, pra ganhar as estrelas
 Tendeu?

Emicida (2012).

Tenho trinta anos e poucos anos e o que digo é que a ampulheta digital das horas são como facas, pois diante o esquematismo básico da vida, me falta alguns itens básicos como, metalinguisticamente, minha própria casa. A fé na gaiola não se trata do autoconhecimento e de acreditar em si, mas da fé em entidades externas e cristãs tão somente, que não representam a pluralidade das crenças. Não podemos nos esquecer que uma das primeiras configurações de *exterioridades* está na justificação de ações terrenas por vontades divinas (que João de Deus²⁸ esteja bem guardado). Os “drones e almas” reverberam a possibilidade de vida, dado que a condição dessa depende de fatores de posicionamento social e outros quesitos mais.

O valor da humanidade está cada vez mais variável e a “utilidade” do humano perante a supervigilância de drones e hiperprodutividades dos robôs é quem determina quem terá um lugar ao Sol na terra, quem terá uma casa segura. A realidade dos algoritmos e a devastação na mudança das formas de vida são profundamente perceptíveis. Trabalhamos para grupos de pessoas que desenvolveram algoritmos. Depois disso, para quem lhos desenvolveu, o que se encontra do outro lado da engenharia computacional são números, cuja humanidade existe

28 Vale aqui, ressaltar a menção constante nos textos de Lima Barreto aos doutores, ao âmbito da extrema valorização do academicismo como uma das formas de ascensão e ou distinção social. Para o autor, a advocacia ou a medicina são, na verdade, os únicos doutoramentos que realmente se fazem valer sob um aspecto de poder. A atualidade dessa perspectiva é quase um espelho: “Percebi que me acusavam (?) de maluco. “Disse-lhe que não era louco e, mesmo que o fosse, segundo a legislação em vigor, não sendo eu indigente, competia a meus pais, pois os tinha, internar-me em hospital adequado. Não quis saber de leis, e outras malandragens e remeteu-me para a Praia da Saudade, como sofrendo de mania religiosa. O que me aconteceu aí, onde, em geral, me dei bem, contarei num próximo livro. Contudo, não posso deixar de te referir agora o risinho de mofa que um doutor fez, quando lhe disse que tinha alguns livros publicados e cursara uma escola superior. No Brasil, meu caro, doutor ou nada. “ (BARRETO, s/d)

após a contemplação lógica das pressuposições dos softwares. Vem à alma interior a voz decolonial de Lima Barreto quando esse diz: “ou doutor ou nada” (BARRETO, s/d). É por isso que também escrevo, mas além do doutoramento, há outra esfera que se coloca no campo de se construir um novo *oikos* (casa); novas possibilidades e formas de vida, que é o estar bem em si e consigo diante do outro. Estar vivo é um milagre quando as estruturas que nos rodeiam são tão hostis sendo “[...] o cais como cão; sem norte” (REFERÊNCIA). A aparência das coisas esconde o que Frantz Fanon (2002) chamou de “maniqueísmo”, isto é: o lugar de esquematismo em que raça e gênero são definidas como essenciais no processo de constituição do capital. A seguir, um trecho de “Esquiva da Esgrima”, de Emicida:

Ah, a gente já se acostumou
 Que a alegria pode ser breve
 Mostre o sorriso, tenha juízo
 A inveja tem sono leve
 À espreita, pesadelos
 São como desfiladeiros
 Chão, em brasa
 Nunca se esqueça o caminho de casa

O céu é meu pai
 A terra, mamãe
 E o mundo inteiro é tipo a minha casa

A finalização da letra ocorre em se ressaltando a condição de “espreita” em que quase sempre se está sendo observado e que o caminho de casa está na consciência de classe, de estado e *colonialidades*. A compreensão do ser e estar mediante uma determinada configuração social e temporal são pressupostos na construção de um gênero, retomo aqui o que renunciei na epígrafe para que fique ainda mais nítido – relativamente – que a construção de um gênero não ocorre sem determinações sociais, pressupõe luta entre as esferas:

Para fazer com que o objeto, qualquer que seja o tipo de realidade à qual pertença, entre no horizonte social de um grupo e provoque uma reação semântica ideológica, é necessário que este objeto esteja ligado com as premissas socioeconômicas essenciais da realidade objetiva do grupo dado (VOLOCHÍNOV, 2013, p. 195).

Em “Casa”, enuncia-se o valor de cais em tempos de cão. Tempo esse que perdura desde 1492, bem como enunciou Enrique Dussel (1993), ainda mais intensificado com as diásporas africanas, sempre ainda presentes. O rap e o *Hip Hop*, infelizmente, nascem desses

mesmos embates e conflitos de classe, guetos, etnias, milícias num contexto de caótica realidade. Como flor de lótus, nasce como forma de resistência às forças determinantes do “Homem Ocidental” se tornando modos de agremiações em que possa superar a brevidade das casas mal-acabadas e mal feitas ou destruídas por vindouras avenidas

2.3 Racismo e Sociedade

O debate sobre as questões do racismo ganhou forma após a Segunda Guerra mundial no contexto do Holocausto judeu do III Reich, apontando para o processo da escravização nas Américas como um fator problemático e que merecia atenção na sua configuração genocida em termos humanos em suas mais variadas dimensões. Embora se acredite que o racismo seja um fenômeno e um empreendimento meramente eurocêntrico iniciado na modernidade, no que tange à configuração do Ocidente, Moore (2007) defende que antes de ser ideológico, os diversos tipos de racismos são históricos, cujo eixo, a qualquer tempo, é fenotípico, o qual, por sua vez, sempre está alimentado por *imaginários sociais*²⁹ que se constituem e persistem por narrativas mitológicas. No caso dessa pesquisa, se centra na teoria da raça e no caso brasileiro, na questão da *democracia racial*³⁰.

O fator de *apreciação social*, pautado em fenótipos mais acentuados na dicotomia entre leucodérmicos e melodérmicos, tem raízes históricas anteriores a regimes políticos ou econômicos modernos, embora esses se constituíram e se mantiveram por meio de inúmeros dispositivos da lógica de centralização e sobrevalorização de uma raça sobre outra. Tendo isso em vista, reorientar a epistemologia do modo em que podemos enxergar a questão da racialização é profícuo para que seja possível se chegar a um lugar outro. A tese de Moore (2007) de que a diferenciação e categorização fenotípica é universal e transcende às fronteiras nacionais, regionais ou étnicas, clareia a compreensão de que o processo de racialização é variável e constante no percurso histórico.

O caráter moderno, em se tratando da constituição das Américas, bem como a conhecemos, ressalta a eliminação, negação, invisibilização do indígena e dos povos negros

²⁹Esses “imaginários” são constituidores dos estereótipos que configuraram e ainda dão contorno às *atividades mentais* sugeridas por Bakhtin em MFL (1998). No íterim do nosso debate, a limitação do que se compreende por Ocidente, a prevalecência do branco sobre o negro, a negação dos valores indígenas e seus respectivos saberes, a configuração patriarcal em quase toda a sua totalidade e o modo profundamente exploratório da natureza fazem parte de um “imaginário” que, justamente por ser um enunciado concreto aqui nessa obra bem como em outras, é plenamente real.

³⁰Dialogo com o conceito de democracia racial de Floresntan Fernandes (1966), Cf. p.12 dessa tese

homogenizados no cronotopo da “América”, como pertencentes a uma única esfera social não se levando em conta as inúmeras variáveis culturais, étnicas e sociais nas quais nos constituímos. As generalizações fenotípicas do negro e do índio (erroneamente assim chamadas, pois as denominações indígenas e africanos escravizados respeitam a variedade desses outrora não civilizados, os quais são dotados de heranças e raízes culturais não ocidentalizadas) são resultados dos processos de *valor-dissociação* da colonização europeia, o qual colocou sob uma mesma determinação monologista, dotada de *istna* e não *pravda*, humanos reificados em prol da força de trabalho para se erigir o processo predatório das diversas colonialidades estruturantes do eurocentrismo.

O percurso histórico *relativamente estável* da história oficial, justamente por ser um *enunciado concreto* que materializa, compõe e arquiteta os demais projetos de discurso no contexto do estado-nação brasileiro e tem como princípio a segregação, periferização, negação, espoliação e dissociação de todos aqueles não brancos que não se enquadram ao fenótipo da Europa ocidental: França, Bélgica, Alemanha, Espanha, Portugal etc. De 1942 aos tempos atuais, o diapasão da beleza e da formatação visual hegemônica tende a considerar como gênese o homem branco, de família e do bem sendo a outra parte, a mulher, o correspondente funcional do empreendimento patriarcal reificante e predador que construiu a realidade na qual vivemos.

Racionalismo de inovações locais a caminho de um global empreendedorismo, comércio triangular (África, Américas e Ásia) e a conseqüente *acumulação primitiva* com base no tráfico negreiro e na espoliação como projeto de domínio longe de “organicismos”, expansão pelo belicismo. Esse bit anterior poderia ser compreendido como enunciados soltos entoados e que se conectam pelo ritmo dicotômico, ou seja, a partir do binarismo fazendo refratar e refletir o binarismo, pois desde 1492, quando cá chegaram as primeiras caravelas, as pretensões de homogeneidade foram inúmeras e sem precedentes na história dos povos americanos.

Na era moderna dos “ismos”, o fenótipo fora e ainda continua sendo a chave reguladora de valores de apreciações em detrimento de condutas de bem-estar e de avanços humanitários dado que assim como preconizado por Achille Mbembe (2018) e que na voz do rapper Criolo toma o corpo de denuncia: “A cor da minha pele eu sei tem quem critica” (Criolo, 2015). As bases do racionalismo na configuração do capitalismo Ocidental e os processos de escravizações podem ser mais amplamente compreendidos, segundo Moore (2007), cujos “ismos” anteriores, respectivamente, sintetizam seus pensamentos.

Nega-se que a modernidade se constituíra somente a partir da presença de um outro plenamente diferente do padrão europeu, fato que trouxe a necessidade premente de se construir bases singulares de registro e compreensão das culturas europeias com vistas a serem transmitidas para além-mar tanto como estratégia de domínio, como um modo de formação de uma cultura centrada sobre suas próprias fronteiras, pois não se pode esquecer que é dessa época que as gramáticas deixam de ter um viés universal, passando para perspectivas mais territoriais de maneira a se eliminar os patoás e que a gestação dos estado-nação comecem a ganhar formas. Com o Renascimento desenvolveu-se, de forma sistemática, o estudo das línguas particulares. Distanciando-se da tradicional atenção dada a aspectos gerais que ultrapassavam as línguas individuais (por exemplo, as definições genéricas de 'sujeito' e 'predicado' como partes indispensáveis da oração), os gramáticos começaram a examinar as características que distinguiam as línguas entre si.

Uma das bases dos processos de dissociação de tradições é a imposição de uma língua sobre outra, o que resulta em processos de aculturação. A valorização da língua vernácula na Europa, resulta em grande parte da ascensão da burguesia em trânsito para as revoluções que lhes garantirão a posição de determinantes da economia e da política na modernidade. Em consonância a esses fatores, não se pode esquecer que somente a partir da presença das grandes navegações e do contato dos navegantes europeus com as Índias, África e Américas fora preciso e possível medidas de homogenização cultural e política para se entropor relações mercantis. A título de exemplo desse simples processo, fica bem claro o quanto as primeiras gramáticas da língua portuguesa serviam e um fim abstracionista e ideologicamente muito bem determinado, isto é: estavam a serviço de uma dinâmica de aculturação. Ao se observar a gramática “Verdadeiro Método de Estudar para ser Útil à República e à Igreja, Proporcionado ao Estilo e Necessidade de Portugal” (1746), no bojo do período do Iluminismo, mesmo não tendo sido a primeira gramática escrita em língua vernácula e não em latim, é possível constar que as razões monológicas e objetivas perante às maiores instituições da época, Igreja e Estado, em se unificar territorialmente a língua europeia no Brasil, em se excluindo plenamente o vasto campo das línguas indígenas que não eram nem a uma nem a outra daquelas instituições. O Ocidente se forma na presença do não Ocidental e esse, por sua vez, passa a existir em registro a partir da ótica de quem lho negou, pois a história é um procedimento de registro antes de ser um bem especulativo e somando ao fato que os povos americanos eram

povos ágrafos, conhecer a história do não europeu mostra-se possível somente em ambientes....

Para Wallenstein (1974), o comércio triangular como acima mencionado, fora a maior propulsão para que se chegasse a escalas jamais imaginadas de *acumulação primitiva* definida por Marx (1996). Obviamente, para que haja comercialização, ainda mais necessário se fez a criação de demandas e mercados consumidores. Para isso, a mudança dos *índices de valor social* de diversos grupos sociais foi uma das grandes táticas para a criação de cidades e as respectivas necessidades que delas advém. Ao se poluir um rio, o *Carrefour* passa a vender bacalhau e outros pescados que de preferência não terão sido produzidos em terras brasileiras.

A singularidade ocidental no processo geral de desenvolvimento das sociedades é também o foco central da magistral obra de Eric Williams, **Capitalismo e Escravidão** (1975). Williams foi um dos autores mais bem-sucedidos em apontar a limitação da premissa marxista que vislumbra o desenvolvimento da Modernidade como decorrência lógica **da evolução orgânica das sociedades do Ocidente**. Contrariamente a Baechler (1998), para quem “o gênio do Ocidente tendeu, desde há mil anos, a introduzir mudanças em todos os domínios”, Williams (1975) demonstra, de modo incontestado, que o “milagre ocidental”, tanto quanto o “milagre grego” predecessor, se fundou na alta capacidade predatória. Usando abundantes fontes primárias, Williams (1975) demonstra como a conquista e a sujeição de outros continentes foram indispensáveis para o desenvolvimento do capitalismo industrial europeu dos séculos XVII-XVIII. Foi a expropriação do Continente Africano que permitiu a solidificação do processo acumulativo que conduziu à Revolução Industrial. (MOORE, 2007, p. 134 apud WILLIAN, ANO, p.152,grifos meus).

Baechler (1998), embora seja corolário das percepções de Hegel quanto ao espírito “diferenciado” dos europeus, elencou outras características que são de suma importância quando se procura responder por quais razões o capitalismo tal como o conhecemos surgiu na Europa Ocidental (ibdem.op.cit: 126).

Mas voltemos para Baechler, a fim de definir cinco grandes características que, segundo ele, somente se deram no Ocidente em um período específico e que corresponderiam à especificidade do sistema capitalista: a) a busca privilegiada e a maximização da eficácia econômica; b) a liberação da sociedade civil com relação ao Estado; c) a divisão de uma área cultural em várias unidades políticas soberanas (Europa Ocidental); d) a modificação do sistema de valores em detrimento dos valores religiosos, militares e políticos; e) a libertação do indivíduo dos entraves e das necessidades coletivas e reificação das

necessidades puramente individuais (MOORE, 2007, p. 134 apud WILLIAN, ANO, p.152, grifos meus).

Já segundo Diop (1979), o Ocidente e o Oriente semita tomaram um rumo totalmente distinto das outras sociedades do planeta no sentido de sua evolução política, social e econômica. Contrariamente a Weber (2004) e Baechler (1998), Diop (1979) atribui a singularidade do universo euro semita a uma maior propensão para a violência, para o expansionismo, para a guerra, para o individualismo para o materialismo e para uma xenofobia, que ele considera ser porta de entrada para o proto-racismo da Antiguidade. Assim, afirma Diop (1979, p. 84?), “a história recente da humanidade teria sido muito mais complexas e problemáticas do que os textos históricos surgidos da Modernidade induzem a supor”.

Nesse terreno de tensão de instauração da modernidade com base na redefinição dos além-mar, do mesmo modo que as Cartilhas e as Cartinhas eram formas de alfabetização e propagação da cultura eurocêntrica, o gênero rap tem o compromisso de denunciar, em grande parte de suas letras, o percurso de dominação que se assentou nas condições de segregação, classificação e reordenamentos, da criação de um *system-mundo* em detrimento das comunidades tradicionais e das relações não mercadológicas, justamente por ser um discurso de fronteira. Tem-se a tensão como princípio geral do gênero, em propósito na instauração das consciências, de maneira que a linguagem simples e direta do rap traz na sua arquitetônica, a voz social radiografada, cujo esforço acadêmico que aqui desempenho é transmitido ao horizonte social dos ouvintes das letras de maneira eficaz.

2.4 Negro Drama: um cântico decolonial

“[...] a palavra é um momento secundário, derivado, condicionado por sua relação primária com o conteúdo, ou seja, com o dado imediato do mundo e da vida, da sua tensão ético-cognitiva. Pode-se dizer que por meio da palavra o artista trabalha o mundo, para o que a palavra deve ser superada por via imanente como palavra, deve tornar-se expressão do mundo dos outros e expressão da relação do autor com esse mundo” (BAKHTIN, 2011, p. 108)

Albert Memmi (2007), compreendia o dispositivo do aspecto colonial em três movimentos. Evidencia-se a diferença entre o colonizador e o colonizado. Valoriza-se, depois, essas diferenças em benefício do colonizador. Por último, tais diferenças são levadas ao extremo assumindo-as como definitivas. Em síntese, o que se percebe é a prevalência de alguns

índices sociais de valor sobre outros, procedimento básico do sistema de colonialidades e colonialismos.

Florestan Fernandes (1966) afirma que a integração do negro na sociedade de classes não se realizou de modo direto à abolição da escravatura, o que viria a começar a acontecer em 1930, quando as bases econômicas do país se tornaram mais dinâmicas, fato que possibilitou certa inserção do negro na sociedade de classes. Sobre a categoria de classe, Florestan (1966) afirma que é preciso compreendê-las em separado em razão de que a integração à sociedade de classes se fez tardia e desnivelada quanto a presença do negro nos meios urbanos e industriais.

O fim da escravidão não representou a integração do negro na nova configuração capitalista que se desenvolvia no início XX. O que se obteve de imediato fora a marginalização e, dessa marginalização, dramaticidades da questão do negro no Brasil, isto é, de um “negro drama”, como denominaria o grupo Racionais Mcs em umas das faixas do álbum “Nada como um dia após o outro dia”, de 2002.

O rap é a palavra que busca superar a própria palavra por sua via imanente não em si mesma, mas na relação com a vida pelos *índices de valores* que carrega. Duas vezes e tantas outras fazem o processo dialógico por meio do qual nos constituímos. Os gêneros do discurso prescindem de movimentações sociais mais amplas, percebe-se o caráter responsivo pelo qual Bakhtin (2003) sempre lutara em sua trajetória enquanto intelectual: a dialogia que gera responsividade.

Nessa vereda da questão da valoração e da integração do negro na sociedade de classes, a letra “Negro Drama” expõe grande parte das principais questões que tensionam a condição de uma parcela da sociedade. Ao me colocar nessa enunciação como um não negro no Brasil, entretanto, como aquele que se projeta como um *exterior* ao padrão eurocentrado de humanidade reconheço meu lugar de fala. Bakhtin (1988) refutava quaisquer formas de dicotomizações para se pensar a vida e, por isso mesmo, compreendia a imanência entre a palavra e a vida como uma via fluida entre as *responsabilidades dos atos* materiais e estéticos, como no *flow* de um enunciado-rap que se alimenta do cotidiano em sua historicidade e das singularidades de cada um perante uma realidade em comum: o drama de estigmas sociohistóricos.

Edi Rock e Mano Brown elevam a condição dramática de suas vidas e a de seus semelhantes como uma criação não abstrata, de modo que a tensão étnico-cognitiva mais

relevante se evidencie: a questão do ser-negro em uma realidade profundamente ocidental toma cena. Já vimos o quanto a presença ocidental depende de certas *exterioridades*. São essas mesmas exterioridades que nesse enunciado se projetam e se enunciam como que ganhando espaço e corpo para se emancipar, para se “superar” como salienta Bakhtin (1988) no epíteto desse subcapítulo.

A psicologia social, as nuances e as denúncias do lugar ocidental ao qual se relegou o povo de origem africana no Brasil, mostram alguns princípios que nos são importantes. A alusão ao gênero drama, no seu mais profundo sentido, faz-se necessário por ser a vida do povo negro nessas terras de Macunaíma³¹ e de Prudências³², uma constante tensão entre a teoria, igualdades constitucionais e a realidade fria e nua de negações seculares a pertencimentos.

Lançada no meio da conturbada década de 1990, o enunciado-*rap* “Negro Drama” ressalta as refrações internas e externas da condição de desigualdade e racismo enfrentadas pelo negro no Brasil. A linguagem que pretendem estabelecer nessa letra, mostra-se como uma pretensão metalinguística do negro mediante a condição ocidental. Fanon (2008) em **Peles Negras Máscaras Brancas**, busca compreender logo nos capítulos iniciais a questão da linguagem do homem negro, entendendo esse fenômeno como a possibilidade básica de existência e de condições para que seja possível haver pertencimento nas sociedades de classes ocidentais. Atribuindo então profunda importância à linguagem, ele consegue prever certa arquitetônica que precede a mediação das relações intersubjetivas do homem negro para com a sua realidade, “a compreensão da dimensão para-o-outro do homem de cor. Uma vez que falar é existir absolutamente para o outro” (FANON, 2002, p. 152?). Quando se é colocado em outra cultura, em outra instância diferente da qual fora constituído, é por meio da língua que conseguimos absorver a cultura de outrem o que, de certa forma, nos modifica imensamente, pois “Falar é estar em condições de empregar uma certa sintaxe, possuir a morfologia de tal ou qual língua, mas é sobretudo assumir uma cultura, suportar o peso de uma civilização”. (FANON, 2002, p. 33).

Afirmando que havia duas dimensões do homem negro, uma para com seu semelhante e outra para com o homem branco e, sendo essa cissiparidade uma consequência da

31 O personagem **Macunaíma**, de Mário de Andrade, traz em sua constituição a hibridização, pois nasce negro e se torna loiro no decorrer da narrativa na medida em que se aproxima da cidade, civilização.

32 Em **Memórias Póstumas de Brás Cubas**, a memória que busquei trazer foi a de Prudência, personagem que chibata outro negro por esse não ser livre, mas é repreendido por seu ex-senhor, Brás Cubas.

colonização, chego a um terreno comum do enunciado de “Negro Drama”: a denúncia de homens negros e de sua condição em uma sociedade branca. Rap é recriação e reordenamento por meio de códigos linguísticos relativamente acabados em uma estética, a qual hoje promove inúmeras formas de vida em exotopia musical. As duas vozes masculinas que entoam essa música, reverberam a visão androcentrada de um ser-estar no mundo extremamente específico e que denotam a cissiparidade entre as condições reais e pretendidas enunciadas por Fanon (2008), dialógicas a termos como...

Negro drama, entre o sucesso e a lama
 Dinheiro, problemas, invejas, luxo, fama
 Negro drama, cabelo crespo e a pele escura
 A ferida, a chaga, à procura da cura

A nominalização e a personificação da palavra *Negro Drama*, a qual representa o herói (sujeito) de quem se fala faz um jogo entre gênero e “raça”, entre gênero textual e humano. Se em todo e qualquer drama se estabelecem tensões, essas tensões são claramente demonstradas nas dicotomias apresentadas: “sucesso” x “lama”; “luxo” x “fama” etc., como está registrado na primeira estrofe. Tais relações opositivas demonstram muito como a linguagem bidimensionada do homem negro pensada por Fanon (2002) faz sentido, pois percebe-se uma necessidade de integração à sociedade de classes³³ e um certo estranhamento ao Ocidente, registrado no *grande tempo* perante o movimento diaspórico³⁴.

O grupo Racionais MC's faz um diagnóstico de questões caras ao debate da condição do negro na sociedade de classes quando ressalta que os processos de exclusão do negro no Brasil são estruturais e a sua manutenção é reiterada por volições que giram em torno da alusão ao consumo como forma de pertencimento. Voltando ainda a Florestan Fernandes (1978):

³³Segundo (NUNES, 2008, p. 248): "A integração do negro na sociedade de classes, Florestan (1966) tenta reconstruir o drama que o negro vivera na difícil adaptabilidade aos moldes da sociedade de trabalho livre (nos anos que sucederam à Abolição), fruto de um passado rústico e degradante social, cultural e moralmente. Para isso, ele utiliza-se de dados empíricos coletados em épocas distintas, muitas histórias de vida que são mostradas no decorrer de todo o livro. Seguindo sempre com uma análise sobre as informações apresentadas, Florestan (1966) constrói uma argumentação bastante interessante porque, naquele momento, utiliza-se de uma pluralidade metodológica, fato não corriqueiro para a época”.

³⁴Fenômeno histórico caracterizado pela imigração forçada de grupos étnicos e populações da África pelo Oceano Atlântico, a qual configurou o tráfico negreiro. Paul Giroy (2001) estabelece uma metáfora que valoriza o aspecto cultural de influência desse processo: Atlântico Negro, nome da sua obra mais conhecida em que concebe por diáspora o rompimento da seqüência dos laços explicativos entre lugar, posição e consciência, conseqüentemente rompe também com o poder do território para determinar a identidade.

Penetramos, aqui, na área de incentivos e motivações sociais. Ao se reeducar para o sistema de trabalho livre, o ‘negro’ repudia sua herança cultural rústica e o ônus que ela envolvia. Vence hábitos, avaliações e comprometimentos pré ou anticapitalistas. E descobre uma posição, que o nivela, material e socialmente, ao ‘branco’ (FERNANDES, 1978, p.154).

Lançada em 2002, essa letra da música “Negro drama” concretiza a tensão étnico-cognitiva das volições e estruturações que tangem a integração do negro na sociedade de classes, pois ressalta os valores e lugares de fala que permitem diagnosticar as esferas sociais nas quais orbitam o negro no Brasil. O encadeamento narrativo traz a apresentação de dois grandes cenários que se inter-relacionam dicotômicos, expressando a limitação da condição do negro no Brasil no contexto periférico ao qual se estabelece o retrato

E quem 'tá comigo
 O trauma que eu carrego
 Pra não ser mais um preto fodido
 O drama da cadeia e favela
 Túmulo, sangue
 Sirene, choros e vela

Fanon (2008) insiste que a colonização é uma evidente questão de linguagem, a qual quanto mais apropriada, mais próxima das esferas de compreensão, das inquietações do universo interior e exterior do humano a serem superados. Quando afirma que “falar é estar em condições de empregar uma certa sintaxe, possuir a morfologia de tal ou qual língua, mas é sobretudo assumir uma cultura, suportar o peso da civilização” (FANON, 2008, p. 33), pode-se compreender a ponte que liga a consciência e a expressão verbal. Edí Rock (1998) traz como trauma, a realidade projetada na forma de vida de inúmeros negros e negras do Brasil, cujo drama ressaltado se concretiza de modo direto e por mediações de valores de integração que foram se estabelecendo no decorrer da construção da narrativa: “túmulo, sangue, sirene, choros e velas são alguns dos acabamentos estéticos que reiteram conduções reais de vida. No momento queremos mostrar porque o negro antilhano, qualquer que ele seja, deve tomar uma posição diante da linguagem” (ibdem.p.34). O posicionamento da atividade estética se dá por meio do cotejo entre as atividades cotidianas e a cognição (compreensão do que ocorre). Desse cotejo, gêneros são criados como fundamentação de uma demanda social específica que

procura superar, pela estabilização relativa que apresentam, a trivialidade da vida, em sua forma prosaica.

O bit e a letra continuam na dinâmica da apresentação do cenário social ao qual está dimensionado o homem negro. Se pensarmos na compreensão de Paul Gilroy (2001), que afirma que os aspectos das trocas culturais e de suas conseqüentes modificações são superiores à noção de raça, veremos que a denominação de *Negro Drama* não se limita à raça, mas à questão de uma dinâmica cultural mais ampla que, em razão do processo histórico violento do tráfico negreiro, negou de forma direta as formas de vida e culturas africanas, mas que indiretamente transformou as formas locais. A diáspora é ainda constante, não se coloca como acabada, tanto que a noção de trânsito e passagem é evidente no que se refere a noção de integração aqui já referida que na letra reverberam a condição de favelizações e marginalidade, dado que as cidades latino-americanas na dimensão das questões.

Passageiro do Brasil
São Paulo
Agonia que sobrevive
Em meia as zorras e covardias
Periferias, vielas, cortiços

Uma integração real à sociedade de classes sugere políticas públicas de base, o que pouco houve no Brasil desde a abolição da escravatura. Dados atuais sobre a população carcerária evidenciam o quanto os pretos e pardos constituem a maior parcela dessa população, o que se repete quando se observa a parcela que compõe as “periferias, vielas, cortiços” (referência). É notório também a dialogia que Angel Rama (1984) traz à compreensão desse trecho quando evidencia que os processos de construções de cidades são também dissociados entre sociedade e cultura, como se as construções e a arquitetura física dos meios urbanos fossem tão somente um emaranhado de transplantes de um lugar outro que não europeu, mas que servisse somente a esse de maneira que os mapas das cidades sempre colocam a população negra e pobre às margens:

surgem essas cidades ideais da imensa extensão americana, que passam a ser regidas por uma razão ordenadora, revelada por sua vez em uma ordem social e hierárquica transposta para uma ordem distributiva geométrica. Não é a sociedade, mas a sua forma organizada que é transposta; e não à cidade, mas à sua forma distributiva. O exercício do pensamento analógico se disciplinava

para que funcionasse validamente entre entidades do mesmo gênero. Não vincula, então, sociedade e cultura, mas suas respectivas formas, que são percebidas como equivalentes. Permitindo que leiamos a sociedade ao ler o mapa de uma cidade (RAMA, 1984, p. 24).

A interpelação que a música realiza coloca os fatores históricos como sobredeterminantes em nossas vidas, os quais estão acima das individualidades ou da *mônadas* que procuram isentar-nos das responsabilidades individuais. O trecho seguinte da mesma música: “Você deve estar pensando/O que você tem a ver com isso” e sua continuação: “Desde o início/Por ouro e prata” promovem uma noção de consciência histórica mais ampla e mais dinâmica, evidenciando as trocas comerciais pautadas no lastro e no capitalismo global, o qual conhecemos hoje. Todas as letras que nessa terra serão enunciadas, trarão a vertente da crítica ao modo e ao estado global que conhecemos, pois aqui não nos interessa o chamado *rap ostentação*, aquele que valoriza a ascensão social e financeira daqueles que vieram de classes desfavorecidas e hoje se encontram em condições de maior conforto ou riqueza. O tipo de rap sob o qual aqui me debruço trata do valor responsivo da palavra, que por sua vez indica como os processos de ocidentalização se pautaram em atitudes de exclusão, de promoção de *exterioridades*.

Tais *exterioridades*, nessa letra, estão retratadas pela parcela mais frágil da sociedade brasileira “Ver o pobre preso ou morto/Já é cultural”, a qual sofre violência policial diariamente, seja de forma direta nas ações coercitivas ou indiretas em formas de abordagem e discriminação: “Olha quem morre/Então veja você quem mata/Recebe o mérito, a farda/Que pratica mal”. Cláudia Rosalina Adão (2017) ao investigar sobre os índices de homicídios na cidade de São Paulo, seus lugares de ocorrência e o perfil de suas vítimas pôde constatar que há um marcador social que atinge diretamente uma parcela específica de seres humanos, a qual se refere o “Negro Drama”:

Tabela 2 - Mapa da Violência

Ano	2002	2012
-----	------	------

Negros	29.656	41.127
Branços	19.846	14.928

Fonte: Mapa da Violência 2014 apud Adão (2017, p. 37)

Segundo a autora, desde 1990 são realizadas denúncias por organizações do Movimento Negro de que a maior parte das vítimas por homicídios são negros, fato que espelha a ausência de medidas efetivas que desde 1850, proibição do tráfico negreiro, a 1888, Abolição da Escravatura, ao se iniciar a *escravismo tardio*³⁵, poderiam ter mudado a presente segregação social da população negra e parda que tanto é sub-representada.

O segundo momento da música vem na voz de Mano Brown. Sua entoação é iniciada reiterando a encenação do drama real que é denunciado: “Olha só, daria um filme, uh [...] Luz, câmera e ação/Gravando a cena vai/ Um bastardo/Mais um filho pardo/Sem pai” (Referência). A imagem na compreensão bakhtiniana serve como um eixo motriz de espelhamento das forças que nos constituem, forças essas que muitas vezes podem existir como forças de negação. Em outras letras, a força social de dissociação dos valores eurocentrados como a noção de família nuclear da condição do povo negro e pardo é notória quando se percebe a reivindicação da questão da condição da mulher brasileira que em grande parte é mãe solteira, consequências de experiências seculares de povoamento em prol de políticas públicas (in)definidas ou de agremiações desordenadas nas quais a população pobre sempre teve de se constituir pelas margens, seja nos processos de urbanização ou de remodelamentos dos modelos econômicos que sempre estiveram a serviço do latifúndio.

A questão da mulher negra também é ressaltada de forma indireta justamente por ser específica e extremamente singular na configuração sociológica dos afetos. Gleide Fraga (2015)³⁶, em um dos portais mais importantes da luta contra o racismo no Brasil e sobre a cultura afrobrasileira, Geledés, ao se expressar sobre a solidão da mulher negra remarca a questão dos aspectos coloniais já mencionados ao citar Hooks (1995):

³⁵A autora usa como referência a obra **Dialética Radical do Brasil Negro**, de Clóvis Moura (2014), se valendo de três conceitos importantes: *modernização conservadora* (processo de modernização brasileira que se pautou no escravismo, cuja mudança econômica não mudou as relações de base); *modo de produção escravista* (produção de riquezas articulada ao modo de produção mercantil) e *escravismo tardio* (período que se estende de 1850 a 1888, caracterizado como um estágio de decomposição do modo de produção escravista).

³⁶ O site pode ser consultado através do link: <<https://www.geledes.org.br/>>.

Mais que qualquer grupo de mulheres nesta sociedade, as negras têm sido consideradas ‘só corpo, sem mente’. A utilização de corpos femininos negros na escravidão como incubadoras para a geração de outros escravos era a exemplificação prática da ideia de que as ‘mulheres desregradas’ deviam ser controladas. Para justificar a exploração masculina branca e o estupro das negras durante a escravidão, a cultura branca teve que produzir uma iconografia de corpos de negras que insistia em representá-las como altamente dotadas de sexo, a perfeita encarnação de um erotismo primitivo e desenfreado (hooks, 1995, p. 469).

Mano Brow, que nas rodas de samba tocando repique lembrava as batidas de James Brown, é mais um filho pardo – brown – sem pai. Alude-se ao panorama social da solidão da mulher negra, cuja configuração desse fato social é descrita acima por hooks (1995). O que se evidencia para além da não dissociação entre vida e arte é a reiteração, a entoação de uma padronização tão recorrente de modos de vida que se tornaram naturalizados e que nesse enunciado se faz presente, pois os dados são sempre criações social-históricas e não estatísticas meramente matemáticas. Todas as expressões das ciências sejam exatas ou humanas são evidências dos entroncamentos e das reverberações de forças centrífugas e centrípetas das nuances sociais. Os dados mostram que das 67 milhões³⁷ de mães brasileiras, 31% são mães solas, as quais ainda vivem o realismo da tragédia das mães abandonadas ou divorciadas em razão do *modus operandi* que sobrecarrega e pretende domesticar corpos e vidas femininas; um bit e uma denúncia: “Uma negra/E uma criança nos braços/Solitária na floresta/ De concreto e aço”. (Referência).

Todas as letras do grupo Racionais MC’s se configuram como crônicas urbanas ou diários, gêneros cuja origem está espelhada na dinâmica social imediata, que reverberam tão imediatamente o contingenciamento social em sua configuração urbana:

Senhor de engenho
 Eu sei
 Bem quem você é
 Sozinho, 'cê num guenta
 Sozinho
 'Cênum entra a pé
 'Cê disse que era bom
 E a favela ouviu, lá também tem
 Whiskey, redbull
 Tênis Nike e fuzil

³⁷Informação disponível em: <<http://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2015-05/brasil-tem-mais-de-20-milhoes-de-maes-solteiras-aponta-pesquisa>>.

Admito
Seus carro é bonito, sim
Eu não sei fazê
Internet, video-cassete
Os carro loco

O empoderamento via linguagem se faz de modo necessário, assim como afirmava Fanon (2008), tanto mais próximo do universo linguístico do colonizador – e por sua vez de sua cultura – mais é possível que o colonizado se situe mediante o pequeno tempo no qual se encontra. Chamo aqui de “compreensão linguística”, a compreensão de caráter histórico evidentemente porque os estudos linguísticos por mais que estejam voltados a descrições da língua ou afins, ainda podem ser considerados culturais, uma vez que procuram situar uma língua mediante outra, assim singularizando o processo de um dado cultural a outro.

Não é preciso remarcar a imensa responsividade do rap nacional no que se refere ao valor dialógico que apresenta. O trecho acima enuncia logo imediatamente a figura do senhor de engenho e sua intrínseca dependência mão de obra negra que durante séculos construiu as bases econômicas nacionais. Dessa relação de exploração enunciada, a linguagem toma forma de consciência de valores simbólicos que à época e de certa maneira ainda hoje demonstram bens de consumo, os quais aqueles que não sabem fazer, “eu não sei fazer”, lhos têm, o que denota que houve um significativo intercâmbio social de superação por parte desse *Negro Drama*. Desse ponto e mais adiante, quando o enunciador da letra afirma que “atrasado eu tô um pouco”, é notória a importância da detenção de conhecimentos técnicos, científicos, culturais e financeiros para que se possa pertencer ao quadro social não somente de consumo, mas também de estabilidade mediante as nuances do mercado de capitais em que a força de trabalho tão somente não é suficiente, sendo preciso excedentes de capital, seja financeiro ou simbólico – o rap configura o tipo de capital.

Mano Brown e os Racionais tornaram-se referência, ao passo que outras esferas para além das zonas marginalizadas da periferia “consomem” sua arte, o que promove a enunciação responsável por outras veredas: “inacreditável mas seu filho me imita/Ginga e fala gíria/Gíria não dialeto” (Referência). Enaltece o valor do capital cultural do povo negro, o qual pode ser compreendido à luz de Bourdieu quando esse afirma que o capital cultural é orientado em sentido duplo de destaque: “tanto na realidade imediata da qual se destaca, mostrando-se como um recurso de poder e de estar no mundo como da relevância especial – que abrange

artifícios técnicos e econômicos que variam de aspectos” (BOURDIEU, 1977 apud SILVIA, 1995, p. 25)

“o aspecto incorporado que significa ‘capacidades culturais específicas de classe transmitida intergeracionalmente através da socialização primária’ e há o aspecto ‘institucionalizado’ que representa os títulos, diplomas e outras credenciais educacionais”

Bakhtin e seu Círculo (2003) compreendiam por esferas primárias e secundárias o que Bourdieu (1989) categoriza como “incorporado” e “institucionalizado”, isto é, trata-se da condição de uma manifestação cultural na sua práxis - nas ruas, e da sua institucionalização por vias oficiais. “Negro Drama” se faz presente tanto no cronismo cotidiano do trabalhador, quanto nas conquistas jurídicas das leis que garantem a promoção de ações afirmativas de populações sub-representadas, ou então na questão da própria consideração da capoeira, como patrimônio cultural brasileiro. A gíria ganha *status* de dialeto não pelas características linguísticas tão somente, mas pela importância da existência de um *locus da enunciação*, ou seja, de um lugar de fala único e singular no que tange a historicidade de quem narra. Trata-se da quebra paradigmática das dicotomias, exige-se do Sul de São Paulo e do Sul da América uma enorme vontade de dizer que escancara a composição do Ocidente enquanto entidade criada por forças capitalistas de acumulação primitiva e financeira sempre necessária de *externalidades*, quais sejam nessa letra: negro e o drama e manter vivo e pleno de gozar não só o básico, mas de bens de consumo considerados valorosos em classes sociais privilegiadas.

Quando Angel Rama (ANO) afirma que as cidades não são pensadas ou compostas com base nas necessidades locais, mas seguem as demandas que a metrópole exige, vê-se, com isso, que as *externalidades* do capitalismo promovem e são corolários de diversos *negros dramas*. Quanto a isso, o trecho ressaltado abaixo demonstra o *modus operandi* da marginalização e segregação socioespacial tão latente e violento a parcelas da população brasileira:

Eu recebi seu tic
Quer dizer kit
De esgoto a céu aberto
E parede madeirite

O Brasil é um país cuja desigualdade social gera assombrosos contingentes populacionais que vivem abaixo da linha da pobreza. Em 2018, por exemplo, 13,5 milhões de pessoas viveram com menos de 145 reais mensais³⁸. Estamos nos primeiros lugares quanto a concentração de renda, o que demonstra que a *quilombagem*³⁹, no seu sentido mais amplo é uma das inúmeras formas de resistência que populações sub-representadas encontram para superar a questão da fome e da desigualdade social.

A emancipação pela consciência, eis o que de mais forte há nas formas exotópicas em que se considera a dialogia como fundante, pois vem por meio desse *ato responsável* da compreensão um outro lugar, que seja mais profundo e duradouro por estar em integração com as formas de agremiação possíveis. Ao finalizar sua música, Mano Brow se coloca como um louco de pele parda que não pode errar, que veio de onde se encontra diamantes e da lama, fazendo uma alusão à África e a antiga condição de mais um jovem periférico – das veredas da *externalidade*, mas superou tanto via linguagem a condição das *colonialidades do poder* imediatas que rondam e se infiltram nossas formas de vida. O capital cultural desse grupo, maior representante do rap nacional, conseguiu elevar à máxima potência e expressão a voz decolonial do rap nacional, pois não somente enunciou as principais veias que configuram o Ocidente, quanto localizam o *lugar de fala*, o *lócus da enunciação* de quem vem do gueto.

A música de “Negro Drama” é finalizada com agradecimento à Dona Ana, mãe do cantor que entoia o rap-enunciado em questão, “Aí Dona Ana, sem palavras, a senhora é uma rainha, rainha” (Referência). Esse reconhecimento faz parte de um dos elementos, dentre os cinco do Hip Hop, qual seja: o do conhecimento - por meio do qual deve se incentivar mudanças positivas reais na vida dos jovens, pois à época de formação e ainda hoje, a função social da palavra está mais precisamente marcada em alguns gêneros, tal qual o rap.

Esse tipo de reconhecimento ao valor da figura feminina também foi realizado por Tupac em 1992, quando fora convidado a se pronunciar no baquete do qual participava promovido pelo Movimento Malcolm X Grossroots Movement, sendo esse um dos primeiros registros desse grande e importante ícone do rap mundial:

Primeiro, eu quero dizer: paz para a minha mãe! Ela não está aqui, maseu preciso lhe desejar paz. Eu não estaria aqui se não fosse por ela. E eu olhei na frente desse papel e ele diz ‘comece por dentro para reconstruir nossa

38 Informação acessada e disponível em: <<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/25882-extrema-pobreza-atinge-13-5-milhoes-de-pessoas-e-chega-ao-maior-nivel-em-7-anos>>.

grandeza original', certo? Bem, foi isso que minha mãe fez. E eu to ouvindo coisas sobre lutadores e combatentes da liberdade. Bem, vocês têm que entender que quando era moda ter uma arma e ficar na rua, minha mãe abriu mão disso para ficar em casa e lavar as louças. Tá ligado? E nos alimentou. E colocou pensamentos na nossa cabeça. Tá ligado? Porque nós não recebemos nada daquela história de todos aqueles soldados que nós perdemos. Não tivemos nada disso. Eles todos foram pra cadeia, se é que vocês podem se lembrar. Eles todos foram para penitenciárias. Nós não vimos nada desses conhecimentos. E se não fosse por minha mãe, que ficou em casa e não foi pra rua fazer tudo aquilo, então eu não teria merda nenhuma. Desculpa o vocabulário, mas eu não teria ido a lugar nenhum.(TUPAC, 2003, tradução do autor. In: CANDOTTI, 2012, p. 126).

AfeniShakur, mãe do rapper que pronuncia essas palavras acima descritas, Tupac Amaru Shakur, cujo nome fora uma homenagem a dois chefes indígenas andinos, fora perseguida diversas vezes quando militava dando palestras por algumas cidades dos Estados Unidos, razão que a motivava viver em diferentes lugares passando provações diversas ao passo que acaba viciada em crack. A dialogia proposta por Tupac (2003) é de que se deve respeitar os valores transmitidos pelas mulheres e por aqueles que estão mais próximos, haja vista que em sua época a criminalidade e a formação de gangues era demasiadamente comum, e se perder no universo do crime e das drogas era algo próximo da realidade de muitos jovens. Tupac (2003), nesse discurso histórico, cobra fortemente do movimento negro em questão mais firmeza quanto à luta de conscientização que um rapper e um movimento deve ter: olhar com realismo e contemporaneidade para os jovens periféricos sem se esquecer do passado que transmite exemplos de superação, como o fato de o próprio Malcolm X já ter se envolvido com o crime organizado local.

2.5 Capítulo 4, Versículo III

Uma das entoações mais importantes a serem consideradas quando se pretende desenhar um panorama do rap nacional é o enunciado **Capítulo 4, Versículo 6**, do álbum **Sobrevivendo no Inferno**, o qual foi escolhido entre as obras da seleção do vestibular da Unicamp de 2018, fato esse que projetou outras dimensões no percurso histórico da fortuna crítica da literatura nacional. A letra começa com uma epígrafe que, de antemão, lança as bases para que possamos compreender a temática deslocante do rap nacional por meio da obra de um dos grupos mais importantes do Brasil, tal sua singularidade no panorama da Música Popular Brasileira.

60% dos jovens de periferia sem antecedentes criminais já sofreram violência policial; a cada quatro pessoas mortas pela polícia, três são negras; nas universidades brasileiras, apenas 2% dos alunos são negros; a cada quatro horas um jovem negro morre violentamente em São Paulo; aqui quem fala é Primo Preto, mais um sobrevivente (Capítulo IV. Versículo III, Racionais Mcs)

A primeira entoação das 4 vozes que entoam esse enunciado traz, à baila da realidade estatística por meio da estilística jornalística, questão da subalternização do povo negro no Brasil. O que é entoado coloca em consonância com o conceito *sistema guerra-muerte*, de Catherine Walsh (2017), advindo das reflexões de Maldonado Torres (2007) sobre o “paradigma de guerra”, quando se trata das relações de poder que silenciam e matam seres detentores de epistemologias e modos de vida que não se encaixam nos paradigmas do capital produtivo: “El sistema de guerra-muerte actual se enraíza en El proyecto-lógica civilizatório-patriarcal-moderno-occidental y em su corazón de capital” (WALSH, 2017, p. 27).

Trata-se de um paradigma que concerne à realidade, que marca uma das formas de se conceber a realidade, o conhecimento, a ordem ocidental em que a violência se coloca como a manutenção do estado do sistema-mundo, das fronteiras desenhadas há tempos de aproximadamente cinco séculos na constituição do que hoje se tem como civilizatório e tacitamente vivido por cada um de nós diante a urbe e a *orbe*, onde habitamos e que fazemos questão de manter, seja pela continuidade ou pelo não conhecimento do que está em nosso entorno. Primo Preto, o eu lírico, ou em termos bakhtinianos, o herói, promove um grito, reitera pelas vias da exotopia de uma comunidade não só o que ocorre em seu grupo imediato, mas de uma gama de grupos sociodeterminados por questões de dominação e coerção que sustentam ainda o controle demográfico e suas consequências.

A epígrafe da música é a tônica que reverbera a construção da estrutura da enunciação que, por sua vez, se aproxima à estrutura social, pois o locutor é detentor temporário da palavra enquanto a mesma lhe escorre por entre os lábios, cujo esforço fisiológico nada mais é que arefração das condições sócio historicamente determinadas, “A situação social mais imediata e o meio social mais amplo determinam completamente e, por assim dizer, a partir do seu próprio interior, a estrutura da enunciação” (VOLOCHINOV, 1988, p. 123). Ainda na esteira da dialogia de Bakhtin (2003) o nós não é uma atividade de diferenciação ideológica que encerra um conteúdo e uma forma imediatamente na transmissão a outrem, a qual será expandida e respondida inevitavelmente.

A campanha lançada em parceria com a ONU, *Vidas Negras*, em 2017, a partir de estudos que apontaram que "todos os anos são assassinadas no país 30 mil pessoas, 23 mil são negros⁴⁰, procurou trazer um chamado ao que está expresso nesse enunciado-rap. Não se faz rap sem compromisso, quando se faz rap pela ótica do engajamento, embora haja os que chamamos de rap ostentação. A lógica racial embasada nas formas patriarcais de poder se mantém pelo viés da eliminação e do silenciamento.

Minha intenção é ruim, esvazia o lugar!
 Eu tô em cima, eu tô a fim, um dois pra atirar!
 Eu sou bem pior do que você tá vendo
 Preto aqui não tem dó, é cem por cento veneno!
 A primeira faz "bum!", a segunda faz "tá!"
 Eu tenho uma missão e não vou parar!
 Meu estilo é pesado e faz tremer o chão!
 Minha palavra vale um tiro, eu tenho muita munição!
 Na queda ou na ascensão, minha atitude vai além!
 E tem disposição pro mal e pro bem!
 Talvez eu seja um sádico ou um anjo
 Um mágico ou juiz, ou réu
 Um bandido do céu!
 Malandro ou otário, quase sanguinário!
 Franco atirador se for necessário!
 Revolucionário ou insano. Ou marginal!
 Antigo e moderno, imortal!
 Fronteira do céu com o inferno!
 Astral imprevisível, como um ataque cardíaco do verso!
 Violentamente pacífico! Verídico!
 Vim pra sabotar seu raciocínio!
 Vim pra abalar o seu sistema nervoso e sanguíneo!
 Pra mim ainda é pouco, dá cachorro louco!
 Número um guia terrorista da periferia!
 Uni-duni-tê, eu tenho pra você,
 O Rap Venenoso é uma rajada de PT!
 E a profecia se fez como previsto:
 Um nove nove sete, depois de Cristo.
 A fúria negra ressuscita outra vez:

(MC'S, 1997) Aleluia...Aleluia... Racionais!!

A segunda voz, de Mano Brow, expressa claramente a tensão intencional ("esvazia o lugar") da qual se faz o Rap metaforizando a atitude bélica. "A primeira faz 'bum!', a segunda faz 'tá!'" ou em "Minha palavra vale um tiro, eu tenho muita munição!", por meio da palavra que chegará a outrem e não causará conforto nem tão pouco nela estará contida centelhas da dor das mães que perdem seus filhos. Evidencia-se a fronteira no discurso da configuração da

40 Disponível em: <<https://g1.globo.com/distrito-federal/noticia/a-cada-23-minutos-um-jovem-negro-morre-no-brasil-diz-onu-ao-lancar-campanha-contra-violencia.ghtml>>.

personagem: mágico, juiz, réu, bandido, revolucionário, antigo e moderno, marginal, insano franco-atirador ou otário, que esteja na fronteira entre o céu e o inferno. Elementos barrocos pelas antíteses e maneirismos binários que demonstram o logicismo mantenedor das estruturas sociais que conhecemos. Quando os limites entre o ético e o estético desaparecem, há esse tipo de configuração de personagem, quando as dissociações praticamente desaparecem e quase nunca se está distante do que se diz.

Quando a personagem e o autor coincidem ou estão lado a lado diante de um valor comum ou frente a frente como inimigos, **termina o acontecimento estético e começa o acontecimento ético que o substitui** (o planfeto, o manifesto, o discurso acusatório, o discurso laudatório e de agradecimento, o insulto, a confissão relatório, etc.); quando, porém, não há nenhuma personagem, nem potencial, temos um acontecimento cognitivo (um tratado, um artigo, uma conferência); onde a outra consciência é a consciência englobante de Deus temos um acontecimento religioso (uma oração, um culto, um ritual) (BAKHTIN, 2003, p. 20, grifos meus).

É completamente possível fazer arte sem compromisso ético, dado que a estética é também técnica. O despertar para a necessidade dialógica não se faz por meio de erudições tão somente, mas por vias intermediárias de vivenciamentos em que se possa observar as faces tantas que configuram a vida nas proximidades da arquitetura de que falara Mikhail Bakhtin (2003), que se tenha junto de si todas as possibilidades da arte, da vida e da ciência em consonância ou na simples atividade da dialogia de se auscultar ao próximo. Quem se debruça sobre a obra de grandes escritores tem que ter em mente que nem todo grande esteta é ético, translógico e pode, não arte, ser monológico, principalmente cujo valor dissociação é a entonação principal de dominação. Nesse sentido, apenas em questão de exemplificação, vale ressaltar que Fernando Pessoa fora dentre seus vários heterônimos, aquele que tivera que muito sentir para ser si mesmo e outros, tendo que fugir e voltar a si, para constituir sua arte poética. Todavia, a sua monologia na vida fora profunda e quase imperceptível até os dias de hoje, pois essa *exotopia* não figura nos livros didáticos.

A escravatura é lógica e legítima; um zulu (negro da África do Sul, que falava a língua banto) ou um landim (indígena de Moçambique, que falava português) não representam coisa alguma de útil neste mundo. Civilizá-lo, quer religiosamente, quer de outra forma qualquer, é querer-lhe dar aquilo que ele não pode ter. O legítimo é obrigá-lo, visto que não é gente, a servir aos fins da civilização. Escravizá-lo é que é lógico. O degenerado conceito igualitário, com

que o cristianismo envenenou os nossos conceitos sociais, prejudicou, porém, esta lógica atitude”.

O lógico e o dialógico no mesmo lugar. A figuratividade e a realidade em rios distintos. Alberto Caeiro pudera sentir tudo no plano do *objetivismo abstrato* porque fora fruto de plena estética, mas jamais fora ético, porque esse ato pressupõe a vivência da práxis cotidiana em se reconhecendo o outro como constituidor de mim. A legitimidade da escravização de quem não era gente por ser um Zulu imprestável. A “lógica atitude” civilizatória nem poderia sessar pelas vias apaziguadoras do cristianismo. Na contramão, no enunciado em questão, o ético substitui e estético, sendo a carne viva da voz que entoa. Tal enunciado faz parte do disco “Sobrevivendo no Inferno” e ganhara o prêmio de melhor música do ano em que foi lançado.

Nesse ínterim, retomo o conceito já elencado em outras páginas de que o nascimento de um gênero depende das condições de inovação que o antecedem a qual é estruturalmente social, seja em sua versão monológica ou em sua versão dialógica. A finalização do trecho reitera a principal interseção entre as vozes sociais no escopo da transmissão de uma bala, de um tiro ou de um golpe que pretende salvar vidas e não o seu contrário, isto é, o que se busca é a profunda e elevação da práxis das teologias e das teorias tantas que margeiam nossas formas de vida:

Amoralidade dessa ‘música’ é produzida e expressa na ressignificação de três ‘matrizes discursivas’: a teologia cristã, os códigos morais e éticos do ‘crime’ e uma estrutura social racializada assimetricamente. De modo que a articulação dessas ‘discursividades’ será expressa numa teologia dos Racionais MC’s⁴¹ (Citar vídeo).

A moral defendida por Mikhail Bakhtin (ANO) é a passagem constante das três inseparáveis partes da constituição das formas de expressão do discurso, quando se pretende estabelecer um ato responsável guiado pelo encontro emancipador da alteridade. A reiteração do título da música e do nome do grupo reforçam a *exotopia* principal, “Racionais capítulo 4, versículo 3” que considera a palavra divina aquela que pode ser vivida e colocada em prática no horizonte que cabe nas práticas não dissociativas, isto é, as práticas do *dever* Bakhtiniano (ANO, p.?) que exige “o reconhecimento da veracidade do *dever*”. Em simples palavras, deve ser compreendido como o reconhecimento da comunhão das coisas em suas mais longevas e

⁴¹Disponível em <http://web.fflch.usp.br/centrodametropole/antigo/static/uploads/takahashi_capitulo_4_versiculo_3_o_crime_na_tologia_do_racionais_mcs.pdf>. Acesso em: 3 de Dez de 2019.

dialógicas maneiras possíveis - mas no Capítulo 4, tratarei com mais zelo desse conceito, pois o mesmo é revolucionário e, por isso, dorido, de modo que sua contrapartida à abertura dos olhos e do coração.

Os contra-argumento às antíteses barrocas são ressaltadas quando se coteja as escrituras sagradas em face da realidade social e não são aleatórios, pois a disciplinarização primária do Ocidente, o qual habitamos, indubitavelmente, passou pela instância da cristianização dos povos e da almificação dos espíritos e da consequente separação desse do corpo. Distanciamento pleno do *princípio do baixo material corporal*. Gregório de Matos em quase toda sua obra ressaltou as diferenças, corrupções do governo, injustiças daquele princípio. Por isso mesmo, fora considerado o *Boca do Inferno*⁴² e relegado ao ostracismo. Aqui se elenca ao livro *Gêneses*, da bíblia cristã, para que seja possível fazer refratar e refletir as contradições da teorização e da prática religiosa. Evocando-se o enunciado de invocação divina, o refrão abaixo reitera a presença constante das igrejas neopentecostais, tal como elucida uma nova releitura da bíblia, dos novos Salmos a serem considerados. Por isso, todo o enunciado é construído dentro das três matrizes (TAKAHASHI, 2020, p.13) “teologia crista, códigos morais éticos do crime”, reiterados pelas saudações cristãs “Aleluia” e pela evocação da racionalidade dos Racionais MC’s, que se propõe a não ser dicotômica, dado a vereda decolonial em se expondo as fraturas e rupturas presentes e necessárias que ainda estão por se fazer no contexto paulistano e, por sua vez, brasileiro.

Aleluia... (Hamm) Aleluia... Racionais!!!
No ar, filhas da puta! pá! pá! Pá!

Mano Brown, Edy Rock, Ice Blue alternam as vozes desse enunciado e materializam nessa alternância, a responsividade não somente imediata como atemporal, em termos de modernidade. Grita-se contra o *sistema guerra- muerte*. Grita-se contra os vergalhos justificados pelas morais coloniais. Enquanto isso, o bit de KL Jay (DJ) cadência as formas e transforma a palavra falada na palavra entoada. O conceito de canção da semiótica da canção aqui não é cabível, pois as entonações que aqui se apresentam, tem como princípio gerador a transgradiência daquilo do cotidiano em se deslocando a palavra e as arquitetônicas comuns que nos assolam enquanto povo, mas que reitera a configuração do nosso estado-nação sem projeto nacional.

Faz frio em São Paulo, pra mim tá sempre bom!
 Eu tô na rua de bombeta e moleton!
 Din-din-don, RAP é o som, que emana do Opalamarrom! E aí...
 Chama o Guilherme, chama o Vanio, chama o
 Dinho, e o Di, Marquinho chama o Éder vamo aí,
 Se os outros manos vêm, pela ordem tudo bem!
 Melhor, quem é quem, no bilhar no dominó.

Ressalta-se a palavra de outrem como *relação ativa* entre as enunciações que pretendem *mediante* o movimento de tornar visíveis as formas de socialização que circundam o *cronotopos* de quem se expressa para com os enunciatários primários e secundários. O chamado aos manos, o estilo do homem que aqui se expõe promovem o desenho do locus da enunciação que, por sua vez, incide nas instâncias mais imediatas, tanto para quem ouve e não é desse lugar, quanto para aqueles que lho vivem em sua vida na estilística do dia a dia. A real unidade da linguagem é apreciação ativa de outrem, sendo as formas da composição da enunciação, meios relativamente estáveis entre as mínimas duas partes que se alternam no diálogo.

A frequência do rap não é para se escutar em passionalidades, mas auscultar e agir. Resgata-se a palavra alheia do movimento diaspórico, as lições dos *griots*, das mães e pais de santo e das inúmeras formas de movimentar os discursos que pretendem trazer a noção do pequeno tempo e que precisa ser encontrado nas esferas da cognição e da ética, uma vez que o rap com compromisso pretende e existe para emancipar. O seu surgimento não se deu por razões louváveis, dado todo contexto mutilador do transporte transatlântico, mas sua existência é a prova resistente de que é preciso instaurar novas formas de se emancipar e viver nesse mundo. Os enunciados do gênero que aqui estudo, demonstram de maneira simples e eficaz aquilo que o Círculo de Bakhtin (2003) procurava transmitir desde seus princípios como realmente relevante nos estudos da linguagem, o que causa(ria) mudanças substanciais no modo de se compreender a linguagem

Assim, o que é expresso nas formas empregadas para reportar a palavra outra é uma *relação ativa* de uma enunciação em relação a outra, e isso, também, não no plano temático, mas nas formas de construção estabelecidas pela própria língua. Temos aqui a reação de uma palavra a uma outra palavra, reação, no entanto, clara e substancialmente diferente do diálogo:

A língua elabora meios para incluir na palavra outra, de maneira mais refinada e ágil, a réplica e o comentário do autor. O contexto do autor busca desfazer a estrutura compacta e fechada da palavra outra, tende a sua decomposição e a apagar os limites. Podemos chamar de pictórico estilo de transmissão da palavra outra (BAKHTIN, 2011, p.78).

Mano Brow toma a palavra no jogo das alternâncias das vozes e inicia um diálogo com Ice Blue, discutindo o cenário em que vivem as pessoas que partilham de um *horizonte social* periférico ausente de graus de agremiação e de consciência. O enunciador avista alguns manos que não partilham do das considerações apresentadas e que por isso ainda vivem em níveis de desengajamento e consumo, de si e de bens de valor. Essa consciência de *estado-de-ser* que se reflete e refrata na tensão das colonialidades denunciadas até o momento, ou seja, a *colonidade do poder*, que promove sobre o outro as inúmeras formas de segregação e sucateamento. Vale lembrar que a *colonialidade interna* é mantenedora das instâncias mais tácitas das fragmetações que reificam as comunidades a mera zona de fornecimento de mão-de-obra barata.

Rolou dois Mano, um acenou pra mim,
de "jaco" de cetim, de tênis calça jeans.

Ice Blue toma o discurso impondo, de certa forma, um tom moral de julgamento procedimental em que aqueles que são observados estão sob o crivo de reformas religiosas propícias ao que segue muitas das teologias cristãs em que impõe a noção da culpa e da abstração e das causas arbitrárias a vontade exterior divina. O narrador pretende distanciar àqueles que estão em situação de degradação do grupo ao qual ele pertence, pois pressupõe a noção de escolha anterior aos fatores externos:

- Hey Brown, sai fora, nem vai, nem "cola"!
Não vale a pena "dar idéia" nesse tipo aí.
Ontem à noite eu vi, na beira do asfalto
tragando a morte, soprando a vida pro alto!
Aos caras só o pó, pele e osso, no fundo do poço,
E mais flagrante no bolso!

No entanto, o outro narrador propõe uma reflexão com base nos princípios da igualdade e da fraternidade que deve haver entre aqueles que vem de um mesmo lugar, embora tenham seguido outras veredas. Parece que há aqui, de modo elíptico, justamente a

compreensão de uma linguagem predecessora a verbal, o que Fanon (2008) já salientara em **Peles Negras Máscaras Brancas**.

Veja bem, ninguém é mais que ninguém, veja bem,
veja bem e eles são nossos irmão também.

Ice Blue responde ainda sob o viés do julgador, o que se mostra não à toa, como um discurso de outrem ideologicamente influenciado por vias neopentecostais:

Mas de cocaína e crack, whisky e conhaque,
os manos morrem rapidinho se é lugar de destaque

Mano Brow faz um *flow* epistêmico, driblando as categorias postas ao elevar a questão da condição vista dos seus companheiros (irmãos), aprofundando o debate justamente ao tocar nas questões de subjetividade que resultantes das interações sociais seculares, propiciaram a confusão mental lacunar e violenta das marcações sociais pelas quais a historicidade dos processos de escravidão trouxeram. A partir de quais bases, partindo de que lugar socialmente construído e de quais epistemologias realmente próprias um homem se refere a outro? O lugar de quem diz e de quem é dito ainda está mediado pela normalidade e pelo padrão e formas de vida que, no mínimo há 500 anos, ainda permanecem como intactas não no plano teórico, mas nas esferas pelas quais nós multiepidérmicos e culturais passamos. Que a psicologia seja antes social Bakhtin já nos orientou, entretanto, as cicatrizes objetivas do dia a dia não são sentidas por estarem escondidas ou encobertas, assim como feito em 1492, com o encobrimento do Brasil.

Mas quem sou eu pra falar de quem cheira ou quem fuma nem dá...
Nunca te dei pôrra nenhuma!
Você fuma o que vem, entope o nariz!
Bebe tudo que vê! Faça o diabo feliz!
Você vai terminar tipo o outro mano lá, que era preto tipo A
Ninguém 'entrava numa', mó estilo!
De calça 'Calvin Klein', tênis 'Puma'
É... o jeito humilde de ser, no trampo e no rollé.
Curtia um funk, jogava uma bola,
buscava a preta dele no portão da escola.
Um exemplo pra nós, maior moral, 'mó' IBOPE!

O ato de beber e fumar não toca no ato responsável de outrem, apenas o fragiliza e o distancia de uma condição de emancipação. Os cotejamentos com as diretrizes reguladoras como as formas de pensamento cristãos e a noção de democracia sem considerar as condições incrustadas na alma do humano não branco, não cumprirá seu ato responsável de mudança. O gênero humano também é uma arquitetônica e amplia a noção do psicossocial, por isso,

a colonização e o racismo alteram profundamente a subjetividade do negro. Apesar desse recorte psicológico, não há reducionismo; a perspectiva analítica empreendida por Fanon é psicossocial, uma vez que compreende o sujeito como produto de uma realidade econômica e social. Afirma Fanon então que a luta dos negros só irá efetivar-se nos planos objetivos e subjetivos no intenso e arenoso campo das relações e das práticas sociais existentes a partir da historicidade dos indivíduos e de seus respectivos modos de produção subjetiva (KAWAHALA e SOLER 2008, p. 408).

“Mas começo "cola" com os branquinhos do shopping”. Esse próximo verso que vem na sequência, demonstra que os lugares socialmente marcados, como “shopping” e o tipo social que circula por meio de “branquinho”, representam certos cerceamentos e ao mesmo tempo, certos ritos de passagem. Critica-se o distanciamento de um “mano” que passa a acompanhar por aquele um espaço alguém que não é periférico, como se isso fosse resultado da busca por *índices sociais* exteriores ao meio de origem do sujeito negro. Embora pareça uma afirmação vaga, trata-se, na verdade, do trânsito entre práticas sociais que merecem observação, como o ato de querer consumir e estar em novos lugares, mais centrais sem se observar que há, anteriormente, um cuidado ao fato de que historicamente, há estilos de vida que reiteram o *modus operandi* do consumo como forma de ascensão, e isso, geralmente, se encerra na própria atividade econômica mercadológica e que não gera alargamentos de visão e novas possibilidades de vida que possam empoderar por outras que não essa, de caráter transitório e monetário, sendo possível ser consumidor, sabendo do contexto mais amplo da interação social que subjetiva outrem por valores efêmeros sem possibilitar emancipações em outros campos, tal como o cultural. Tanto é que a resposta de Ice Blue é categórica, como se tivesse perdido a um de seus irmãos:

“Ai já era”

Ih! Mano, outra vida, outro pique!

E só mina de elite, balada e vários drinks!

Putá de Botique, toda aquela pôrra!

Sexo sem limite, Sodoma e Gomorra!

Hã... faz uns nove ano...

A dialogia com o texto bíblico se expande a cada estrofe, sempre com vistas a instaurar uma releitura prognóstica da situação social que, por sua vez, culminará em um diagnóstico de emancipação. Sodoma e Gomorra, terras do prazer e da luxúria que atualmente poderíamos enxergar como o ato do consumo exagerado em que o poder da compra e do mercado reificam a todos que se submetem ao econômico em detrimento do coletivismo. A outra vida e o outro pique de que o griot se refere, tem como base a questão dos índices sociais de valor da burguesia local que se desloca das camadas baixas para as intermediárias com objetivo de gerenciar o trabalho alheio e de administrar relações sociais, a fim de se obter o lucro. Caminha-se para a ostentação de valores alheios ao gregário e que fundamenta a mais valia, sustentáculo do capital financeiro e de mercado.

Inferir a questão já citada, da inserção social pelas vias do consumo, a qual tem como princípio a negação do tradicional e a dissociação das formas de vida que não sejam eurocentradas na dinâmica da obtenção desmesuradas de excedentes. Mas a dicotomia paradoxal que se institui ao mesmo tempo que “integra” um sujeito a uma nova ordem com novos horizontes sociais, ao mesmo tempo o coloca diante de contradições que a longo prazo podem colocá-lo ao ostracismo de si mesmo, levando a psicossomatias e depressões, dado a interação social é o subtrato da psicologia social, e mesmo se um sujeito negro é detentor do capital, os mesmo estarão padronizados em termos estéticos etnocêntricos.

Tem uns 15 dias atrás eu vi o mano...
 Cê tem que ver, pedindo cigarro pro ‘tiozinho’ no ponto
 Doente todo ‘zoad’, bolso sem nem um conto!
 O cara cheira mal, a sinha senti medo!
 Muito louco de sei lá o quê, logo cedo!
 Agora não oferece mais perigo:
 viciado, doente e fudido, inofensivo!
 [...]
 Um dia um PM negro veio me ‘embaçar’,
 e disse pra eu me por no meu lugar.
 Eu vejo mano nessas condições não dá...
 Será assim que eu deveria estar?
 Irmão, o demônio fode tudo ao seu redor!
 Pelo rádio, jornal, revista e outdoor,
 te oferece dinheiro, conversa com calma.
 Contamina seu caráter, rouba sua alma.
 Depois te joga na merda sozinho!
 É... transforma um ‘preto tipo A’ num ‘neguinho’!
 Minha palavra alivia sua dor, ilumina minha alma
 Louvado seja o meu Senhor!
 Que não deixa o mano aqui desandar,

Ah! e nem ‘sentar o dedo’ em nenhum pilantra!

“Zuado”, “Doente” e “Fudido” são expressões estilísticas que sustentam e incidem sobre a forma humana e real de alguém que está em situação de degradação pessoal e individual, cujas razões podem ter variadas, entretanto, estão mediadas pelas contradições existentes nos processos de integração social. Por mais que questões genéticas sejam de suma importância no campo da fisiologia humana, as questões que recorrem ao *grande tempo* também o são.

A genética social é mais ampla porque não pode ser metrificada como o são as gêneses, sua análise combinatória com as dinâmicas binárias das relações entre os arranjos celulares. Trata-se de processos culturais destruídos em que o corpo biológico permanece, mas as estruturas simbólicas foram eliminadas no decorrer da instituição dos estados-nação americanos, sobretudo. Pois não podemos nos esquecer que

por ser uma negação sistematizada do outro, uma decisão furiosa de recusar ao outro qualquer atributo de humanidade, o colonialismo compele o povo dominado ele se interrogar constantemente: ‘Quem sou eu na realidade?’ As posições defensivas nascidas deste confronto violento do colonizado e do sistema colonial organizam-se numa estrutura que revela então a personalidade colonizada (FANON, 1968, p. 212).

A transformação de um “preto tipo A num neguinho” não é individual, ela parte das estruturas sociais mais amplas e seculares e reside nesse ponto uma enorme lacuna que poucas vertentes das inúmeras disciplinarizações poderão tratar, se não se considerar as singularidades históricas que promovem tantas vezes o desencontro do ser consigo mesmo, por não se enquadrar nos padrões rígidos das binarizações relativas ao casamento, a família, ao patriarcado e ao sistema socioeconômico como um todo, cuja fuga se faz pelo consumo de si mesmo por meio do álcool e outras químicas lícitas ou não, as quais garantem fugazes hibernações diante a realidade não sublimada nem conscientemente transformada em empoderamentos e resgates culturais. Os *griots* propõem então, o bojo da dicotomia bom e mal, a possibilidade de uma nova lei que diagnostica o fato, mostrando e materializa exotopias decoloniais

Mas que nenhum filha da puta ignore minha lei:
RACIONAIS Capítulo 4 Versículo 3!

Aleluia...Aleluia... Racionais!!!

Ice Blue continua respondendo na frequência do assalto ao *modus operandi* na música “No ar filhas da puta! pá!, pá!, pá!” para que se lembre que a transmissão a outrem não pode ser arbitrária, nem tão pouco desconectadas com a estilística dos seus enunciados primários e secundários. A questão não mais é a palavra, mas a contrapalavra materializada pela indumentária das armas bélicas que matam, mas que no caso da onomatopeia transfigura a ideia de morte física para a morte de uma mente e um modo de ser que não reconheça os lugares de fala, a historicidade e as armadilhas da incompreensão do que ocorre dia a dia.

Quatro minutos se passaram e ninguém viu,
 O monstro que nasceu em algum lugar do Brasil!
 Talvez um mano que trampa debaixo do carro sujo de óleo,
 que enquadra o carro forte na febre com sangue nos olhos!
 O mano que entrega envelope o dia inteiro no sol
 ou o que vende chocolate de farol em farol!
 Talvez o cara que defende o pobre no tribunal,
 ou que procura vida nova na condicional.
 Alguém no quarto de madeira, lendo à luz de vela,
 ouvindo o rádio velho, no fundo de uma cela!
 Ou da família real e negro como eu sou,
 um príncipe guerreiro que defende o gol!

Referências

Mediante a realidade segregacionista e dos constantes desencontros resultantes da dinâmica do eu-para-o-outro, de alteridades fragmentadas e culturas tradicionais dissipadas nasce “O monstro que nasceu em algum lugar do Brasil”. Poderia comparar o Brasil a Victor Frankenstein, a sua criatura ao monstro do Brasil do enunciado, pois a inconformidade e as desigualdades fazem nascer tipos sociais marginalizados criminalmente e não somente cronotopologicamente, cujo fim esperado é o “fundo de uma cela”, vazia de esperança e dotada de múltiplas carências longe, da “família real” de cuja predicação se pode antever os inúmeros reinados destruídos no processo colonizador de 500 anos passados e o fato que no Brasil é a família em sua dinâmica cooperativa que garante a manutenção da nação, haja vista que o parco poder aquisitivo das famílias exige processos de troca e partilha.

Mas eu não mudo, mas eu não me iludo:
 os mano ‘cu de burro’, eu tenho eu sei de tudo!
 Em troca de dinheiro e um cargo bom

tem mano que rebola e usa até batom!
 Vários patrícios falam merda, pra todo mundo rir!
 haha! pra ver branquinho aplaudir!
 É... na sua área tem fulano até pior!
 Cada um, cada um, você se sente só!
 Tem mano que te aponta uma pistola e fala sério,
 ou explode sua cara por um toca fita velho!
 click! plau! plau! plau! e acabou!
 Sem dó e sem dor. Foda-se sua cor!
 Limpa o sangue com a camisa e manda se fuder!
 Você sabe porque, pra onde vai, pra quem vai
 De bar em bar, de esquina em esquina,
 pegar 50 conto, trocar por cocaína,
 Enfim, o filme acabou pra você

Com um desencanto do mundo parecido diferente ao que Max Weber (ANO) defendia, a ilusão aqui não tem justamente por se estar do lado Sul do mapa global, em que ordinariamente percebe-se a potência e a presença do *sistema guerre-muerten*as vidas ceifadas que a cada dia se tem notícia no Brasil e nas Américas. A transmissão da voz alheia é a voz social que grita por melhores condições e por isso está tão reverberado não só no diálogo entre as três vozes que se alternam nesse enunciado, como nas vozes dos “ouvintes”, por isso da pretensão em mostrar a crueldade já internalizada por homens que tem a morte com um de seus membros na esteira de modo de vida, a qual está entre o riso do patrício, riso esse não carnavalesco, não de sublimação e pertencimento ao coletivo, mas o riso burguês autoritário e precisamente assassino.

A bala não é de festim
 Aqui não tem dublê
 Para os manos da Baixada Fluminense à Ceilândia
 Eu sei, as ruas não são como a Disneylandia
 De Guaianazes ao extremo sul de santo amaro
 Ser um preto tipo A custa caro
 É foda, foda é assistir a propaganda e ver
 Não dá pra ter aquilo pra você
 Playboy forgado de brinco: cu, trouxa
 Roubado dentro do carro na avenida Rebouças
 Correntinha das moça
 As madame de bolsa
 Dinheiro: não tive pai não sou herdeiro
 Se eu fosse aquele cara que se humilha no sinal
 Por menos de um real
 Minha chance era pouca
 Mas se eu fosse aquele moleque de touca
 Que engatilha e enfia o cano dentro da sua boca

De quebrada sem roupa, você e sua mina
 Um, dois
 Nem me viu: já sumi na neblina
 Mas não, permaneço vivo
 Não sigo a mística
 Vinte e sete anos contrariando a estatística
 Seu comercial de TV não me engana
 Eu não preciso de status nem fama
 Seu carro e sua grana já não me seduz
 E nem a sua puta de olhos azuis
 Eu sou apenas um rapaz latino-americano
 Apoiado por mais de 50 mil manos

Contraria-se as estatísticas por uma questão de sorte, sorte essa talvez cármica e antes de tudo consciente, os 50 mil anos são apenas um pequeno extrato do que se pode verificar na esteira das vozes que se multiplicarão depois desse enunciado. Desse lugar de fala, “A bala não é de festim” e não se tem dublê”, porque há uma arquitetônica da responsabilidade provinda de um ato não dissociativo, o qual se constitui em razão da não espetacularização da vida e nem da arte, não se tem ornamentações, mas dialogia de plena noção histórica para o momento real e *a posteriori*. Ao conjunto de fatores históricos aqui já apresentados e aos quais ainda hão de ser expostos, ao fato presente dos homicídios diretos e indiretos e aos fatores psicossubjetivos dos mesmos no ser humano, a nova lei, o novo horizonte proclama um horizonte social dilógico em que a teoria, a vida e a estética religiosa e civilizada devem se reparar por meios de pontos de inflexão suscitadas por esse efeito colateral do rap nacional.

Efeito colateral que o seu sistema fez
 Racionais capítulo 4 versículo 3

Todo Capítulo 4 que trata da traição e Caim a Abel por questões de vaidade e cobiça, qual fosse metaforicamente os valores burgueses que constituem as cidades e toda a a prole que a ela sustenta. O texto bíblico trata do tema do primeiro homicídio da história cristã. O rap das mortes ainda constantes, existem em decorrência das ilusões identitárias que negam as alteridades na multiplicidade epidérmica e epistêmica. Entre um bit e outro mostram a antítese da gênese brasileira tal como os Gêneses nos mostra e bem recorda sobre a concepção da capa Takahashi na capa do álbum, onde há uma cruz dourada, as letras vermelho-sangue escritas Racionais MC's e com letras menores escrito: “Refrigere minha alma e guia-me pelo caminho da justiça” (Salmo 23, cap. 3). Na parte detrás do álbum há uma foto de um sujeito segurando uma arma nas costas, a listagem das músicas do álbum e outra frase: “e mesmo que eu ande no Vale

da sombra e da morte não temerei mal algum porque tu estás comigo” (Salmo 23, cap. 4)” Osgriotsdiagnosticam e profetizam um caminho outro de respeito e posicionamento que precisa metaforizar com armas melódicas e discursivas a realidade sangrenta e voraz.

Convoquei as vozes e as palavras alheias acima que tratam da questão da singularidade das formações do Ocidente eurocentado, a fim de que a caráter fronteiro do gênero a que me dedico nessa tese. Em contrapartida a essa vereda reificante da vida em contrapartida a grandiosidade sem tamanho da sua obra poética, o enunciado em questão promove uma substancial transdialogia em consonância com a transmodernidade quando coteja tanto a vida nas esferas do religioso.

2.6 A palavra e sua “função” social

A estilística da linguagem depende das orientações de classe, e isso fica completamente nítido em certos gêneros e em certas representações específicas de uma linguagem colorida, mas que não é determinada apenas pelas sensações e intenções emotivas ou subjetivas, dado que para Bakhtin (2003) pensar em subjetividade sem se considerar a historicidade é algo pouco dialógico e ainda mais irresponsável. A estilística da linguagem está sempre conectada com a *orientação social* atual, haja vista que suas formas relativas se interconectam e são respostas imediatas e prospectivas mediante os jogos das *esferas sociais*, das arenas ideológicas que compõem as formas de vida. O Círculo define *orientação social* pela “dependência da enunciação do peso sócio-histórico do auditório, isto é, do pertencimento de classes dos interlocutores. Tem-se, respectivamente: hierarquias/enunciação/estilística” (VOLOCHINOV, 2013, p. 173). A organização das estruturas estilísticas da enunciação depende de fatores imediatamente externos que, internamente, se consolidam no tema e no ritmo, os quais têm como destinatários primários e secundários a ideologia de classe/esfera. Em vista disso, vale a pena samplear as próprias palavras do Círculo:

De que maneira a relação de classe em geral pode estar na enunciação e nela refletir-se? Qual o elemento que faz com que todo o sistema de concepções, de opiniões, de ideias, de avaliação de classe (ou seja, o aspecto ideológico de qualquer situação) adquira um papel assim importante tanto na construção semântica quanto na organização estilística da enunciação? (VOLOCHINOV, 2013, p. 173-175).

O propósito da função social do rap é justamente causar tensão, haja vista seus aspectos composicionais ligados a maior discursividade e criticidade. A restrição das *alturas*, das *extensões vocálicas* e a simplicidade de arranjo musicais com pouca diversidade de instrumentação (as batalhas de rap nem sempre são acompanhadas por um DJ ou ao menos um simples bit, sendo apenas vocalicamente ritmadas) são aspectos importantes que singularizam estilisticamente o gênero em questão. Essa simplicidade que torna o gênero direto e incisivo, foi causa de um debate que não nos interessa aqui, mas que é precioso colocá-lo: de que o rap não é música. É preciso se ligar que:

Rap é música? Ao falar de música e, por extensão, de gêneros musicais, não devemos tratá-los como categorias autônomas e cheias de sentido, mas como categorias relacionais – algo que não se entende por si mesmo, e sim na relação com alguma outra coisa. Se fizermos um rápido exercício de imaginação histórica, todos seremos capazes de lembrar exemplo de manifestações culturais que foram acusadas, em algum momento, de não ser música. A visão estereotipada do detrator das novas músicas é um ‘velhinho’, que dirá, nos anos 1960, ‘rock não é música’, e nos anos 1970, ‘punk não é música’. Voltando para o início do século XX, o tal velhinho teria dito que a Sagração da primavera, de Igor Stravinsky, ‘não era música’. Em suma, as definições variam no tempo – e, claro, também no espaço. (TAPERMAN, 2015, p. 45).

Pois se a diferença entre a fala e a canção, semioticamente, se dá entre as entonações marcadas por pequenas *passionalizações* e *tematizações* e, no escopo da compreensão bakhtiniana, entonação é a *orientação social*, uma vez que haja uma *relativamente estável* de enunciado compreendido por certas esferas sócias, tem-se, então, uma forma artística; música é uma quietação composicional e arquitetônica não trivial, isto é, artisticamente acabada por *exotopias* múltiplas. A palavra sempre denota e conota algo fora de si, pois ela indicará e se tornará um sinal, isto é, um signo, com um significado relativamente estável, um limite entre partes. Mas como se obtém um símbolo ou como um gênero musical se consolida como tal frente a realidade? “Transformação da realidade objetiva em realidade ideológica”. Ao invés de falar, rima-se. Em vez de andar, quebra-se na dança por meio do *break*. Não basta uma imagem de uma *Monalisa*⁴³ no esquadro que, embora tenha sua predicação valiosa em termos técnicos e históricos, não interage para com o real, com o momentâneo de quem a vê. Percebe-se, quando não há profunda dissociação entre a expressão e a vida, um ato responsável que emerge,

43 Obra mais conhecida de Leonardo da Vinci.

tornando-se um ato insular no oceano ocidentalizante, cuja pujança mostra suas fraquezas e efeitos deletérios.



Figura 2 - Grafite

Fonte: Imagem disponível em: <<https://br.pinterest.com/pin/349943833536213350/?autologin=true&lp=true>>. Acesso em: 19 out. 2020.

“Que aconteceu, precisamente? Aconteceu que um fenômeno da realidade objetiva, tornou-se um fenômeno da realidade ideológica [...] o objeto transformou-se em signo”. (ibidem, p.192). Se Gaudí encontrou nas formas da natureza a essência de sua arte, cujos contornos de sua obra estavam inspirados no que a vida em interação mediado pela natureza lhe proporciona, o *Hip Hopé* também a expressão da multiplicidade do corpo, da alma, da mente, da alegria, da não reificação; trata-se de um grito de existência e resistência. Um cabelo não ocidentalizante é um cabelo que também refrata os padrões pela reflexão das formas naturais. As vias urbanas da *cidade letrada*⁴⁴ também são caminhos para criolos, negros, brasileiros e estrangeiros. O movimento de identificação dos variados movimentos sociais é o primeiro passo para o caminho da alteridade. Quando os lavradores se dão conta que a alimentação das cidades depende do que produzem e de que ser lavrador é ter a terra como unidade, ser da terra ganha um novo significado. Quando se percebe o corpo negro como unidades singulares da composição social pelas vias de circulação e pelas posições que

ocupam, busca-se a historicidade como forma de reconhecimento do que é ser e estar no *pequeno tempo*⁴⁵ de uma grande temporalidade constituidora do Ocidente.

O princípio da vida corporal e material, isto é: a realidade grostesca é, antes de mais nada, o princípio da defesa da vitalidade natural, do corpo e da festa, das entranhas de onde se nasce, se refresca e se alivia, de onde se reproduz, ou seja, a da consciência suprema do ser em interação:

Costuma-se assimilar a predominância excepcional que tem na obra de Rabelais o princípio da vida material e corporal: imagens do corpo, da bebida, da comida, satisfação de necessidades naturais, e da vida sexual. São imagens exageradas e hipertrofiadas. Alguns batizaram Rabelais como o grande poeta ‘da carne’ e do ‘ventre’ (Victor Hugo, por exemplo). Outros o censuraram por seu ‘fisiologismo grosseiro’, seu ‘biologismo’ e seu ‘naturalismo’ etc [...] As explicações desse tipo são apenas formas de modernização das imagens materiais e corporais da literatura do Renascimento, são-lhes atribuídas significações restritas e modificadas de acordo com o sentido que a ‘matéria’, o ‘corpo’ e a ‘vida material’ (comer, beber, necessidades naturais etc) adquiriram nas concepções dos séculos seguintes (sobretudo o século XIX) (BAKHTIN, 2010, p. 16).

Quando as *diásporas* são identificadas e recolocadas como protagonistas na construção da cultura e das nações que, por vias oficiais, insistem em negar tudo aquilo que não é etnocêntrico, volta-se ao universo não moderno – que se iniciou em 1492, salve Dussel (1993) – em que as formas de vida eram mais plurais e menos hegemônicas, dado a realidade menos civilizadas das etnias e da cultura, por sua vez. Muito coerente se faz a afirmação do estrato acima de que as modificações e restrições mais intensas ocorreram a partir do século XIX, data do aprofundamento do processo de globalização que se efetivam sobretudo por formas de dissociações, as quais, quando evitadas, eleva-nos a estágios outros de consciência. Nesse ínterim, Frans Fanon (1968) traz um ponto nodal na discussão “Cremos que a luta organizada e consciente empreendida por um povo colonizado para reestabelecer a soberania da nação constitui a manifestação mais plenamente cultural e organizada que existe” (FANON, 1968, p. 135). A objetificação e a apropriação das expressões culturais são formas de reificação, tanto que a rua é o lugar em que a festa ocorre, bem como o espaço onde nasce gêneros que pretendem deslocar o *modus operandi* dessa vereda moderna ocidental.

O signo depende do objeto e vice e versa. O signo enquanto tal ou o objeto enquanto tal são nulos. Toda realidade objetiva da palavra consiste exclusivamente na sua destinação de ser

um signo e não há nada que seja indiferente a esta destinação e que não tenha sido por ela gerado (VOLOCHÍNOV, 2015, p. 192). A palavra pressupõe os signos ideológicos, os quais se formam em determinados períodos e de determinados modos, a depender das condições materiais em que se apresentam:

Em cada etapa do desenvolvimento da sociedade existe um grupo particular e orgânico de objetos sensíveis à atenção social. Somente este grupo de objetos recebe uma força semântica e torna-se tema de uma troca comunitária ideológica e por consequência semântica (VOLOCHÍNOV, 2015, p.195).

Na década de 60 e 70 os *sounds-sistem* passaram a ser a grande referência gregária de onde se podia ouvir e amplificar as palavras próprias e de outrem. Fazia-se música de variadas formas e de variados modos nas ruas, tanto no Brooklin, quanto nas ruas jamaicas e de tantas outras capitais e cidades em que o *Hip Hop* passou a se tornar comum. O que conhecemos como mais próximo aos *sounds-sistem* seriam os trio-elétricos dos carnavais nacionais. A cultura da disc-music, as sonoridades amplificadas e as rimas, a cultura oral ritmada passaram a ser os tais objetos a que Volochinov (2015) se refere, os quais receberam a semântica ideológica da consciência da não ocidentalização ou do local da negritude.

Compreendemos melhor a “relatividade” constituidora do gênero do enunciado quando percebemos que a forma da enunciação sempre corresponde a uma forma relativa de organização social. O diapasão entre essas duas grandezas é justamente o conjunto de fatores históricos que cercam o “pequeno tempo” em que tal gênero ocorre. Não podemos nos esquecer da importância do modo bakhtiniano de compreender a linguagem, isto é, a compreensão da comunicação verbal viva em que se avalia o significado, o conteúdo, o tema, incluídos na palavra por nós escutada ou lida.

As relações de classe perpassam não somente a entonação como também a construção da enunciação como um todo, sendo a realidade objetiva transformada em signo e mediada pelas hierarquias intrínsecas e interinas no jogo da interação verbal. Em determinados momentos, tipos de gêneros discursivos refletem e refratam essa inevitável sobredeterminação histórica. O rap é a própria materialização das contradições reais que sustentou a modernidade, pois “A realidade efetiva na qual o homem real vive é a história, este mar eternamente agitado pela luta de classe, que não conhece quietude, não conhece paz. A palavra, ao refletir a história, não pode não refletir as contradições, o momento dialético, a sua

constituição” (VOLOCHÍNOV, 2015, 196). Isso fica visível quando olhamos os reutados das empreitadas neoliberais que ganharam forma nos anos 70, quando as tensões sociais foram generalizadas nas zonas mais pobres.

2.7 O Rap como “diferença colonial” e “pensamento fronteiriço”

[...] Somente a aparição em cena de um novo grupo social, no qual essas estas mesmas palavras (‘natureza’, ‘vida’, ‘estado’, ‘classe’, etc.) são vividas desde o início e receberam um sentido nas situações quotidianas e nos contextos avaliativos completamente diversos, pode reproduzir uma revolução séria da forma artística (VOLOCHÍNOV, 2011, p. 241).

La ‘diferencia colonial’ es el espacio en el que se articula la colonialidad del poder. Es también el espacio en el que se está verificando la restitución del conocimiento subalterno y está emergiendo el pensamiento fronterizo. La diferencia, es, finalmente, la localización tanto física como imaginaria desde que la colonialidad del poder está operando [...] La diferencia colonial crea condiciones para el desarrollo de situaciones dialógicas en las que una enunciación fracturada es representada desde la perspectiva subalterna como una respuesta al discurso y a la perspectiva hegemónica (MIGNOLO, 2003, p. 9-11).

O enunciado artístico revolucionário, assim como nessa epígrafe Volochinov (2011) nos orienta, precisa da exotopia sócio-histórica. Quando se enxerga de fora uma dada cultura, fissuras e lacunas emergem das esferas que dela se constituem com maior vivacidade aos sentidos de uma época. As fronteiras entre a linguística e a poética, assim como defendida por (VOLOCHINOV, 2013, p. 213-249) são dialógicas - se é que importa se tais fronteiras realmente existam, dado que os debates do Círculo de Bakhtin sempre buscavam contradizer a monologia do pensador da época com vistas a se defender a alteridade, dado que não se compreendem como dicotômicas as análises morfológicas de referências históricas. O pensamento fronteiriço é translógico porque valoriza vozes múltiplas, esse pensamento é repleto de polifonia sempre emaranhado de possibilidades. Um aspecto importante a ser considerado é justamente a questão da necessidade do *ser-estrangeiro*, do lugar de fala e de cosmovisão minimamente diferentes das eurocentralidades, afrocentralidades, centralidades outras quaisquer para que um gênero plenamente novo surja e possa se colocar como novo, vivo e realmente de destaque. Vindo de um lugar fronteiriço, isto é, da América Central no contexto já citado do neo-liberalismo, o *dub*⁴⁶ da Jamaica ganha espaços nos guetos norte-americanos. O elemento

da exotopia ressaltado por Volochínov (Op.cit) ganha corpo quando a tradição musical que possibilita formas de agremiação chega às Américas, local em que se forjou a modernidade por meio das inúmeras *colonialidades* e, ao mesmo tempo abriu brechas para o pensamento de fronteiro (aquele que defende as singularidades e as localidades em detrimento das globalizações).

Com isso, afirmo em corroborando com Paul Gilroy (2001), de que as diásporas do Atlântico Negro são constantes e multiformes, pois não são acabadas, estando ainda sob o movimento contínuo do que ocorrera com o tráfico de imigrantes. O *Hip Hop*, nesse contexto, é a *exotopia* dessa *diáspora* constante, por isso tão revolucionário e diferente, por isso tão próximo ao *princípio material e corporal*, tão próximo ao *realismo grotesco*. Criou-se uma esfera cultural em que se subverte valores cuja base individualista e dicotômica toma formas de expressões contrárias a essas predicções, aproxima-se daquilo a que se necessitava na época, ou seja, de um lugar-comum de onde se podia gritar por reconhecimento pela desagregação. Não se vai longe quando uma manifestação cultural não encontra horizontes bem definidos quanto às demandas sociais.

Práticas de socialização com música em que se rima, em que se canta ou entoia certa mensagem não nos é estranho. Quando percebemos o protagonismo dos repentes nordestinos quanto aos jogos de contra-palavras ou dos concursos de jactância, ou das brincadeiras dos “thedozens”⁴⁷(as dúzias, jogos de narração e disputa) na América do Norte, é possível perceber o quanto é comum atos de enunciações ritmadas com bases em disputas socializadas. No entanto, como aqui já expressei quanto à necessidade de atos de tensividade social e de *exotopias* estrangeiras para a emergência de um gênero realmente novo, valho-me do protagonismo musical no contexto da tradição das festas com os *sound-sistens*⁴⁸ jamaicanos e da confluência histórica no processo de surgimento do gênero rap. A imigração e a formação das *exterioridades*, isto é, de uma massa significativa de mão de obra ociosa, de populações sub-representadas e alocadas socialmente estão ligadas fortemente com o fato de ter sido um *ato responsável* potencial o surgimento do *Hip Hop*.

O *Hip-Hop* nasceu das festas organizadas por Kool-Herc e Grand Master Flash, mas não foram os DJs os responsáveis pelo seu surgimento e sim o afro-estadunidense Kevin Donovan. Freqüentador das festas organizadas pelos DJs, Donovan trocou sua gangue pela arte de rua e

47

48

seu nome por Afrika Bambaataa. Segundo Leal (2007), em 1973, Bambaataa fundou a Universal Zulu Nation, uma organização não-governamental que teve como lema a frase “Paz, Amor, União e Diversão. Dessa forma, o aparecimento do *Hip Hop* está intrinsecamente ligado à organização, o que explica ser ele um movimento cultural formado por diferentes elementos artísticos e não por apenas um gênero musical, como é frequente e erroneamente confundido.

Após a Segunda Guerra Mundial, um grande número de contingente se deslocara de Porto-Rico, Jamaica e Cuba para os Estados Unidos em busca de melhores condições de trabalho. Logo, dado a condição de fragilidade das populações sub-representadas, as zonas mais afastadas de Nova Iorque e de outras cidades passaram a ser o reduto dessa população. Dado o contexto de recessão econômica e as consequentes disputas entre gangue e facções mediante um quadro social extremamente complexo, as opções de lazer se reduziam a festas e encontros ao redor dos *sound-systems*. Grandmaster Flash e Kool-Herc eram grandes agitadores-líderes e músicos, ocupando os lugares de MC e DJ ao mesmo tempo.

Os principais elementos que compõem o *Hip Hop* são: o DJ, o grafite, o rap e o break. No entanto, a Universal Zulu Nation esclarece que a dança não se restringe ao break, incluindo também outras modalidades. Provocar a reflexão sobre os processos de tradução cultural como mecanismos realizados pelos líderes-comunicadores referidos por Luiz Beltrão (1980). De acordo com os textos disponibilizados pela Universal Zulu Nation, a principal preocupação dos criadores do *Hip Hop* é que o público não tenha domínio sobre o verdadeiro propósito do movimento pelo fato de alguns rappers utilizarem-se da musicalidade para divulgar o que Bambaataa (2010) chama de “negatividade”. Para tanto, o idealizador do movimento incluiu o quinto elemento do *Hip Hop*, ao qual se refere como “conhecimento”. Segundo a Universal Zulu Nation, o quinto elemento consiste em esclarecer as pessoas sobre a história e os elementos fundamentais da verdadeira cultura *Hip Hop*. Bambaataa (2010) esclarece que o movimento foi criado para difundir temas como a paz, o amor, a união e a diversão, a fim de afastar as pessoas dos problemas que assolavam as ruas, como a violência e as drogas.

Bakhtin (2012) chama por “ato responsável”, a dinâmica de não separação entre a vida, a arte e a teoria. Se a perspectiva ocidentalizante depende da função de *dissociação* entre as partes que compõem, seja o que for, o ato responsável é a junção da *consciência cultural* e *consciência viva*, pois “Diversamente, os valores culturais, cognitivos, científicos, estéticos e políticos tornam-se valores em si e perdem toda possibilidade de verificação, de funcionalidade, de transformação” (BAKHTIN, 2012, p. 25). Quando se exige que junto ao

Movimento *Hip Hop* se tenha o “conhecimento”, procura-se, de certa forma, o *ato responsável* pelo qual a cultura há de se encontrar com a vida, pelo qual se encontrará certo equilíbrio na dinâmica entre as instâncias da sociedade acima descritas. Nos dois enunciados a seguir de Criolo, a vida em seu curso real e não fictício é ritmado em se expondo de forma mais nitidamente possível as amarguras da realidade cruel do *sistema-muerte*⁴⁹ (WALSH, 2017) em que a população sub-representada vive. Desse modo, pode-se perceber que se houver *dissociações*, sejam quais forem nesse gênero, ter-se-á, então, uma contrariedade por princípio da proposição, da tensão social necessária à enunciação de um rap. Do lado esquerdo a música “Esquiva da Esgrima” e, do outro, “Boca da Lobo” (2019). O que se sampleia remete à “diferença colonial” e ao “pensamento fronteiroço” da seguinte forma:

Falar demais chiclete azeda Chama o SAMU e ensina pra esse comédia Respeitar nossos princípios Tem mais Deus pra dar que cês tudo num penico Antigamente resolvia na palavra Uma ideia que se trocava O respeito que se bastava Dinheiro é vil, tio geriu, instinto viril AR-15 é mato e os muleque tão de fuzil Do Grajaú ao Curuzu, pra imigração meu povo é mula Inspiração é Black Alien, é Ferrez não é Tia Augusta Verso mínimo, lírico de um universo onírico Cada maloqueiro tem um saber empírico Rap é forte, pode crêr, Uimessier Perrenoud, Piaget, Sabotá, Enchanté É que eu sou filho de cearense A Caatinga castiga e meu povo tem sangue quente Naufragar, seguir pela estrela do norte Nas bença de PadimCಿçoas letra de Edi	Aonde a pele preta possa incomodar Um litro de Pinho Sol pra um preto rodar Pegar tuberculose na cadeia faz chorar Aqui a lei dá exemplo: mais um preto pra matar Colei num mercadinho dum bairro que se diz pá Só foi meu pai encostar pros radintudin inflamar Meu coroa é folgado das Barra do Ceará Tem um lirismo bom lá, louco pra trabaiair Num toque de tela, um mundo à sua mão E no porão da alma, uma escada pra solidão Via satélite, via satélite 15% é Google, o resto é deep web Na guerra do tráfico, perdemovários ente Plano de saúde de pobre, fi, é não ficar doente Está por vir, um louco está por vir Shimigami, deus da morte, um louco
---	--

Rock Calar a boca dos lóki Pois quem toma banho de ódio exala o aroma da morte	está por vir Véio, preto, cabelo crespo Made in Favela é aforismo pra respeito Mondubim, Messejana, Grajaú, aqui é sem fama Nos ensinamentos de Oxalá, isso é bacana Na porta do cursinho, sim, docim de campana LSD, me envolver, tem a manha Diz que é contra o tráfico e adora todas as crianças Só te vejo na biqueira, o ativista da semana
---	---

“Esquiva da Esgrima” fora lançada no mercado em 2014 e como o próprio título da música sugere, a esgrima representa, tal como o esporte, o lugar social dos abastados, ou seja, entoa-se ao *destinatário terciário* ou *secundário*, a depender de quem ouve, a tensão entre o trabalhador ou pessoa da comunidade e o burguês, fato que gera uma segunda tensão principal: a necessidade de se curvar, de se curvar do golpe da esgrima, ou melhor, do golpe burguês. O termo “comédia”, destina-se geralmente àquele que não está no padrão da compreensão do *horizonte social* em questão, ou seja, aquele que vacila por alguma razão ou não está de acordo. “Falar demais” faz com que o doce do chiclete se finda, vindo, então, o amargo ou o “azedo”.

A relação de distanciamento, do lugar outro, da outra cultura, da “ponte para lá”⁵⁰; enuncia-se com fatores de refração dessa comunidade que pratica esgrima e que tem por princípio a prática do consumo que onera, principalmente, àqueles que servem à estrutura desse consumo, isto é, à parcela que resulta dos projetos neoliberais. A fronteira da palavra entre a língua que corre nas ruas (o som das ruas) e a língua padrão, gera novas formas de dizer que só são compreendidas por certas esferas, disso, minha demanda é me debruçar sobre esses enunciados decoloniais para que seja possível dele extrair e compreender esse outro lugar para se chegar em outro lugar também: “Tem mais Deus pra dar que cês tudo num penico” entoa a grandeza de um *devir* metafísico em fase de uma realidade desigual, cuja classe burguesa pouco se preocupa com as necessidades alheias, sempre com misérias e

⁵⁰ “Da ponte pra cá” é uma música dos Racionais MC’s em que se enfatiza o distanciamento cultural e as fissuras e mazelas sociais que se efetivam quando se está próximo de realidades na qual viviam os componentes do grupo, em Capão Redondo.

panelaços quando há qualquer ascensão social por parte dos pobres como pode ser verificado nos anos de 2002 a 2012. As *dissociações* que as formas contactuais movidas pelo dinheiro promovem “a ideia que se trocava e o respeito que se bastava” a meras formas fora de moda em que o “Dinheiro” “vil”, mediante o “instinto viril” - que encadeou as bandeiradas, à formação do estado-nação pautado na escravidão, seja do indígena, da mulher ou de outras formas de vida, como fundantes das relações que apartam e segregam.

Assim como os Racionais, o rapper Criolo na música “Esquina da Esgrima”:

faz uma crítica ao lucro e a super-valorização do dinheiro que substitui o respeito e a palavra. Ele é motivador de mortes e guerras. Relata ainda a vida na periferia, o acesso às armas e a violência citando o Grajaú onde foi criado, cita importantes rappers nacionais em contraposição a Tia Augusta, uma antiga agência de turismo que levava jovens descanpados para a Disneylândia. [...] Ele ainda faz uma analogia aos antigos negros escravizados e a violência policial de hoje. (MOTA & GRISOLIO, 2017, p. 55)

“Mato é sinônimo de “grande quantidade. Esse termo é muito usado no interior de onde venho. “AR-15”, uma das armas mais eficazes disponíveis no mercado brasileiro – logo será substituída, pois com o decreto de liberação de armas atual⁵¹, a indústria de armas ganhará novas dimensões – está na mão de moleques (termo originado no período da escravidão para designar filhos de escravos; jovens escravos) e não de oficiais. O milicianismo no Brasil ganha formas muito parecidas tal qual a guerrilha na Colômbia, mas o mais grave e aquilo que mais causa pânico, sem dúvida é o fato de que a população sofre os efeitos do narcotráfico legal (não há tráfico de drogas em larga escala sem o conhecimento e envolvimento por parte das instituições públicas) ou “ilegal”.

Mula, mulato, mulata: aqueles que emulam a pureza de uma raça. Trata-se dos crisolo no que diz respeito a “raça humana”. O deslocamento pendular do Curuzu, bairro de Salvador onde se encontra uma grande concentração de afro-brasileiros e onde surgiu a formação do primeiro bloco afro brasileiro, Ilê Aiyê, ao Grajaú, bairro do rapper Criolo, para imigração (para aqueles que são considerados imigrantes, isto é, todos aqueles que são contrários às mulas). “Meu povo é mula” - remete ao *processo diaspórico* que ainda é constante e tanto se faz presente. Saltando para o segundo enunciado, no rap “Boca de Lobo”, procura-se fazer emergir tudo o que historicamente procurou-se esconder quanto aos processos mais cruéis da formação de nosso Estado-nação e que ainda permanece em nossos dias. Há uma releitura bem

diferenciada quando se trata do clip que se fez da letra em questão – o que também será considerado mais adiante. Nos primeiros três versos do enunciado de antemão, ressalta-se a questão do lugar em que o negro ocupa e das consequências da presença do negro. A fisiologia do vergalho - faço aqui uma alusão ao conto “O vergalho” - em que os sistemas de policiamento são incorporados e reproduzidos por aqueles que sofreram o próprio processo da escravidão, é gritante quando se percebe que o humano negro é quem mais sofre os danos da desestrutura social e da negação da própria existência.

No trecho “Aonde a pele preta possa incomodar” sugere um incômodo ainda maior do que o habitual. Rafael Braga, catador de lixo reciclável foi detido em 2013, quando participava de uma manifestação que ocorrera no Rio de Janeiro por portar uma garrafa de Pinho Sol que segundo os policiais se tratava de “materiais explosivos”. Rafael Braga fora condenado a 4 anos e 8 meses de reclusão em regime fechado. A “pele preta incomoda” e é criminalizada em diversas instâncias e a palavra dos *griots*, dos Emicidas e dos Criolos tende a se manifestar como a memória do *pequeno tempo* da maneira mais substancial que possa haver, “Um litro de Pinho Sol pra um preto rodar” e “Colei num mercadinho dum bairro que se diz pá/Só foi meu pai encostar pros radintudin inflamar” grita, no bit em questão, a condição das *colonialidades* ainda presentes que ainda recaem na tão famigerada “democracia racial” A realidade carcerária no Brasil, historicamente, gira em torno de práticas de cerceamento e o *modus operandi* da indústria do encarceramento que precisa de consumidores, os quais têm como perfil a cor da pele em questão, trata-se de uma indústria perigosa e que causa profundas chagas na estruturação social e familiar com base em ódio instaurado necessário para que a culpa recaia e as práticas de criminalidade e encarceramento se perpetuem

Na sociedade do espetáculo, a manipulação do ódio se dá pelos meios de comunicação de massa. Nesse contexto de imaginação manipulada e controlada, o que ninguém percebe é que o ódio que transita não lhe pertence. Assim como as pessoas vivem a repetir ideias prontas que são suas, que são impensadas, do mesmo modo, reproduzem afetos que não são seus. O vazio afetivo é vivido com emoções alheias, com mercadorias emocionais, daí o verdadeiro culto de emoções, que vemos em um estádio e futebol, igrejas, diante das televisões e até mesmo nas ruas. O vazio emotivo, efeito de subjetividades canceladas, é vivido como anestesia insuportável. Muitas pessoas encontram o ódio nesse momento e sentem, por meio dele, uma específica sensação de autoridade, o ódio faz um sucesso impressionante nas instituições que controlam o poder.

“Pegar tuberculose na cadeia faz chorar/ Aqui a lei dá exemplo: mais um preto pra matar”. As marcações a ferro foram reconfiguradas a marcações estereotipadas socialmente. Isso já pronto e formatado, a sugestão de ouvir Black Alien e Ferrez aponta para uma prévia consciência dessas marcações e a formas de como superá-las, transgredi-las sem que se caia nas armadilhas reificantes e superficiais de “projetos sociais como o da Tia Augusta”, em que quase nada acrescenta de efetivo para uma emancipação das condições reais em que se apresenta a juventude negra brasileira. Em cada “verso mínimo, lírico de um universo onírico” reside um saber empírico” construído pelo “conhecimento defendido por África Bambaata com o 5º elemento do *Hip Hop*”. A força do rap está na revelação das forças centríscidas e centrífugas que giram em torno da configuração social da modernidade brasileira e isso vem com certo teor de ironia transfigurada em realidade que incide sobre a questão dos deslocamentos que aqui reafirmo: “Rap é forte, pode crêr, Ui messier, Perrenoud, Piaget, Sabotá, Enchanté” desloca as seguintes referências e formas cultas ao linguajar das ruas: “Oui, Monsier – sim, senhor”; Perrenoud – Phillippe Perrenoud, sociólogo e antropólogo que norteia teorias pedagógicas pauta nas diversas competências, a qual depende de diversos fatores como adaptação e discernimento com base na realidade do aluno; Piaget (ANO) e seu método construtivista; Sabotá, ao verbo saboter (sabotar), mas que aqui ganha também referência ao rapper Sabotagem, o qual defendia o compromisso em se fazer rap como uma forma de emancipação, tanto que em “Boca de Lobo”, que reafirma “rap não é um prato onde se estica o que se quer”; *Enchanté* é o único termo que se mantém original, talvez como forma de trazer ainda mais presentemente o idioma ao qual se refere. A palavra das ruas tende a estar na sua forma coloquial e quanto mais simplesmente se aproxima da palavra do povo, mais a ele se enuncia.

Há duas referências cronotípicas importantes a se ressaltar nesse momento com relação às origens nordestinas em fase da realidade paulistana, a fim de enfatizar as diferenças socioculturais que dão o tom do “estrangeirismo” de quem entoia, do deslocamento de quem enuncia perante do que é dito: “Calar a boca dos lóki”, isto é, daqueles com ideias e percepções distorcidas da realidade de quem enuncia precisa de uma exotopia não só inevitável ao próprio ato da criação verbal, mas também de um lugar outro, um lugar em que o *modus operandi* da ética paulistana segregacionista fica em evidência, pois assim como enuncia um griots das gerais da Bahia, Radamés Benevides.

Benevides(2014) em sua leitura de Bakhtin sobre a questão do tempo nas obras literárias, diz que: "entendemos, dessa forma, que o cronótipo é um processo/procedimento, é também elemento integrante da atividade, de assimilação ideológica literária do tempo" (BENEVIDES, 2014, p. 293). São dois tempos ou mais que se chocam na configuração das realidades de quem promove a exotopia decolonial, pois a experiência da modernidade aproximou distâncias e segregou em intensidades jamais vistas, o que refrata na pluralidade do ser.

É que eu sou filho de cearense
 A Caatinga castiga e meu povo tem sangue quente
 Naufragar, seguir pela estrela do norte
 Nas bença de PadimCíçoas letra de Edi Rock
 Calar a boca dos lóki
 Hoje não tem boca pra se beijar
 Não tem alma pra se lavar"

As negações da " boca pra beijar", da "alma pra se lavar" e da "vida pra se viver", reafirmam o império do capital especulativo, no qual se reifica vidas, no qual se faz perder os laços familiares, no qual se neutraliza sob um terno em se colocando como um outro que está monológico a outro. O "céu da boca do inferno", o ápice dos lucros, o máximo da formação das *exterioridades* em favor de um capital que se utiliza de recursos humanos. Lembro-me da voz da outra **Boca do Inferno**, de Gregório de Matos⁵², talvez melhor aqui dialogizado nos versos: "É mais rico quem mais rapa"/O nobre a vil língua decepa", quando na expressão barroca as antíteses e dicotomias são apresentadas de forma espelhada nas contradições sociais que são ainda hoje presentes quando se leva em consideração as questões da desigualdade e dos impedimentos ao crescimento econômico real.

A máfia é o maior "argumento", em que dele se extrai e se elimina do/no outro, sem piedade nem dó, como se assim nada fosse que maior que a grana, então, dá-se um, dois, três, quatro tiros por dinheiro, cinzo por ódio, seis por desespero e 7, assim como sete dias tem uma semana para que pare no buero, onde reside dejetos, ratos e tudo o mais objetificável. "Enquanto isso", contemporaneamente ao que se vive, novos projetos de neoliberalismo são executados por "seven boys". E o *sistema-muerte* se perpetua. Que Catherina Walsh entoia nesse contrapalavra repetida, nesse refrão!

52 "Boca do inferno" é o título da obra de... que escrevera sobre a obra e vida de Gregório de Matos e o quanto fora evolucionário em sua poética, o que causou grandes comoções à época lhe sendo imposto o exílio.

<p>Uma bola pra chutar, país pra afundar Geração que não só quer maconha pra fumar Milianos, mal cheiro e desengano Cada cassetete é um chicote para um tronco Alqueires, latifúndios brasileiros Numa chuva de fumaça só Bin Laden mata a sede Novas embalagens pra antigos interesses É que o anzol da direita fez a esquerda virar peixe Osiris olhe por mim, me afaste de Javolin Quem não tem moto não sai da foto Mobiletes com motor de dream Tentou fugir, foi lá que eu vi Sem capacete, levou rola, Deus acorde e vamo aí É a esquiva da esgrima, a lagrima esquecida A cor da minha pele, eu sei, tem quem critica Por que a serpente é pra maçã É o que a maçã reflete pra mídia É que Abel tinha um irmão Mas Caim tinha malícia</p>	<p>Nem Pablo Escobar, nem Pablo Neruda Já faz tempo que São Paulo borda a morte na minha nuca A pauta dessa mesa coroné manda anotar Esse ano tem massacre pior que de Carajá Ponto 40 rasga aço de arrombar Só não mata mais que a frieza do teu olhar Feito rosa de sal topázio, és minha flecha de cravo Um coração que cai rasgado nas duna do Ceará Albert Camus, Dalai Lama A nós razão humana, Spock, pinça vulcana Clarice já disse, o verbo é falha e a discrepância É que o diamante de Miami vem com sangue de Ruanda Poder economicon, cocaine no helicopteron Salário de um professor: microscópicon Papiro de papel próprio, letra com sangue no olho de Hórus É que a industria da desgraça pro governo é um bom negócio</p> <p>Vende mais remédio, vende mais consórcio Vende até a mãe, dependendo do negócio Montesquieu padece, lotearam a sua fé Rap não é um prato onde cê estica o que cê quer É a caspa do capeta, é o medo que alimenta a besta Se três poder virar balcão, governo vira biqueira Olhe, essa é a máquina de matar pobre No Brasil, quem tem opinião, morre</p>
---	--

Sampleando dos dois trechos acima, recairemos em um horizonte de alerta o qual, de certa maneira, realiza uma radiografia de um Estado atual e velho ao mesmo tempo, pois jamais se pode esquecer que o velho e o novo sempre se encontram e o *devir* se resume ao que já é no que está por vir. Quando estive na França eram três as principais referências sobre o Brasil: futebol, samba e mulheres bonitas. “Uma bola pra chutar, país pra afundar Geração que não só quer maconha pra fumar” (Referência) ressalta a imagem exata que presenciei e interna

propagada pelo louvor ao futebol, ao sexo e à festividade em seu sentido não bakhtiniano, isto é: não se vê a festa como libertação e transgressão ao trivial e corriqueiro do dia a dia que liberta das amarras do oficial, do jurídico e do civil em se louvando e se deixando sentir o corpo, as inversões, as caricaturas e mobilizações simbólicas cingidas pelo *princípio material corporal*, pela presença do outro como diferente do que de mim também se coloca como diferente no momento carnavalesco.

Há anos as estruturas sociais pautadas na rapinagem⁵³, “Milianos, mal cheiro e desengano”, cada cassetete é um chicote para um tronco”, que para sua perpetuação, se faz necessário não somente a manutenção de cada qual em seu lugar de subalternidade (classe social, gênero), mas desenvolver estruturas de subjetivações extremamente eficazes distanciando mudanças. Um caso mais claro disso é o “Princípio Prudência”: quando o negro não o sabendo, coloca-se no lugar do carrasco, do algoz, imaginando-se branco, tomando dessa forma, posturas de contenção e ordenamento social em que a figura do negro deve estar sempre subalterna

Na efetividade das peles negras e máscaras brancas, dos “Nhonos” contra “negros”, uma “Ponto 40 rasga aço de arrombar” “a carne mais barata do mercado, é a carne negra”⁵⁴. A partir meu *lugar de fala*, por não ser considerado negro no Brasil aos olhos da grande massa haja vista meu “colorismo” e acreditando fortemente na questão da dialogia e da alteridade como fundantes em nosso processo de transgressão às identidades, sou negro de pele clara, não pardo, não só pela melanina, mas pela historicidade que me remete a isso, mesmo tendo tido a real noção apenas quando passei pela França, na presença dos árabes, sobretudo. Entre “Alqueires, latifúndios brasileiros” e o diamante de Miami vem com sangue de Ruanda a raça humana padece pelas misérias e mazelas causadas pelos próprios humanos, que se sabotam e traem golpeando-se com “pinças vulcanas” (por isso a alusão a Spok, de Star Trek).

Um horizonte de desespero em que se clama a Dalai Lama, a Albert Camus e a Clarisse Lispector, pensadores que deslocaram a perspectiva ocidental, cada qual ao seu modo de olhar ao humano pela exotopia da dialogia escondida, e a Osíris e a Javolim, deuses da morte e do renascimento. No contexto dos últimos 20 anos de governabilidade brasileira, uma crítica veemente que se faz é à questão das políticas de consumo que foram instituídas como

53 Jessé de Souza (2016) usa a metáfora das “aves de rapina” para se referenciar às elites que se utilizam dos recursos materiais e humanos sem responsabilidade, tendo como sustentação um ausente projeto de nação, o que gera, de tempos em tempos, processos de golpes e retrocessos de âmbito devastador, como o golpe mais recente de 2016.

54 A Carne Negra, interpretada por Elza Soares.

motor da economia e do investimento em vendas de *commodities*, medidas voltadas para driblar a crise de 2008 e que, embora tiveram resultados significativos, as mesmas não trouxeram outros investimentos voltados a processos de diálogos com a população que passou a integrar a classe de consumidores, como empregadas domésticas, pedreiros e outros.

A voz de Mojica ajuda a compreender: “Conseguimos, até certo ponto, ajudar essa gente [pobres] a se tornar bons consumidores. Mas não conseguimos transformá-los em cidadãos”, diz em Los Angeles, nos Estados Unidos, para a BB News⁵⁵. Mediante esse aspecto ressaltado é que se expressa que houvera “novas embalagens a antigos interesses” fatorando que “o anzol da direita fez a esquerda virar peixe”. Em simples comparação, as medidas e as formas de elevação da economia obtiveram alguns resultados que não foram positivos na questão formativa e ambiental, mas quanto a essa última, mais adiante trataremos, no caso no capítulo 4.

Ainda sobre a questão da transfiguração de classes, quando se pensa em ser e estar em outros patamares por se poder consumir como antes não ocorria, o trecho seguinte traz, justamente a dimensão dos pequenos status e micropoderes: “Quem não tem moto não sai da foto/Mobiletes com motor de dream/Tentou fugir, foi lá que eu vi/Sem capacete, levou rola, Deus acorde e vamo aí” (Ref. Música), trazendo a realidade da apreciação social da juventude da região, do Grajaú, local “periférico” que, como em outros, há por parte de juventude, o hábito de modificar a configuração de uma moto ou carro, pondo-lhes novas rodas, acessórios e rebaixando a suspensão, a fim de imprimir estilo ao um item meramente seriado e sem destaque pessoal. Embora a prática da busca pelo estilo seja importante, o rapper critica a ilusória noção de pertencimento que se tem ao se ter uma dessas motos ou carros, pois ainda se leva “rola” de policiais quando se está sem capacete: “Tentou fugir, foi lá que eu vi/Sem capacete, levou rola, Deus acorde e vamo aí” (Ref. Música).

O trabalho de *transgradiência* empreendido em: “Poder economicon, **cocaine no helicopteron**/ Salário de um professor: **microscópicon**” promove um jogo de sentido de negação e ao mesmo tempo de reafirmação do poder econômico atrelado com o tráfico de drogas, em especial fazendo referência ao ocorrido em que a Polícia Federal apreendeu um helicóptero com 450 kilos de cocaína que pertencia ao deputado estadual por Minas Gerais, Gustavo Perrella (Solidariedade), filho do senador e ex-presidente do Cruzeiro Zezé Perrella

⁵⁵ Entrevista concedida ao BBC News Brasil em dezembro de 2018 e pode ser acessado através do link: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-46624102?ocid=socialflow_facebook>. Acesso em: 15 ago. 2019.

(PDT-MG), e ao fato do salário do professor ser tão pequeno, efeito oposicional que apresenta as disparidades de uma economia e administração estatal extremamente corrompida e sem projetos a longo prazo, já que a realidade da educação traz lacunas e falhas orientados pelo império desmedido da força econômica predatória: “Vende mais remédio, vende mais consórcio/Vende até a mãe, dependendo do negócio/Montesquieu padece, lotearam a sua fé”, império esse que transgride negativamente as bases dos três poderes: o executivo, o legislativo e judiciário, em que se ressalva o *status quo* do governo brasileiro que: “É que a indústria da desgraça pro governo é um bom negócio”, alusão aos empreendimentos que levam ao encarceramento.

“Rap não é um prato onde cê estica o que cê quer
É a caspa do capeta, é o medo que alimenta a besta
Se três poder virar balcão, governo vira biqueira
Olhe, essa é a máquina de matar pobre
No Brasil, quem tem opinião, morre”
(Boca de Lobo. CRIOLO. 2018)

2.8 A arquetônica enunciado-concreto Brasil

“O mito é o nada que é tudo.
O mesmo sol que abre os céus
É um mito brilhante e mudo -
O corpo morto de Deus,
Vivo e desnudo.

Este, que aqui aportou,
Foi por não ser existindo.
Sem existir nos bastou.
Por não ter vindo foi vindo
E nos criou.

Assim a lenda se escorre
A entrar na realidade,
E a fecundá-la decorre.
Em baixo, a vida, metade
De nada, morre”.

(PESSOA, 1934, p. ?)

Um enunciado é constituído por um projeto *de dizer*. Os mitos, então, no bojo do oximoro de Fernando Pessoa, são projetos que representam a forma como nos vemos e pela qual nos conduzimos. Os dizeres não estão separados dos fazeres, e as nossas volições estão mediadas pelas representações que fazemos de nós próprios e do outro. Mas de que forma o povo brasileiro se vê? Por mais que haja a perspectiva singular do enxergar-se a si, uma arquetônica primária, que chamo aqui de *arquetônica estado-nação*, subjaz as nossas percepções. O mito da democracia racial e da cordialidade brasileira são duas células de pensamento que se transmutam em metástase não nos permitindo enxergar as fraturas que recortam o tecido das esferas sociais que se encontram no Brasil. Creio não haver propriamente um projeto de nação em larga escala em nosso país, mas um projeto de reiteração do *status quo* que serve, desde tempos remotos da colonização, a um grupo seleto de familiares que constituem a elite brasileira. Frente a essas figurativizações da cordialidade, o *Hip Hop* descoloca o trivial e as *formas de vida* condensadas em projetos de colonialidades para um lugar de refrão de si mesmo *sui generis*, tal é a razão pela qual me enveredei nessas imensas sampleadas.

Esse movimento tem refletido acerca de estereótipos e estigmas produzidos por diversas instituições sociais como igrejas, escolas, meios de comunicação etc., procurando, a partir dessa reflexão, tomar posicionamento, na maioria das vezes crítico, mas também propondo uma nova forma de pensar as relações étnico-raciais e sociais, rompendo com a

suposta “cordialidade” existente nessas relações na sociedade brasileira. São muitas as definições e caracterizações encontradas nas diversas produções acadêmicas e bibliográficas existentes sobre o *Hip Hop*. Apesar de uma semelhança quanto aos elementos que o compõem (rap, break e grafite), o *Hip Hop* é constituído de diferentes formas políticas e organizativas que versam sobre assuntos variados e muitas vezes antagônicos politicamente. Podemos encontrá-lo de forma dispersa, a partir de seus elementos, ou formando núcleos, como é o caso das “posses” e dos movimentos organizados, que proporcionam o surgimento de movimentos sociais (SANTOS, 2005, p. 18).

Empoderar-se ou se apossar de um estado de consciência pressupõe condições para tal. Veremos mais adiante que após a Segunda Guerra Mundial e, principalmente na década de 90, muitos fatores contribuíram para que o *Hip Hop* ganhasse visibilidade e peso. As “posses” a que o trecho acima referencia diz respeito a formas de organizações sociais nas quais o *Hip Hop* rolava solto. Compreender alguns lugares “neutros” na forma como pensamos nos possibilita identificar os fatores operantes na formação do nosso modo de pensar do nosso dia a dia. Nesse sentido, por mito, Jessé de Souza (2016, p. 28) compreende “o lugar não trivial do dia a dia”:

além de seus trabalhos, as pessoas precisam dar sentido às suas vidas e, parte importante desse sentido é conferida pela forma como nos vemos e como somos representados nessa sociedade. Por conta disso, toda sociedade constrói um mito, ou seja, uma narrativa acerca do lugar de onde se vem, quem é e para onde se vai. Nas sociedades modernas, esse mito é sempre um mito nacional (SOUZA, 2016, p. 65)

Nesse sentido, tanto Fernando Pessoa, quanto aquele autor, estão de acordo sobre a necessidade de se compreender o mito no qual nossa sociedade fora constituída. Corroboro tanto com um, como com outro, com o objetivo de compreender a questão da formação do imaginário brasileiro-ocidental. Em vista disso, destaco alguns pontos importantes mediante o processo de formação do estado-nação brasileiro, projeto de discurso anterior e basilar a cada palavra que aqui se lê e a todo esse enunciado acadêmico.

Em sua obra fundamental, **Casa Grande e Senzala** (2002), Gilberto Freyre afirma que houve no Brasil a criação de “riquezas locais”, processo fundado nos dispositivos de “exploração, transferência e apropriação dos recursos naturais e dos particulares”⁵⁶, o qual se

⁵⁶ Por esse termo Gilberto Freyre definia o empreendedor não vinculado ao estado, cujas dispensas ao empreendimento da colonização eram daquele que pretendia cultivar a terra local.

diferenciou do processo de colonização anglo-saxão pelo fato do não total extermínio das populações autóctones, pois houve o “aproveitamento” desses povos. Tal feito, segundo o autor, ocorrera em razão de um “desvio”, pois não houve a criação de valores locais, mas de práticas da exploração típica do instinto econômico, instaurando-se, assim, em larga escala, uma colônia de plantação que aqui, nas ilhas subtropicais do Atlântico foram efetivadas a partir de uma técnica econômica, política e social inteiramente novas, fundadas a partir de dois movimentos: a) “o desenvolvimento da riqueza vegetal pelo esforço do particular; a agricultura; a sesmaria; a grande lavoura escravocrata” e b) “pelo aproveitamento da gente nativa, principalmente da mulher, não só como instrumento de trabalho, mas como elemento de formação de família”, de modo que “semelhante política foi bem diversa da de extermínio seguida por largo tempo no México e Peru pelos espanhóis, exploradores de minas, e sempre desbragadamente na América do norte pelos ingleses” (FREYRE, 2002, p. 81).

Freyre (2012), no contexto da formação do pensamento social brasileiro que remonta apenas ao final do século XIX, foi o primeiro a romper com o racismo científico e o determinismo geográficos vigentes na sociologia até 1930. Embora o autor tenha contribuído sobremaneira para uma intensa compreensão dos valores culturais oriundos do hibridismo e garantido a esse processo sua devida importância na configuração do povo brasileiro, Freyre não enxergava os conflitos inerentes a todo processo de colonização e escravização que por ele fora tão bem representado. Essa “naturalização” e “neutralidade” das relações sociais constitui a principal crítica tecida por Florestan Fernandes (1966).

Não existe democracia racial efetiva, onde o intercâmbio entre indivíduos pertencentes a 'raças' distintas começa e termina no plano da tolerância convencionalizada. Esta pode satisfazer às exigências do bom-tom, de um discutível 'espírito cristão' e da necessidade prática de 'manter cada um no seu lugar'. Contudo, ela não aproxima realmente os homens senão na base da mera coexistência no mesmo espaço social e, onde isso chega a acontecer, da convivência restritiva, regulada por um código que consagra a desigualdade, disfarçando-a e justificando-a acima dos princípios de integração da ordem social democrática.(FERNANDES, 1960, p. XIV *apud* SILVA, p.220).

Seria praticamente impossível que as técnicas econômicas, política e social inteiramente novas, descritas acima, se fundassem sem a imprescindível violação do alheio, do outro não europeu. A teoria da mestiçagem que defende que a teoria racial é de cunho profundamente ideológico e que não traduz a diversidade do povo brasileiro, razão pela qual se justificaria a abolição das cotas e programas sociais voltados para negros – pois há tantos desses quanto brancos e mestiços na zona da pobreza se apoia, de certa forma, na visão passiva e de amabilidade presente na obra de Gilberto Freyre (2002) a partir da descrição e da precisão investigativa que beira ao naturalismo sem que se teça criticidade ao que ocorrera; o que confere à investigação de sua obra é o estabelecimento da noção de cordialidade e naturalidade dos modos primários de exploração que por cá foram empenhados. Freyre (2002) também atribuiu com os processos de escravidão, momentos brandos e mais violentos, a depender da cordialidade entre senhor e escravo, o que, no geral, traz como perspectiva narrativa a visão de um homem com inúmeros privilégios, fato que não minimiza sua trajetória, cuja obra já citada contribui como panorama da nossa realidade e formação do pensamento social e “mitológico”. O convívio sempre fora e continua sendo, de certa maneira, restrita aos códigos civis e de conduta, mínimos para que a manutenção da máquina colonial permaneça.

Há quem defenda que a obra de Freire (2002) não fora dotada apenas de um campo de visão distanciado, mas que colocou em xeque, em níveis de realidade, do não europeu como se pode observar na seguinte passagem:

Sempre que consideramos a influência do negro sobre a vida íntima do brasileiro, é a ação do escravo, e não a do negro por si que apreciamos. (...) Ao lado da monocultura, [a escravidão] foi a força que mais afetou a nossa plástica social. Parece às vezes influência de raça o que é influência pura e simples do escravo: do sistema social da escravidão. Da capacidade imensa desse sistema para rebaixar moralmente senhores e escravos. O negro nos aparece no Brasil, através de toda nossa vida colonial e da nossa primeira fase independente, deformado pela escravidão. (...) O negro deve ser julgado pela atividade industrial por ele desenvolvida no ambiente de sua própria cultura, com interesse e entusiasmo pelo trabalho. (Ibidem, 2006, p.397).

O que não se pode negar é a questão do *lugar de fala*, de apreensão e de visão do autor, sua exotopia perante o que se é expresso em enunciados concretos, os quais, por sua vez, resultam de referências plenamente díspares daqueles sobre os quais se descreveria e se teorizava. Gilberto Freire era homem, branco e de uma classe social que o dotava de um distanciamento praticamente intransponível. Representar ao outro no contexto ocidental é já ter claramente projetos de discursos estabelecidos e dos quais não se pode superar. O mito da democracia racial, da amabilidade inata ao processo colonizador português perante o indígena e o escravo, fora nada mais, nada menos, que um projeto fundador do enunciado Brasil. A obra *Casa Grande e Senzala* foi e ainda é, uma das obras que revela processos históricos, cujo aporte cultural prevalece sobre o de estigma, mas de que toda forma, orientou os estudos raciais no Brasil, seja na direção contrária do que afirma, seja na manutenção da consideração da passividade entre o europeu o indígena e o não indígena. Creio que a capacidade de contrapalavras que a obra sugere é sua maior contribuição, pois ao enunciar concretudes tais como:

A escassez de capital-homem supriu aos portugueses com extremos de mobilidade e miscibilidade, [...], em uma atividade genésica que tanto tinha de violentamente instintiva da parte do indivíduo quanto de política, de calculada, de estimulada por evidentes razões econômicas e políticas da parte do Estado. [...]. Quanto a miscibilidade, nenhum povo colonizador dos modernos, excedeu ou sequer igual ou nesse ponto os portugueses. Foi misturando-se gostosamente com mulheres de cor logo ao primeiro contato e multiplicando-se em filhos mestiços que uns milhares apenas de machos atrevidos conseguiram firmar-se na posse de terras vastíssimas [...]. A miscibilidade mais

do que a mobilidade, foi o processo pelo qual os portugueses compensaram-se da deficiência em massa ou volume humano para a colonização em larga escala e sobre áreas extensíssimas (FREYRE, 2002, p.70).

Evoca-se gritos de espanto com de Walsh (2017), que se coloca contra “o sistema capitalista-extractivista-patriarcal-moderno-colonial que nos está matando a todos (aunque no necesariamente de la misma manera)” (WALSH, 2017, p. 32), matança essa que se efetiva com maior intensidade sobre a natureza e sobre o corpo da mulher, a qual está submetida à “pedagogia da crueldade”, que consiste na destituição de sua individualidade, haja vista que o projeto colonial justamente depende(u) da “formação da família”, bem como explicita Freire (2002, p. 65) especificamente ao dizer que o corpo feminino é propriedade do estado e das figuras que representam o patriarcalismo, dado que “atraídos pelas possibilidades de uma vida livre, inteiramente solta, no meio de muita mulher nua, aqui se estabeleceram por gosto ou vontade própria muitos europeus do tipo que Paulo Prado retrata em traços de forte realismo. Ganhões e degredados”(SAGATO EM GAGO, 2016,p.?apud WALSH, 2017, p. 29). Eis que tais práticas instituíram uma pedagogia cruel de subalternização da mulher indígena e, posteriormente, da mulher negra trazida da África. Tal “pedagogia da crueldade” é a estratégia da reprodução do capitalismo que da necessidade da formação de contingente humano como na época colonial se transfigurou em reserva de mão-de-obra.

La crueldade expresiva denota la existencia de una soberanía paraestatal que controla vidas y negocios en un determinado territorio y es particularmente eficaz cuando se aplica al cuerpo de las mujeres. Este ‘método’ es característico de las nuevas formas de la guerra no convencionales, inauguradas en nuestras dictaduras militares y guerras sucias contra la gente, en las guerras llamadas internas, en la soldadesca asalariada de las empresas militares privadas, en el universo de los sicariatos que trabajan para las mafias, y en acionar paraestatal de las fuerzas estatales de seguridad en tiempos de ‘democracia real’. Por eso hablo de una nueva conflictividad informal y guerras no-convencionales que configuran una escena que se expande en el mundo y, en especial en América Latina, con muchas fases. Allí, la crueldad expresiva es la estrategia, y el cuerpo de las mujeres y niños es el objetivo táctico, para alcanzar, por la ejemplaridad y trutulencia, el tejido social en su centro de gravedad. (REFERÊNCIA)

O estado de guerra no qual nos encontramos não está à luz da consciência da maior parte da população porque há um *status quo* no modo de pensar cuja substância é justamente a *dissociação de valor*⁵⁷ da formação escravocrata do estado-nação brasileiro que se mantém ainda hoje por vias transfiguradas em instituições tais como o sistema carcerário orientado por um direito penal arbitrário e parcial e que se serve da milicialização da polícia militar que resguarda políticas de exclusão e periferização de grandes conglomerados humanos em sua maioria negros, pardos migrantes. Quem exerga e tem poder de ação sobre isso, como líderes políticos e deputados, à guisa da do modo de governabilidade brasileiro, é brutalmente assassinado

Os seis parágrafos anteriores foram escritos ontem, dia 15 de março de 2018. Na passagem de uma lua a outra, mais uma morte, mais um exemplo de feminicídio ocorreu como colorário daquela *guerra-muerte* referida por CatharineWalsh (2017). Acabo de voltar de uma imensa passeata na avenida Paulista, de onde mais de 100 mil pessoas lutaram contra o brutal assassinato de Marielle Franco, deputada e militante negra que ocupava a função de relatora dos processos de apuração das ações da intervenção militar no Rio de Janeiro. Marielle denunciara dias atrás as execuções do 41º Batalhão da Polícia Militar da capital carioca de Acari, o batalhão que mais mata (SAFATLE: C8:2016), de dois jovens que foram jogados em uma vala comum. Essa mulher representava e desempenhava a consciência crítica e aparelhada por sua função social como vereadora. Em sua pesquisa de mestrado, as UPPs (UNIDADE POLÍCIA PACIFICADORA) foram compreendidas como mais uma instituição que promove e regula a marginalização e a manutenção do apartamento social que garante a reserva humana para as instâncias do capital; em suas palavras:

O objetivo desta dissertação é demonstrar que as Unidades de Polícia Pacificadora (UPPs), enquanto política de segurança pública adotada no estado do Rio de Janeiro, reforçam o modelo de Estado Penal. Para tal é necessário apresentar um estudo sobre o significado das Unidades de Polícia Pacificadora (UPPs) pela perspectiva da Segurança Pública e fundamentado nos elementos da Administração Pública. Trata-se de averiguar quais as relações contidas nestas Unidades, intrínsecas ao processo de elaboração e consolidação de

⁵⁷No sentido de Rosevicks (Referência).

políticas na área de segurança pública. Nesse sentido, haverá um esforço de identificar se as Unidades de Polícia Pacificadoras representam uma alteração nas políticas de segurança ou se estas se confirmam como maquiagem dessas políticas [...]. Considerando a Favela da Maré como um dos elementos que corroboram para esta análise, uma vez que estes são caracterizados por elementos que sintetizam o modelo teórico proposto por Loïc Wacquant (2002), a saber, o processo de penalização ampliado, que colabora sobremaneira para a consolidação do Estado Penal, parte-se do pressuposto de que o modelo de análise proposto por esse autor, se aplicado ao caso proposto e guardadas as peculiaridades de cada contexto histórico-político, permite identificar um Estado Penal que, pelo discurso da ‘insegurança social’, aplica uma política voltada para repressão e controle dos pobres. A marca mais emblemática deste quadro é o cerco militarista nas favelas e o processo crescente de encarceramento, no seu sentido mais amplo. As UPPs tornam-se uma política que fortalece o Estado Penal com o objetivo de conter os insatisfeitos ou ‘excluídos’ do processo, formados por uma quantidade significativa de pobres, cada vez mais colocados nos guetos das cidades e nas prisões. (FRANCO, Citar)

Voltando ao enunciado de **Casa Grande e Senzala**, para além da questão naturalista imparcial que compunha a exotopia e o estilo de Gilberto Freire, as pesquisas que o mesmo realizara, foram de substancial importância para a compreensão do mosaico cultural que configura a nação brasileira, pois revela que em sua genética se encontra a manutenção de estruturas que corroboram com a pesquisa e a militância de Meirielle, a qual culminou em seu apagamento físico, em sua eliminação. Por meio do familismo houve a manutenção econômica e agrária do Brasil, que à sua época era ainda mais forte que o estado.

A família, nem o indivíduo, nem tão pouco o Estado, nem nenhuma companhia de comércio, é desde o século XVI o grande fator no Brasil, a unidade produtiva, o capital que desbravava o solo, instala as fazendas, compra escavos, boi, ferramentas, a força social que desdobra em política, constituindo a aristocracia mais poderosa da América. Sobre ela o Rei de Portugal quase que reina sem governar. Os senados da Câmara, expressões desse familismo político, cedo limitam o poder dos reis e mais tarde próprio imperialismo ou, antes, parasitismo econômico, que procura estender do reino às colônias os seus tentáculos absorventes.

Com isso, percebe-se que a unidade basilar da formação social brasileira se constitui na família. Órgão social mais vivo e relevante que, a partir de 1532, reuniu sob a base econômica da riqueza agrícola e do trabalho escravo, uma variedade de funções sociais e econômicas que no

campo da política se efetivava na oligarquia e no nepotismo, os quais, contudo, chocavam-se com os interesses clericais, os quais buscavam a hegemonia política e administrativa por meio da conversão de índios em domesticados para Jesus (FREIRE, 2002, p. 16).

O pensamento edêmico, resultado da visão fetichizada das **Terras Papagalli**⁵⁸, que aqui podiam ser encontradas, passa a ser um dos dispositivos de chamamento de europeus para o empreendimento de territorialização do Brasil. As formas de contato que desde o início foram puramente interessadas na troca comercial e na obtenção de metais, se concretizam nas formas de exploração primeiramente vegetais e, posteriormente, em capitanação de terras para o açúcar e a exploração de Minas, quando os processos anteriores (formação de contingente a partir do estupro) já estava em curso, isto é, tendo sido essa a primeira expropriação inicial.

A obra necessária ao comércio e à posse da conquista, exigia cabedais largos. A gente viria das sobras da Índia, dos inadequados à jornada, famintos de terras e cobiçosos de fortuna imediata, seduzidos pela enganadora visão do paraíso terrestre. Para o comando da empresa, os burocratas adestrados nos negócios do reino e do oriente, burocratas de nobre cepa, militares de experiência e tangidos interiormente pelo sentimento de lealdade ao rei. O braço negro da mulher, do homem, quando já esgotadas as práticas de expoliação e apropriação da força indígena tivera no contingente humano imenso trazido da África a nova configuração da exploração.

2.9 Trabalhadores do Brasil

Enquanto Zumbi trabalha cortando cana
 Na zona da mata Pernambucana
 Oloroke vende carne de segunda, a segunda
 Ninguém vive aqui com a bunda preta pra cima
 Tá me ouvindo bem?
 Enquanto a gente dança no bico da garrafinha
 Odé trabalha de segurança
 Pegando ladrão que não respeita
 Que não ganha o pão que o Tição amaçou honestamente
 Enquanto Obatalá faz serviço pra muita gente

Não levanta um saco de cimento
 Tá me ouvindo bem?
 Enquanto o Olorum trabalha como cobrador de ônibus
 Naquele transe infernal de trânsito
 Ossaim sonha com um novo amor
 Pra ganhar um passe ou dois
 Na praça turbulenta do Pelô
 Fazer sexo oral, anal, seja lá com quem for
 Tá me ouvindo bem?
 Enquanto rainha Quelé
 Rainha Quelé limpa fossa de banheiro
 São Bongo bungo na lama
 Isso parece que dá grana, porque povo se junta
 E aplaude São Bongo na merda
 Pulando de cima da ponte
 Tá me ouvindo bem?
 Tá me ouvindo bem?
 Tá me ouvindo bem?
 Ein, ein, ein? Seu branco safado!
 Ninguém aqui é escravo de ninguém!
 (FREIRE, ANO, P.?)

Cada enunciado é preche de projetos discursivos que, por sua vez, são projetos ideológicos que sustentam os modos de vidas de esferas sociais. Essas “esferas ou campos sociais”(BAKHTIN, 2003, p.?),no âmbito do capitalismo,não são especificamente locais e restritos a um espaço tempo específico, dado que a “mobilidade temporal do processo de socialização capitalista”(SCHOLZ, 2017, p.1) é múltipla e diversa. Isto posto, afirmações de que ainda se vive divisões (neo) colonialistas e desenvolvimentistas entre centro-periferia, metrópole e colônia e primeiro, segundo e terceiro-mundo são extremamente variáveis, pois as mobilizações de humanos no contexto da transformação da alteridade humana em identidade mercadológica é muito grande, cuja razão e dispositivo de efetivação - eis aqui a minha defesa - se encontra na dissociação dos *índices sociais de valor*⁵⁹de suas esferas originárias, assim com expresso no enunciado musical acima que enfatiza o processo de transfiguração de valores

⁵⁹Em Bakhtin/Volochinov (1995), os signos refletem e refratam sentidos, os quais só existem no seio do que chamamos de interação verbal. Desse modo, para cada meio e esfera social, há determinados índices que identificam e alteram uma determinada comunidade em fase da sua singularidade, da sua história e de suas tradições. Quais forem as causas que suprimirem essa realidade, tem-se, então, o que chamamos de “formas de dominação”.

endêmicos em mercadoria “Enquanto Zumbi trabalha na Zona da Mata pernambucana” (referência música).

Nesse sentido, refletir sobre as propriedades geo estruturantes do Brasil enquanto uma entidade física no âmbito do espaço e da materialidade da linguagem bem como a seu viés simbólico desse enunciado, abre um campo que é mais que precioso caro, para que mais do um exercício teórico, tenhamos junto a nós uma práxis de compreensão que resultará em direcionamentos pessoais frente à máquina capital.

Pensando nas questões de regionalização, é preciso considerar que as divisões do trabalho estão correlacionadas às suas territorialidades em conexão com a *colonialidade do saber*⁶⁰(MIGNOLO, 2005). Tanto o enunciado BRASIL quanto o enunciado musical que me servem de epígrafe (letra de RAP) se configuram como projetos de discursos materializados como centros de refração e reflexão de condições socio-historicamente determinadas em um tempo imediato e em outros anteriores e posteriores em prol da sustentação de um *sistema-mundo* ainda centralizado na orbe do eurocentrismo integrado. Toda a configuração globalizada incide na manutenção de um *status quo* do que hoje conhecemos e vivemos como ocidente. Não será possível avançar na questão dos processos de formação cada de “carreira ocidental”, mas que em termos gerais e não suficientes podemos aqui entender ocidentalismo pela sua oposição, isto é, pelo conceito de orientalismo: “O orientalismo é um estilo de pensamento baseado numa distinção ontológica e epistemológica feita entre o “Oriente” e (na maior parte do tempo) o Ocidente”(SAID, 2016, p.29). Isto posto, por Ocidente, compreendo, então, toda e qualquer significação que não seja oriental ou exótica a epistêmica eurocêntrica ocidental.

Pois bem, por se tratar de uma investigação que de âmbito sociológico da linguagem, o ponto de partida do debate que aqui se instaura é o conceito de “enunciado concreto”(referência) no escopo da teoria da filosofia da linguagem de Mikhail Bakhtin e de seu Círculo de Estudos, os quais, em conjunto, conseguiram emancipar o pensamento sobre a

⁶⁰ Esse conceito advém dos estudos decoloniais de Walter Mignolo (2005), o qual afirma que como dissidência do processo colonial, há no sistema-mundo (em se valendo das considerações de Walesntein 1995)), a subalternização da ciência e dos saberes fora do eixo USA-EUROPA, em se tratando de ocidente.

linguagem de uma consideração dicotômica e abstrata que se enseja na máxima proximidade com a “dissociação-valor”, ponto nevrálgico, que para Scholz (2017, p.?), provém da amplificação do conceito de “contradição em processo” de, Kurt (2017, p.?) o qual também amplificou o conceito de “acumulação primitiva” de Marx (ANO, p.?). No escopo do enunciado-geográfico e de sua configuração no processo de formação do espaço nacional brasileiro, as dinâmicas regionais que envolvem a migração e a territorialização do capital permite apresentar a formação de fluxos migratórios que metropolizam o território do estado nacional dentro da estrutura lógica de ordem capitalista global que Walerstein (1995) denomina de *sistema-mundo*. Isto posto, o diálogo que aqui se estabelece é, de antemão, mais um exercício de se esmiuçar o enunciado geográfico do Brasil enquanto unidade de um projeto que se integra ao *sistema-mundo*.

Enxergar a realidade da linguagem, seja em quaisquer instâncias, a partir da perspectiva do “enunciado concreto” (BAKHTIN, 2003, p.?) promoveu, no âmbito dos debates linguísticos, profunda revolução epistêmica, pois ao atribuir os fatores volitivos e modificadores do ato da linguagem e de se enunciar em todas os seus níveis de expressão a interação verbal, isto é, às relações sociológicas que envolvem a linguagem, o eixo central passou a ser concreto e não mais abstrato, embora o lugar da cognição abstrata seja inato e imprescindível na manifestação humana. Mesmo em se tratando da genética, ainda assim, é resultado da interação verbal, ou seja, não há deslocamento ou concretização da linguagem sem que se considere falantes sociologicamente bem definidos e socio-historicamente singulares. Por enunciado concreto, compreendo, segundo Bakhtin (2003):

i) todo e qualquer ato de fala faz parte de um ‘projeto de discurso’ que está envolvido e mediado por uma esfera social que mantém suas regras específicas em relação a um horizonte social determinado (um grupo de polícias militares ou de manifestantes frente a frente dispõem de regras relativamente estáveis que os permitem colocar-se como diferente e ambos têm diferentes visões de mundo pelos quais agem);

ii) todo enunciado está imerso em um gênero relativamente estável e provém, ao ser enunciado, de outras esferas sociais mesmo que indiretamente, tecendo, dessa maneira, relações dialógicas com uma cadeia infinita de outros enunciados concretos;

iii) qualquer ato de fala é dirigido a alguém diretamente ou indiretamente, de modo que há um destinatário imediato e outros destinatários terciários, seja a história, um ente público em um ato nas ruas, ou ao próprio microsistema no qual nos encontramos (capitalismo), o que Bakhtin (2003) também define em outras instâncias como pequeno e grande tempo. (BAKHTIN, 2003, p. 358-365).

Quando partimos dessa noção de enunciado podemos compreender com maior precisão as configurações do capital em nosso meio mais imediato no contexto sul-americano, cujo processo de formação foi e permanece mediado por decisões externas, o que vem de encontro com a própria afirmação de (SCHOLZ, 2017. p.15) de que “o capital precisa de um exterior para existir”. A financeirização do capital, os processos de reprodução do capital fictício e da produção em geral, com vistas a exportação em detrimento de um abastecimento de um mercado interno deficitário e as inúmeras formas de territorialização do espaço brasileiro em face desse projeto agro-exportador, nos coloca na própria configuração real de uma *externalidade* basilar de um sistema integrado.

Nesse sentido, o projeto Brasil faz parte de um *sistema-mundo* (WALERSTEIN, 1995), de uma geo-cultura que tem a força de trabalho voltado para a produção de alimentos, a principal diretriz da reprodutibilidade do capital brasileiro; uma das diferenças básicas entre o feudalismo da europa ocidental, da europa oriental e das Américas, é que aquele tinha sua produção econômica voltada para as bases locais, enquanto o segundo se voltava para o exterior, ou seja, para a exportação, fato que ainda nos coloca em um estágio, em certa medida, de feudalismo contemporâneo, sobretudo pelo fato de que as relações entre a “aristocracia” e a burguesia local, ambas estão subalternas às tributações nacionais que alimentam (WALLERSTEIN, ANO, p. ? *apud* ARRUDA, 1995, p.5) um amplo sistema financeiro. Nesse ínterim, o enunciado Brasil se faz presente na estruturação de um valor no sistema-mundo no âmbito de uma geo-cultura mundial (WALLERSTEIN, 2005), já radicalmente dissociado das riquezas próprias que produz, ou seja, distante de sua condição.

Francisco de Oliveira (ANO, p. ?) oferece suportes para a compreensão desse projeto Brasil, quando enfatiza que não há um desilíbrio regional entre Norte e Sul no Brasil, mas uma

divisão regional do trabalho com suas fontes e determinações bem definidas: “O marco teórico desta investigação recusa, pelas considerações já expostas, a compreensão da emergência do planejamento regional no Nordeste do Brasil sob o enfoque dos ‘desequilíbrios regionais’, para examiná-los sob a ótica da divisão regional do trabalho no Brasil”. Vale lembrar que em termos de projeto no Brasil não é o planejamento que planeja o capitalismo, mas o contrário, bem como enfatiza Paul Baran (1963), sendo os planejamentos sinônimos de zonas de acumulação primitiva que não se colocam como regiões, mas zonas diferenciadas. Nesse sentido, vale retomar ainda mais que:

Ironicamente, a prática da política de desenvolvimento regional no Nordeste do Brasil, que centrou suas potencialidades na expansão para o nordeste das empresas oligopolitas do Centro-Sul, é radicalmente diferente da abordagem dos “desequilíbrios regionais”, embora a retórica continue a mesma: outro não é o caráter do sistema de incentivos fiscais conhecidos como 34/18. (OLIVEIRA, 1981, p. 53).

As regiões fundadas na órbita da divisão internacional do trabalho, que alimenta a megaestrutura financeira, a qual configura a máxima e potencial acumulação primitiva, são enunciados que compõem o sentido do projeto nacional. A lei que rege a regionalização está na centralização do capital que para isso desempenha um processo de subordinação das burguesias locais de uma região e outra, tendo o curso desses fluxos de acumulação desaguando na financeirização das grandes cooperações.

Com isso, tanto o enunciado Sergipe, quanto o enunciado Brasil, recaem na concepção de um projeto global que recai na questão do sistema-mundo (WALENSTEIN, op.cit) que ainda se confirma na definição de (OLIVEIRA, op.cit) como espaço onde se imbricam dialeticamente uma forma especial de reprodução do capital e, por consequência, uma forma especial da luta de classes. Trata-se, então, de uma intersecção e de sobreposições de *esferas sociais* de modo que o “econômico e o político se fusionam e assumem uma forma espacial de aparecer no produto social e nos pressupostos da reposição” (referência). Regionar, então, é dissociar em prol da contradição *a posteriori*.

A *contradição em processo* que resulta das inúmeras dissociações que geram a abstração real, sustentam as migrações na medida em que se desenvolvem as operações de amplificação do capital, ou seja, quando as comunidades locais são profundamente expostas ao capital. Sobre esse conceito apresentado por Kurtz (2017), é preciso frizar que a transformação do trabalho em mercadoria é o fator responsável das migrações, de modo que o estado se encontra subalterno às determinações financeiras, ao passo que o burguês (sujeito econômico ou mercantil puro) se tornou cidadão do mundo, enquanto o cidadão político ou jurídico se ateve às esferas nacionais dos estados e, por sua própria natureza, não pode se globalizar, embora contribua para isso.

Sea mobilidade do trabalho só ocorre quando o mesmo se transforma em mercadoria, as migrações que ocorrem no Brasil são resultado da necessidade de abastecimento de mão-de-obra e matérias primas para o mercado externo, sendo as operações dessa dinâmica regulamentado pela classe jurídica e articulado pela esfera política, embora as duas estejam imbricadas. Vale lembrar que ao se pensar a migração e o trabalho no Brasil, é preciso ressaltar a condição subalterna de produção como própria condição de formação do estado brasileiro. Nesse aspecto Oliveira (1985) afirma que

a colonização instaurou as condições necessárias para que houvesse a Revolução Industrial na Europa. Esses e outros fatores caros à formação econômica do Brasil são pressupostos básicos para se pensar por mais uma vez na questão do ato de se enunciar Brasil, uma vez que o mesmo infere um projeto de externalidades específico (OLIVEIRA, 1985, p. ?)

Mas é preciso ampliar, nesse momento, a compreensão da *abstração real* como personificação da forma mercadoria em detrimento do humano real “para num segundo momento, a mercantilização do humano como uma consequência da perda (no caso do explorado) e da manutenção (no caso do burguês) dos **índices sociais de valor, os quais configuram** uma determinada atividade mental” (BAKHTIN, 1988, p.117, **grifos meus**), pois

O individualismo é uma forma ideológica particular da atividade mental do nósda classe burguesa (encontra-se um tipo análogo na classe feudal aristocrática). A atividade mental do tipo individualista caracteriza-se por uma

orientação social sólida e afirmada. Não é do interior, do mais profundo da personalidade que se tira a confiança individualista em si, a consciência do próprio valor, mas do exterior; trata-se da explicitação ideológica do meu *status social*, da esfera pela lei e por toda a estrutura da sociedade de um bastião objetivo, minha posição econômica individual (1988, p.)

Para que a classe burguesa mantenha seu *status quo* é preciso que políticas de policiamento e de fragmentação social, regional e cultural se efetive, bem como enfatiza BAKHTIN (op.cit.). Carlos de Almeida Toledo (2007, p. 10) afirma que se a forma mercadoria assume o papel de sujeito das relações sociais nela subsumidas, isso se faz a partir do procedimento de se abstrair as qualidades concretas particulares (produtivas no sentido amplo) no exato momento em que a troca é levada a cabo. Desse modo, pensar conjuntamente em ambos os momentos da forma-mercadoria, o da abstração real e o das particularidades concretas cindidas exatamente por tal processo de abstração real, é compreender a regionalização também como um processo de substituição de singularidades em face das necessidades imediatas ou estruturantes de uma determinada demanda capitalista.

A *dissociação do valor real* para o valor abstrato, ou o conceito de Marx (ANO, p.?) a respeito do “fetichismo da mercadoria”, coloca em foco a desnaturalização da mercadoria como forma de mediação da construção das relações de produção da sociedade. Vista desta forma, cada produção de mercadorias é uma das formas particulares que a acumulação de capital assume, (Ibdem, p.4) sendo necessário perceber que a abstração real faz com que coisas diferentes possam ser igualadas por seu valor mercadológico. A noção de “externalidades” (SCHOLZ, op.cit./MIGNOLO, op.cit) é imensamente presente nesse sentido, isto é, a condição de externalidade o que não se reduz simplesmente às fronteiras dos Estados-nação), cuja exploração do alheio se faz presente na condição de que é hábito na ordem da acumulação por se abstrair diferenças qualitativas e, portanto, seus processos históricos de formação.

Desse ponto, volto a letra da música inicial, que me serve como epígrafe, dado que todas as formas de particularidades culturais dos africanos escravizados no Brasil foram reduzidas ao

nível subalterno da força de trabalho, o qual se transformou em sujeito de modo que a existência corpórea das mercadorias só entra em consideração à medida que elas lhes conferem utilidade, tornando-se relevante por seu valor de uso. Assim, o valor de uso vale exatamente tanto como outro qualquer, desde que esteja disponível em proporção adequada” (TOLEDO, ANO, p.25 *apud* MARX, 1985, p. 46-47).

Para Scholz (2017) a contradição em processo, depende antes da dissociação-valor elevada ao seu exponencial, fator fundante dos processos de colonização, o qual é dinâmico como contexto de base. Há, ainda, um aspecto em Klaus Dörre (1997, p. *apud* SCHOLZ, 2017, p.52) que resume, assim, o cerne das atuais ideias de colonização: “A ideia central que une as diversas variantes da teoria da colonização diz que o capitalismo é incapaz de se reproduzir a partir de si mesmo”. Para a sua auto-estabilização as sociedades capitalistas precisam:

- a) de um crescimento continuado da riqueza social que, no entanto;
- b) só pode ser conseguido por meio da internalização de externalidades, por meio da comoditização de TERRA antes não imputada à valorização. Ao contrário do que o conceito sugere, as colonizações não se esgotam numa dimensão sócio-espacial ou físico-material.

A expansão do capitalismo ocorre no médium tempo, tanto fora como dentro das sociedades nacionais, tanto sectorialmente, como em campos específicos, e atinge diferentes modos de produção, grupos sociais, formas de vida e mesmo as estruturas da personalidade. No entanto, a racionalidade da troca de equivalentes na forma da mercadoria, que nas sociedades capitalistas tende para a generalização, nunca consegue impor-se completamente, porque permanece incrustada noutras racionalidades de ação a que a comoditização reage, ou pode reagir expansivamente, possessivamente, até mesmo imperialistamente.

CAPÍTULO III

3.1 O gênero e a práxis

“Os gêneros do discurso organizam o discurso quase da mesma forma que organizam as formas gramaticais (sintáticas). Nós aprendemos a moldar o nosso discurso em formas de gênero e, quando ouvimos o discurso alheio, já adivinhamos o seu gênero pelas primeiras palavras, adivinhamos um determinado volume (isto é, uma extensão aproximada do conjunto do discurso), uma determinada construção composicional, prevemos o fim, isto é, desde o início temos a sensação do conjunto do discurso que em seguida apenas se diferencia no processo de fala” (BAKHTIN, 2011, p. 283).

Como se dá a organização dos primeiros “discursos organizados” do gênero rap gravados no Brasil? Como essa “sensação de conjunto” se dá em sua forma organizacional? “Hip HopCultura de Rua” (1988) é a primeira coletânea de raps gravada no Brasil. Resultado da confluência de encontros de vários MC’s que se reuniam nas mediações da Estação São Bento de metrô de São Paulo, que expressava a necessidade de se materializar o som que já se fazia nas ruas. A gravação de oito faixas reúne um conjunto de pioneiros do rap que, à época, já pensavam e sentiam o mundo por meio desse determinado gênero, dessa plataforma. Desse movimento, instituiu-se um “continente” relativamente estável de sentido pelo qual há tempos inumeráveis, humanos se expressam, multiplicando de unidade em unidade verbal, as volições (vontades) e exotopias (modos de ver a vida), cuja base e essência são contra-hegemônicas.

Todo enunciado é mediado por outros enunciados. A palavra dialogia sintetiza e facilita a nossa compreensão quanto a isso. Nada está separado ou dissociado plenamente da anterioridade de quando acontece e do *dever* do que poderá acontecer no imediato momento em que qualquer enunciado é lançado ao mundo. Era isso que movia as investigações do *Círculo de Bakhtin* e o que garantia a responsabilidade da ciência que faziam. A integração da vida com a história local e mundial sempre fora observada na perspectiva bakhtiniana. O

gênero rap sobre o qual nos debruçamos aqui, ressalta e evidencia dialogicamente a história sobre a perspectiva da condição colonial na qual nos colocamos e na qual vivemos.

Embora sejamos um Estado-Nação, há pouca autonomia e propositivismos em termos de administração pública e políticas culturais que valorizem e pensem o Brasil tal como ele é, em suas singularidades. Desse modo, a *colonialidade de poder e do saber* trazida às ciências sociais por Quijano (1992), promovem uma compreensão ampla de como as estruturas de poder pautadas nos ideários de raça e superioridade europeias fundaram a modernidade sob a qual hoje nos conduzimos.

O que estou fazendo nessa pesquisa é simplesmente questionar as formas de conhecimentos pelas quais nos conhecemos e desse ponto é possível construir uma teoria crítica, atual dificuldade das ciências sociais e humanas. Cada rap aqui recolhido e reenunciado terá um valor de contracultura ao estado de colonialidade aqui já apresentado, pois a história está, de certo modo, engendrada em formas oficiais de apagamentos. Se o rap é uma forma de interação verbal, o que nos interessa é a parte que o engendra enquanto expressão semiótica real, enquanto enunciado concreto e dialógico que quer dizer e diz. Interessa compreender como a modernidade explicitada por Dussel (1993) é ainda latente em nossas formas de vida. A razão da enunciação por meio do rap é uma razão dialógica decolonial:

Não é atividade mental que organiza a expressão, mas, ao contrário, é a expressão que organiza a atividade mental, que a modela e determina sua orientação. Qualquer que seja o aspecto da expressão-enunciação considerado, ele será determinado pelas condições reais da enunciação em questão, isto é, antes de tudo pela situação social mais imediata (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 1988, p.112).

Desse modo, então, para cada rap teremos uma forma de compreensão das estruturas de poder que nos rodeia, de um pedaço dessa modernidade que ainda se presta nos meandros da colonilidade sempre com vistas a globalizar tradições em nome de um *sistema-mundo* violento e que a cada vez mais causa dissociações. É nessa vereda que o conceito de dissociação-valor de Scholz (1982) amplifica a relação que o capital financeiro reifica corpos e mentalidades. O sampler entre dialogia e decolonialidade é mais do que necessário, pois ambos

estão na esteira da alteridade como a medida da emancipação, e ambas afirmam que a identidade da modernidade produz diferenças indiferentes, seja ao outro humano ou ao outro ambiente ou animal. Busca-se compreender o que há na expressão mental do rap de tão singular, já que nasceu em nosso tempo histórico, o qual nos consitui.

“Corpo Fechado” é a primeira faixa da coletânea, da palavra inicial que lance o rap no Brasil: “Hip Hop Cultura de Rua”, de 1988. Escrita e executada pelo MC Thaíde, narra sobre a perspectiva de alguém que não pertence aos padrões valorizados na sociedade contemporânea e que logo de antemão lança figuras da cultura afrobrasileira. O tema corpo fechado trata de uma prática da umbanda ou candomblé em que por meio de rituais de iniciação dedicados a certos Orixás, no caso Yemanjá e Ogum, o iniciado fica protegido de corpo e espírito contra quaisquer males que por ventura possam lhe aflingir. Embora as religiões de matrizes africanas sejam muito mais aceitas hoje que no início do século XX - quando ainda não havia a emenda 3.218, promulgada em 1946, por iniciativa de Jorge Amado (PCB) - que tratava do livre exercício de crença, em 1988, a divulgação e a menção a essas práticas religiosas já demonstravam inovações temáticas, tão constante em letras do gênero rap.

Essa letra apresenta ofensiva a uma condição de marginalidade sofrida pelo enunciador, o qual se coloca como aquele que “não tem CIC nem RG e nasceu de parto normal numa favela” e “não nasceu loirinho de olho verdinho” sendo “um caboclinho comum nada bonitinho” (ref música). A dimensão da educação apreendida nas ruas, da marginalização das vias oficiais de ensino e de acesso a bens culturais também são citadas, fato que reitera a noção das ruas como o meio mais direto de convívio e aprendizagem. Esse fato faz ecoar a condição desse gênero enquanto a contravoz à cultura oficial, o que mais importa no processo da arquitetônica desse tipo de enunciação.

Fugi da escola com 10 anos de idade
As ruas da cidade foram minha educação
A minha lei sempre foi a lei do cão
(Hip Hop Cultura de Rua, 1988).

Essa música fora escolhida para lançar o disco, e como um discurso inaugural do gênero que se difundia em São Paulo, ganhou significativa projeção nas rádios. O nome da coletânea de músicas desse primeiro álbum foi “Hip Hop Cultura de Rua”, o qual traz vários aspectos do universo urbano que ainda hoje são presentes em certas regiões e localidades. O princípio das imagens grotescas por meio de palavras de forte impacto, desenharam o lugar de fala e a presença enunciativa, como pode ser notado no trecho “Me atire uma pedra/Que eu te atiro uma granada”. Nesse primeiro álbum de coletâneas, percebe-se a necessidade de se desenhar um tom personalizado daqueles que dizem, dos griots. A unidade da comunicação verbal se constitui como resposta, desse modo, as características dos primeiros enunciados desse primeiro álbum serão uma resposta aos primórdios do movimento *Hip Hop* em São Paulo, quando do Bronx se desenvolveu o movimento cultural como resposta aos próximos anos de 1990, data da guinada neoliberalista brasileira.

Interessante o fato de que a valorização das ruas como o espaço social onde as trocas e a constituição dos gêneros puderam se fazer. Para Bakhtin (2010),

a tarefa essencial de Rabelais consistia em destruir o quadro oficial da época e dos seus acontecimentos, em lançar um olhar novo sobre eles, em iluminar a tragédia, ou a comédia da época do ponto de vista do coro popular rindo da praça pública. Rabelais mobiliza todos os meios das imagens populares lúcidas para extirpar de todas as ideias relativas à sua época e dos seus acontecimentos, a mentira oficial, a seriedade limitada, ditadas pelos interesses das classes dominantes. Ele não acredita na sua época, ‘naquilo que diz de si mesma e no que ela imagina ser’, mas quer revelar o seu verdadeiro sentido para o povo crescente e imortal (BAKHTIN, 2010, p. 386).

A essa necessidade rabalesiana de mostrar o que está para além da própria expressão das manifestações populares, pode-se atribuir a necessidade, o valor da exotopia do autor, isto é, aquilo que se enxerga além e aquém dos meios oficiais. Somente por meio da cultura popular é que se poderá enxergar as fissuras que a cultura oficial tem e que pelo *modus operandi* da nossa vida não podem ser compreendidas ou enxergadas. Nessa primeira faixa do disco que analiso já se pode notar que as problemáticas que envolvem: raça e classe são muito bem postas e reiteradas ao longo da música. No gênero rap esse procedimento de ressaltar as

bases daquilo a que Quijano(ANO) denominou como “colonialidade do poder”, cujas bases são: raça, gênero e classe, é mais evidente. Dessa segmentação brutal e dicotômica, configurar-se-á aquilo que Mignolo (2005) chamará de “geopolítica do conhecimento”, isto é, quem detém o poder de criar e regular epistemologias válidas.

A faixa “Código 13”, cujo nome do grupo é o mesmo, logo na sequência da primeira faixa analisada já diz sobre a relação entre o movimento *Hip Hop* e a luta contra o racismo.

Entender o hip-hop é onde está o mal
Sentir essa música nos invadir
É ser contra o racismo dizendo sim
código 13 como o mundo se faz

A cultura popular é a expressão das ruas, dos lugares mediados pela possibilidade de dialogia. Não obstante, é nas proximidades da estação São Bento, região central de São Paulo, onde de iniciam os primeiros encontros e batalhas sobre de *Hip Hop*. O valor institucional e de empoderamento por meio dessa cultura que se instaurava na época já se mostra presente em vários momentos

Saiam do caminho ‘embalistas’ de estação
Não tomem aquilo que nos pertence por razão
Não adianta imitar de vestir hip-hop
Não se veste tem que se sentir
De loucos incansáveis que não voltam atrás
Mantendo a esperança fungindo da ilusão
Esperando apenas compreensão.

Os “embalistas” da estação seriam aqueles que não estariam apoiados pela causa do *Hip Hop*, isto é, pela conscientização da condição em que se encontravam que mais sentia necessidade de fazer rap naquele momento, os quais, não só o faziam por uma necessidade estética dissociada do movimento como unidade de emancipação. As ruas ganham tanto em São Paulo, quanto em outros locais, a cronotopia dos encontros, das relações e dos embates mais importantes e pouco citados sobre o que importa realmente, a questão das “externalidades” marcadas por raça, classe e gênero.

Em “Centro da Cidade”, há um desenho da metrópole por meio da visão de jovens que da margem vão ao centro da grande capital financeira da América Latina. Realizando um olhar panorâmico e com ressalvas de julgamentos que muitas vezes perpassam pelo senso comum, MC Jack e DJ Ninja narram as fotografias que tiram da cidade, evidenciando o caráter diverso e decadente de uma cidade que não consegue e nem pretende abrigar a diversidade que carrega, fato que resulta na configuração de esteriótipos convencionais. O “baiano” que vem do Norte, o “Hare Krishna”, o “Punk dar” que se cruzam e nem se olham, o desemprego e a informalidade nos meios de trabalho:

Plaquinha de emprego, plaquinha compra ouro
 Plaquinha compra prata, plaquinha de almoço
 Pessoas mal vestidas formando a ralé
 Centro da cidade é um grande coração

A relação de concentração e dispersão ressaltada na imagem da música evidenciam a relação de migração e imigração que a cidade da São Paulo apresenta e revela como a centralidade das atividades econômicas na região sudeste do Brasil, embora concentre grande parte das atividades e movimentações econômicas, ainda assim dispersam o capital de maneira direta e indireta, isto é, de formas diversas e gerais. Sobre isso, Milton Santos (1993) pensa as metrópoles como um emaranhado de movimentações dispersos e concentrados no que tange a divisão internacional do trabalho sul-americano:

A nova divisão do trabalho territorial atinge, também, a própria região concentrada, privilegiando a cidade de São Paulo, a respectiva Região Metropolitana e seu entorno, onde a acumulação de atividades intelectuais ligadas à nova modernidade assegura a possibilidade de criação de numerosas atividades de ponta, ambos esses fatos garantindo-lhe preeminência em relação às demais áreas e lhe atribuindo, por isso mesmo, novas condições de polarização. Atividades modernas presentes em diversos pontos do país necessitam de se apoiar em São Paulo para um número crescente de tarefas. São Paulo fica presente em todo território brasileiro, graças a esses novos nichos, geradores de fluxos de informação indispensáveis ao trabalho produtivo. Se muitas variáveis modernas se difundem amplamente sobre o território, parteconsiderável de sua operação depende de outras variáveis geograficamente concentradas. Dispersão e concentração dão-se, uma vez

mais, de modo dialético, de modo contraditório e complementar (SANTOS, 1993, p. 90, grifos meus)

A organização geopolítica do conhecimento, centraliza-se nas zonas do chamado mundo desenvolvido. Fica destinado à periferia, o lugar da reprodutibilidade e da subalternização ao que é produzido nesses grandes centros de poder eurocentrados. Embora os Estados Unidos e Japão tenham grande relevância nas ciências e sirvam como pontos de referências de extrema importância, a produção e os fins das pesquisas realizadas servem a um sistema de subalternização de outras zonas e de maior acúmulo de poder e capitais sem que se gere com isso, mudanças substanciais nas formas de vida de grande parte da população, dado que as agências de regulamentação de pesquisas e o próprio mercado ainda precisam da produção de externalidades, que como se sabe, nas sociedades modernas estão centradas nas figuras do negro, latino, asiático, da mulher, dos indígenas e das crianças.

E na periferia desse *sistema-mundo*, encontram-se outras capitais globais que concentram e dispersam as atividades econômicas de maneira a se estabelecer condições de polarizações de desenvolvimento científico e, como consoante a isso, de concentração de renda. O sistema global precisa de mecanismos globais e locais de centralização, os quais se servem de todos os âmbitos para que isso ocorra, seja jurídico ou político, haja vista que todo o desenvolvimento de São Paulo está ligado as atividades de concentração e administração das atividades comerciais e industriais mais voltadas para o mercado externo que interno. Atualmente, no governo de Jair Bolsonaro, em continuidade com as várias ações de abertura demasiada de mercado....

É por esse flow que em “Centro da Cidade” é narrado sobre os grupos que percorrem o centro da capital paulistana dentro da dinâmica econômica de centralização e dispersão no giro da riqueza e da marginalização. MC Jack reitera temas como: migração, reificação, nordestino, reserva de mão de obra, religiosidade, desemprego e a presença de grupos étnicos, todos na dinâmica do *sistema-mundo*.

A próxima faixa vem com o enunciado-rap “O Credo”, o qual traduz de maneira enfática e de certo modo monológico, certa volição do enunciador de mudar a realidade por meio do

questionamento de tipos de crenças que envolvem a noção de progresso. Alude-se a um “Criador”, “Meu manifesto é a força do Criador”, estabelecendo a noção de criação como a correlação com a luta por melhores e mais amplos conhecimentos sobre a realidade. Esse tema aponta, de certa maneira, para o que Boa Ventura de Souza Santos (ANO) vai defender como a “ecologia dos saberes” e de certa resistência a uma realidade que o cera:

Varrer Londres do seu falso progresso
 Prometer eternidade, seu Brasil regresso
 Promover destruição dos seus espelhos
 Cansei do seu vazio e seu discurso pentelho
 De citações inúteis sobre um mundo justo
 Que se um dia acontecer você morrerá de susto

A simplicidade guarda a sofisticação do pensamento, pois sem que se dirija diretamente a noção das *arquitetônicas eurocêtricas*, categoria de pensamento que interessa a mim e à comunidade que estuda e desenvolve pesquisas nessas áreas, trata-se dessa temática e dessa realidade sociológica percebida na *práxis* e no dia a dia, caso, pela eterna perspectiva nacional socialista que percorre as dinâmicas das políticas públicas no Brasil, cujas fisiologias políticas sempre se curvam ao ideário de progresso de maneira que essa instância de evolução ainda hoje não apresenta mudanças substanciais nas estruturas que compõem a sociedade brasileira, a qual se sustenta sob uma base econômica de profunda concentração de renda e, conseqüentemente, em grande desigualdade social.

As religiões de origem protestante no Brasil, surgem em 1819 com a o estabelecimento de *Luteranos*, os quais sofreram diversas mudanças no decorrer do tempo, encontrando-se hoje entre diversos seguimentos e ramificações. Dentre as tantas linhas e correntes protestantes, os pentecostais surgiram nos Estados Unidos nos primórdios do século XX, tendo como uma de suas doutrinas a presença subjiva do Espírito Santo, cuja manifestação se dá por meio da execução do ato de *falar em línguas*⁶¹ e da mediação de sensações por meio do estado

⁶¹Trata-se de um ato de êxtase em que se pronunciam sons e gesticula-se sem uma significação propriamente dita para que desse modo o Espírito Santo possa se manifestar. Sobre essa questão vale notar que: “Ao falar da linguagem sobrenatural de oração do Espírito Santo, é preciso que fique bem claro que há “*uma sociedade*” nesta manifestação. O Espírito Santo não fala em línguas, somos nós que o fazemos; mas por

de êxtase. O enunciado rap da coletânea “Deus da Visão Cega” faz uma crítica àquele estado e à prática de falar em línguas e de louvor “Eu viro meus ouvidos ouvindo seus berros/Que festejam e celebram seus erros redundantes” como uma manifestação alienada da realidade social circundante “Que faz que você não vê no seu dia a dia”. Esse olhar sobre a religiosidade alheia proporciona um distanciamento tal por parte do narrador que a ele se atribui a pretensão de ser Deus “Aquele é o tal que pensa que é Deus”.

Sempre sensível às mudanças que ocorrem ao redor do meio social em que se manifesta, o gênero rap consegue captar as nuances das mudanças de protagonismo social de base, isto é, retrata-se o recrudescimento do pentecostalismo nos meios periféricos, fato que pode ser compreendido, entre outros pontos, como resultado de certo distanciamento das pastorais de base e das militâncias de esquerda dos guetos e zonas afastadas, tomados, ainda hoje, por comunidades evangélicas. Embora esse enunciado traga grande carga de violência no modo como é colocada a questão da religiosidade, vale considerá-lo como um dínamo das mudanças sociais que ocorriam no fim dos anos 80, cujo recrudescimento não cessa até os momentos atuais.

A violência policial é denunciada em “Homens da Lei”, faixa 6 da coletânea. A relação entre a violência oficializada e a marginal, aquela que não pertence ao Estado, é protagonizada nesse enunciado. A máquina da segurança pública no Brasil, em 1988, assim como hoje, trazia resquícios da ditadura militar em que as práticas de violência eram severamente aplicadas com todo respaldo jurídico até então permitido por parte do Estado. Nesse período histórico é quando foi criada a ROTA (Rondas Ostensivas Tobias de Aguiar), a qual opera até hoje por meio de métodos de tortura e eliminação de um grande número de suspeitos. A letra traz de forma bem explícita ações policiais de extrema violência: “Somem pessoas, onde enfiam eu não sei/Não sei se meu destino é mofar atrás das grades/Ou ter meu corpo achado em um riacho da cidade”, procedimento descritivo que pretende causar o choque, bem como se dá na

outro lado, não falamos de nós mesmos, somente o que o Espírito do Senhor nos inspira a falar. Se uma das partes desta sociedade faltar, não haverá a manifestação” (Subirá, 2018). Disponível em: <http://www.orvalho.com/ministerio/estudos-biblicos/os-beneficios-do-falar-em-linguas-por-luciano-subira/>. Acesso em: 17 de Março de 2020.

vida o trato de policiais para com os cidadãos que: “Oh meu Deus! Quando vão notar/Que dar segurança não é apavorar”.

É notório o quanto no Brasil ainda hoje os dados de homicídios causados e sofridos por policiais apresentam números assustadores. Embora não esteja explicitado a relação da violência com as questões de raça e classe diretamente, mas a cronotopia exaltada logo inicialmente já demonstram a quem essa violência policial se dirige: para o povo de São Paulo, de Osasco e ABC”. Os números de mortos anualmente em confrontos policiais são assustadores. No ano de 2019 foram registradas 6.160 mortes por policias em operação ou em fuga. São números semelhantes aos de mortos em Guerras como a do Iraque.

Decerto que a violência se presentifica e se mortifica no Brasil, desempenhando questões que tocam em todas as esferas e entranhas de nossas vidas. As esferas sociais em países emergentes são marcadas por processos de segregação quase invariáveis. Aludo ao fato de que a estrutura das cidades e das escolas públicas raramente proporcionam a plena e devida integração da maior parte da população, fato que desencadeia marginalizações e ocultamentos que tantas vezes parecem gritar e ansiar por novas formas de compreensão e alívio.

Na faixa 7, “Gritos do Silêncio”, o enunciado se afigura como um estandarte da condição colonial e de confinamento na qual vivemos, dada a violência e as formas em que prevalecem a identidade e não a alteridade. O primeiro verso já se refere a um “sistema” que é “imprevisível”, o qual “leva a humanidade a um fim difícil”, gerador de corrupção e da existência de cidades que “matam pessoas como Axs”, sendo como um “câncer, um alívio, uma ferida”. A crítica recai diretamente sobre o sistema capitalista, o qual, inevitavelmente, produz excedentes e massacres de diversas ordens, “dos povos massacrados sem nenhum alento”.

O enunciado como forma de grito, vem a espelhar o grito de Catherine Walsh (2017), como alerta a estados de destruição e desmantelamento de formas de vida humanas e não humanas. Uma das alternativas importantes de serem consideradas a esse Estado que segrega, são alguns procedimentos de reconhecimentos jurídicos incorporados à Constituição Federal de países como o Equador, que reconheceu o conceito de direito a natureza,

configurando um direito híbrido entre epistemologias indígenas relacionados a cosmovisão da natureza (ao conceito de *pachamama*, a terra-mãe) e ocidentais. No entanto, é fato que essas inovações tecnológicas não sendo colocadas em prática, fato que endossa os gritos de Walsh (2017) e de todos os devotos, outras formas de constituição tornam-se necessárias.

Na última música da coletânea, “CalafrioMelô do Terror”, de MC Jack, ocorre uma importante variação temática. Valoriza-se as noções e presenças do grotesco como um processo de personificação de um estado de mal-estar traduzidos em alegorias já conhecidas “Hoje lua cheia, coisa acontece/O enorme lobisomen do mato aparece [...] Pregadores do mal na cidadeestão chegando/Faz 500 anos que completam minha morte”. Alude-se nesse enunciado-rap a “Frankenstein” e a “Penadinho”, como figuras que tematizam a criatura do mostro na ficção criada por Mary Shelley e à figura da alma penada que de tantas maneiras aparece tematizada no ideário dos brasileiros, respectivamente. O que pode ser apreendido de antemão, é a necessidade apresentada da inversão do estado social corriqueiro, do desafio que se faz ao que se apresenta como notadamente normal no dia a dia. A relação entre o sublime e o grotesco fora colocada em debate desde a antiguidade, uma vez que ao se buscar o equilíbrio das formas na composição artística, tantas vezes mais a confluência de contrários, mostra-se de certa maneira benéfica, o que sugere ordenamento pela composição de elementos que aparentemente não poderiam ser cotejados.

Quando o grotesco se põe a serviço de uma tendência abstrata, desnaturaliza-se fatalmente. Sua verdadeira natureza é a expressão da plenitude contraditória e dual da vida, que contém a negação e a destruição (morte do antigo), consideradas como uma fase indispensável, inseparável da afirmação, do nascimento de algo novo e melhor. Nesse sentido, o substrato material e corporal da imagem grotesca (alimento, vinho, virilidade e órgãos do corpo) adquire um caráter profundamente positivo. O princípio do baixo material e corporal triunfa assim através da exuberância (BAKHTIN, 1987, p. 54).

O enunciador se coloca como uma figura do além, das profundezas do “fundo de um caixão”. Essa transfiguração é movimentada por uma vontade de dizer, por um projeto de discurso e contradição. Sendo esse o primeiro álbum do gênero no Brasil, as noções de

“negação e destruição do antigo bem como explicitado por Bakhtin (1987), podem ser notadas, em que se expressa o nascimento de um gênero como um elemento não canônico, como uma arte que refuta outra arte, que se coloca da margem para o centro, quase que em um movimento antropofágico.

Minha presa afiada no teu corpo vai rasgar
 O teu sangue escorrendo e te matando devagar
 [...]

 Eu sou o calafrio, o rei das profundezas
 Vim junto a você ver o mundo destruído
 [...]

 Não duvide do que eu posse ou deixe de fazer
 Se você não acredita, você pode até morrer.

(Referência música)

Esse desencarnar da vida, esse colocar-se para com uma alteridade estranha da ordem corriqueira, cria um campo aberto de debate entre a realidade e o exagero. Não se trata aqui de um caso de ficção, mas de caricaturalidade das formas humanas em que prevalece as nuances da vida e dos seres. Essas “estranhas criaturas possuídas pelo mal/Louvando a Deus, o supremo maioral” são figuras cuja materialização poderiam ser observadas nas mais variadas instâncias da sociedade brasileira, que no caso, enuncia-se à esfera religiosa e à sociedade civil como um todo. O processo de se atribuir o uso de uma máscara monstruosa para se configurar o grotesco por mim é compreendido como um fator de releitura cultural. Raphael da Silva Camara (2013) nos ajuda bem a compreender a relação entre monstruosidade e a estética do grotesco quando afirma que para que isso ocorra é necessário a presença de alguns aspectos, quais sejam: que essa figura cause riso e horror; que o mostro cause emoções e perturbação da ordem. Tais características promovam diálogo com o que nos é interdito, com o que está subalternizado em nossas almas e consciência por razões variadas, pois “Como violador de sistema conceituais fechados, ele acaba por corporificar em seu cerne diversidades e comportamento interditos (diferenças culturais, políticas, raciais, psicológicas ou sociais)” (CAMARA, 2013, p.7).

No enunciado-rap em questão, a figura monstruosa está dotada de riso, mesmo que seja uma pretensão de um riso tenso que se projeta: “Aquele valentão deu risada e correu/Pensava ser esperto e no fim apodreceu”, colocando o interlocutor do rap como um ser que se diminui diante dessa nova forma estranha e grotesca do monstro, o qual também e, por isso mesmo, causa desordem e mistério “Saio do caixão e ninguém escuta nada/Com as bruxas vou fazer revoada/Vou na morte”. De outra parte e completando as características necessárias da inter-relação entre grotesco e monstruosidade, ou seja, existe uma grande sugestão de perturbação da ordem, uma vez que toda essa descrição, essa personificação do calafrio (nome da letra) como “Eu sou o calafrio, o rei das profundezas” fosse um agente vivo e híbrido, pois o vivo se coaduna com a morte e o real com o fantástico.

Só se pode compreender elementos grotescos se levar em conta o tempo histórico no qual a obra é realizada, considerando as instâncias de produção da obra. O ano de 1988, data do lançamento do disco, embora tivesse sido o ano da promulgação da Constituição Cidadã de 1988, uma das mais sofisticadas em termos de garantias e direitos básicos, era um ano de recente abertura política, a qual ocorreu sob um panorama de abertura democrática somada a grandes aberturas neoliberais, as quais pareciam solavancar as condições precárias às já tão sofridas populações marginalizadas as quais serão ainda mais agravadas nos anos seguintes. O que esse monstro desse enunciado-rap revela? Qual a principal exotopia que esse gênero carrega? Pois bem, se o gênero rap se colocava agora nas mídias oficiais, se estava pela primeira vez materializada no *material* mais típico da época, o LP (*long play*), então a *forma* e o *conteúdo* estavam a expressar o nascimento, como forma de grito ritmado, desse modo de se fazer arte em plena consonância com a vida, pois o próprio como Bakhtin (ANO) afirmou em uma das citações colocadas acima, que se o grotesco se coloca a serviço de uma tendência abstrata, ele se desnaturaliza, fato que em hipótese alguma, quando o assunto é rap com compromisso e ainda mais pelo fato de que o grotesco, não se universaliza enquanto expressão formatada não podendo ser desse modo expressão de um fenômeno transcultural e transtemporal, pois sua lógica é variável e completamente mutável.

No conjunto dos enunciados-raps dessa coletânea, o que se pode perceber é que a variedade temática tem eixos que vão se manter no decorrer da discografia da maior parte dos discos de rap no Brasil. Seja a religiosidade, as questões de urbanização e marginalização, da violência urbana causada tanto por policiais, quanto por aqueles que pertencem ao tráfico ou do grotesco com a representação de uma desordem social que necessita ser personificada em algo estranho, para que a própria ordem social, aqui no caso que a própria ordem discursiva, consiga se ver como realmente é, o que se apresenta nesses enunciados inaugurais são temas que tocam nas bases da condição colonial, girando em torno da questão de raça, gênero, classe e religião que compõem as hegemonias ainda vigentes em nosso cotidiano.

Até fins dos anos 50, a vida artística brasileira era diversificada, mas restrita a pequenos grupos e círculos, mudando somente após o advento da industrialização que logo integrou a vida social à dinâmica da economia de mercado, fato que mudou sobremaneira a própria relação de produção cultural. Nesses anos estabeleceu-se um público consumidor e produtos culturais das mais diversas ordens, dado que os meios de comunicação também eram de uma variedade significativa, crescia o capitalismo com a lógica burocratizada e faminta de bens simbólicos, havendo a criação de campos empresariais e da profissionalização de produtos e produtores culturais. Esse aumento do público consumidor estava diretamente ligado, também, a aspectos como o aumento dos índices de escolaridade e os desenvolvimentos tecnológicos e industriais dos meios de comunicação, embora vivia-se apenas a “era do rádio”.

As décadas que antecedem à chegada do *Hip Hop* no Brasil estavam marcadas pelas chagas da ausência democrática e pela profunda influência norte-americana que se pauta em uma economia de mercado extremamente voraz de maneira que a política e a cultura, mesmo a contracultura que se estabelecem naquele momento, estavam mediadas pelas necessidades globais, cuja tendência era da máxima flexibilização de mercados e das relações estatais de quase plena abertura política em que se maximizava a presença do estado nas mediações entre mercado, capital, indústria e campo consumidor, apenas como um elemento de negociação dos interesses do grande capital, frente e da elite financeira, econômica e militar que se instaurava.

“Da década de 1960 em diante, a democratização tornou-se indissociável da massificação, ou seja, houve ampliação significativa do acesso à educação e à cultura, mas num quadro de submissão à racionalidade da sociedade produtora de mercadorias. Convivem a crítica e a integração à ordem capitalista, com a generalização da lógica produtiva de bens simbólicos. Quebraram-se as barreiras entre o nacional e o internacional, num contexto de crescente influência da cultura americana em lugar da europeia, sobretudo a francesa, que dera o tom no período em que as oligarquias foram combinantes ou mantiveram forte expressão política e artística. Produtos dos Estados Unidos predominavam no mercado brasileiro e serviam de modelo para a indústria cultural local, que, entretanto, conseguiu exportar, na era da cultura mundializada, bens culturais como telenovelas e gravações musicais.

A arte moderna responsável estética e eticamente, que se propõe revolucionária se opõe à ordem estabelecida por meio da linguagem, de maneira que a relação entre democracia e massificação possa ser elevada à compreensão. Basta considerarmos a preocupação concebida em a “Estética da Fome”, de Glauber Rocha (ANO), para percebermos que a necessidade iminente de superação da *condição colonial* que se instaurava na segunda metade do século XX, centra-se em um reduto pequeno de intelectuais que buscavam uma arte nova, como o Cinema Novo, e contestadora. O conceito da fome como o fator gerador de agremiação e simbolismo daquilo que nos une sendo essa figura a materialização de uma realidade resignada, simplificou ao modo desse diretor a forma subalterna sob a qual vivíamos fosse na economia, na política ou nas artes.

A permuta de influência da cultura francesa pela americana foi tão somente uma transposição e, talvez, uma amplificação do nível de subalternidade da América Latina aos poderes econômicos e culturais norte-americanos, os quais estavam em ascensão e concretização nos *mainstream*, enquanto a cultura europeia permanecia tanto no âmbito da formação epistemológica, tanto do Brasil, quanto dos próprios Estados Unidos. Quando Glauber Rocha (ANO, p.?) afirmava que “o que diferencia o colonialismo de ontem do atual é apenas a forma mais aprimorada do colonizador: e além dos colonizadores de fato, as formas sutis daqueles que também nos armam futuros botes. Uma libertação possível estará ainda por

muito tempo em função de uma nova dependência. Este condicionamento econômico e político nos levou ao raquitismo filosófico e à impotência, que, às vezes inconsciente, às vezes não, geram no primeiro caso a esterilidade e no segundo a histeria.

Logo se constata que a essa “fome”, física e epistemológica em razão da qual agia violentamente aquele que a sentia, que vivia constante as agruras da miséria, era o estado sob o que o próprio Estado de constituiu, onde não havia nação, mas contingente populacional, onde não havia em grande maioria artistas reprodutores e poucos criadores de uma arte que se fizesse ecoar para além das tendências modernistas (refiro-me a semana de 1922) que só se fundaram, primeiramente, por uma tendência global e não local – quando há a elevação de valores regionais das necessidades que dele surgem em detrimento de quaisquer demandas ulteriores a essas. O “raquitismo” e a “impotência” e suas consequências: a esterilidade e a histeria, não somente sofriam do mal da subalternidade como eram seus geradores.

Em suma, nos quarenta últimos anos do século XX, a tendência foi a de superar as condições limitadoras ao desenvolvimento da indústria cultural no Brasil, em seu duplo aspecto de produção de mercadorias simbólicas padronizadas e de lógica cultural no capitalismo tardio, pela qual todos se submetiam à unidade de produção e mercantilização, que impunha seu próprio ritmo, dirigindo e disciplinando a necessidade dos consumidores, destacando-se o papel significativo da propaganda nesse processo. **A cultura de massa, contudo, não se tornou necessariamente igual para todos os estratos sociais, havendo tipos diferentes de bens simbólicos para consumidores de cada nível socioeconômico ou mesmo de cada corrente de opinião ou comportamento, conforme indicações de pesquisas de mercado, que ‘descobriam’ os nichos mais viáveis e lucrativos** (RIDENTE, 2014, p.241, grifos meus).

O par, em sua gênese, trouxe esse modernismo responsável tanto pela violência que carregava, quanto pela forma arquitetônica vorazmente dialógica. Não se abstrai por meio desse gênero; procura-se sempre um referente, diametralmente, estimula à reflexão justamente por deslocarmos ao entrarmos em contato com ele, o *hip* (quadril) e o *hop* (mexer). Politicamente, engajado, vanguarda de um processo diaspórico ininterrupto, o par é violento porque expressa a fome permanente e pobres, negros, imigrantes e mulheres desse país

sempre levando a mais substancial mensagem ao outro que se altera pela breve identificação para com a subalternidade.

Fora o rap ostentação, aquele dos anos 60 e 80, que trouxe o caminho do meio entre a cultura de massificação e a particularidade dessa cultura da fome. Cada campo da esfera social recolhe a estética que mais se aproxima da ética que lhe apraz à compreensão, que mais se faz necessário. Nesse ínterim, a fome é sempre um fator extremamente constante, seja do pão ou da responsabilidade, no sentido bakhtiniano do termo.

Seja por temas relacionados à violência policial, à movimentação da população urbana na grande São Paulo, da questão racial, do grotesco que expressa e deixa transparecer as transgradiências etc., um ponto nodal e dialógico que devemos fazer aqui nesse momento, nada mais é que tratar de um entoar, de uma concepção de mundo afrodiaspórica, há sob o nível da consciência expressiva nas letras aqui analisadas e nas reflexões até agora postas. Taperman (2015). Ao citar Paul Gilroy (2001) para evidenciar a defesa desse autor de que a *blackmusic* é a valorização do movimento epistemológico e contingencial promovida pela imigração forçada pelo Atlântico Negro, enfatiza que valores culturais advindos da África se materializam em gênero como uma forma de resistência e não somente como uma forma de expressiva desconexa:

“um fundo comum de experiências urbanas, pelo efeito de formas similares – mas de modo algum idênticas – de segregação racial, bem como pela memória da escravidão, um legado de africanismos e um estoque de experiências religiosas definida por ambos. Deslocadas de suas condições originais de existências, as trilha sonora dessa irradiação cultural afro-americana alimentaram uma nova metafísica a negritude elaborada e instituída na Europa em outros lugares dentro dos espaços clandestinos, alternativos e públicos construídos e tornou de uma cultura expressiva que era dominada pela música (GILROY, 2001, p. 28).

Grandmaster Flash, na década de 80 lançou um álbum cujo nome é o mesmo da letra principal de lançamento: *The Message*, cuja arquitetura lança mão de críticas que estão fundamentadas nos processos de exclusão pelos quais passava a população negra de Nova Iorque, de maneira a se ressaltar a precariedade e a necessidade de superação de tal condição.

As reiteraões que essa letra traz se correlaciona quase sempre à noção de desespero e emergência:

Não me empurre, porque eu estou perto da porta
Eu estou tentando não perder a cabeça
É como uma selva, às vezes, isso me faz pensar em
Como eu não enlouqueço

Todo o enunciado-rap se assemelha a uma narrativa época que longe de qualquer ficção, projeta uma realidade extremamente desfavorável e quase restrita aos meandros do caos. Narra-se a presença de vidros por todos os lugares, demonstrando o processo de demolição por parte do Estado de várias regiões periféricas para a construção de novas avenidas e a da própria depredação por parte da população que materializa de forma violenta a “fome” por melhores condições – por isso da importância de se compreender que a *Estética da Fome* se configurou um modernismo que ainda não fora nem compreendido, nem vivido. As “pessoas urinando nas escadas” faz com que lembremos de regiões paulistanas como o centro velho por onde moro atualmente, onde há várias regiões e espaços que servem de mictório para várias pessoas em situação de rua. A “fome” que gera a violência da fome, vai para além de má compreensão estética e política da América Latina e do Brasil, mas se expande para outros lugares, sendo muito mais uma questão classe e raça, que de territorialidade.

Desse modo, o que se percebe é que a violência mundial está correlacionada à fome ou a manutenção desse estado, imposto por grandes corporações como forma de obtenção de lucros. Vale lembrar que dos anos 80 em diante, até meados de 2002, as políticas de estado mundiais estavam inclinadas para as veredas neoliberais de modo que os Estados estagnavam se minimizando, fato que conseqüentemente só poderia gerar inúmeras revoltas. “Você cresce no gueto, vive uma vida de segunda/E seus olhos vão cantar uma canção de profundo ódio”. Parece que a gramática, a fisiologia de lugares que não oferecem certo bem-estar social é o grande palco criativo do gênero-rap: “Os lugares que você brinca e onde você fica/Parece um beco sem saída”.

As variáveis nas favelas e lugares marginalizados existem em grande número, dado que a falta de estrutura imputa aos humanos meios improvisados de subsistência. No Brasil, uma grande parte da população vive por meio de trabalhos informais, os quais garantem uma relação de precariedade civil e pessoal, além de economicamente “Agora você está desempregado, todo nulo no vazio[...] Foi preso por um lance de 8 anos[...] Sendo usado e abusado/ Agora servindo no inferno/ Até que um dia foi achado morto” (Referência música)

Vê-se a valorização do elemento defendido por AfrikaBanbaataa (ANO): o quinto elemento, o elemento da conscientização, da compreensão de que ao rap deve ser um fator primário de um processo de amplificação de conhecimento de que a diáspora transatlântica é um processo histórico contínuo em razão da ausência de reparações históricas que até hoje não ocorreram.

3.2 Consciência Black I – 1990

Não existe a primeira nem a última palavra, e não há limites para o contexto dialógico (este se estende a passado sem limites e ao futuro sem limites). Nem os sentidos do passado, isto é, nascidos no diálogo do século passado, podem jamais ser estáveis (concluídos, acabados de uma vez por todas): eles sempre mudarão (renovando-se) no processo de desenvolvimento subsequente, futuro do diálogo. Em qualquer momento desse desenvolvimento existem massas imensas ilimitadas de sentidos esquecidos, mas em determinados momentos do sucessivo desenvolvimento do diálogo, em seu curso, tais sentidos serão lembrados e reviverão em forma renovada (em novo contexto). Não existe nada absolutamente morto: cada sentido terá sua festa de renovação. Questão do grande tempo (BAKHTIN, 2013, p. 410).

Uma questão importante que apareceu nessa pesquisa foi: de que modo tratar a *palavra reportada*? Várias letras de rap não estão registradas estando somente em sua forma musical, necessitando, dessa forma, de um tratamento de transliteração. Embora hajam inúmeras plataformas por meio das quais se possa buscar por letras de rap, quando se trata de algumas letras de MC's mais antigos, não se percebe tanta variedade a ponto de se poder encontrar as letras na íntegra. Diante esse impasse, ao transliterar as letras, cuidei para que eu pudesse

respeitar as variações de *entonação apreciativa*. Esse conceito, para o Círculo, defende que a compreensão de tudo o que se vive por meio das interações sociais em, quaisquer esferas, estará refletido e refratado via *entonação* ou *apreciação social*. Dá-se ênfase a determinadas unidades da comunicação verbal – gráfica, sonora ou pictoricamente – em busca de se evidenciar um determinado tema ou temática pela qual se pretende expandir o encadeamento linguístico ao qual se reporta.

Quando alguém diz: “vá e VOLTE logo”, dando ênfase sobre uma unidade dos elementos semióticos da enunciação, não somente pode se perceber que há uma ênfase sobre o ato de voltar ordenado a alguém, bem como se evidencia que por razões ideológicas há construção social-histórica, “voltar” se faz necessário.

Nesse sentido, como modo de promover a visualização do ritmo configurado nas letras – evidentemente que de maneira extremamente simplificada, a notação (/) representará um determinado fluxo (*flow*) ou emissão fônica; como exemplo, pensemos na clássica música tão conhecida no mundo globalizado ocidental no qual nos encontramos “Águas de Março”: “É pau / é pedra / é o fim do caminho”. Percebam que para cada intervalo marcado pela notação (/) pudemos identificar uma alternância de notas as quais em harmonia configuram o encadeamento musical na qual a obra será produzida. Uma vez sendo meu interesse nessa pesquisa compreender as nuances ideológicas em suas bases dialógicas do gênero rap com a teoria decolonial, todos os recursos de compreensão musical tendem a contribuir para esse fim. Muito simplificada, a entonação de cada enunciado-rap aqui colocado é uma junção dos diversos elementos musicais e gráficos a serviço das implicações e determinações sociais.

A cada vez que um pesquisador se depara com um *material*⁶²verbal diferente em termos de forma daquele com o qual está trabalhando, faz-se necessário que ele o translitere, ouça a voz e passe para o papel. Nesse momento, presentifica-se a *sintaxe da enunciação*, a qual não pode ser analisada tão somente pelos elementos das formas da língua, mas sobretudo

⁶²Lembremos que para Bakhtin (2003) os gêneros do discurso têm como base sua fundamentação em forma, conteúdo e material, os quais são inseparáveis. Por material, entende-se a plataforma ou o meio físico pelo qual a palavra é transmitida. Se se trata de um chamado em plena rua: “Olá!” Temos como *material* a fisiologia fonológica. Em caso de uma reportagem de jornal sobre a fragilidade das periferias no contexto do COVID-19, temos a folha do jornal ou a tela de um aparelho que transmitirá a imagem sob uma plataforma digital.

pelos aspectos sócio-históricos que determinam e condicionam minha palavra **na** palavra do outro. Volochínov (1929, p.?) quando procura situar os valores decorrentes da *palavra reportada* afirma que a “*sintaxe da enunciação* é reconhecida no encontro entre as palavras, na eventividade de uma palavra sobre outra palavra” no momento a enunciação que chega até mim e não é marcada por um gênero, mas pela dinâmica do “*diálogo interno* que há em quaisquer gêneros”. Assim, “não há formas sintáticas cuja função seja a de construir a unidade do diálogo. Não há sintaxe do diálogo enquanto gênero [...], o diálogo interno à palavra que reporta que pode nos fazer ver como funciona a sintaxe da enunciação como encontro de palavras” (PONZIO, 2013, p. 30).

Interessante perceber que não há uma gramática para se compreender o diálogo, embora alguns gêneros dramáticos o tenham como elemento constituidor, não se pode apreender as razões pelas quais a resposta ao diálogo entre Margaret Thatcher, em 1994, e um jornalista da revista Veja – quando foi perguntada sobre quais teriam sido os motivos que levaram a Inglaterra a uma grande crise após seu governo de doze anos tenha sido a seguinte: - “Antes de mais nada, tive de me livrar do socialismo – e consegui”.⁶³ Qual regra gramatical determinou as motivações e a *exotopia* contida nesse diálogo? As regras gramaticais de convenção de escrita são como um sinal de um farol, cujo continente de sentidos deve ser explorado. O sentido está no cotejo que se faz entre todas as enunciações, verbais e não verbais do *pequeno* e do *grande tempo*.

Entre as palavras que reportarei de Sharylaine, do grupo Street Dance e de todos outros humanos fazedores de rap da próxima coletânea a ser analisada e de todas as demais, procurar-se-á estabelecer um profundo contato com essa *sintaxe da enunciação* preconizada pelo grupo de estudos de Bakhtin, haja vista que estaremos – percebam que o uso alternado das vozes verbais por meio das quais construo ora se presentifica em primeira pessoa do singular ora em primeira do plural, pois a divisão entre a palavra minha e a palavra do outro na verdade é um encontro, que se deixa escapar pelas formalidades convencionais da língua – à

⁶³Entrevista acessada e disponível em: <<https://veja.abril.com.br/blog/reveja/margaret-thatcher-ensina-a-receita-do-8216-capitalismo-popular-8217/>>. Acesso em 11 abr. 2020.

procura dos *diálogos internos* dos enunciados, isto é, a fonte da palavra alheia que se materializa na minha palavra.

A segunda coletânea a ser analisada, “Consciência Black I”, fora lançada em 1990, dando luz ao nascimento de importantes artistas como o Racionais MC’s e Sharylaine. A amplificação temática que pode ser encontrada nos enunciados-*rap* contempla a maior parte do debate decolonial em suas bases. A modernidade – no sentido de inovação, e as contribuições que o gênero *rap* possibilita vão de encontro com toda crítica de debates implantados no decorrer da perspectiva decolonial. Só não posso ser leviano e deixar de remarcar que a palavra quando reportada, seja de qual documento for, em relação ao seu sentido, traz tendências sociais estáveis de percepção ativa da palavra outra, como são cristalizadas nas formas da língua. O mecanismo desse processo não está dentro da alma individual, mas na sociedade, que se seleciona e gramaticaliza (ou seja, adapta-se à estrutura gramatical da língua) apenas aqueles momentos na percepção avaliadora ativa da enunciação outra que são socialmente pertinentes e constantes e que, conseqüentemente, baseiam-se na própria existência econômica de uma dada comunidade linguística.

Composta por um conjunto de nove faixas, em “Absoluto”, primeira do disco, nota-se a brevidade da construção da enunciação e da reiteração do tema da metalinguagem em que se ressalta o *rap* como um código verbal a ser explorado: “Código Verbal é meu tema atual” e do “absoluto” como uma exotopia encontrada que garante uma concepção de vida menos trivial e “escura”. Toda a letra é composta por um campo temático que gira em torno do *rap* enquanto meio de contestação – sem que se expresse claramente isso – e da oposição à escuridão encontrada na “falação” sem sentido prático – fazendo uma alusão às igrejas – e que julga de maneira que o próprio narrador vai se estabelecendo como aquele que está pronto para receber ao diferente: “A sua idade não, não quero saber/Qualidades tem/Então eu quero ver”. Em síntese, o refrão da música há de nos ajudar significativamente no processo de compreensão dessa faixa:

Absoluto, é indiscreto, hahahaha
Não vou para o escuro, sigo sempre direto

Absoluto, indiscreto
Não vou para o escuro, sigo sempre direto

A segunda faixa do disco traz um momento histórico e de suma importância: é o primeiro rap gravado por uma mulher no Brasil em meios fonográficos oficiais. Disso decorre não somente um salto emancipatório para com aquilo a que nos referimos como 5º elemento do *Hip Hop*, defendido por GranFlash Master (ANO): a consciência, mas como a primeira unidade da comunicação verbal dentro do gênero rap e que trará temas inovadores cuja singularidade do mesmo reside nessa exotopia feminina. Uma das criadoras da “Frente Nacional de Mulheres no *Hip Hop*”, coletivo que atinge 17 Estados da Federação, ajudou no assentamento das bases da inserção da mulher no metiê do *Hip Hop*, tão severamente machista.

A faixa 2, “Nossos dias”, aborda com profundidades questões relativas ao cotidiano de uma jovem rapper que precisa se afirmar em termos de gênero, etnia e classe. Traz em seu *lugar de fala* não somente a necessidade de se colocar adiante um emaranhado de preconceitos e esteriótipos, mas faz-se além do que isso, se coloca como alguém que embora lute, não deixa de lado a ternura vivificante que preenche nosso dia a dia.

Logo nos primeiros versos pode-se notar a projeção da ampla compreensão da dimensão integradora de sua visão: “Vejo/que se criança não é fácil”, dado que volta seu olhar para as crianças, quando esse tema era pouco tratado nas letras de rap. Há um refinamento na forma em que realiza a estrofe inicial, porque reconhece a subalternização dentro da subalternização, isto é, consegue, mesmo do lado Sul no mapa, ou principalmente por isso, reconhecer as hierarquias internas à sociedade em razão do patriarcalismo que colocam a mulher indígena em graus de subalternizações em face da mulher negra e essa em relação à branca e, assim, transcorrendo de igual maneira quando se trata das outras classificações hierarquizantes criadas para sustentar o capital. Qual o lugar de fala de uma criança? Qual o lugar de fala de uma criança negra e indígena perante uma criança outra branca? Como seria bom se tais indagações fossem realmente conjecturas de uma pessoa e não de uma realidade – refiro-me às tendências atuais que afirmam ser vitimismo denunciar as hierarquias e as

consequências dos processos de escravização e de etnocídio por meio dos quais foram constituídas as Américas.

Pois bem ressaltado, Sherylaine (1989) coloca o jovem em uma condição de protagonista de seu tempo e não à toa o rap é o seu veículo mais propício: “jovem é outro papo/não dá pra manipular”. O refrão desse enunciado-rap é uma ode à desobediência, seja civil – global – ou local, ao meio artístico do rap que em seu âmago machista demorara muito para aceitar, respeitar e incentivar a presença de mulheres

Dissera que eu não podia cantar
e para outros me pusera 13 dias
não ligue meu bem que isso é prosa
se tudo se renova Sharylaine está a toda prova

A valorização do rap como gênero que reporta e permite se deixar reportar a palavra que reage à palavra, a realidade que reage à realidade, à condição colonial, é colocada nos versos seguintes:

ritmo e poesia eu traço muito bem
o rap se baseia em pensamentos muito além
consciência, enfim, reação leal
[...]
embora os pobres de espírito demonstrem o contrário
nós blacks sabemos pensar
e sobre a vida podemos então opinar
assim eu levando harmonia, folia, ironia
críticas e autocríticas ligados à política
(Nossos Dias, 1989)

Entre a transgressão e a esperança, esse enunciado-rap enfatiza o dia a dia contemporâneo em que passa a narrativa. O ano era de 1990. Esses tempos na história do Brasil eram de extrema dificuldade econômica, pois se iniciava um processo de recuperação econômica pós processo de impeachment do então presidente Fernando Collor, quando os planos de estabilização da economia massacravam as bases estatais e as garantias de bem-estar social, momento em que o povo fora brutalmente massacrado em face da recuperação econômica, movimento clássico dentro da perspectiva desenvolvimentista.

Bahktin sempre salientava (1988) que a *sintaxe da enunciação* pode ser percebida com maior e mais profunda intensidade na palavra literária justamente porque essa se reporta no mesmo momento em que é produzida. Os discursos literários precisam de discursos para se estabelecerem e, por isso, as formas diretas e indiretas livres são tão usadas. Nesse sentido, todos os enunciados-*rap* aqui quando transliterados, embora sem o trabalho esteticamente objetivo para esse fim, estão sob a ordem literária. É nesse aspecto que concebemos o *rap*, como uma unidade artística que também literária e que transmite a tendência da tendência, isto é, mesmo tendo ocorrido em 1990, as questões que fundamentam a *orbe* e a *urbe* da colonialidade permanecem.

Sharylaine traz a um só tempo todas as questões que devemos cuidar ao pensar a colonialidade e o valor do *rap*: raça, gênero e etnia. O enunciado-*rap* “Nossos Dias” amplifica a esfera social do cotidiano por meio de um movimento de enunciação temática que poderia ser compreendido sob as seguintes linhas: o poder da juventude, o lugar emancipatório da mulher por meio do *rap* e seu direito a isso e o *rap* como meio de consciência do povo “black”.

A transformação dos fatos da vida em arte nem sempre é uma ação de prazer, haja vista que a própria existência do *rap* pressupõe um estado de condições desfavoráveis à existência humana na sua plenitude. Imagino que se gêneros como o *rap* não precisassem ter existido, o mundo seria menos desigual. As próximas faixas do “Pobreza”, de “Criminal Master” e “Loucos e Loucas” de Frank e Frank trazem, respectivamente, contrapalavras que versam sobre a questão da miséria como resultado de atos de corrupção e a inter-relação entre loucura e paixões como atos que envolvem a plena entrega ao outro, cujos valores nem sempre se coadunam com os valores românticos postos à disposição das projeções mentais mais convencionais.

Nessa coletânea, encontra-se o registro da primeira gravação dos Racionais MC’s, com duas faixas: “Pânico na Zona Sul” e “Tempos Difíceis”. A profundidade temática e o grau de *exotopias* mais densas podem ser notadas nessas letras, pois uma das grandes características desses dois enunciados-teses é sua extensão temática e maior proximidade prosaica para com o cotidiano qual é apresentado. O Racionais MC’s conseguem transpor as barreiras do local,

das mediações de onde vieram seus integrantes – zona Sul e Norte de São Paulo realizando de modo como jamais outro grupo fizera o entoar de vozes entre os subalternos, ou seja, conecta demandas e formas de vida por meio da realização de um enunciado como lugar comum.

Por meio do enunciado-*rap* “Tempos Difíceis”, a reverberação do que ocorrera nos anos 90 é reiterado por uma variação temática extremamente potente. Creio que quanto maior a amplificação das esferas sociais por onde uma voz social (*rap*) atinge, maior variação temática houve na construção estética dessa determinada unidade da comunicação. Nessa letra da coletânea em questão, o refrão, “Tempos/Tempos difíceis” marca a profunda dicotomia sob qual grande parte da população passava e ainda passa de pêndulo social que se movimenta entre a riqueza e a pobreza. Negro e branco central ou periférico, isto é, entre as dicotomias configuradoras do Ocidente, tal como o conhecemos. Afirmo que esse enunciado-*rap* seja um ponto de crispação importante de questões por ela retomada a todo instante, quais sejam: minoridade criminal, indústria bélica, concentração de renda, corrupção, violência, mercantilização do sexo, desigualdades sociais, entre outros.

O campo discursivo em que se evoca e se efetiva o *rap* é um campo polêmico, seja no campo do questionamento das estruturas sociais que se fundam no âmbito da contraposição aos estamentos da *colonialidade do poder e do saber*, bem como da condição interna aos aspectos e aos *modus operandi*, como o enunciado “Fim de semana no Parque”: “Feliz e agitada toda ‘prayboyzada’ /As garagens abertas eles lavam os carros /Desperdiçam a água, eles fazem a festa!”. Por mais que a Constituição Cidadã tenha sido promulgada em 1988, a concretização de alguns direitos básicos tenham ocorrido somente anos mais tarde essas garantias puderam ser sentidas, como a questão da universalização da saúde e educação públicas nos anos 2000.

Em meio a esses anos turbulentos, o que se pode notar é uma grande confluência de valores captados e transformados em sentido estético por meio da obra dos Racionais MC’s, sob os quais se começava a se construir o ponto de vista periférico, que dois anos mais tarde com o lançamento do disco *Holocausto Urbano* (1990) e com o EP *Escolha seu Caminho* (1992), passa a ganhar ainda mais amplitude e força discursiva, refletindo e refratando as vozes sociais que compõem o emaranhado de potência volitiva. Segundo *Acauam Silvério* (2018, p. 27) o

grupo ainda não havia encontrado a sua proposta de linguagem mais adequada, pois nessas obras ainda não havia “uma linguagem em que a comunidade periférica se encontra representada. Isso porque em várias dessas canções o rapper assume uma postura autoritária”. O autor, ao fazer essa análise, atribui essa postura autoritária ao fato de que a exotopia do rapper é colocada como superior a quem não vive nas realidades das comunidades, como em “Pânico da Zona Sul”, uma das letras da coletânea “Então quando o dia escurece/Só quem é de lá sabe o que acontece” e por outro, um tom de autoridade sobre a própria periferia, quando acusam seus moradores de serem alienados e limitados como o enunciado-*rap* “Beco sem saída” quando se expressa:

Mas muitos não progredem porque na verdade assim querem
Ficam inertes, não se movem, não se mexem
Sabe por que se sujeitaram a essa situação?

É nesse ínterim, que Acauam (2018) defende que a forma estética mais próxima a um coletivo de construção ocorrerá em “Sobrevivendo no Inferno”, pois nessa obra houve a passagem de um tom professoral e autoritário para outro menos impositivo, em que se ouve e se faz ser ouvida as vozes sociais das esferas de onde e sobre os quais se entoa. Como por um processo de revisão.

Na parte “Infância I”, o subcapítulo “Terapêutica”, da obra *Écue-Yamba-ó* de Alejo Carpentier, há evocação ao Santo Protetor por meio de um cântico de louvor que possa chamar a proteção para as empreitadas e veredas que virão adiante. Vale ressaltar que nessa obra de Carpentier, publicada na Espanha em 1933, já trazia uma invocação próxima a Jorge de Capadócia, a qual introduz o disco *Sobrevivendo no Inferno*.

O velho Beruá, médico da família havia quatro gerações, correu ao barraco para “jogar búzios” e aplicar com suas mãos calosas três onças de banha de cobra *majá* sobre o ventre de menino. Depois, sentado à cabeceira, recitou por ele a oração ao Justo Juiz, que o colocaria por longo tempo a salvo da perseguição de homens e animais:

‘Leões e leoas vêm contra mim. Que se detenham como se deteve o Senhor Jesus Cristo diante do Dominus deo, e disse ao Justo Juiz: ‘ Ei, Senhor, vejo

que meus inimigos se aproximam e três vezes repito: tenham olhos e não me vejam; tenham mãos e não me toquem; tenham boca não me falem; tenham pés e não me alcancem. Com os dois eu olho, com três lhes falo. O sangue lhes bebo e o coração lhes parto. Por aquela santa camisa em que teu Santíssimo Filho foi envolto. É a mesma que estou usando, e por ele hei de ver-me livre de prisões, de más línguas, de feitiçarias, de danos, de mortes repentinas, de punhaladas, de mordidas de animais ferozes e envenenados, para o que me encomendo a tudo o que há de angelical e sacrossanto e me haverão de amparar os Santos Evangélicos, pois no primeiro nasceu o Filho de Deus, e vocês chegaram abatidos até mim, como o Senhor Abateu no dia de Páscoa os seus inimigos. Em quem se deve confiar é na Virgem Maria, na hóstia consagrada que será celebrada como o leite dos peitos da virginal da Mãe. Por isso hei de me ver livre de prisões, não serei ferido ou atropelado, nem meu sangue será derramado, e nem morrerei de morte repentina, e também me encomendo à Santa Vera cruz. Deus comigo e eu com Ele: Jesus, Maria e José” Carpentier (1989, p. 27-28).

A dialogia é nada mais que a historicidade refletida nas reiterações das práticas da vida. De tempo em tempo, as fraturas da miscigenação e das confluências das narrativas da modernidade materializam-se em outras narrativas de maneira que a Revolução Científica, ainda em curso, coloca-se diante do não categorizável aos moldes da positividade das expressões científicas. A obra de Carpentier e dos Racioanais MC's nesse subcapítulo enunciam o sincretismo e na defesa de que a Ocidentalização não apaga nem silencia quando o mesmo e o diferente, o racional e o mítico se coadunam, quando os griots e as teses cantam e entoam que ainda há um curso humanitário que necessita da tradição e do reconhecimento da tradições que nos consdatitui. O rap, então, assim como grande parte dos gêneros, coloca em evidência a pretensão da colonialidade em persistir e em se manter como uma voz única, na figura da mônoda.

Capítulo 4

LETRAMENTO DECOLONIAIS PELA VOZ SOCIAL DO RAP

O texto (escrito ou oral) enquanto dado primário de todas essas disciplinas, do pensamento filológico-humanista no geral (inclusive do pensamento teológico e filosófico em sua fonte). O texto é a realidade imediata (realidade do pensamento e das vivências), a única da qual podem provir essas disciplinas e esse pensamento. Onde não há texto não há objeto de pesquisa e pensamento. [...] Independentemente de quais sejam os objetivos de uma pesquisa, só o texto pode ser o ponto de partida (BAKHTIN, 2003, p. 307/308, grifos meus).

[...] Fanon aponta para a necessidade de novas práticas que possam compreender e intervir nas demandas da população negra. Evidentemente, não se trata de criar uma ciência específica para os negros, mas de incluí-los como “diferença” Para exemplificar, o autor faz um escrutínio sobre a Psicanálise, e conclui que ela não se aplica à população negra, já que o modo de relação familiar e o drama burguês do complexo de Édipo, bases dessa teoria, não se efetivam no contexto da cultura negra e, como consequência, a psicanálise consegue no máximo uma patologização dessa população (VIVAR y SOLER; KAWAHALA, 2010).

Da periferia, os enunciados emancipadores que mais são ouvidos advêm da voz e não das letras visuais, não da verbalização gráfica, mas das vozes das ruas e que sobre as ruas dizem. Essa voz ecoa nas casas e falam sobre quase tudo o que passamos na condição reverberada da Casa Grande. Lembro-me de que as minhas referências “literárias” durante o Ensino Básico e Médio eram *509E*, *Racionais MCs* e *Facção Central*. Machado de Assis, os modernistas e todos os demais vieram apenas quando iniciei o Cursinho Pré-Vestibular, mantido e criado por um projeto de extensão da UNESP Araraquara, cidade onde me criei e fiz graduação. Foi durante esse processo que descobri que havia divisão entre as frentes das disciplinas tal como Álgebra, Trigonometria e Geometria. Descoberta vivida aos 18 anos de idade, momento em que realmente conferi que os anos escolares anteriores foram quase que um momento de lazer, haja vista minha enorme defasagem em várias matérias.

O movimento de passagem entre o universo oral para o escrito, para nós, vindos da periferia, raramente acontece nos anos iniciais de alfabetização ou mesmo nas fases iniciais da vida. Paulo Freire (1983), ao colocar a noção da demanda e das referências de vida como

primordiais ao processo de aprendizagem, fez com que se compreendesse que a interação social é o que determina os demais processos da vida. Uma vez que meus pais eram trabalhadores do campo migrados para cidade, cozinheira e agricultor, a necessidade das letras sempre fora menor de que as das disposições artesanais e fabris, atividades cuja força de execução pressupõe pouca demanda intelectual, evidentemente que não menos importante ou tampouco cognitivamente bem desenvolvidas. Não preciso aqui descrever a relação tempo-lazer que acomete os trabalhadores do campo e das cidades. Quem realmente faz a máquina girar, isto é, os trabalhadores dos setores de serviço e da administração neocolonial, pouco tempo têm para lazer e, quando dispõe desse elemento, a infraestrutura das cidades ou os preços não os permitem fazer bom e saudável uso do tempo infuncional, tal como expõe e defende Ponzio (2010, p. 142) “o infuncional é o humano”.

Esse *locus enunciativo* do qual e para o qual emerge o rap faz possível que a periferia se reconheça, se informe e se altere por meio de jogos de identidades e alteridades por meio da *forma composicional* de gênero, bem como pudemos perceber. A voz social exclamada nesse tipo de enunciado não só traz gritos de denúncia, como também louva e valoriza as cores locais, que tanto são deturpadas em projetos de anteprojetos de uma nação injusta.

Nesse capítulo, sinto e vejo como necessário trazer a voz de outros rappers reportada e desenhada pelo projeto de discurso de uma visão decolonial, a voz que, como eu, compreenderam grande parte das coisas e fatos da vida por meio desse gênero-vida. O que fora refratado e refletido em meu processo de emancipação da consciência também poderia ter sido, bem como poderá ser visto, por outras pessoas vindas de lugares e com histórias parecidas com as que vivencie, as quais me constituíram. Pois bem, como um trabalho de campo, em que se procura na palavra alheia a *palavra própria*, entrevistei dois jovens rappers e militantes de duas periferias da cidade de São Paulo: MC Mmoney e MC Sasquat; sob a mediação de Gabriel Ximenes, produtor cultural e cocriador de um importante coletivo de São Paulo, O *Fino da Zica*⁶⁴. Por meio de uma roda de conversa on-line, pudemos trocar as nossas histórias e veredas de vida. A intenção era colocar em movimento o que em grande parte desse trabalho

64 Para conhecer mais sobre esse excelente projeto, acesse ao seguinte site: <https://www.youtube.com/c/OFinodaZica/videos>.

se explicita: a importância do rap como um mediador do pensamento decolonial. Embora a abordagem não tenha sido a linha de frente da composição das perguntas das entrevistas, pude perceber que a dialogia entre o pensamento decolonial e a práxis do rap se entrelaçam.

4.1 Entrevista com Mmoney

Mmoney, morador do bairro do Grajaú é conhecido na cena do rap desde 2007, tendo produzido inúmeras músicas e dois álbuns. Fora o primeiro rapper a fazer parte do programa o *Fino da Zica*, já mencionado. Os enunciados que orientaram nosso bate-papo foram os seguintes:

1. Rap: O que é? Em uma palavra?
2. Parece que o rap sempre incomoda, não é algo agradável, como a *Bossa-Nova*, por exemplo. E esse incômodo é causado até nas classes mais baixas, não é uma questão de poder aquisitivo só. Ao mesmo tempo, tem gente da classe média alta que curte. Como se explica isso?
3. No Brasil, parece que o engajamento social do Rap é maior que nos USA, por exemplo, o Gang Star Rap aqui parece não fazer tanto sucesso. Por que isso?
4. Bolsonaro. Pandemia. Ascensão da direita. Aumento da violência e da pobreza. Como que o rap se coloca diante a isso?
3. Poderíamos dizer que o Rap é umas das "literaturas" da periferia mais importantes?
5. O disco dos Racionais "Sobrevivendo no Inferno" foi publicado, ou seja, agora o disco se tornou um livro e faz parte da lista de livros que devem ser lidos para o vestibular da UNICAMP. Você acha que deveria haver mais publicações de disco em livros?

Essas questões foram projetadas para Money que usava seu celular, na área de sua casa, em um breve intervalo que teve para nos atender entre as atividades de olhar seu filho e cuidar da organização e da preparação das marmitas a serem entregues a famílias carentes que ainda mais se vulnerabilizaram diante a Pandemia de 2020/21. Como legenda, Eu-outro tratar-se-á do meu lugar de fala que é profundamente dialógico e plural. De outra parte, a voz social dos rappers demarcadas com seus respectivos nomes. Mmoney e Sasquat.

Eu-Outro: Bem, é um prazer enorme te conhecer! É a primeira vez que converso diretamente com um rapper e fico muito grato, pois eu estudo isso e como um cara da periferia, de duas periferias, aliás, uma periferia do campo, meu pai e minha mãe lutaram junto ao MST (Movimento do Trabalhadores sem Terra), e outra da cidade. Então, pra gente que tem desde cedo contato com a periferia, me refiro a todos aqueles que nasceram de 80 pra frente, tem esse contato com o rap desde muito criança, como forma de educação. Estou em São Paulo há 4 anos, vim para cá porque tem mais trampo e tal, no interior é um pouco escasso para minha área. Desse tempo para cá levo minha vida como pesquisador e professor. Faço essa pesquisa cuja tese é: o rap é a expressão decolonial mais veiculada.

Mmoneys: Da hora, mano, muito massa mesmo. Agradeço. Eu ia pedir para o Xis (Gabriel Ximenes) ler as perguntas novamente aqui, pode ler elas mesmo em sequência, e aí a gente pode falar mesmo um pouco em sequência o que cada uma pode mesmo reverberar e qual o objetivo disso e isso um pouco pautado mesmo na minha visão. Não quero de maneira nenhuma ditar a verdade, até mesmo porque eu sou um mero contribuinte assim dessa coisa gigantesca que já fez muito por mim e pelos meus irmãos. Não esquenta a cabeça.

Eu-Outro: Rap O que é. Em uma palavra?

Mmoneys: Rap o que é em uma palavra? Mano, pra mim, estava até falando isso com um camarada que veio aqui, o Harry, e que o Xis conhece, o rap hoje tem um papel muito mais pautado, não muito mais, mas também um papel muito mais enviesado no entretenimento que outrora era, muito mais relacionado à informação mesmo, tá ligado? Era uma ferramenta de informação mesmo. Estava trocando ideia de como a gente foi descobrindo e pesquisando palavras novas ouvindo Racioanais e Facção Central, tipo que ouvindo umas palavras meio em inglês e a gente ficava: o que é isso “ Charles Bronson”, “Lupa Mochilon”, isso estava tanto em nosso contexto que nos instigava a pesquisar , então, para mim o rap sempre esteve pautado na informação, então se eu pudesse dizer o rap em uma palavra diria informação, mas talvez possa ser meio limitador, eu digo isso com base na minha vivência porque hoje o rap é global , mas para mim o cunho informativo ideológico sempre será mais relevante. Informação e formação. Se eu pudesse colocar essas duas acho que seria isso. Se não, informação mesmo. Aliás, acho que o meu rap está pautado muito em cima disso. Eu até tenho me desafiado mais a fazer um rap mais plural que atinja mais pessoas. Mas eu não pretendo fazer um rap só porque o movimento da cena é diferente. Talvez eu possa explorar essa a sonoridade da tendência atual, mas irei colocar minha identidade sempre na questão da informação.

Eu-Outro: o rap “incomoda”, não é algo “agradável”, quase sempre ele não é “agradável”, né? Agora a Bossa-Nova, quase nunca é desagradável a menos que eu coloque uma letra ruim assim xingando alguém etc. Você acha que esse incômodo é necessário?

Mmoneys: Eu creio que ele incomoda dependendo do ponto de vista, tá ligado, de onde se vê, porque acho que aqui no gueto, não sei não posso falar por todos, mas acho que aqui no Gueto ele não incomodou tanto, ele serviu mais como alimento, ferramenta de expansão para a cultura que já era forte, tá ligado? Mas de onde você está falando, ele incomoda porque, mano, ele trata

de assuntos que, acho que na verdade existe uma fronteira periódica, porque o rap ele já incomodou, tá ligado? Por de repente negar os meios convencionais de difusão e isso incomoda porque era em gênero potente que atingiu uma grande camada da população, mas que de repente estava funcionando de uma maneira paralela em todo um sistema de mercado que estava pautado num estereótipo musical e de vários outros tipos, social, enfim, o rap tava marginalizado justamente por ser proveniente das margens. Mas aí eu acho que a partir do momento que o rap passa a ter acesso e a se dar oportunidade. Na verdade, eu acho que o espaço foi sempre muito pouco e se o rap quisesse há um tempo atrás ele não teria o mesmo espaço que ele teria hoje em dia. Eu acho que a internet tornou os expectadores não tão passivos quanta antigamente. Antigamente você assistia a um jornal e era aquilo, você recebia a informação em massa e que fazia era associar aquilo com sua família ou com um grupo de amigos próximos. Agora não, acho que com essa coisa de qualquer coisa você pode postar e muita gente para além de seu meio social ter acesso àquela informação, o rap atingiu outras camadas sociais, né, porque acho que a internet foi o advento que potencializou de fato. De 2009 para cá o rap ainda continua incomodando, mas a galera teve que engolir, tá ligado? Teve que engolir porque a minoria teve mais voz que era antes quase nada de voz agora era mais representatividade porque tinha um preto na TV, a possibilidade da sua música tocar na rádio, essas coisas que antes eram muito distantes e agora começou a ficar mais palpável porque o rap foi entrando mesmo, foi corroendo o núcleo que estava todo protegido e foi entrando. Mas eu acho, cara, que ele ainda incomoda bastante gente porque como eu falei ele é informativo e acho que a gente tem grandes pensadores que incomoda, que ao mesmo tempo em que se tem gente que gosta. tipo Emicida, tipo Mano Brown, Djonga, artistas que são realmente formadores de opinião assim, mas é porque eu acho que esse lance de incomodar para mídia gera pauta. Mas eu não sei se é tão segregado ainda falta muita coisa, tá ligado? Falta muito preto e muito periférico ter acesso às coisas, né, nesse sentido de arte; mas eu acho que estamos caminhando para um lugar legal assim, mesmo nesses tempos sombrios, o rap tem tido uma representatividade nesses veículos. Que é sempre disputado na treta, na disputa. É muito louco ver um integrante do maior grupo de rap do Brasil se posicionar e chamar os caras para trocarem ideia e falar: mano, a cena aqui não pode o baguio tá pegando fogo aí, George Floyd, Movimento Negro, Corona Vírus, o mundo pegando fogo e vocês levando a atenção para um outro lugar. Eu achei louco assim essa possibilidade de diálogo. Fiquei até imaginando uma coisa assim meio monstra. Eu achei que foi importante. Acho que a gente está caminhando para uma evolução. Acho que a gente está pensando em se organizar. Aqui no território eu já enxergo isso um pouco também. Estamos caminhando para isso, para esse momento de organização macro, mas a cena tem conseguido se aproveitar dessa possibilidade porque como falei que antigamente esse expectador era muito passivo de toda informação, agora o expectador é produtor de conteúdo está utilizando as redes e fazendo o bagulho girar. Não sei se era isso, se fui muito claro. Desculpa aí galera se fui muito amplo.

Eu-Outro: No Brasil, parece que o engajamento social do rap é maior que nos USA, por exemplo, o GangStar Rap aqui parece não fazer tanto sucesso. Por que isso?

Mmoneys: Eu acho que quando a gente parte assim geograficamente falando, já falando de América Latina, né mano, eu acho que já é muito mais provável que o rap tenha para esse viés. Eu acho que no Brasil especificamente, né, um país em que sobra mazela, então não falta tema para se explorar nesse sentido E durante muito tempo o rap nacional ele se apoiou nesse lugar de denúncia. Tinha o Pepeu, o Dinaldinho com as melos e tal que trazia o entretenimento, mas

zero pautado na ostentação, mas atrelado ao lazer, enfim. E eu acho que o Brasil entendeu que lá o rap é o número 1 na gringa, muito diferente que no Brasil. O rap no Brasil durante muito tempo ficou pautado nesse discurso mais duro de quem escreve. Tinha menos espaço na mídia, enfim, porque a mídia queria mostrar isso dessa maneira. Em contrapartida, cara morto, o filho, só sofrimento da mãe. Tal né? Censuraram um clipe da Facção Central na época, né, tipo. Louco, né? Aí hoje em dia pelo que eu escuto assim e pelo o que eu vejo esses moleques estão ostentando, com arma e tal o que parece Gansgstar, eu acho que esses manos não estão vivendo isso na real, de maneira veemente. Eles se colocam numa condição de narrador, tanto que já vi o relato deles: “a TV pode mostrar o cara lá entrando no morro de arma e não sei o que e a gente não pode cantar a nossa música falando sobre isso, então eu acho que os caras são artistas antes de qualquer coisa. Eles são tipos roteiristas de um filme e depois são protagonistas de um filme que eles roteirizaram, então, eu acho que o rap hoje está no meio disso, o que um tanto quanto perigoso, mano, principalmente porque já rolou um lance de rapper defendendo facção e rapper atacando famílias. E aí eu acho louvável a posição do Edi Rock e não só trocar ideia com os manos da Haikkais que são duas bancas enormes do rap nacional, mas dos dois irem lá e trocar ideia com o Bluem tá ligado? E falar: - não a ideia é outra e vamos partir para um outro lugar. Então eu acho que tem essa coisa do Gansgstar de se pautar em uma narrativa de roteirização e estar ali na condição de narrar os fatos. E de outra parte tem um pouco do que você falou do rap mostrar aquilo que você conquistou já que o rap falou muito sobre as mazelas e ainda tem que falar muito porque se tornou uma referência de informação desse tipo de narrar esse contudo periférico. Eu acho que para além disso é importante o artista enaltecer aquilo que ele acha importante enaltecer, então se ele está feliz porque tem um carro é importante que isso aconteça ou porque ele sonha com isso como rola no Funk. Pra mim, como eu já disse, a informação é o que manda nessa cultura que tanto sou apaixonado, tá ligado? Mas a arte é livre, mano, se você quiser falar sobre outras coisas e não quiser informar necessariamente, é na sua responsa, cada um sabe o porquê está nessa cultura e qual a responsabilidade cada um dentro dela.

Eu-Outro: Eu tenho a impressão que o rap é uma das literaturas da periferia. Eu quando menino escutava 509-E e aquilo era uma forma de compreensão de como as pessoas que eram semelhantes a mim que vieram de uma vida parecida como a minha estavam presas, ou sofriam coisas parecidas. E depois disso fui para *Racionais MC's* e a partir disso uma literatura foi criada. Então, duas perguntinhas para ti:

- a) Você acha que o rap é uma literatura para a periferia, lembrando das aspas sobre a palavra literatura, porque todo processo de surgimento da literatura passou por expressões e tradições orais.
- b) Quais mudanças você acha que ocasionou a adesão da obra já publicada em livro de “*Sobrevivendo no Inferno*” pelo vestibular da Unicamp

Mmoneys: Mano, eu acho, aliás, com certeza o rap é a literatura da periferia e como eu falei fazendo um jus a legitimidade de ter colocada a palavra informação, antes de eu ler um livro ouvi muito rap, tá ligado? muito antes de eu ler meu primeiro livro já havia ouvido muito *Facção Central* que são crônicas assim, maravilhosas par e passo de *Legião Urbana* e de grandes outros cronistas da nossa música, tá ligado? Acho que a *Facção Central* me pegou assim principalmente por essa coisa da história assim, em um primeiro momento, por escutar aquelas histórias e saber que aquilo era parecido com a minha realidade, então, com certeza, o rap é literatura da perife-

ria. Como você falou primeiro nasce na forma oral e depois instiga. Para muita gente o rap chegou antes do livro. Aqui no gueto eu posso dizer que a literatura foi uma extensão do rap, foi disso que tive vontade de ler **Dom casmurro**, **Memórias de um Sargento de Milícias**, **Capitães de Areia** que eram histórias e eram cheias de palavras diferentes, tanto que uma das maiores referências que tenho assim na minha história é o “Parteum”. Não sei se você conhece assim, mas procure saber porque é surpreendente. Se não conhece procure ouvir, Parteum, raciocínio quebrado. E isso me fez ter mais vontade de ler, sabe, de conseguir ter o mesmo domínio que o Parteum tinha das palavras.

Agora sobre o *Sobrevivendo no Inferno*, mano, porra eu acho que demorou para acontecer. Eu acho que essa pergunta está bem atrelada àquela pergunta "O quanto o rap incomoda", pois eu acho que tem muita gente que estuda na UNICAMP que deve odiar e também deve haver quem gosta de *Racionais*. Da mesma forma que tem muita gente que estuda na UNICAMP e gosta dos *Racionais*, então, eu acho que é isso: dar a possibilidade, aliás, dar nada porque ninguém não deu nada pra gente, creio que se conquistou a possibilidade de adentrar nesses espaços com a relevância que ele merece e quanto aos *Racionais* eu acho que é incontestável a riqueza textual, semiótica, toda riqueza que está ali incutida na letra, social, né mano. Eu acho que essa deveria ser uma leitura obrigatória não só na UNICAMP, mas no Ensino Médio mesmo, porque como eu falei é muito formativo e informativo, momento em que as pessoas estão ali tomando a decisão do que vão fazer ou do trampo, enfim... é quando as pessoas vão tomar suas decisões *se conseguirem concluir* o Ensino Médio. Por isso há uma importância inenarrável de ter essas leituras nessa universidade tanto quanto em outras. E acho que reitero a importância disso no Ensino Médio, com toda força e contundência de tudo o que está ali. Não tem nada que está escrito ali que você já viu no Cidade Alerta. Então, se isso fosse uma barreira, não seria um problema. É isso!

O poder das conexões dialógicas em gêneros contemporâneos é algo incrível. O encontro entre as percepções de mundo que me tocam e me conduzem e aquelas que regem os passos de Mmoneis não são aleatórios, pois o encontro entre duas consciências coletivas, se dá quando horizontes sociais podem se conectar. As questões que nos instigaram a buscar outras formas de enxergar o mundo para além dos nossos guetos foram lançadas em grande parte pelo enunciado rap, isto é, pelas instâncias da consciência diaspórica.

Tudo o que me diz respeito, a começar por meu nome, e que penetra em minha consciência, vem-me do mundo exterior, da boca dos outros (da mãe etc.), e me é dado com a entonação, com o tom emotivo dos valores deles. Tomo consciência de mim, originalmente, através dos outros: deles recebo a palavra, a forma e o tom que servirão para a formação original da representação que terei de mim mesmo (BAKHTIN, 1992, p. 378).

A consciência de si vem da palavra, dos sons e dos gestos dos outros, o que me traz a responsabilidade de poder me colocar no *pequeno* e no *grande tempo*, como uma reverberação

das anterioridades e posteridades que virão. Trata-se de uma dinâmica viva e constante que nos obriga a ouvir e tomar parte, postura e dimensão do mundo tal como devemos e criamos, as nuances necessárias para interação no mundo. Quando Mmoneis sugere a implantação do rap ao logo no Ensino Básico, corrobora com a tese que aqui pretendo defender: o **letramento decolonial pode ser mais simples e eficaz se ocorrer por meio de enunciados de rap**. Os estudos descoloniais ou decoloniais assim se firmaram quando se percebeu que a identidade não refletia a alteridade das relações locais de pensamento advindo das epistemologias não eurocentradas. Pensar um mundo plural por meio de preceitos universais, tal como o positivismo tão profundamente procurou colocar em prática, destoava das implicações e das nuances que ocorriam nos entremeios das décadas de 60 em diante, quando os acirramentos entre eixos de poder global passaram a modificar paradigmas de formação e compreensão do mundo.

A dialogia é esse lugar de encontro das águas. Quando Mmoneis se refere às obras e artistas que lhe tocaram e os despertaram para a dimensão da informação, palavra definidora de rap, ele lança um conjunto de textos e de palavras alheias que estão em seu tempo também conectadas aos enunciados que fundamentam visões exotópicas de criticidade, as quais para mim hoje são chamadas de decoloniais, mas que à época de minha adolescência não eram. Analisando “Parteum”, rapper mencionado por Mmoneis, fica ainda mais coeso a noção de consciência como uma entidade muito mais social e coletiva que individual e recortada por meio de mândas, bem como fora e ainda o é, em vários setores defendido: de que as correlações da alma e as nuances projetadas no corpo social e individual são tão somente fragmentos do subconsciente, como se esse não antes tivesse sido formado em uma esfera e campo sociais específicos e com dimensões de sentido restritos ao pequeno e ao grande tempo. A seguir, “Raciocínio Quebrado”, de Parteum:

Muitos hermanos de mi raza tem a autoestima baixa
Mas a minha nunca abaixa
Eu não me encaixo no perfil que a TV vende no horário nobre,
É quando a audiência sobe que os bonecos se mexem e o nível desce

Pra dizer que de algum modo ainda... somos colônia
Meu verso é como amônia: neutraliza tudo e todos

Pesquisando cada estrela que brilha da sua vila pra minha...

Reta como a linha que nos liga até a próxima estação,
É a conversa que inicia nossa evolução.
A mão tão suja como o chão, a mente limpa
No que vão visitar templos em silêncio
Dou a terra o que é dela e nela fico até que o tempo acabe.

Nunca como Hammurabi troco olhos por dentes.
Mundo decadente que não anda pra lugar nenhum
Trago o poder de Zumbi, pra te salvar da alienação.
Auto-explanação quebrada e livre como a Cuba no seu copo
Guardo dinheiro pra ganhar na loto- nunca se sabe.
Disse Nas em '94 mas em 04 dizem que nada mais faz sentido...

Livros que tenho lido trazem luz
Então espalho cada frase que o sol me traduz...
Antiga como a festa do Carmo,
É a maneira reacionária que tolos usam pra promover discórdia
No lago da Concórdia até Jaboatão Dos Guararapes
Uso caneta e aponto rimas como lápis
Não é preciso ataque subliminar pesado igual correntes que prendem escravos
Fadhila Zapunda Ni Mateke me maltratam...
Pra que eu mostre meu poder bisneto da diáspora, a rima é áspera, função
pragmática.
Diversos na língua do colonizador...

Raciocínio quebrado

Mais uma mutação genética no gênero de música que faço
Aconteço como chuvas de verão, então não mude de estação
Enquanto exerço esse poder de lhe dizer por linhas tortas, como abrir portas

Pra que a mente seja livre como o corpo quer ser
Para que a vida seja mais que pesar e sofrer, não tente me vencer
Consiga mais alcance, mais domínio antecipado, pra ser rei do que produzo
Incrível como abuso dessa coletiva solidão humana
M. Sana agrupamento, lotes de talento em doses terapêuticas...

Muitos me dizem:

- Fábio, não precisa complicar!

Isso funcional cilada, quebro o raciocínio, leve o meu fascínio
Pelos beats pra planetas em outros sistemas
Eu não preciso de problemas que não sejam meus

Complicado como o Deus que a TV vende ao meu andar por essa terra

Domina o som de violinos no meio da guerra
 Causa e espera
 A mente só relaxa e fica lenta quando, troco fluídos,
 Libero dos sentidos pras revelações do texto...

A não profunda cisão entre o mundo da vida e da arte. Para isso, como pode se perceber e sentir nessa letra de rap, "Quebrar o raciocínio", ressignifica a questão do substantivo "razão", aloca, assim, como também está sugerido no nome do grupo "Racionais MCs" em que a noção de racionalidade universalizante fica quando se analisa a obra dos rappers reorientada para uma razão decolonial. Desloca-se as dicotomizações da ideia de raça, gênero e classe e as noções de validade científicas como únicas formas de saber para um lugar de dúvida, de revisão ao que tem sido imposto secularmente em nosso dia a dia.

A *geopolítica do saber*, em função da manutenção das *colonialidades do saber/poder* (QUIJANO, 2005) são e estão operando em sentido contrário nesse enunciado-*rap*, pois "quebrar o raciocínio" é operar sob os males do racismo e da segregação por meio de e através da língua e das formas de vida impostas pelos colonizadores:

"Pra dizer que de algum modo ainda... somos colônia
 "Meu verso é como amônia: neutraliza tudo e todos
 Pesquisando cada estrela que brilha da sua vila pra minha"

Ao unir a vida no encadeamento da história não oficial, isto é, a história que nega o processo genocida pelo qual o processo civilizador institui as Américas, em outras letras e sentido para mim e para os demais que sentem a *Abya Ayala*⁶⁵, temos caminhos de compreensão profundamente mais alargados e calcados em movimentos emancipatórios. Diante o fato de que determinados enunciados, tais como o rap, nos despertam para rumos de arqueologia das formas oficiais, pergunto-me: Quando nascem as pedagogias e de que modo suas metodologias emancipam àqueles que dela participam?

Quando Ogum ensinou aos homens a lidar com o fogo, quando nos terreiros de Umbanda e Candomblé Exu demonstrara o poder da comunicação e da transformação, quando Maria

65 Termo que na língua do povo Kuna, significa Terra madura, Terra Viva ou Terra em florescimento. Chama-se, então. América Latina por esse termo. Ou, melhor, chama-se por esse termo América Latina.

Carolina de Jesus, mulher, negra e mãe tornara público a miséria privada a que se submetia uma significativa parcela da população na favela do Canindé e, quando, por fim do parágrafo e não das exemplificações, as inúmeras poetizas, benzedeiros, pajés e cientistas tais como Gilka Machado, bell hooks, Catherine Walsh, Jacqui Alexander, Mamá Dulu, Maíra Yawanawá e tantxs outras resistantxs deixaram ecoar seus gritos e suas pedagogias, instaurou-se caminhos plurais e emancipatórios.

O que se pretende por meio das palavras que compõem esse texto nada mais é que realçar o pensamento de certas entidades humanas que colocam a noção de emancipação como um lugar comum de alteridades, por isso, de resistência. Antes de dissertar sobre pedagogias que se colocam como resistências e que são, de certo modo, o encontro entre as percepções e vivências mediadas pelo rap, é preciso considerar a localização em que ela se manifesta. Somente depois do Holocausto, termos como genocídio figuraram nos anais da história oficial; foi no idos dos anos 50 quando houve a criação de entidade de cooperação internacional como a ONU. Os quase 500 anos de ininterrupto processo de genocídio e epistemicídio contra *afro-pindorâmicos*⁶⁶ não foram suficientemente urgentes para que medidas de âmbitos globais fossem colocadas em prática. O regime de *colonialidade do poder e do saber*, bem como explicita Quijano (2005), se localiza na dinâmica da reprodução dessas formas coloniais qual seja: o da necropolítica, reiterando o conceito de Achille Mbembe (2018) que resume a máxima expressão da soberania de quem pode viver e quem deve morrer. Mulheres, indígenas, negros e imigrantes são quem preenchem o mapa da morte. E ainda há outra entidade que essa colonialidade a qual nos referimos pretende extinguir: a natureza.

Sabe-se qualquer que seja a manifestação humana de construção das coisas materiais e simbólicas, são essas resultadas de projetos anteriores advindos de certa tradição científica, religiosa, moral e cultural, sincronicamente em relação e em prol a um horizonte que reproduza e crie algo novo. Nesse sentido, o que fora Abya Yala tornou-se Américas, sob perspectiva das cosmovisões dos povos originários. É inevitável recuperar os projetos que antecedem a noção,

66 Dialogo como o termo cunhado por Leal (1991) com base em seus estudos e publicações, em especial o trabalho **Encontro com um Brasil Afro-Pindorâmico: processo** formativo de pesquisa contra colonial em terras indígenas no Espírito Santo, de 2019.

a territorialidade e a práxis do que hoje se conhece por Américas. Algumas bases dessa construção imaginária e geopoliticamente bem definida são: **i)** um lugar que não é a Europa; **ii)** habitada por povos que não eram detentores de conhecimentos sistematizados sob a ordem lógico-racional; **iii)** um espaço e cultura que estavam por se construir, pois a predominância ágrafa e de sociabilidade comunitária não dispunha de elementos civilizatórios que convergiam em práticas de acumulação de capital e em práticas técnico-capitalista e **iv)** o patriarcado predominantemente branco.

O pensamento *fronteiriço* caracteriza o movimento de reconhecimento e de reconstrução da condição colonial que gera uma demanda por meio da própria *práxis* de sua existência: as pedagogias decoloniais, as quais também poderiam ser consideradas como a pedagogia de inúmeras formas de resistências, as quais tocam na emergência em se ressaltar e valorizar projetos locais. Todo gênero se coloca como uma insurgência em seu processo de formação e projeção; sendo "relativamente estável", é preche de *exotopias* relativamente estáveis, isto é, coloca-se como um caminho com conteúdo, forma e material, os quais sempre são determinados pelas condições históricas do pequeno e do grande tempo.

O surgimento e o estabelecimento de um gênero dependem de condições socioeconômicas muito bem delimitadas às demandas e anseios de uma época. Nesse jogo entre o pequeno e grande tempo, tal como traz Bakhtin (2003), as *formas de composição* dos enunciados estão sempre em diálogo ininterrupto com as nuances da vida. E a questão temática contemplada por esses gêneros é a parte que mais lhes garante autonomia situacional. O rap, sendo um enunciado concreto típico dos efeitos deletérios da modernidade, eleva à "consciência crítica", nos termos de Paulo Freire (1983), a percepção de questões tantas vezes negadas, como o racismo, sexismo, epistemicídios e reificação das formas de expressões humanas e naturais.

Já a lírica, tão antiga quanto a própria condição humana, transfigura as formas cotidianas, prosaicas e lineares, em figuras de espelhamento, de movimentos esféricos por meio dos quais as relações sociais centrípetas e centrífugas se materializam na linguagem. Enxerga-se melhor pela imagem da imagem que pela crueza das formas e cores triviais do cotidiano, a exemplo: " a força da grana que ergue e destrói coisas belas", ou por: "em São Paulo, Deus é

uma nota de 100". Seja por Caetano Veloso ou Racionais MCs, por recursos linguísticos tais como personificação, metáforas, alusões ou *cronotopias*, as novas (ou velhas) imagens ganham contornos mais profícuos e se colocam mais próximas da fruição, da compreensão pela práxis; são pedagogicamente decolonias e decolonialmente pedagógicas.

Frantz Omar Fanon (1925-1961) desenvolveu um dos pilares do pensamento anticolonial, cujas obras fundamentam questões psicossociais que envolvem a condição colonial e, em especial a condição do negro nas sociedades ocidentais. Sua obra **Peles Negras, Máscaras Brancas**, de 1962, traz grandes influências de leituras de Marx e Engel, assim como de Freud e Yung. Ao metaforizar o ato das máscaras como hábitos e transfigurações, Fanon aprofunda algumas questões de suma importância no processo de constituição do homem negro nas sociedades. Paulo Freire, em **Pedagogia do oprimido** (2013), deixa transparecer certos elementos contidos em outra obra de Fanon ao usar o termo “condenados” como todos aqueles que habitam o lugar social determinado pelos processos de colonização. A obra **Os condenados da Terra** (1987), lança as bases para que se compreenda a dinâmica da construção do ser negro, cuja matéria principal para isso está na negação e na negatização, fundamentos que funcionam com uma gramática nas sociedades ocidentais:

Há uma zona de não-ser, uma região extraordinariamente estéril e árida, uma rampa essencialmente despojada, onde um autêntico ressurgimento pode acontecer. A maioria dos negros não desfruta do benefício de realizar esta descida aos verdadeiros Infernos. O homem não é apenas possibilidade de recomeço, de negação. Se é verdade que a consciência é atividade transcendental, devemos saber também que essa transcendência é assolada pelo problema do amor e da compreensão. O homem é um SIM vibrando com as harmonias cósmicas. Desenraizado, disperso, confuso, condenado a ver se dissolverem, uma após as outras, as verdades que elaborou, é obrigado a deixar de projetar no mundo uma antinomia que lhe é inerente (FANON, 1987, p87?).

Para Fanon (1987, p.78), a questão da colonização sobre as formas de vida do homem negro e todas as dissidências da forçada diáspora africana determinam e “projetam no mundo uma antinomia” que lhe é/foi inerente em razão de todo processo de escravização e de subalternização do povo negro, o que se aplica, sem dúvidas, para todos os demais povos ou cate-

rias humanas vilipendiadas. Só para exemplificar as “antinomias”, as manifestações religiosas como o Candomblé e a Umbanda deixaram de ser proibidas somente 1946, quando para reforçar a lei instituída em 1890, Jorge Amado escreve uma Carta Magna sobre o tema e a divulga reforçando sua causa: a liberdade religiosa. Para Fanon (1987), é preciso reconhecer as formas pelas quais o homem negro internalizou essa condição de subalternidade para que seja possível superá-la. Nada mais coerente ao proposto por Paulo Freire (1983), o qual defende que a compreensão das condições social-históricas e materiais são imprescindíveis ao caminhar em direção à emancipação humana.

As pedagogias decoloniais só podem se fazer da margem pela margem, dado que centro estará sempre ordenado e motivado pelo *modus operandi*, ou pelo pensamento abissal, nas palavras de Boa Ventura de Souza Santos (2007)

Para dar um exemplo baseado em meu próprio trabalho, venho caracterizando a **modernidade ocidental como um paradigma fundado na tensão entre a regulação e a emancipação sociais**. Essa distinção visível fundamenta todos os conflitos modernos, tanto em termos de fatos substantivos como de procedimentos. Mas a essa distinção subjaz uma outra, invisível, na qual a anterior se funda: a distinção entre as sociedades metropolitanas e os territórios coloniais. De fato, a dicotomia "regulação/emancipação" se aplica apenas a sociedades metropolitanas. Seria impensável aplicá-la aos territórios coloniais, aos quais se aplica a dicotomia "**apropriação/violência**", por sua vez inconcebível de aplicar a este lado da linha. Contudo, a inaplicabilidade do paradigma "regulação/emancipação" aos territórios coloniais não comprometeu sua universalidade. O pensamento abissal moderno se destaca pela capacidade de produzir e radicalizar distinções. Por mais radicais que sejam essas distinções e por mais dramáticas que possam ser as consequências de estar em um ou outro de seus lados, elas pertencem a este lado da linha e se combinam para tornar invisível a linha abissal na qual estão fundadas. **As distinções intensamente visíveis que estruturam a realidade social deste lado da linha se baseiam na invisibilidade das distinções entre este e o outro lado da linha** (SANTO, 2007, p.72, grifos meus).

A cissiparidade entre os mundos do regulamentado/emancipação, no âmbito das socialidades ocidentais ainda exigem duas instâncias importantes, quais sejam: a noção de possibilidade e de devir. Para que estejamos em condições possíveis de mudança, certas condições estabelecidas tanto no âmbito jurídico, quanto no âmbito das condições básicas de uma econo-

mia política formal e informal. Em outras palavras, para que as entrevistas que seguem tanto quanto para que essa pesquisa pudesse ser colocada em curso, teto, comida, transporte e estudos precisam ser efetivados. Dessa linha do básico para algo mais elaborado, ou seja, da linha das nossas impressões de como era a realidade social por meio do rap, até esse momento de dissertação sobre pesquisas científicas em que as hipóteses ganham corpo e “validade”, transgredimos do necessário para o devir, isto é, a segunda instância a qual pretendo e coloco em movimento: a práticas de desconstrução do *modus operandi* para outras experiências de mudanças.

O rap como uma “escola”, como caminhos de emancipação, se coloca como algo efetivo quando as práticas sociais que nos guiam são pautadas por ações de mudança e ações contínuas, seja por meio de projetos ou em ações diárias. Mmonei, além de ecoar sua visão de mundo por meio do rap, promove ações sociais importantes ao gueto, como elaborar um projeto de produção e fornecimento de marmitas custeadas por iniciativas privadas e públicas a serem entregues à população vulnerável de sua região em tempos de pandemia⁶⁷.

Economias solidárias como fundamento das economias políticas deveriam ser base para que governos locais pudessem garantir melhores condições de sobrevivência em meio à globalidade massacrante, cujos únicos beneficiários em larga escala, como se sabe, são as grandes corporações. A dimensão da comunicabilidade em meio aos arranjos de monopólio das mídias

67 Sobre o projeto referido? Sou o Rafael e junto a minha esposa Elaine somos o Aloha Comida Caseira, um empreendimento gastronômico que atua no ramo de delivery nos bairros do distrito do Grajaú desde 2019. Nosso negócio funciona de Segunda a Sexta das 11:00 às 15:00 e tem uma média de 40 pedidos, que dá cerca de 60 marmitas diariamente. Para eventos e ações de grande porte já produzimos até 150 marmitas por dia. Sobre a periferia? Com as restrições da quarentena, identificamos em alguns bairros no distrito do Grajaú, uma forte demanda de crianças, domésticas e profissionais autônomos que estão sofrendo com os impactos da COVID-19. São famílias que em sua grande maioria não possuem renda fixa e na atual conjuntura estão impossibilitadas ou encontram dificuldades para exercerem suas atividades laborais, ocasionando na falta de verba para aquisição de alimentação.

Ocupação Anchieta, com cerca de 1200 famílias, ocupação Gaivotas com cerca de 200 famílias e Suvaco da Cobra no Cantinho do Céu são comunidades do Grajaú em situação de extrema vulnerabilidade que já foram beneficiadas pela ação que já distribuiu 530 marmitas e já beneficiou cerca de 180 famílias, a ideia agora é ampliarmos para as áreas que concentram grandes números de desempregados e profissionais autônomos, assim como mães que com o fechamento das escolas não conseguem alimentar seus filhos com a mesma qualidade de outrora. Queremos chegar em mais comunidades. Disponível em: <https://benfeitoria.com/alimentagrajau?lang=ptbr>. Acesso em: 12 Dez 2020.

e dos meios de comunicação em geral desde o surgimento do *Hip Hop*, quando no Brooklin se manifesta contra o abandono e os processos de gentrificação de regiões que hoje são imensamente valorizadas em Nova Iorque se mostra eficaz. Em “Diário de um Detento”, de 1997, dos Racionais MCs, já se narrava a vertente cruel, operacional e cíclica do processo de eliminação do povo negro, dos pardos e pobres que compõem a maior parcela da população carcerária. A tradição dos Griots n’África tanto quanto dos pajés no Brasil, se materializou de forma tácita no rap, o que evidencia em grande medida o lugar de informação e formação sinalizados por Mano Monei. Esse processo constante pelo qual o enunciado concreto se materializa é de profunda dimensão significativa para quem vem do gueto sendo o caminho e o meio pelo qual passamos e podemos transgredir a realidade binária da cisparidade social que encarna e atrasa as nossas formas de vida diante a realidade abissal pela qual somos acometidos.

Todas as sociedades e povos quando dispõem de um gênero específico, seja em qual tempo for e por qual maneira se realizar, terão nesse campo secundário das artes nada menos que a dimensão da emancipação ao passo que fazer arte e através dela é chegar ao próximo, bem como fazer ciência como aqui tenho feito, significa que estamos a passos de superar a condição colonial que Boa Ventura afirmou acima: “apropriação e violência”. Nunca se chega mais próximo do outro que pelas vias da arte, quando a pretensão é a mudança simbólica. Lembro que não há simbologia sem materialidades concretas e determinações sociais, sendo que a mudança da subjetividade subalternizante, tal como colocado pelos estudiosos decoloniais e em especial por Franz Fanon, no quesito da superação da mistificação da subalternização dos negros, passa pela mudança simbólica de ressignificação e reorientação seculares e formas de apropriação e violência. O processo de práxis no que concerne aos enunciados-*rap* nos garante empoderamentos no pequeno e grande tempo sob e no qual nos localizamos, o que nos garante formas de vida e espaçamentos de esperança. Uma dimensão a ser considerada nessa correlação entre os empreendimentos atuais está na questão do *ato responsável* que, como defende Bakhtin (2003), trata-se da não abstração das formas de expressões das linguagens em especial a artística uma vez que essas ainda mais que as demais proporcionam uma antevisão

(a)temporal do tempo histórico presente em face de suas incursões dos movimentos históricos que o antecedem.

O ator principal dessa rima, talvez o que eu diga de mim caiba em você. Assim que eu vejo, rimar é detalhe, viver pra valer é que vale mais
 É o que me faz fazer o que faço de modo natural
 Falar do real sem pseudotrancender. Ta mais perto da mãe e do pai
 Enriquece o ser que vos fala e também serve pra você
 Um te amo diário à mulher amada
 É a melhor rotina quando recíproca empregada na vida
 Na rima exposta agora a mente o corpo é diferente
 E o passado é uma roupa que já não me cabe disse o poeta
 Eu um atleta de bike da Belmira até o parque residencial Cocaia
 Quebrada querida, parque prainha e o lago azul ainda cabem
 Na minha vivencia⁶⁸

Ao sentir a enunciação de Mmoneis vê-se o movimento dialógico do lançar-se ao outro como reverberação do que chegara a si, como uma resposta griotlística, como uma nuvem de gratidão por ter sobrevivido na dinâmica da sanidade do dia “Falar do real sem o pseudotrancender” é dinamizar a arte nos entremeios da vida por meio de uma dinâmica de atualização de suma importância, o que fica ainda mais claro quando observado nessa outra letra

Motores rangem e agora não são de range rover
 The end of the world, que espanta os semblantes
 O adiante do antes é o agora, sem flora e nem fauna
 Então façam suas preces, que espécies não catalogadas
 Extinguiram o gado e o leite, só óleo de máquina é azeite
 Protótipos andam em delay, gritam em reverb
 No ontem, a displicência do hoje é o que ferve
 E a ausência da camada de ozônio te fere
 Deixando atônito quem pede pra Deus
 Parece que ele já não escuta a uma cota
 Robôs, chutam sua bunda e roubam seu emprego
 Ora pois, trocaram-se os dedos por botões automáticos
 Raquíticos comem plásticos, estático ficou o ser humano no tempo
 Livros didáticos, queimados do templo sagrado a escola
 Fomos programados por dados matemáticos desde outrora
 São novos ventos podres pragmáticos alertados de uma cota
 Bagui ta Louco, processo é lento e o advogado é noia

68 Trecho do enunciado-rap “Tempo Novo”, disco que leva o mesmo nome lançado em 2018.

A crítica indireta à geopolítica do conhecimento entoada por Mmoneis, como um reverso do conceito cunhado por Mignolo (2010) refere-se à necessidade profundamente ressaltada de que mesmo na escola é preciso haver um contato com esse “letramento decolonial”, possível por meio e através do rap, ao passo que o meio operante seja a dimensão local como mediadora das relações de saberes. Obviamente que quando se trata da importância em se ressaltar os conhecimentos locais que não se deve limitar somente ao rap, mas às inúmeras nuances que podem ser captadas e compreendidas para além das validades eurocentradas. A *Teoria da Dependência no Brasil* e a teoria do *Sistema-Mundo* (WALLERSTEIN, I. (1974a) trouxeram cada qual a seu termo, a noção de hegemonias dominantes de maneira que a primeira localizou o hemisfério Sul no jogo dessa sobredeterminação no construto do Ocidente, enquanto a segunda buscou compreender o mundo enquanto um sistema que de variadas formas se entrelaça nos meandros das colonialidades impostas pelo sistema capitalista.

Em termos de linguagem, a atualização das mazelas produzidas pelo capitalismo são mais brutais nas regiões periféricas, haja vista as classes que dispõem de maiores recursos por mais que sintam mudanças substanciais em seus modos de vida conseguem em curto prazo se reestabelecerem, dado que administração do capital e a da organização social estatal são por pelas classes médias e altas geridas e dedicadas ao viés do consumo ou da produção em se mantendo as relações de especulação financeiras, as quais invadem e moldam todas as formas de vida.

Um conceito que vale a pena ressaltar nesse momento é o diálogo como enunciado-*rap* de Momeis trata-se da questão das insurgências que a língua reverbera entre a luta constata de classes. Bakhtin (1988), qual seja o de *índices sociais de valor*, o qual em vários momentos coloquei nessa tese e os quais reitero aqui. Esse conceito nos permite encontrar o fermento que permite que colonialidade se reitere, seja nas partes Sul, seja na Norte dos mapas, haja vista que estamos em constante mobilização de pseudo consciências de classe. Em outras palavras, a esfera da classe burguesa, detentora dos meios de produção e a pequena e poderosa classe dos rentistas procuram cada qual a seu modo permanecer em meios nos quais se situam e isso

se realiza através e por meio de determinados hábitos e condições histórico-socialmente determinados com base na acumulação primitiva.

Tal empreendimento capitalista e financista gera valores e ordens de modos de operação que exigem a limitação do outro sob o princípio da exterioridade, ou seja, essas classes necessitam a todo tempo de subalternizações humanas em prol da manutenção da mais valia que gera novos valores de consumo sofisticadamente necessários ao ciclo de riqueza e consumo. Obviamente que em todas as classes sociais os princípios de geração de índices é um fato, mas ao me antenar sobre essas classes em específico, fica mais dialógico entender a crítica tecida nas palavras de Mmoneis, quando reitera a questão da sobreposição das tecnologias e da Indústria 4.0 como fundamentadoras e mediadoras de um novo velho capitalismo de acumulação brutal. Essa nova realidade estrutura sobre dispositivos de controle e de subjetivação que não somente incidem sobre a ordem econômica geradora de desigualdades, como desencadeia processos de enfraquecimento de democracia tal como a conhecemos, haja vista que os dispositivos de controle sobre a nossa capacidade de articulação política, gregária e intelectual fica à mercê de quem produz os meios pelos quais nos comunicamos e nos estruturamos enquanto sociedade civil. Fica evidente o lado contrário em benesse do poder de veiculação de informações e denúncias de outras partes, todavia, no que se refere à capacidade de antecipação de bloqueio contra a invasão das formas de organização e de coerção de medidas golpistas, isso fica sempre extremamente deficitário.

Robôs, chutam sua bunda e roubam seu emprego
Ora pois, trocaram-se os dedos por botões automáticos
Raquíticos comem plásticos, estático ficou o ser humano no tempo
Livros didáticos, queimados do templo sagrado a escola

Esses índices sociais de valor mudam ao passar dos tempos, mas não suficientemente para que as opressões do neoliberalismo se antecipem sobre nossas ações de empreendimento a longo prazo ou, então, de efetivações no campo jurídico. Todas as incursões desempenhadas no processo do Golpe de 2016 são o resultado da análise, manutenção e controle de vários índices sociais de valores, pois a geopolítica do conhecimento pressupõe a aparelhagem de contro-

le que visa roubo de dados e resulta em matrizes de enfraquecimento da máquina democrática, bem como ainda pode ser visto pela quase imobilidade de outras de se promover o impeachment ao governo de Jair Bolsonaro. O rap, traz o sentido de impulsionar percepções em relação ao que é mais latente mediante a realidade abissal que nos envolve. Dessa feita, as lutas permanecem sob vigilância, embora em hipótese nenhuma cesse.

4.2. Letramento decoloniais por meio do rap

A publicação da obra **Pedagogia do Oprimido** (1970) trouxe para o campo de debate sobre a questão dos processos de escrita a emergência dos aspectos do meio social como determinante e mediador da apreensão sociocognitiva. As atividades de alfabetização que até então eram, em sua grande maioria, formalistas e abstratas, dado que a história da alfabetização no Brasil pouco mesmo limitados àquela multiplicidade, ainda são pluriversais quando se considera que os letramentos não estão restritos a espaços específicos nem a programas didáticos específicos.

Bakhtin (2003) reconhece na atividade estética do lugar de codificação e de não eventualidade, a qual, por sua vez, se distancia do existir: “também a atividade estética não consegue ligar-se a esta característica do existir”. Que se apreende disso? Que existir consiste na sua contingência e no seu caráter de evento único, irrepetível, que necessita das relações imediatas nas quais acontece, ou seja, a vida acontece “aqui e agora”. A atividade estética, também é, então, um produto que só se liga à vida quando “se integra no existir mediante o ato histórico de uma ativa percepção de estética”. Para isso, é preciso duas responsabilidades: uma moral e outra especial, cujo encontro torna-se um ato dialogicamente responsivo. Perceber pela estética é ter acesso às imagens que foram objetificadas, tendo passado, por sua vez, por tratamento e manipulação com vistas nos aspectos do código da língua.

Com isso, tais imagens distanciam-se do devir efetivo e singular, desse modo, distanciadas do ato que as constituiu. Um quadro de Di Cavalcante é o produto de uma configuração de imagem retirada do tecido social e de orientações técnicas correspondentes às tendências de expressões ideológicas de sua época, as quais determinam tanto a ele, quanto a

sua arte. O quadro em si é a expressão do existir defendido por Bakhtin, mas a sua fortuna crítica e sua apreciação estética normativa não o são em se tratando dos valores singulares e únicos, geradores da não objetificação do outro.

Três pensamentos norteiam essa discussão: 1) o teórico-discursivo (ciências naturais e filosofia), 2) o representativo-descritivo histórico e 3) a percepção estética têm em comum “a separação de princípio entre o conteúdo-sentido de um determinado ato atividade e a realidade histórica do seu existir, ou seja, ambos os três pensamentos se deslocam da vivência que os constituiu, da unidade de sua irrepetibilidade” (BAKHTIN, 2003, p.384). Por isso, uma atividade estética responsiva pressupõe que sejamos dialéticos quanto a historicidade que a constituiu, pois o valor do ato estético será sempre de aproximação e não de vivência plena, ao que Bakhtin chama de “totalidade”. Ir a um show musical, com o exemplo do grupo “As Baías e a Cozinha Mineira” ou do *Racionais Mcs* não é apenas apreciar uma performance deslocada do aspecto histórico-individual, seja do autor, do seu tempo e das circunstâncias (eis o que se denomina de unidade moral).

O desafio é superar as separações. É não dicotomizar. Em qualquer um daqueles três pensamentos haverá o conteúdo-sentido que estará inserido em um domínio do saber, seja da arte, da ciência ou da política. Uma teoria, uma obra de arte ou o conteúdo dos anais da história não serão reais, mas uma representação descritiva, uma especulação (theoretikós) ou uma obra estética que configuram um existir/evento passado, uma vivência não imediata do “aqui e agora”; “ tudo o que é teórico ou estético deve ser determinado como momento do evento singular do existir, embora não mais, é claro, em termos teóricos e estéticos” (Ibidem), Apreendo, com isso, que o que é teórico ou estético, em suma, apresenta-se como uma estabilização de uma vivência e uma tendência ideológica irrepetível. Se os domínios do saber estão separados da vivência real, das sensações, das presentificações que os constituem, então, há uma separação entre a vida e a arte e/ou entre a vida e a ciência. Como superar essa separação, esse apartamento entre esses dois mundos?

Conteúdo-sentido (teoria – ciência ou estética- arte) e existir, duas dimensões que devem se encontrar. Luta-se contra as dicotomizações, para tanto, Bakhtin (Ibidem) orienta

que nossos atos sejam responsáveis em unindo-se a um só tempo as responsabilidades que as dimensões sugerem. A responsabilidade especial que a letra de uma música ou uma pintura de Hieronymus Bosch está na produção de um conteúdo de sentido, trata-se do cotejo material com forma tátil e sensível e que se configura representando algo, sugerida em mim. Essa não pode separar-se da responsabilidade moral (a presença na minha consciência real e de um ser humano sócio-historicamente determinado) são dois momentos unitários e inseparáveis, pois são os meus atos responsáveis. Ilustrando melhor, jogar lixo no chão com base no fato de que alguém limpará a rua configura-se como um ato irresponsável, pois me valho de uma parcela de compreensão, teórica apenas, de que por haver certa funcionalidade civil pré-determinada, tenho o alibi de ser imprudente, dado que alguém limpará minha sujeira. Olhar para a representação pornográfica de uma mulher extraíndo disso desejo sem que se considere todo processo de objetificação, exploração sexual e mercadológica de tal imagem e do humano que a constituiu é valorizar o estético (categoria do pensamento) que oprime, mata e segrega. Sou, agindo assim, responsável especial, mas não moralmente.

Essa compreensão bakhtiniana, advém de sua contraposição aos valores universais preconizados pela lógica, pelos procedimentos de categorização, pois quando se pode tirar o pensamento apenas seu conteúdo-sentido, não considerando as qualidades da moral - em outras letras, entendo moral como o dia a dia dissecado pela compreensão dialógica. Devemos cantar a paz que se realiza efetivamente. Falo desigualdade e de relações mais alteritárias e dialógicas ou de justiça. A exemplo, quando tenho condições estruturais e financeiras de partilhar do que me cabe para além das obrigações imediatas da função que ocupo. Quando se ganha status social, muitas vezes distanciamos-nos de nossas raízes e somos egoístas para com os sujeitos das esferas das quais originamos. Pensar e agir. Não teorizar se não vivo o que defendo. Não estetizar se não presentifico a imagem que represento. Basicamente, o dever é a união da teoria com a arte com a vida. Não separar o que penso, digo e faço. Algo muito simples.

Cada ato de meus pensamentos, com seu conteúdo, é um ato singular responsável meu, é um dos atos de que se compõe a minha vida singular inteira

como agir ininterrupto, porque a vida inteira na sua totalidade pode ser considerada como uma espécie de ato complexo: eu ajo com toda a minha vida, e cada ato singular e cada experiência que vivo são um momento do meu viver-agir. Tal pensamento, enquanto ato, forma um todo integral: tanto seu conteúdo sentido quanto o fato de sua presença em minha consciência real de um ser humano singular, precisamente determinado e em condições determinadas – ou seja, toda a historicidade concreta de sua realização - estes dois momentos, portanto seja do sentido seja do histórico individual (factual) são unitários e inseparáveis na valoração desse meu pensamento, pensamento como *ato responsável* (BAKHTIN, 2003, p.44).

Se sinto que penso do que faço, retirando do meu pensamento apenas seu conteúdo-sentido (conceitos, substantivações teóricas, etc.) tem-se o que Bakhtin e todo Círculo refutavam, isto é, o pensamento como inação, como objetivismo abstrato para o qual:

aspecto histórico-individual – autor, o tempo, as circunstâncias e a unidade moral da minha vida – é totalmente indiferente: tal juízo de validade universal se refere à unidade teórica do domínio teórico correspondente, e o lugar que ocupa nessa unidade define sua totalidade de modo totalmente exaustivo (BAKHTIN, 2003, p.44)

Na obra em questão, Bakhtin (2003) afirma que a nossa apreensão do mundo se faz através de momentos. Há o momento formal do juízo, por exemplo, o ato de codificar a palavra democracia e outro de encontrar o seu sentido nas minhas ações e nas esferas das quais faço parte e das quais me representam. Vê-se que efetivamente a participação social na política não existirá de modo real, haja vista que para que a mesma exista é preciso que os direitos fundamentais sejam garantidos de forma eficaz (moradia, alimentação, saúde, educação, lazer), fato que no Brasil não ocorre. A compreensão dialógica e, sobretudo de emancipação, exige humana DEVER – o qual compete à responsabilidade moral, ou podemos também chamar de juízo moral. Mas o que é esse tal do DEVER Bakhtiniano? Em poucas palavras: teoria e prática (na vida). Se não houvesse uma sobrevalorização do momento formal do juízo (conteúdo-sentido) “não haveria ruptura entre vida e criação cultural, entre ação como ato [momento da unidade do contexto da minha vida singular e o conteúdo sentido do juízo, parte de uma unidade teórica objetiva da ciência [...]]” (*Ibidem*). Exotopia, nada menos que visão, audição, tato, olfato, paladar, emoção, razão, sensação, etc. que não minha, mas do outro, não

somente minha, mas também do outro, o qual me constitui justa e dialogicamente por não ser eu. A questão está na gratidão do reconhecimento de que não há palavra que não foi dita, teoria que não foi pensada sem que se tivesse reconhecido na palavra alheia a palavra que agora (como essas) são compostas.

A apropriação da palavra de outrem como somente minha, disso o advento as sínteses alfabética, estética, teórica e histórica, é, em suma, o roubo inicial. Nomear, mapear, segmentar, teorizar é um procedimento inato à cognição que quando por um ato responsável, dá nome aos humanos que coparticiparam para a formação de tal obra, pensamento etc. O ferro fundido que dá sustentação à *ArtNoveau* na França, pouco se vale do que chamamos ato responsável, já que pouco se atribui à *Belle Èpoque* francesa, a razão do contato com os conhecimentos e culturas africanas bem como à extração e ao tratamento de seus recursos naturais.

4.3 Entrevista com Sasquat

Eu-Outro: Saudações, Sasquat, prazer enorme estar falando contigo, meu caro. Como vão as coisas por aí?

Sasquat: Prazer é todo meu, meu mano, cê é louco.

Eu-Outro: Massa, muito bom poder trocar essas ideias contigo, mano.

Sasquat: Que isso, prazer é todo meu por aqui.

Eu-Outro: Bem, me diga como estão sendo esses dias por aí e como estão se desenrolando os processos e tal.

Sasquat: Cara, todo mundo trancafiado em casa, os trabalhos pararam, né? Porque como a gente trabalha nas escolas a gente parou de vez.

Eu-Outro: Você é professor também, Sasquat? Professor de qual disciplina?

Sasquat: Na verdade eu dou oficina de rima dentro das escolas no contraturno, e aí a gente trabalha junto com os professores municipais de Diadema, tendo uma pausa grande com essa Pandemia e as aulas do nosso Instituto foram todas suspensas porque não dá para expor as crianças ao vírus e agora a gente está parado.

Eu-Outro: Isso é um projeto, Sasquat?

Sasquat: Isso, na verdade era um projeto. O *Matéria Rima* que agora virou o *Instituto Matéria Rima* e lá nós temos a nossa base onde acontecem as oficinas de dança, rima, artes plásticas, discotecagem, música e produção musical de bitmaker. É um espaço bem legal, você precisa conhecer.

Eu-Outro: Nossa, a molecada deve estar sentindo muita falta nesses tempos agora de Pandemia, né?

Sasquat: Sim, sentem muita falta. Atendemos lá cerca de 200 crianças nossas, e nas escolas como um todo são por volta de 1.400, e essas outras crianças não são atendidas da mesma forma, pois não conseguimos levar toca discos, pick-up de som, essas coisas de Djs, mas geralmente os alunos da rede vão para base para aprender a mexer nesses materiais.

Eu-Outro: E deve ter lista de espera para atender toda essa criançada, certo?

Sasquat: Sim, não tem uma lista grande de espera porque, por exemplo, na base, conseguimos atender no máximo, assim no máximo 10 crianças. Na oficina de discotecagem para Djs deve ter assim quase umas 200 crianças esperando

Eu-Outro: Poxa, se eu tivesse nessa escola, estaria nessa lista de espera, com certeza. Aqui próximo de casa só há na rua Augusta esse curso.

Sasquat: O projeto começou em Bariri, com um aluno só. Eu fui cumprir liberdade assistida, eu tinha aprontado, fui um moleque que deu muito trabalho para os meus pais e aí o que aconteceu? Fui preso por vandalismo. Na época em que eu era adolescente e tive que cumprir liberdade assistida, tendo que varrer um monte de coisa e limpar e tal. Teve uma época que eu passei com um psicólogo nesse Centro Cultural e o cara teve um *feeling* muito bacana: tudo o que o cara pedia para gente fazer e escrever ou ser colocada em forma de desenho, eu rimava. Eu não fazia desenho, eu rimava. Aí ele me disse: poxa, cara que bacana você tem um baita talento. E aí esse cara me ofereceu a Oficina Cultural, ele me falou não quer trocar a liberdade assistida por horas na oficina? Logo disse: É claro, é jogo pra mim. Pensei: estourei. Só que no outro dia quando eu fui falar para meus pais que eu fui sacar que eu ia trabalhar com rap e gostei mais ainda porque ia ter rima e meus pais logo fizeram o sinal da cruz, pensando que não ia dar certo. Eu achei que quando eu chegasse na oficina eu fosse ver aquilo sobre o que eu escrevia da realidade e tal e quando eu cheguei o cara estava lendo vários livros e tal. Eu perguntei: o que você está fazendo aí? O cara disse: estou me informando para ler as minhas músicas e tal. O cara estava fazendo uma rima sobre a anatomia humana e aí ia rimando com os ossos e tal e isso me interessou porque o cara tinha a linguagem que eu entendia e era diferente da linguagem do meu pai que me dizia: Olha, faça isso e aquilo. Esse cara da Oficina, o Jo, foi essencial na minha vida porque eu era um cara que tinha

aprontado e provavelmente iria aprontar mais e esse processo foi muito louco porque eu não escolhi ser artista e fazer rap. A parada foi ficando em mim e os anos foram se passando, comecei ajudar meus a pagar as contas com aquilo que eu fazia e foi quando fui chamada para a primeira “Conferência Juvenil do Meio Ambiente”, isso eu era novo e aconteceu em Brasília e eu pensando: que bacana e tal, e na época entregamos uma carta nas mãos do Lula e tal, que na época rolava o “Protocolo de Quioto” o que hoje criei que nem exista, nela tinha as palavras do que os jovens esperavam com relação a natureza e a juventude e tal. Eu era um cara que dava muito trabalho e foi isso que mudou meu rumo. Esse cara conseguiu fazer com que eu entendesse que por meio da arte, do conhecimento e do estudo eu poderia mudar essa realidade. Uma coisa importante foi que eu comecei a perder meus amigos também, meus amigos mais próximos que estavam aprontando e aí eu pensei que não queria dar esse desgosto para os meus pais. Começou por uma atividade sócio-educativa. Fiz todo um processo inverso, não lia não queria saber de nada.

Eu-Outro: Que bacana Sasquat. E se formos analisar muitos artistas começaram assim, tipo o Tim Maia, que foi um “torto” pra caramba desde sempre.

Sasquat: Sim, para mim é o gênio, o rei da música popular brasileira. Para mim tem outros como o Cartola também e outros fodas.

Eu-Outro: Cara, mas que história interessante, na verdade isso acelerou o seu processo.

Sasquat: Sim, de um certo ponto sim.

Eu-Outro: E você se graduou?

Sasquat: Sim, eu me formei em publicidade e propaganda, mas nunca cheguei a exercer. Eu queria me ver na TV como uma pessoa negra e tal o que quase não se via e isso me incomodava muito assim, tipo eu pensei “vou estudar publicidade e propaganda e tal” mas com o tempo eu fui sacando que era diferente, mas na real eu nunca exerci essa arte da publicidade.

Eu-Outro: Mas eu vejo em seu trabalho um trabalho estético muito sofisticado com poucos recursos e creio que isso você “deve” ao curso que fez.

Sasquat: Sim, isso sem sombra de dúvidas. Foi uma fase muito bacana porque na época minha filha estava para nascer, a Vitória, quando eu comecei a estudar, na verdade a primeira faculdade que eu fui fazer foi Hotelaria e não tinha nada a ver comigo e abandonei no segundo ano tendo um período em que eu fui viajar bastante, foi quando eu fiz a “4º Amostra do Brasil Transformando com Artes”, que era uma parada muito louca que acontecia no Rio de Janeiro, que jovens do Brasil todo eles eram selecionados e eram jovens que exerciam o papel de líderes e realizavam transformações por meio da arte.

Eu-Outro: E o que aconteceria?

Sasquat: Nós nos reuníamos pelo governo federal na época de Lula e Dilma em encontros bem bacanas em que nós ministrávamos algumas oficinas e participávamos de outras, algo que era muito importante e que não veremos tão cedo hoje com esse mano no poder. Foi algo muito bacana que abriu a minha mente de um jeito.

Eu-Outro: Massa, que trajetória tão profunda, Sasquat, bem interessante.

Sasquat: Exato, tem uma rima que faço com um amigo que fala: “Já tentei parar, mas não deu porque meus vícios pela arte são maiores do que eu”. Não dá, cara. Já pensei várias vezes assim. Mas eu nunca me adaptei ao “entra às 8:00 sai às 18:00”, eu nunca consegui me adaptar. Eu falei para minha mãe que se um dia eu parar com a arte, eu pretendo um dia estudar história porque eu sou um cara que sou muito fã de aula para crianças, embora para ser professor no Brasil, cara, você tem que ter muito amor pelo que faz. Você deve saber muito melhor do que eu.

Eu-Outro: É um estado de delírio como se vivêssemos em um mundo paralelo. Sasquat, eu gostaria de fazer aqui umas proposições por meio de algumas questões e gostaria que você se sentisse à vontade para se colocar em meio a esse diálogo. Eu projetarei aqui as perguntas que são parte do esboço de um projeto que se chama “vozes do rap e a nova escola”. Esse projeto começa com uma hipótese que é: o rap educa e pode/deve ser material utilizado e veiculado em diferentes mídias, então a gente tem essa noção de como o rap assim como para ti, foi um processo de mediação, você topa?

Sasquat: Claro, pode ser, manda aí.

Eu-Outro: Então, vamos lá: Rap, o que é em uma palavra.

Sasquat: Poxa, assim você começa quebrando minhas pernas, hein? Bem, para mim, em uma palavra é: transformação;

Eu-Outro: O rap, às vezes, incomoda diferentemente da Bossa-Nova, causa um incômodo que transita entre as classes. O fato de um jovem ser da periferia não garante que ele irá curtir rap e assim vai. Como você enxerga esse lado não agradável do rap?

Sasquat: Ah, cara eu acho que quando a gente fala em incômodo, na verdade o rap tem uma mensagem de cobrar certas coisas que quando a gente ouve a gente se atenta, que quando o rap ele fala das questões sociais mostrando o que falta na periferia, é que o rap fala diretamente ele não fica fazendo rodeio. Ele cobra o poder público de forma direta ele não fica rodeando e acho que isso incomoda a sociedade como um todo. Muitas das coisas que estão escritas as pessoas não estão preparadas para ouvir. Esse incômodo vem por esse viés direto que não fica rodeando. É como

um soco direto na boca do estômago. É sem massagem, tipo o que está acontecendo no país hoje. Se você for pegar as letras de rap que estão sendo produzidas nesses últimos meses em meio a uma Pandemia em um momento de loucura o presidente do país sem mascaras e diz que é só uma gripezinha e fala para todo povo. Obviamente que a gente vai se contrapor e se colocar diante do que acontece e quando eu falo isso, digo sobre toda a comunidade do rap. O incômodo vem de todas as partes porque a gente vai deslocar o pensamento e fazer com que se possa pensar sobre o que ocorre, Por exemplo: o meu pai mesmo tinha um grande preconceito contra o rap. Comigo ele aprendeu a escutar de uma maneira diferente, por exemplo, ele escuta Djonga, mano, um cara de 66 anos, ele entende que o menino está falando. É uma realidade diferente? Sim, mas a maioria das coisas estão sendo ditas que meu pai já passou, ele entende em um tempo diferente, mas foi preparado por mim para ouvir aquilo e me tendo dentro de casa isso mudou.

Eu-Outro: Rap indígena, das Minas, que conta história de Rio Grande do Sul, rap sobre o George Floyd. Você acredita que o rap seja um elemento de guerra?

Sasquat: Na verdade eu acredito que o rap seja um elemento de paz. A gente só relata o que acontece. Por falar em rap indígena tem um menino que se chama Kurumim MC que participou da “Matéria Rima”, que se você não conhece você precisa conhecer o qual tem uma história bem bacana, o pai dele é escritor. Eles vivem em uma tribo e seus questionamentos são muito importantes como a demarcação de terras e tal o que é essencial para a sobrevivência deles. Rap feminino, eu curto muito umas Minas que se chamam Rap Plus Size, elas quebram todo o padrão que existe dentro do próprio rap, ressaltando as questões de gênero e padronização dos corpos lutando contra a gordofobia e a homofobia. Eu acho que na verdade o rap é um grito de paz. Pessoas como eu da minha geração procuraram o rap como um acalanto, porque geralmente quando você é mais novo a sociedade tem tendência em não te ouvir e o rap é um lugar para gritar essa silenciamento.

Eu-Outro: Poderíamos dizer que o rap é uma das literaturas da periferia ou que o rap é a literatura da periferia?

Sasquat: Eu fui conhecer vários livros e escritores ouvindo rap. Eu tenho certeza que o rap é a mais importante literatura da periferia. Eu sou um cara que não vai à Igreja e fui descobrir quem era Dimas ouvindo Mano Brown, “Dimas o primeiro”. Depois eu procurar e descobrir que Dimas foi o primeiro bandido da Bíblia a ser perdoado por Jesus que pediu perdão a Deus ao lado da cruz com Jesus e tal. E por essas e outras eu digo que o rap é a literatura mais importante da periferia, cara.

Eu-Outro: O disco dos *Racionais*, “Sobrevivendo no Inferno” foi publicado em livro e compõe a lista das obras que devem ser lidas para se prestar a prova da UNICAMP. Você acha que deveria haver mais publicações de discos em livros e ser distribuído nas escolas e tal?

Sasquat: Sabe o que é louco? É que isso já está acontecendo com o integrante do Facção Central, o próprio Sérgio Vaz e o Ferrez chegam a um moleque que escuta o *Racionais* e ao ver essas obras publicadas ele vai comprar nem que seja somente absorvendo e adentrando nesse mundo da literatura compreendendo as razões pelas quais isso ou aquilo foi dito e tal, vai saber o porquê se está falando isso em “Um diário de um detento”. Eu creio que tenha que ser mais publicado sim, sem dúvidas. Eu acho que tem mais livros dos Racionais, do MV Bill, do Emicida, do Matéria Rima explicando isso o que a gente faz dentro das escolas eu acho que isso é muito importante.

Eu-Outro: Que bacana, Sasquat. Bem, dada a importância dessa obra eu penso que, nessa vereda, levar o rap para outros campos no âmbito da educação é algo de extrema necessidade. Por isso, pensei e elaborei essa proposta do ensino de um determinado conteúdo escolar por meio de *enunciados-rap* que estão, de certa forma, conectados com a *práxis* da garotada. Então, se me permitir, eu gostaria de pensar alguns exercícios de reflexão da linguagem. Imagine que temos esse trecho do rap “Periferia é Periferia”, dos Racionais MCs: “Aqui a visão já não é tão bela/Não existe outro lugar/Periferia (gente pobre)/Aqui a visão já não é tão bela/Não existe outro lugar/Periferia é periferia”. E que eu propusesse para um grupo de estudantes a compreensão de um tópico simples, como o conceito de Aposto, isto é, uma classificação do que se chama na gramática dos *termos acessórios da oração*. Bem, deixando de lado as classificações gramaticais, aposto é simplesmente um termo que explica ou caracteriza um sujeito, no caso, o trecho entre parênteses sugere um caso de aposto, pois determina, singulariza e explica o substantivo “Periferia”, essa forma de expressão traz nuances de equivalência entre os termos como se Periferia fosse sinônimo da presença ou da constância de “gente pobre”. Desse ponto poderíamos puxar outros inúmeros, outros pontos. Imaginado que essa mesma abordagem fosse colocada em uma sala de aula da “Periferia”, onde a gente sabe que a pobreza é somente monetária e de acessos a meios e aparelhos culturais, tal como se subentende na música, você acredita que os processos de ensino seriam mais fluidos?

Sasquat: Eu acho que atrairia muito mais, pois é realidade deles, saca? Hoje tem o funk também e não é só isso que pega. É uma maneira de atrair, cara. Quando você saca o som dos *Racionais* para uma aula, mesmo o mais terrível da sala você ganha, “é nada que o professor manja de Racionais?” Uma vez, acho que já te contei essa história, tinha um menino, o Otávio, ele era terrível demais, ninguém o aguentava, xingava os professores e tal. Depois que ele entrou no *Matéria Rima* ele sacou que ele não é somente um número, sacou? E com o tempo ele se tornou aquele cara que chamava a atenção da galera quando rolava bagunça na sala de aula e tal. Por meio da rima eu consegui chegar próximo do moleque quando eu fiz uma rminha sobre educação. Ganhei o menino na hora e tal. Ele falava: “Pô, professor, manda outra”. Eu falava “não, só depois da aula”. Aí começou a surgir uma troca e tal. Eu acho que se fosse mais fácil dentro da própria literatura e tal o jovem de periferia se interessaria muito mais pelos estudos. Tudo bem que essa geração é mais antenada e tal e eles leem mais. Eu acho que precisa ser mais fácil.

Eu-Outro: Poxa, Sasquat. Que massa suas contribuições, meu caro. Eu gostaria aqui de continuar conversando horas e horas contigo. Você dependeu de seu tempo e espaço na sua agenda para dar sua palavra aqui, suas contrapalavras, agradeço de verdade.

Essa dinâmica da palavra reportada que tanto garante o encontro ou o desencontro das nuances das ideologias, pois dela partimos mesmo que sem termos consciência cognitiva dos fatos proporcionados para essa pesquisa, ponto de convergência defendido por Mignolo (2008) quando o mesmo afirma que somente a desobediência epistêmica por meio da desobediência civil há de nos gerar caminhos menos abstratos e legais a caminho de veredas e formas de expressão e de vida que possam nos conduzir para lugares mais dinâmicos e mais plurais. Antes de entrar no debate que daqui em diante até o fim dessa tese persistirei, coloco aqui as palavras de Sasquat sobre a dimensão do tempo que é curto quando não se pretende se modificar por meio das nuances da alteridade:

O tempo não pára de correr para que possamos deixar de viver
 Nossos sonhos para um novo amanhecer
 Talvez daqui a pouco vai ser tarde para se entregar por algo que você queira de verdade
 Não deixe de abraçar, não deixe de sorrir, não de sonhar
 Não deixe de dizer
 Eu te amo seja pra sua mina, mano ou pra quele mano

Ao colocarmos-nos nas instâncias da vida de Sasquat pudemos perceber o giro epistemológico ocorrer quando por meio da rima, da versificação para além das amarras da trivialidade dos versos foi possível enxergar novos caminhos. O menino que passara por sistemas prisionais de reforma educacional encontrara nas sugestões de um professor maneiras de expressões de vida e concepções de mundo que engrandecem a noção de tempo e espaço singularizando as compreensões que são múltiplas. De ações de desobediência civil que geraram criminalidades punidas que levaram seu corpo e sua liberdade a cerceamentos convencionais de vigilância e punição, a arte do rap propiciou um alargamento sem igual da práxis de Sasquat.

O caminho da “desobediência civil”, assim como em outros termos Clóvis Moura (1988) defendia em sua obra **Negro, de bom escravo a mau cidadão**, nada mais que um reflexo da não inclusão histórica do povo negro à sociedade de classes, fato que reverbera nas insurgências de classes as quais compõem o mosaico das periferias e vielas sociais, cuja marginalização prescinde de negações históricas intrínsecas à escravidão.

4.4 Matéria Rima, insurgência da desobediência civil e educação decolonial

Walter Mignolo (2008), tomando como base o *conceito de colonialidade do poder e saber* dentre a imensa potencialidade abrangida por esse paradigma, destaca o ponto de inflexão que ele evoca: ao saber das amarras a que somos acometidos pelas disseidências da colonização, precisamos reconhecer que as nossas formas de vida se expressam por valores identitários que não nos cabem e não são nossos. Nessa vereda, Mignolo propõe que ao invés de políticas de indetidade existam políticas em identidade uma vez as identidades, tal como a conhecemos dependem dos padrões assentados na idéia de raça, classe e gênero. Ao se identificar, o ponto no qual conseguimos chegar é ponto de se deslocar de padrões ideais e agremiar-se a padrões “aceitáveis”. Ao deslocar as preposições **de** para **em**, amplia a noção estática de origem para outra que está em constante mutação, a caminho de novas e insurgentes possibilidades .

As formatações desempalheiradas pelo viés do eurocentrismo seja pelo judaísmo-cristão e suas dissidências e principalmente pelos empreendimentos capitalistas de segregação e máxima valorização do acúmulo de capital refratam e refletem nesse lugar e nessa instância conhecida como identidade. (Não à toa, Ponzio (2013/2014)) argumenta que a identidade é uma armadilha e dela necessitamos nos emancipar. Perceba que a noção de emancipação não pressupõe negação, mas reconhecimento de que apenas a identificação não é capaz de proporcionar mudanças efetivas. Ao me reconhecer um ser brasileiro, um ser cognoscente, não satisfação em nada às práticas de mudança, pois diante essa identidade de ser brasileiro apago as singularidades de ser alguém extremamente singular diante uma imensa complexidade. Se eu, Flávio, que vos escrevo me colocar tão somente como um acadêmico não é suficiente. Sou um acadêmico que em condições de extrema precariedade de recursos escreve essa tese. A

identidade é o passo inicial de um processo que precisa ser ampliado na vereda da alteridade, isto é, quando as adversidades pelas quais passamos em nossa estrada da vida puderam se colocar como uma ponte entre outras expressões e vidas que em meio a condições parecidas foram constituídas. Imaginemos se todos os professores acadêmicos que tem uma cadeira em uma universidade dispendo de condições financeiras favoráveis investissem em ações práticas que gerassem renda sob a ordem de economias solidárias e de cooperativismo seja em quais áreas forem as suas de atuação. Os tempos atuais desde do Golpe de 2016 contra Dilma Roussef e a guinada irrefreável de desmantelamento da democracia demonstram quão fraca e ainda quão tênue é a manutenção das vias democráticas, e isso ainda reverberará décadas a fio no Brasil e em parte da América Latina.

A opção descolonial é epistêmica, ou seja, ela se desvincula dos fundamentos genuínos dos conceitos ocidentais e da acumulação de conhecimento. Por desvinculação epistêmica não quero dizer abandono ou ignorância do que já foi institucionalizado por todo o planeta (por exemplo, veja o que acontece agora nas universidades chinesas e na institucionalização do conhecimento). Pretendo substituir a geo- e a política de Estado de conhecimento de seu fundamento na história imperial do Ocidente dos últimos cinco séculos, pela geopolítica e a política de Estado de pessoas, línguas, religiões, conceitos políticos e econômicos, subjetividades, etc., que foram racionalizadas (ou seja, sua óbvia humanidade foi negada). Dessa maneira, por “Ocidente” eu não quero me referir à geografia por si só, mas à geopolítica do conhecimento. Consequentemente, a opção descolonial significa, entre outras coisas, aprender a desaprender (como tem sido claramente articulado no projeto de aprendizagem Amawtay Wasi, voltarei a isso), já que nossos (um vasto número de pessoas ao redor do planeta) cérebros tinham sido programados pela razão imperial/colonial. Assim, por conhecimento ocidental e razão imperial/colonial compreendo o conhecimento que foi construído nos fundamentos das línguas grega e latina e das seis línguas imperiais europeias (também chamadas de vernáculas) e não o árabe, o mandarim, o aymara ou bengali, por exemplo. Você pode argumentar que razão e racionalidade ocidentais não são totalmente imperiais, mas também críticas como Las Casas, Marx, Freud, Nietzsche, etc.(...) Na América do Sul, na América Central e no Caribe, o pensamento descolonial vive nas mentes e corpos de indígenas bem como nas de afrodescendentes. As memórias gravadas em seus corpos por gerações e a marginalização sociopolítica a qual foram sujeitos por instituições imperiais diretas, bem como por instituições republicanas controladas pela população crioula dos descendentes europeus, alimentaram uma mudança na geo- e na política de Estado de conhecimento.

A geopolítica na qual nos inserimos em toda a sua abrangência nos colocou assim como ainda nos coloca como subalternos ao nosso próprio meio e às formas como nos expressamos. O próprio de universidade, como uni-verso, admite monologias instauradas nas dicotomias cartesianas as quais são e foram revolucionárias no campo das ciências exatas e sob esse aspecto não há que refutar tampouco desvalorizar. A questão de uma desobediência epistêmica não passa pela negação *ipsis literis*, todavia, dada a pluriversalidade do conhecimento, exige que consigamos singularizar as ciências como plurais e não dicotômicas, haja vista as metodologias de ensino que ainda insistem em seguir padrões legistados em Bases Nacionais Comuns Curriculares (BNCC) e em Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) que por mais expressarem e exigirem medidas de protagonismos por parte dos estudantes, ainda os distanciam deles e da classe docente a práxis e a interculturalidade na dimensão local. Basta observar que as disciplinas e os planos de ensino a que sugerem tais documentos não pressupõem estudos e análises das particularidades socioculturais e econômicas das regiões em que serão aplicados os procedimentos e as práticas de ensino. As matrizes de ensino justamente por assim se colocarem como procedimentos de federalização e padronização do conhecimento não enfatizam o que é tão substancial: a diversidade local e não global e ainda mais, os conhecimentos de fronteira. Geraldi (2015, p,393), ao analisar os textos da BNCC nos traz entendimento preciosos

Acrescente-se ainda que a razão de ser da BNCC é a uniformização do ensino num país que se caracteriza por sua diversidade (linguística, cultural, econômica e social). E a uniformização do ensino, ainda que ideologicamente justificada para parecer que vivemos numa sociedade sem desigualdade social e regional, de fato atende a necessidades do projeto neoliberal de educação que orienta todos os seus horizontes pelas avaliações de larga escala. Ora, impor boas ideias é destruí-las, é buscar a resistência, é assumir uma posição dialógica para conceber a linguagem e não dialogar com os professores impondo-lhes o que fazer e cobrando resultados de seu trabalho (e avaliando-os) com base em provas de retenção de conhecimentos que apenas revelam um momento do aprendiz.

Tomando como refração e reflexão do que aqui venho defendendo, o projeto *Matéria Rima* é um dentre inúmeros exemplos de como o *enunciado-rap* é uma ponte ao pensamento e à *práxis* de fronteira, ou seja, quando a *pluriversalidade* e a valorização da localidade estão

muito além das demais metodologias que nos afligem nesse “mais do mesmo” e ao monológico. Primeiramente pela questão das mudanças na vida de Sasquat em decorrência da experiência com a rima que o levou ao projeto Matéria Rima, quando a palavra não trivial, como pudemos observar na narrativa transcrita mais acima, possibilitou uma compreensão da vida enquanto um caminho possível. Em um segundo momento, porque os valores de cooperação e valoração das especificidades locais não surgem não foram colocadas em movimento por razões do campo do oficial, das esferas jurídicas de determinações governamentais que, como já vimos, surgem e são impostas por esferas da alta organização social via Ministérios que salvo alguns momentos da história puderam ser considerados dialógicos e factíveis do ponto de vista da infra e da superestrutura da sociedade brasileira. Walter Mignolo (2008) recuperar algumas propostas metodológicas de Nina Pacari (2006, 9-10)

a) Proporcionalidade-Solidariedade é o princípio que orienta a política (por exemplo, o pensamento político) para o benefício daqueles que têm menos. A política impinge aqui o *oyko-nomy* (ou, inventando um neologismo, um *ayllu-nomy*), ou seja, uma economia política que administra a escassez, ao invés de festejar a acumulação.

b) Complementaridade, se refere à produção e distribuição que contempla o bem-estar da comunidade e não a acumulação e o bem estar de uma elite. Isso representa, em outras palavras, a sociabilidade com a harmoniosa complementaridade de elementos opostos. Por exemplo, Sol e Lua (masculino e feminino) não são opostos por relações de poder, mas, sim, duas metades de uma unidade; uma unidade sem a qual a geração de vida não é possível.

c) Reciprocidade, é expresso na instituição chamada “minga”, que significa trabalho cooperativo visando melhoria. Dar e receber, o princípio da reciprocidade é feito tanto de direitos quanto de deveres para cada um. **d) Correspondência**, simplesmente significa o compartilhar de responsabilidades (Pacari, 2006, 9-10).

Tais propostas de compreensão e práxis no trato das ciências humanas simplesmente tocam no ponto já exposto sobre a potencialidade da pluriversalidade diante da universalidade de modo que esta última, como já exposto, toca em questões a serem revisadas e reconsideradas no âmbito de metodologias que não estejam centradas na eurocentralidade formadora da dimensão ocidentalizante. Embora esses princípios estejam de certa maneira diluídos em documentos como a própria **BNCC**, a colocação em movimentos de princípios como esses

exigem que as matrizes e as formatações de currículos e procedimentos convencionalizados sejam não só revistos e reformulados no âmbito da legalidade, mas sobretudo nas práticas diárias e cotidianas partindo de quaisquer esferas que sejam. O que temos, quando se pensa em pensamento de fronteira e de desobediências epistêmicas, está correlacionado ao fazer de outra forma, de outro modo; momento em que o mesmo e o diferente possam se tocar e se correlacionar com aquilo que não faz parte do *modus operandi*

Se a vida vem antes da teoria e das abstrações objetivadas, bem como colocava Bakhtin (2008;1988), **então** é preciso fazer que sentidos apreendam a teoria à qual cada um será exposto nos espaços escolarizados sendo esses trajetos para se compreender as bases fundamentais das *práxis* de aprendizagens escolares, científicas e cidadãs. Antes que essa pressuposição lógica aqui colocada seja abordada como uma proposição da lógica clássica fundamental (p/q- se/então) faz-se lúcido que se saiba que a lógica fora um instrumento cognitivo desenvolvido por seres humanos ao longo de todo o processo histórico. A não limitação às instâncias da abstração sem dialógica não faz sentido em um país-favela, haja vista que a miséria, sobretudo essa nesses tempos de neocolonialismo e neocolonialidade em que as políticas de extermínio são efetivadas por medidas de necropolítica assolam pelas Pandemias de abandono e destruição dos direitos fundamentais diante a democracia.

Bakhtin (2003, p.393) ao sugerir uma metodologia mais humanística em que se privilegia a alteridade em seu texto potente “Metodologias das Ciências Humanas deixa em evidência a necessidade da consideração alteritária da presença do outro como fundante no processo de compreensão e de emancipação:

“A complexidade do ato bilateral de conhecimento-penetração. O ativismo do cognoscente e o ativismo do que se abre (configuração dialógica). A capacidade de conhecer e a capacidade de exprimir así mesmo. Aqui estamos diante da expressão e do conhecimento (compreensão da expressão). A complexa dialética do interior e do exterior. O indivíduo não tem apenas meio e ambiente, tem também horizonte próprio. Os elementos da expressão (o corpo não como materialidade morta, o rosto, os olhos, etc); neles se cruzam e se combinam duas consciências (a do eu e a do outro); aqui eu existo para o outro com o auxílio do outro. A história da autoconsciência concreta e o

papel nela desempenhado pelo outro (amante). O reflexo de mim mesmo no outro. A morte de mim para mim e a morte para o outro. A memória. Os problemas concretos dos estudos da literatura e da arte, vinculados à interrelação do ambiente e do horizonte, do eu e do outro; as questões das zonas; a expressão tetral. A penetração no outro (fusão com ele) a manutenção da distância (do meu lugar), manutenção que assegura o excedente de conhecimento. A expressão do indivíduo e a expressão das coletividades, dos povos, das épocas, da própria história, com seus horizontes e ambientes. A autorrevelação e as formas de sua expressão dos povos, da história, da natureza, etc. O objeto das ciências humanas é o ser expressivo e falante (...)"

A valorização dos horizontes próprios de cada ser como pontos de partida, de prospecção de metodologias, mostra-se como um caminho humanístico. A relação dialética exige que se coloque em questão como um princípio, as habilidades e as memórias acumuladas no decorrer da vida de cada um. Na contracorrente do acúmulo de capital, ao se valorizar os saberes em sua singularidade, ressalta-se o valor do capital cultural individual. O conhecimento-penetração se é dialógico ele mantém um auscultar tão amplo quanto o fala, deixando de lado o lugar da palavra originária e única dos sistemas extremamente monológicos. O projeto Matéria Rima é um grande e explícito exemplo dessa metodologia humanística bakhtiniana. Ao analisar o site do projeto, constata-se que as categorias que o descrevem assim como seu conteúdo são de grande fontes dialógicas haja vista que estão na mediação fronteira da dimensão oficial a que desde então venho debatendo. Na campo SOBRE do site, na parte "Ideia" (Cf. Anexo 7) podemos compreender que a desobediência epistêmica do MC. Joul desencadeou uma onda de criação e de compreensões que levaram ao surgimento do projeto. Transcrevo aqui essa parte por ser de suma importância:

A idéia de criar o Matéria Rima foi de MC. Joul, um jovem aluno inquieto que não se sentia parte da escola; ou melhor, sentia que essa escola o expulsava com seu currículo maçante e desmotivador. Mas o menino cheio de criatividade não se conformou, fez a matéria da escola virar poesia e arte. Criou uma ferramenta socioeducativa pioneira que visa alcançar a comunidade escolar e o seu entorno. A metodologia é inovadora porque acredita nos elementos da cultura urbana como facilitadores da interação e, consequentemente, do ensino-aprendizagem. (site⁶⁹)

Como o próprio site traz em outros momentos, "baixou-se os muros da escola", ao se aproximar gestores e estudantes ao passo que o grande instrumento fora a o Hip Hop, grande

69 <https://www.materiarima.com.br/ideia?lang=pt>

facilitador de compreensões que pudessem erigir mediações menos abstratas. Dentre os vários objetivos desse projeto, o estímulo ao autoconhecimento e à integração ao mundo das formalizações fora um dos mais importantes. Por meio das rimas, dos gêneros do Hip Hop o mundo não oficial toca no outro, no regular e escolarizado. Bem como narraram Mmoneis e Sasquat, o mundo bibliográfico e literário se ascendeu através da outridade, da palavra, da imagem via gravites, da não reificação e domesticação dos corpos por meio da salvaguardada pelo *break* ao passo que processo parcial de sublimação das categorizações do panóptico ocidental transformou-se em transmodernidades em alteridades emancipatórias. Não é o único caso em que seres expressivos e falantes se vem como tais, todavia, no q eu tange ao enunciado-rap e às suas inúmeras contribuições no contexto do Hip Hop, faz-se curioso que a desobediência causara mudanças efetivas salvando e mudando vidas.

4.5 Princípio Prudencio

Dando sequência a essas incursões aos modos mais dinâmicos e plurais que a perspectiva decolonial e bakhtiniana possibilitam no processo de redirecionamento das paisagem monológicas, conceber a litetura como um direito da humanidade tal como defendido por Cândido pressupõe que tal direito pressupões certos deveres, os quais devem ser executados por aqueles que pensam e efetivam a educação. Diante isso e com o propósito de contribuir para um lugar de práxis educacional menos abstrato e distante das formas de vida plurais e que seja atualizado, como parte de um trabalho de pesquisas na área literária, proporei nesse subcapítulo uma abordagem sociológica que poderá ser aplicada e amplificada via debates entre educadores e, posteriormente entre estudante, como mediador de apreensão da literatura, assim como eu havia sugerido no debate entre os rappers sobre como seria mais tácito e menos abstrato ensinar e aprender gramática nas escolas.

Pouco é trabalhado nas escolas a literatura negra e menos ainda é trabalhada a literatura indígena. A subalternidade pressupõe apagamentos para que se efetive. Se invertêssemos a ordem padrão da aprendizagem da literatura no Ensino Médio começando pelo Modernismo em vez de pela literatura de informação e depois Barroco e assim

subsequentemente, o valor tácito da literatura poderia ser sentido. Ainda que carregado expressões e composição poética ainda rebuscadas, mesmo participando do Modernismo, Manuel Bandeira e Oswald de Andrade são bem mais compreensíveis que a Carta El Rei Dom Manuel II de Pero Vaz de Caminha.

Mais potencializado seria se se considerasse Maria Firmina dos Reis, Machado de Assis e Carolina Maria de Jesus como fundadores de um modernismo temático recuperado por Lima Barreto e depois pelos modernistas no geral. O próprio reconhecimento da negritude de Machado de Assis ainda é algo recente e pouco reiterado por educadores que gera apagamentos nocivos, tal como já havíamos exposto aqui. Nesse sentido, faço certa abordagem contemporânea de um dos subcapítulos da obra *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, obra que a meu ver inaugura o modernismo no aspecto da estética, uma vez que segundo Antônio Cândido o modernismo foi composto por três vertentes: a Semana de Arte Moderna, a renovação estética e a periodização marcada pelas datas vindouras ao ano de 1922.

Princípio é um termo muito amplo, pois sua substancialidade é variável ganhando diversas adjetivações: princípio **ativo, de constitucionalidade, de contradição, de prazer, de uniformidade, de legalidade de realidade, Princípio de Arquimedes** ou quaisquer outros os quais tenham em comum o fato de carregarem características que são fundamentais, basilares ou a partir dos quais se inicia um processo de reflexão. A exemplo, o Princípio de Identidade refere-se àquele que fundamenta o pensamento lógico afirmando que qualquer termo é idêntico a si mesmo⁷⁰. Não à toa, exemplifiquei por meio desse último tipo de princípio dado que esse artigo irá tratar da questão da identidade como um procedimento resultante da lógica da colonização e da *colonialidade de poder*, o qual fundou a territorialidade e o imaginário do Ocidente. Em detrimento da alteridade e da pluriversalidade, a identidade eurocentrada se instaura em quase todas as formas de expressão humanas. O parágrafo anterior, dedicado ao enorme Mário de Andrade, também não se faz sem excedentes de visão, pois fora, a seu tempo, por um gesto, uma pequena nota do Princípio Prudência, o qual defenderei

⁷⁰Disponível em: <http://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/princ%C3%ADpio/>. Acesso em: 20 Junh 2020.

De santo e erudito, Mário até tinha muito. Nascido numa família católica, foi congregado mariano, ia à missa todos os domingos até o final dos anos 20, carregava vela em procissão e cantava no coro da Igreja Santa Ifigênia, no centro de São Paulo. Mesmo se afastando da igreja, conservou-se cristão até a morte, em 1945. Sua erudição pode ser medida pela extensão e variedade de sua obra (58 livros, entre poesia, ficção, ensaio e correspondência) e pelo tamanho de sua biblioteca (17 mil volumes, principalmente de música, arte, literatura, etnologia e folclore). Mas Mário não era só santo e erudito. Sob o clichê sacralizado se esconde um "vulcão de complicações", segundo autodefinição de 1925. Era vaidoso, sensual, gostava de tomar seus porres, experimentava drogas "com um interesse apaixonado" e dizia ter uma "espécie de pansexualismo". Só usava ternos de casimira inglesa ou linho branco S-120. Em casa andava de robe de seda (alguns desenhados por ele). Mandava seu secretário comprar a loção francesa Rêve Rose para passar na careca, **usava pó-de-arroz na face para atenuar o tom amulatado da pele, herança das avós materna e paterna, ambas mulatas.** (COUTO E CARVALHO, 1993, grifos meus)

Entre a genialidade, o pleno reconhecimento como intelectual, Mário de Andrade ainda precisava transpigmentar sua pele. Quais seriam as razões e as volições para que tal ato fosse colocado em prática? Esse homem se colocava em uma zona de fronteira, de não ser em certos aspectos ao negar sua herança mulata? E o que isso tem a ver com os processos históricos correlacionados à escravidão? Pois bem, é sobre isso que lanço esse diálogo.

Em *Capitães de Areia*, de Jorge Amado, a vacina contra o Alastrim era algo que gerava extrema estranheza a grande parte dos filhos de santo da Cidade Baixa de Salvador. O povo que lá vivia acreditava que a doença infectocontagiosa, Varíola, também chamada como Bexiga, tinha sido mandada por Omolu sobre o povo como forma de redenção e aviso. A ciência, então, tinha menos valor frente as práticas e crenças religiosas. A volição se colocava maior por pertencer à *praxis* daqueles que concebiam as vacinas como algo de pouco valor. Trata-se de uma questão de referência tradicional frente ao advento dos avanços científicos.

Esse jogo de negação entre a tradição afro-brasileira e aquilo que praticamente é inegável, a necessidade da vacina como um meio que evita doenças, ao mesmo tempo que faz parte de um procedimento de ausência de contato com outros saberes, é também uma forma de resistência e compreensão do mundo mediante daquilo que se tem como recurso – a incorporação de uma cultura predominante do meio em que se vive.

Mas o que isso tem a ver com Prudêncio e outros personagens e personalidades (a ficção amplificando a vida) da ficção ou da realidade quanto à incorporação de determinada cultura e negação de outras? Trata-se da outreridade como uma forma de existência ou de resistência a um macro-domínio, talvez o mais avassalador processo de dominação já visto e realizado na história da humanidade: o domínio europeu no processo de formação do que conhecemos como Ocidente, modernidade, no âmbito da eurocentralidade.

Os processos de colonização e de colonialidade são variados na história da humanidade, mas segundo Moore (2007) quase sempre aconteceram com base distintiva por meio de aspectos fenotípicos, *a priori*, e que somado a distintivos meios tecnológicos que proporcionam o domínio do outro, seja por tipos de armas, estratégias bélicas ou “diplomáticas”, formam-se os variados tipos de racismos. Sem me ater aos pormenores da imensa superioridade europeia em comparação com a maior parte dos povos da África, nota-se que por mais de seis séculos há uma forma de identidade que suprime a alteridade de povos em se ressaltando a cultura do europeu colonizador em detrimento de quaisquer outras.

Quanto ao modelo mais usual e expandido de civilização no mundo globalizado, a europeia, tem-se, então, que os valores da Europa Ocidental (parte colonizadora) está em posição modelar, dado que praticamente toda a epistemologia, a começar pelas línguas oficiais que são globalmente quase sempre a inglesa, francesa ou espanhola. Ressalto que o advento tanto da colonização quanto da colonialidade não são exclusivamente europeus, mas é nessa vereda da eurocentralidade em alguns aspectos na qual eu, Flávio, me encontro e bem possivelmente você se encontra também. A exemplo, o Império Inca se efetivou pelos quíchuas que dominam variados povos da região do Norte da América do Sul, ao passo que as formas de dominação se colocavam de variados níveis, seja pela frente bélica, agrícola e, sobretudo estatal. Todavia, nada se comparada ao empreendimento europeu, como já mencionei, em especial, ao domínio espanhol e inglês. Desse ponto, entramos no quesito da apropriação da cultura do colonizador pelo colonizado como uma forma de sobrevivência, a

qual poderá ser superada quando houver a *hora e a vez*⁷¹, quando se estiver instituído um conjunto de condições que poderão gerar um *ato responsável* mediante a própria historicidade.

Albert Memmi (2007) investigou as relações entre colonizador e colonizado e para isso se utilizou da metáfora do **retrato**, tanto que sua obra mais fundamental – uma das obras basilares do pensamento decolonial – Retrato do Colonizado precedido pelo retrato do Colonizador, trouxe ao pensamento social da época uma das questões mais fundamentais: a imagem de si e do outro no mundo é resultado dos empreendimentos de domínio instaurados em processos de constituição da sociedade colonial. A imagem que se tem de si é, inicialmente, dada pelas estruturas de poder, as quais pressupõem a sobreposição constante entre o que é hegemônico e as visões de mundo, de texto e de representações que possam espelhar nossa realidade, ao que se chama de subjetividade, instância de pensamento que sempre fora veemente colocada, na teoria bakhtiniana, como um resultante dos empreendimentos históricos e sobredeterminados pelas relações de poder.

Isto posto, fica mais fácil identificar que alguns aspectos de dominação ainda presentes, tais como o procedimento de poder e de subalternização por meio da pejoração do outro, efetivado quando o colonizador emite acusações com toda a arbitrariedade, tal como a atribuição da preguiça como constitutiva do colonizado, do indígena, do negro ou daquele que procura não corresponder aos hábitos de trabalho em excesso como um exercício de *acúmulo de capital*; trazendo a voz de Memmi :

“quando o colonizador atribui ao colonizado uma característica distintiva cujo critério de validação ele mesmo dá, ele se coloca como superior, o que lhe garanti um lugar de privilegio de todas as ordens possíveis, sejam elas financeiras, éticas morais ou cognitivas. Quando o colonizador afirma, em sua linguagem, que o colonizado é um débil, sugere com isso que essa deficiência demanda proteção. Daí, sem risos – ouvi isso com frequência –, a noção de protetorado. É do próprio interesse do colonizado ser excluído das funções dirigentes; e que essas pesadas responsabilidades sejam reservadas ao colonizador. Quando o colonizador acrescenta, para não cair na solicitude, que o colonizado é um retardado perverso, com maus instintos, ladrão,

71 Salve a Guimarães Rosa, em *A hora e a Vez* de Augusto Matraga, cuja justificativa dessa referência será compreendida mais adiante do texto.

ligeiramente sádico, legitima assim sua polícia e sua justa severidade. É preciso mesmo se defender contra as perigosas tolices de um irresponsável; e também, preocupação meritória, defendê-lo de suas próprias tolices" (2007, p.120)

Creio que agora ficará mais fácil nos aproximarmos do capítulo O Vergalho, mas não sem antes trazer à baila de nossa consciência como os imperativos da denegação do outro, sob a perspectiva da supremacia branca é um território comum tanto já o fora expressado pelo atual presidente do Brasil, Jair Bolsonaro, que à época era pré-candidato à presidência da república

“Em palestra para cerca de 300 pessoas, Bolsonaro afirmou que, se for eleito, pretende acabar com todas as reservas de terra de indígenas e quilombolas (descendentes de escravos que vivem em quilombos). ‘Eu fui num quilombo. O afrodescendente mais leve lá pesava sete arrobas. Não fazem nada. Eu acho que nem para procriador ele serve mais. Mais de R\$ 1 bilhão por ano é gasto com eles”, discursou. ‘Se eu chegar lá (na Presidência), não vai ter dinheiro pra ONG. Esses vagabundos vão ter que trabalhar. Pode ter certeza que se eu chegar lá, no que depender de mim, todo mundo terá uma arma de fogo em casa, não vai ter um centímetro demarcado para reserva indígena ou para quilombola.’”⁷²

Pois é. Ele chegou ao posto desejado e sua política de negação e a eliminação do outro que não àquele que não partilha sua ideologia hoje se reflete nas diversas ações de seu governo que vão da defesa do trabalho em detrimento de vidas, haja vista que não apoia o procedimento da quarentena orientado pelo OMS (Organização Mundial da Saúde) bem como persiste no incentivo ao agronegócio e na depreciação do que foge à heteronormalidade e às políticas ultraliberais.

Em posse dessa ilustração acima, podemos adentrar na obra machadiana. Publicada em 1881, ainda sob o regimento jurídico da Constituição promulgada em 1824, essa obra fora e continua sendo uma grande referência de autenticidade e transgradiência⁷³. Percebam que ainda não havia ocorrido a Abolição da Escravatura (1888), o que eleva o grau de percepção do

72 Disponível em: <https://congressoemfoco.uol.com.br/especial/noticias/bolsonaro-quilombola-nao-serve-nem-para-procriar/>. Acesso em 06 de Jun de 2020.

autor perante sua criação (personagem) e o grau de sofrimento do povo negro em se tratando de vida real se comparado aos tempos atuais. Machado era negro.

Além de toda questão estilística dessa obra, a questão temática é uma das mais proeminentes. Em pleno Segundo Reinado, a condição de *subalternidade* do colonizado perante o colonizador era de uma extremidade a outra reificante. Nesse ínterim, uma das únicas formas de ascensão era de imediatamente que o colonizado se colocasse diante colonizador no papel de replicador das formas de vida e expressão que lhes foram impostas. Prudêncio, é a pedra fundamental da pesquisa desse artigo, sendo a um só tempo a força motriz que ora é centrípeta, ora centrífuga quanto a absorção dos valores eurocentrados.

Afirmo que Prudêncio é a figura das figuras ou a *exotopia* da sobrevivência pela negação. Abaixo, segue o capítulo da obra em questão.

Capítulo LXVIII

O vergalho

Tais eram as reflexões que eu vinha fazendo, por aquele Valongo fora, logo depois de ver e ajustar a casa. Interrompeu-mas um ajuntamento; era um preto que vergalhava outro na praça. O outro não se atrevia a fugir; gemia somente estas únicas palavras: - “Não, perdão, meu senhor; meu senhor, perdão! Mas o primeiro não fazia caso, e, a cada súplica, respondia com uma vergalhada nova. -- Toma, diabo! dizia ele; toma mais perdão, bêbado!

-- Meu senhor! gemia o outro.

-- Cala a boca, besta! replicava o vergalho.

Parei, olhei... Justos céus! Quem havia de ser o do vergalho? Nada menos que o meu moleque Prudêncio, -- o que meu pai libertara alguns anos antes. Cheguei-me; ele deteve-se logo e pediu-me a bênção; perguntei-lhe se aquele preto era escravo dele.

-- É, sim, nhonhô.

-- Fez-te alguma cousa?

-- É um vadio e um bêbado muito grande. Ainda hoje deixei ele na quitanda, em quanto eu ia lá embaixo na cidade, e ele deixou a quitanda para ir na venda beber.

-- Está bom, perdoa-lhe, disse eu.

-- Pois não, nhonhô. Nhonhô manda, não pede. Entra para casa, bêbado!

Saí do grupo, que me olhava espantado e cochichava as suas conjecturas. Segui caminho, a desfiar uma infinidade de reflexões, que sinto haver inteiramente perdido; aliás, seria matéria para um bom capítulo, e talvez alegre. Eu gosto dos capítulos alegres; é o meu fraco. Exteriormente, era torvo o episódio do Valongo; mas só exteriormente. Logo que meti mais dentro a faca do raciocínio achei-lhe um miolo gaiato, fino, e até profundo. Era um modo que o Prudêncio tinha de se desfazer das pancadas recebidas, -- transmitindo-as a outro. Eu, em criança, montava-o, punha-lhe um freio na boca, e desancava-o sem compaixão; ele gemia e sofria. Agora, porém, que era livre, dispunha de si mesmo, dos braços, das pernas, podia trabalhar, folgar, dormir, desagrilhoado da antiga condição, agora é que ele se desbancava: comprou um escravo, e ia-lhe pagando, com alto juro, as quantias que de mim recebera. Vejam as sutilezas do maroto!

A cena se passa no Valongo. Por que não se passou no Estácio de Sá ou em Madureira? Nada é ao acaso, arbitrário, livre de sentidos e construções ideológicas. Para Bakhtin, nem tudo é tão somente objetivo, nem tão somente subjetivo. A duas instâncias estão correlatas e sempre em comunicação constante mediante aquilo que se pretende dizer ou fazer. Nesse sentido, por *cronotopia*, na teoria bakhtiniana, podemos compreender as marcações de tempo e espaço mediadas pelas configurações ideológicas da época. O lugar e o tempo da vida reflete, inevitavelmente, no tempo das funções

Onde hoje se encontra Museu dos Cemitérios dos Pretos Novos, antes se encontrava a inúmeras valas nas quais eram depositados seres humanos vindos do continente africano para aqui serem escravizados. Muitos não aguentavam e chegavam mortos ou praticamente desfalecidos. Eram jogados nessas valas sem qualquer ritual, na plena indignância.

O sítio arqueológico Cemitério dos Pretos Novos, que funcionou durante os anos de 1769 a 1830, é a principal prova material e incontestável, encontrada até hoje, sobre a barbárie ocorrida no período mais intenso do tráfico de cativos africanos para o Brasil. Depois da descoberta fortuita feita pela família Guimarães dos Anjos, em 8 de janeiro de 1996, não há mais como admitir uma visão equivocada e romanceada sobre a escravidão de africanos e seus descendentes diretos no Brasil. Foram depositados neste cemitério os restos mortais de

dezenas de milhares de africanos, brutalmente retirados de sua terra natal e trazidos à força para o trabalho escravo. E igualmente bruta também era a forma como seus corpos foram despedaçados, queimados e espalhados pelo terreno, cobertos apenas com algumas pás de terra. Há indícios de que, dada a situação de descarte humano que apresentava o local, moradores daquela época que passavam pela Rua do Cemitério lançavam seu lixo doméstico: restos de comida e fragmentos de louças, cerâmicas e vidros. [...] G. W. Freyre, o viajante alemão que descreveu o cemitério notou horrorizado que, neste local, a única marca da église da Igreja era “**uma pequena cruz de paus toscos mui velhos**” fincada no centro do terreiro e cercada por ossadas insepultas. (TEOBALDO)

Ana Maria de laMerced Guimarães, da família citada acima, quando fazia uma reforma na casa que havia comprado na região da Gamboa, casa essa construída em 1866, recebeu a notícia do pedreiro que havia ossadas em sua casa. Desse momento em diante, sua residência se tornou o Museu ao qual nos referimos.

Nada é aleatório no processo de escrita, de modo que a consciência do autor trabalha sempre ao exponencial, isto é, o autor pensa como o personagem pensa prevendo a reação do leitor mediante as *figuras* que estarão na obra. Desse modo, fica nítido a questão de que Valongo embora fosse em 1881 um reduto de tráfico e de comercialização de escravos, marcava, antes disso, o epicentro da miséria humana e do processo de genocídio explícito.

- Está bom, perdoa-lhe, disse eu.

-- Pois não, nhonhô. Nhonhô manda, não pede. Entra para casa, bêbado!

À época, preto ou era liberto ou ingênuo. O primeiro havia comprado sua alforria ou havia cedido por alguém por alguma razão. Prudêncio, preto livre “o que meu pai libertara alguns anos antes” gozando de sua condição de livre, tornou-se senhor de outro negro, assim lhe tendo como posse. Pois bem, nessa inversão de papéis entre algoz escravo concretiza-se a permanência do *modus operandi* da colonização e da organização do trabalho por meio da escravidão. Mas por que Prudêncio fizera isso? E por qual razão, se livre, ainda tratava Brás Cubas com tanta servidão e solicitude?

Vestir as roupas do outro é um modo de incorpora-, mesmo que sem a sua permissão e, por isso, mediante um tempo determinado. Márcio da Silva Oliveira (2016 ao analisar esse mesmo conto de Machado defende que a outremização é uma característica do processo de negação ou de abominação da cultura própria a favor da cultura do outro, procedimento que gera ampla fragmentação identitária. Ao assumir o papel do colonizador, o colonizado se veste de empoderamentos passageiros sentindo-se membro do corpo social urbano ao qual é relegado para o qual até então tinha servido como “besta”.

Alguns movimentos de evidências são importantes de serem consideradas, tais como a valoração semântica. Os termos ‘diabo’, ‘perdão’, ‘bêbado’ e “besta” carregam uma marcação do *pequeno tempo* presente da narrativa e do grande tempo (anterior ao tempo da narrativa]. Respectivamente, o primeiro termo, bem como expressa Emicida “veio nos barcos dos europeus’, dado que a designação diabólica é nada menos que uma depreciação dos cultos africanos, em especial ao culto do candomblé ao passo que tudo aquilo que não fosse cristão poderia ser considerado do demônio. Tanto que o próximo termo, ‘perdão’ plenamente cristão, reiterando a necessidade de aproximação aos moldes religiosos do dominado. A embriaguez era uma das formas pelas quais podiam se distanciar da realidade cruel da escravidão. Possivelmente Prudêncio em algum momento também já fizera uso de bebidas alcoólicas para suportar o peso da escravidão e o do ostracismo de dentro da própria cidade e cultura urbana na qual se vive para a qual serve.

Todavia, criminalizar um antigo hábito é se colocar como algoz, como alguém que compreendeu os valores do *ser-dominador* e agora pode desse se vestir, embrenhar-se nesse manto de autoritarismo. “Besta”, por fim, expressa a condição de plena objetificação desse outro servo, escravizado e destituído de direitos e garantias que lhes conferissem dignidade. Essa inversão das linguagens é veementemente criticada pelos efeitos de espanto em Brás Cubas. Ao perceber que seu antigo “muleque” sobre o qual montava agora se colocava como quem monta precisava ser recolocado em seu lugar de origem fazendo jus à historicidade e à plena tradição familiar, pois assim era não somente necessário quanto de certa maneira sádico. Tanto que Brás Cubas, ao ordenar **“Está bem ,perdoa-lhe”** revolve em Prudêncio o seu ser mais

remotamente servil e destituído de si mesmo, pois o mesmo que bate fora objeto familiar antigo de seu “nhonho” e mais uma vez o termo utilizado é de suma precisão. Brás Cubas é seu Imperador ao qual se deve pedir clemência, é o espelho ao qual deve refletir sua pela, mesmo que por meio de máscaras. Oliveira (2006, p.332) ainda ressalta que “como o colonizador, o negro se desumaniza e passa a empregar os mesmos métodos de violência e despersonalização, aniquilando sua identidade para assumir a máscara branca.

Frantz Omar Fanon (1925-1961) desenvolveu um dos pilares do pensamento anticolonial cujas obras fundamentam questões psicossociais que envolvem a condição colonial e, em especial a condição do negro nas sociedades de ocidentais. Sua obra *Peles Negras, Máscaras Brancas* de 1962 traz grandes influências de leituras de Marx e Engel, assim como de Freud e Yung. Ao metaforizar o ato das máscaras como hábitos e transfigurações, Fanon aprofunda algumas questões de suma importância no processo de (de)constituição do homem negro na sociedades. Paulo Freire, em *Pedagogia do oprimido* deixa transparecer certos elementos contidos em outra obra de Fanon, *Peles Negras Máscaras Brancas*. Fanon lança as bases que nos farão compreender a dinâmica da construção do ser negro cuja matéria principal para isso está na negação e na negatização, fundamentos que funcionam com uma gramática nas sociedades ocidentais

Há uma zona de não-ser, uma região extraordinariamente estéril e árida, uma rampa essencialmente despojada, onde um autêntico ressurgimento pode acontecer. A maioria dos negros não desfruta do benefício de realizar esta descida aos verdadeiros Infernos. O homem não é apenas possibilidade de recomeço, de negação. Se é verdade que a consciência é atividade transcendental, devemos saber também que essa transcendência é assolada pelo problema do amor e da compreensão. O homem é um SIM vibrando com as harmonias cósmicas. Desenraizado, disperso, confuso, condenado a ver se dissolverem, uma após as outras, as verdades que elaborou, é obrigado a deixar de projetar no mundo uma antinomia que lhe é inerente.(FANON, 1968, p. 52)

Uma das grandes bases a serem consideradas, a denegação. Quando se destituído e forçado colocar em ostracismo dos mananciais culturais tradicionais e quando se é plenamente objetificado, o que se pode fazer senão negar a si como forma de existir ao se espelhar na

construção empreendida pelo outro, disso decorre o processo de *outremização* tão bem colocado por (SPIVAK,1987).

Das personagens às pessoas, das figuras literárias às públicas onde e em quais *esferas sociais* se encontram os Prudências? Lembrando que para Bakhtin (2003) *exotopia* era sempre essa dinâmica de se cotejar a vida, a arte e a ciência para que na dinâmica corriqueira do dia a dia fosse possível criar por dados novos e velhos personagens, tempos e espaços – cronotopias pelas quais fosse possível perceber o quanto os emaranhados da vida se esconde nas entrelinhas da prosa, da poesia, dado que “arte existe porque a vida não basta” como dizia Ferreira Gular, e esse não basta não se resume ao estético, mas ao ético e ao científico, os quais deonticamente estão como um *ato responsável* em congruência e em harmonia para um *dever* melhor ou menos desigual.

No Brasil, haja vista sua imensa chaga diante as questões raciais, de identidade e alteridade, as “peles negras em máscaras brancas” são inúmeras e desmedidamente constantes. Ainda nos lembra Fanon que “Falar é estar em condições de empregar uma certa sintaxe, possuir a morfologia de tal ou qual língua, mas é sobretudo assumir uma cultura, suportar o peso de uma civilização”(p.33). Para suportar o peso da negação histórica desse outro que não branco, de origem fenotípica de pele clara, dispositivos atuais de negação são acionados ao passo de até mesmo se se incorrer nas mais profundas contradições. O Princípio Prudência não é nada mais que isso, ações objetivas em razão de marcas históricas incrustadas no/na (sub)consciência e que se reiteram com o passar dos anos pelos em razão das bases estruturais da sociedade moderna ocidental. Pois bora conhecê-los em parte começando por suas declarações , as quais nos dão os sintomas, a materialidade mental e de suas radiações para o âmbito social

1. ‘Tem gente vazando informação aqui para a mídia, vazando para uma mãe de santo, uma filha da puta de uma macumbeira, uma tal de Mãe Baiana, que ficava aqui infernizando a vida de todo mundo’

2. ‘Eu exonerei três diretores nossos (...). Qualquer um deles pode ter feito isso. Quem poderia? Alguém que quer me prejudicar, invadir esse prédio para me espancar, invadir com a ajuda de gente daqui... O movimento negro, os vagabundos do movimento negro, essa escória maldita’

3. ‘Um dia da Consciência Negra para homenagear Zumbi é a mesma coisa que criar um dia da ‘Consciência Branca’ para homenagear Hitler’

As duas primeiras declarações são de Sérgio Camargo, presidente da Fundação Palmares, o qual traz em sua trajetória uma extensa gama de ações polêmicas que giram em torno ora sobre o racismo ora sobre a intolerância mais generalizada o possível, as quais foram extraídas de uma matéria⁷⁴ sobre o encaminhamento do Ministério Público à Procuradoria da República no Distrito Federal de ação contra improbidade administrativa em razão da realização de atos ofensivos a civis e que tocam, de certa maneira, em tons racistas.

O último pronunciamento é de Fernando Holiday, extraído de uma reportagem do *Portal Geledés*⁷⁵, um dos mais importantes meios de conhecimento sobre as questões raciais e de representatividade da comunidade negra no Brasil⁷⁶. Eleito o mais jovem vereador da história da cidade de São Paulo, aos 20, com 48.055 votos em 2016, traz em sua trajetória percursos extramente controversos, os quais assim como no caso da outra persona/figura pública tocam nas bases do Princípio Prudencio.

Analisando os três a um só tempo e a em um parágrafo. Adjetiva-se uma Mãe de Santo como macumbeira (cujo tom ofensivo advém e se circunscreve somente fora do meio religioso, no qual Macumba significa instrumento musical ou ato de se fazer a religiosidade), o Movimento Negro como a “vagabundos” e como a “escória maldita” e, por último, Holiday tece analogia entre Hitler e Zumbi dos Palmares em defesa de que a perpetuação do Dia da

74 Disponível em: https://www.em.com.br/app/noticia/politica/2020/06/02/interna_politica.1153135/presidente-fundacao-palmares-chama-movimento-negro-de-escoria-maldita.shtml. Acesso em 03 de Julho de 2020.

75 Acesse e confira em: <https://www.geledes.org.br/>

76 Disponível em: <https://www.geledes.org.br/desconstruindo-o-discurso-de-fernando-holiday/> Acesso em: 03 de Julho de 2020.

Consciência Negra seria algo descabido ao passo que justificaria a existência outras datas de semelhantes, no caso, da supremacia branca que causou o extermínio de mais de 5 milhões de judeus.

Voltando ao fato de que a negação do outro, de que a denegação dos valores que não aqueles instituídos sob as bases do colonizador é o mais profícuo e fundamental processo decolonialidade das formas de vida que atingem em grande medida uma imensa gama de pessoas nas suas dinâmicas mais amplas e gerais. Ao negarem a religião, a política como organização de resistência simbolizada por Palmares e ao inverter a noção entre quem comete os extermínios e quem é contrário a isso, essa duas figuras são mais figuras que humanos, em seu sentido de húmus na plenitude de consciência histórica e material.

Bakhtin e Volochinov, em *Marxismo e Filosofia da Linguagem* (1988) salientam que a supressão dos *índices sociais de valores*⁷⁷ de um determinado grupo por outro, promove o domínio de um sobre o outro. O processo de modernidade nada mais é que isso, um conjunto de procedimentos de eliminação de grande parte das comunidades e dos valores locais em fase da guinada rumo à acumulação de capital. Fanon, como já mencionado, vai desmascarar por meio da metáfora da máscara essa condição de não-ser em face da procura por uma existência de fronteira, extremamente sazonal. O que faz Prudêncio? Nega o passado, a historicidade responsável em detrimento das lutas pela existência empreendida desde que no Valongo aportaram.

A tradição pela religiosidade, pelas formas de organização social que incitam valores afro-americanos como ocorrera em Quilombo dos Palmares, pelo reconhecimento da condição de “diferença colonial” como afirmava Walter Mignolo, nada mais são que movimentos de emancipação, mesmo que nos anais da história constem contradições empregadas por Zumbi, quanto ao trato na organização do trabalho que revela fortes tendências autoritárias. Como já mencionado também, o Império Inca dominara outros grupos étnicos.

O que mais assombra nesse Princípio é que toda a alteridade é massacrada e aniquilada pela identidade da máscara branca sobre a pele negra. Isso ocorre em outras situações e em

77

outros grupos como a exemplo da questão de japoneses que fazem cirurgias nos olhos para se “ocidentalizar”. O que mais importa no entorno da reflexão sobre esse princípio colonial e de colonização é o fato de que se expandem as fronteiras e territórios da objetificação das relações humanas de que certa forma incorre no racismo e nas inúmeras ramificações de comportamentos sociais subsequentes que impossibilitam o alargamento da consciência histórica rumo à emancipação das formas sociais menos violentas. Esse Princípio machadiano, de certo modo, aparece em outras obras como em *O Demônio Familiar* de José de Alencar (1857) e em *Django* de Quentin Tarantino (2012).

Todavia, e quando há empoderamentos e reconhecimentos de classe e consciência histórica? Na literatura, em *O Mulato* (1881) de Aluísio Azevedo, quando Raimundo, um jovem mulato proeminente advogado formado em Coimbra e herdeiro de terras, por amar uma moça branca de uma pequena cidade do Maranhão, é assassinado. Na vida, Marielle Francisco da Silva, socióloga, eleita deputada com a 5º maior votação eleitoral, homossexual, feminista, negra, defensora dos direitos humanos e contrária às medidas de repressão da polícia militar, fora assassinada junto ao seu motorista Anderson Pedro Mathias Gomes, em 14 de Março de 2018.

Salve, Marielle Franco e Anderson Gomes !Marielle vive!

Em resumo, não há resumo nem síntese, há uma dialética constante entre as bases do capitalismo predatório que precisa desse tal Princípio que aqui me referi para se perpetuar na sua dimensão de extrema acumulação como jamais visto na história. Se iniciei esse texto com os modernistas da Semana da Arte Moderna, finalizo citando Maria Firmina do Reis, que antes de Castro Alves já abolicionava na literatura e que, por isso mesmo, coloca-se em lugar de uma modernidade latente no sentido da inovação temática que orientava a literatura da época

Oh! A mente! Isso ninguém a pode escravizar! Nas asas do pensamento o homem remonta-se aos ardentes sertões da África, vê os areais sem fim da pátria e procura abrigar-se debaixo daquelas árvores sombrias do oásis, quando o sol requeima e o vento sopra quente e abrasador: vê a tamareira benéfica junto à fonte, que lhe amacia a garganta ressequida, vê a cabana onde nascera, e onde livre vivera! Desperta, porém em breve dessa doce ilusão, ou antes, sonho em que se engolfara, e a realidade opressora lhe aparece – é escravo e escravo em terra estranha! Fogem-lhe os areais ardentes, as sombras

projetadas pelas árvores, o oásis no deserto, a fonte e a tamareira- foge a tranquilidade da choupana, foge a doce ilusão de um momento, como a ilha movediça; porque a alma está encerrada nas prisões do corpo!
Ela chama-o para a realidade, chorando, e o seu choro, só Deus compreende!
Ela, não se pode dobrar, nem lhe pesam as cadeias da escravidão; porque é sempre livre, mas o corpo geme, e ela sofre, e chora; porque está ligada a ele na vida por laços estreitos e misteriosos. (REIS, 2004, p. 39).

Que a consciência desse Princípio, seja a gênese do fim da tão secular escravidão mental. E que a emancipação se inicie para que um dia não precisemos nos referir aos outros e a nós próprios como negros, brancos, amarelos, gays, periféricos ou de centro. Um dia os humanos foram explicitamente objetos, mercadorias, nada mais que uma moeda de troca. Hoje sabemos disso e devemos lutar para que novas formas de organizações e *práxis* sociais não mascarem essa realidade histórica transfigurando-a em novas figuras e métodos. Nesses tempos de Pandemia, em que, mais uma vez “a carne mais barata do mercado é a carne negra”, sendo a maior parte das mortalidades pelo COVID19 são pretas e pardas, que a noção de pertencimento a uma mesma causa seja colocada em prática: Vidas Negras importam e Vida Negras no Topo.

Entre o que há o possível, eu colocaria como um dos fundamentos ao se ensinar e compreender literatura, a dinâmica da construção dessa expressividade falante e possível da refração e da reflexão da vida na arte. Proponho a elaboração de princípios os quais poderiam advir de variados enunciados que não somente de rap, entretanto, que trazem a força desses enunciados tão decoloniais, os quais estariam conectados com variadas obras como talç como a já citada Carolina Maria de Jesus o que nos lançariama ao que chamei aqui de *Princípios*. No caso daquela autora, poderíamos lançar o princípio **Despejo/Alvenaria**, se ressaltássemos a realidade brasileira de que para ter uma casa própria ou para que se possa desfrutar de condições de vida dignas, é necessário transcender, basicamente, as inúmeras condições adversidades da vida cotidiana, superadas pelo louvor da exceção tal como fora Carolina Maria de Jesus em sua imensa luta então à regra, isto é, aos direitos básicos garantidos e que a ela e a inúmeras pessoas não são garantidos.

Esse método de espelhamento e de refração ainda poderia continuar nesse linha de debate com *O Cortiço*, de Alúcio Azevedo quanto à questão da leitura quase que como um quadro Renascentista das fundações estruturais da realidade brasileira ao expor a confluência da formação das cidades como uma imensa luta de classes pictóricas e que se coaduna na dialética da subalternidade generalizada cruéis com alguns (lembremo-nos de Bertoleza) e ilusórios em outros como em João Romão que nunca será um português de Portugal. A esse princípio tal como fora exposto, podemos espelhar o enunciado-rap *Negro Drama*, cujo estudo parcial fora visto no Capítulo II dessa tese.

4.6 Museus afrobrasil e os caminhos da *aesthetica* de walter mignolo

“O debate em questão do mundo colonial pelo colonizado não é uma confrontação racional de pontos de vista. Ele não é um discurso sobre o universal, mas a afirmação desgrenhada de uma originalidade posta como absoluta. O mundo colonial é um mundo maniqueísta. Não basta ao colonizador limitar fisicamente, isto é, com a ajuda de sua polícia e de sua guarda, o espaço do colonizado. Como para ilustrar a característica totalitária da exploração colonial, o colonizador faz do colonizado um tipo de quintessência do mal. A sociedade colonizada não é apenas descrita como uma sociedade sem valor. Não basta ao colonizador afirmar que mundo colonizado desertado de valores, ou melhor, jamais por ele foram habitados. O indígena é declarado impermeável à ética, desprovido de valores e que também nega valores [...]. Nesse sentido, é o mal absoluto. Elemento corrosivo, destruindo tudo o que se aproxima, elemento deformante, desfigurando tudo o que se trata da estética e da moral depositárias de forças maléficas, instrumentos inconscientes e irrecuperáveis de forças cegas. (FANON, p.46, 2002, minha tradução).

La palabra aesthesis, que se origina en el griego antiguo, es aceptada sin modificaciones en las lenguas modernas europeas. Los significados de la palabra giran en torno a vocablos como “sensación”, “proceso de percepción”, “sensación visual”, “sensación gustativa” o “sensación auditiva”. De ahí que el vocablo synaesthesia se refiera al entrecruzamiento de sentidos y sensaciones, y que fuera aprovechado como figura retórica en el modernismo poético/literario. A partir del siglo XVII, el concepto aesthesis se restringe, y de ahí en adelante pasará a significar “sensación de lo bello”. Nace así la estética como teoría, y el concepto de arte como práctica. Mucho se ha escrito sobre Immanuel Kant y la importancia fundamental de su pensamiento en la reorientación de 14 // CALLE14 // volumen 4, número 4 // enero - junio de 2010 la aesthesis y su transformación en estética. A partir de ahí, y en retrospectiva, se comenzó a escribir la historia de la estética, y se encontraron sus orígenes no sólo en Grecia, sino en la prehistoria. Esta operación cognitiva constituyó, nada más y nada menos, la colonización de la aesthesis por la estética; puesto que si aesthesis es un fenómeno común a todos los organismos vivientes con sistema nervioso, la estética es una versión o teoría particular de tales sensaciones relacionadas con la belleza. Es decir, que no hay ninguna ley universal que

haga necesaria la relación entre *aesthesis* y belleza. Esta fue una ocurrencia del siglo XVIII europeo. Y en buena hora que así lo fuera. El problema es que la experiencia singular del corazón de Europa traslada a una teoría que “descubrió” la verdad de la *aesthesis* para una comunidad particular (por ejemplo, la etnoclase que hoy conocemos con el nombre de burguesía), que no es universalizable. Lo anterior no quiere decir que civilizaciones no europeas desconocieran aquello que en Europa fue definido como “lo bello”. Basta observar cualquier civilización del planeta de la cual se guarden documentos, para comprobar que en el Antiguo Egipto y la Antigua China, así como en Tawantinsuyu y Anáhuac, la satisfacción de las sensaciones y el gusto por la creatividad en el lenguaje, en las imágenes, en los edificios, en las decoraciones, entre otros, no eran ajenos a nadie. También en la Europa moderna, como en las civilizaciones antiguas, tales experiencias humanas existían. Por razones complejas, que tienen que ver con la construcción de Europa a partir de 1492, la teorización particular de su experiencia se universalizó. Sin duda, Kant hizo una fiesta en torno a estas especulaciones, y teorizó el juicio con la belleza y por lo tanto con el marco de categorías que la explica, la estética.. (MIGNOLO, 2010).

Walter Mignolo (2010) defende que o sentir, fundamento da *aesthesis* é mais transformador que a estética, categórica e fundada em considerações restritas de um grupo que fundou as bases da “beleza”. A separação da vida e da arte refutado por Bakhtin (2013) em sua *Filosofia do Ato Responsável*, vem ao encontro do que aqui é exposto por Mignolo (2010). Historicamente no Ocidente da modernidade tal como a conhecemos, as expressões da arte foram realocadas a padrões de beleza e de configurações profundamente eurocentradas que ora estão centralizadas na figura Greco-romana, ora na figura do Deus de Ébano, o qual mantém exceto pelos fenótipos a estrutura corpórea daquele localizado no coração das epistemologias europeias. Nesse sentido, nesse momento da tese, proponho uma pesquisa de um espaço cultural, uma possível ágora decolonial dos novos e antigos *griots*, o qual deve ser considerado um efetivo espaço de (re)educação decolonial. Refiro-me ao Museu AfroBrasil.

Resultado da concepção de Emanuel Araújo partindo de seu acervo pessoal e da concretização da proposta museológica apresentada e aceita em 2004 pela prefeita da época Marta Suplicy, com recursos regatados da Petrobrás e da Lei Rouanet, hoje o Museu Afro Brasil, desde 2009, é uma instituição pública veiculada à Secretaria de Cultura de São Paulo e administrado pela Associação Museu AfroBrasil, os quais são subordinados ao governo do Estado de São Paulo. Situado no Pavilhão Padre Manoel da Nóbrega, dentro do mais famoso Parque de São Paulo, o Parque Ibirapuera, o Museu conserva mais de 6 mil obras, entre pinturas, esculturas, gravuras, fotografias, documentos e peças etnológicas, de autores brasileiros e estrangeiros, produzidos entre o século XVIII e os dias de hoje abordando temas como a religião, o trabalho, a arte, a escravidão, entre outros temas ao registrar a trajetória histórica e as influências africanas na construção da sociedade brasileira.

Entre as Exposições de Longa Duração, as Exposições Temporárias e as Programações Culturais que são realizadas durante o ano, a instituição partilha da missão de “Promover o reconhecimento, valorização e preservação do patrimônio cultural brasileiro, africano e afro-brasileiro e sua presença na cultura nacional”, sendo, dessa forma, um espaço singular de preservação e memória não hegemônicas. A concepção do museu oscila entre a resistência e a denúncia de silenciamentos, por isso, surge e se desenvolve obliquamente em fase dos *status quo* das narrativas eurocêntricas, bem como salienta seu criador Emanuel Araújo (2018, grifos meus)

No ponto de partida há a certeza de que não se poderia contar essa história por uma **visão oficial já escamoteadora, que insiste em minimizar a herança africana como matriz formadora de uma identidade nacional**, ignorando uma saga de mais de cinco séculos de história e de dez milhões de africanos triturados na construção deste país. **Da perspectiva do negro, este não é um processo exclusivo ao Brasil, pois sua presença, aqui como nas Américas, é indissociável da experiência de desenraizamento de milhões de seres humanos graças à escravidão.** Assim, assumindo essa perspectiva, o **Museu Afro Brasil**, sendo um

museu *brasileiro*, não pode deixar de ser também um museu das sociedades afro-atlânticas no Novo Mundo.

Expressando um movimento transatlântico ainda constante e pendular, a valorização e a recuperação dos saberes que legaram ao nosso país a sua fisiologia cultural permite que se enxergue os povos africanos e afro-americanos como protagonistas na configuração do que chamamos por Brasil, ou Américas, pois além dos processos de escravização de seus corpos pela exploração da força de trabalho, houve diversos tipos de apropriação de seus saberes que foram, muitas vezes, reconfigurados nos materiais artísticos e de trabalho produzidos ao longo do processo colonial e que se mantêm ainda hoje, bem como na práxis mais genérica como alimentação e música. História, Memória, Cultura e Contemporaneidade, são as diretrizes que constitui em e fundamentam o acervo na solidificação de seu objetivo maior: “desconstrução de estereótipos, de imagens deturpadas e de expressões ambíguas sobre personagens e fatos históricos relativos ao negro, que fazem pairar sobre eles obscuras lendas que um imaginário perverso que ainda hoje inspira, e que agem silenciosamente sobre nossas cabeças, como uma guilhotina, prestes a entrar em ação a cada vez que se vislumbra alguma conquista que represente mudança ou o reconhecimento da verdadeira contribuição do negro à cultura brasileira” (idem. *ibidem*).

Corroborando com a afirmação de o que o *Museu Afro Brasil* resulta dos efeitos da diáspora africana motivada pelo tráfico negreiro às Américas, haja vista que há divergências quanto ao início do processo diaspórico⁷⁸, o museu em questão é expressão de resistências contra a experiência colonizadora responsável pela formação do estado-nação brasileiro agindo tanto sobre os planos estéticos quanto políticos, sendo uma ação afirmativa e formativa que perpassa as instâncias convencionais, pois é de todo modo em sua *arquitetônica*⁷⁹ um *enunciado concreto*

78 Para Harris, a diáspora negra se inicia em 711 quando da expansão islâmica tem-se a invasão da Península Ibérica, fato que gera a primeira grande imigração negra na história mundial e, em um terceiro momento, fora o tráfico negreiro já mencionado. Ressalta-se aqui, que a experiência brasileira está focada na segunda possibilidade, compreendida como transplantação forçada de mais de 10 milhões de africanos para quase todos os continentes.

79 Perceba como o conceito de *arquitetônica* faz-se necessário de ser compreendido. Para Mikhail Bakhtin, compreende-se *arquitetonicamente* todo e qualquer enunciado quando lhocompreedemos como um ato resultante da interação verbal entre, que no mínimo, de dá entre duas ou mais *esferas sociais*, entre

de um *devir*⁸⁰ plural e dialógico instaurando, desse forma, novas possibilidades de ressignificação das ausências projetadas pela história ou discursos oficiais

Enxergar a concepção do acervo como um *enunciado concreto*⁸¹ é tanto original quanto necessário, pois a teoria da enunciação do Círculo de Bakhtin é um ponto nodal quando de passa refletir sobre os caminhos da decolonização. Tal conceito é instável e intercambia-se com outros conceitos tais como palavra-enunciado, obra-enunciado, signo-enunciado, texto-enunciado, discurso-enunciado, expressão enunciado de modo que aquela noção perpassa toda a obra do Círculo dialogando com tantas outras áreas do conhecimento: história, filosofia, música, filologia, lógica, etc; (SOUZA, p.85,2002).

Esse diálogo remete ao empreendimento que Bakhtin desempenhou: instaurar a *arquitetônica* do ato ético na sua dimensão pensada de modo que a estética é um ato responsável e participativo do autor. Não se pode objetificar o enunciado – como pretendia Kant (CAMPOS, p.5, 2015) uma vez que ele não remete somente a um objeto e sim a interações sociais que o constituíram. Souza (2002), nesse sentido, compreende a teoria do enunciado do Círculo como aquela composta por duas formas: a *arquitetônica* e a *composicional*. A primeira corresponde ao entorno imediato e generalizado (histórico) contextual e o segundo às formas da significação (estilo, gramaticalidade, expressão semiótica, etc). A essa noção arquitetônica da linguagem, coteja-se a própria dimensão educativa do Museu Afro Brasil, a qual tem como anterioridade as seguintes diretrizes (ARAÚJO, 2010:19-22):

dois interlocutores que trazem em sua materialidade linguística seja sonora ou visual, suas ideologias.

80 A partir do cotejo entre duas ou mais referências de mundo ou de enunciados concretos e, por conseguinte, diversas esferas sociais, há um devir, ou um outro lugar, um outro modo de pensar e agir que se quer responsável e, para isso, tem de ser dialógico.

81 O conceito “enunciado concreto”, à luz da teoria bakhtiniana e de seu Círculo, no âmbito dos estudos linguísticos e da filosofia da linguagem permitiram não só uma grande abertura e amplificação do que até então se compreendia como discurso, enunciado e enunciação, mas também elevou toda e qualquer manifestação da língua no que se refere às linguagens, como projeções de vontade de dizer, ou então, como projetos de discurso que guardam inúmeras intenções e saberes, os quais se cotejam em formas de refração ou reflexão diante das valorações de cada indivíduo ou grupo dispõem diante o outro. Por fim, vale ressaltar que esse outro, para Bakhtin, é sempre vivo, humano, dialógico – jamais monológico – e que está inserido em uma cultura híbrida e em nenhuma hipótese é ou está isolado; disso advém a necessidade de conceber a pluralidade acima das singularidades em revelância a um caminho de alteridade e não somente identitário.

- i) **relações raciais;**
- ii) **o preconceito racial no Brasil: quem é negro no Brasil?**
- iii) **A dimensão do preconceito racial. Esses três fatores dotam a perspectiva a *forma arquitetônica* e a *forma composicional* da dimensão educadora do do Museu Afro Brasil sendo essa a que mais nos interessa, dado que incidem para uma desconstrução sumária nos processos de colonização, reconstruindo a presença diáspora do africano no Brasil, pois toda nossa experiência de classificação está vinculada à subalternidade da escravidão, que foi utilizada como nomeação e demarcação de lugares sociais, ou seja, toda a classificação por cor é carregada de um conteúdo discriminatório e de apreciações sociais que localizam o negro e o branco em lugares específicos em um imaginário social.**

A esse imaginário, compreende-se as nuances que perpassam o *mito da democracia racial* tão polêmico e debatido que embora controverso, sintetiza muito das contradições sociais existentes no Brasil em seus consequentes problemas sociais de identidade e, sobretudo de alteridade. Nesse sentido de resgate e de emergência de protagonismo da afrobrasilidade é que o presente trabalho se localiza, haja vista que “O Museu Afro Brasil será, portanto, um museu histórico, que fale das origens, mas que também recupere o diálogo negro da diáspora, nas ciências como nas artes, no campo popular ou erudito [um museu em que o negro seja capaz de se reconhecer” (ibdem)”. Desse ponto, transmoderno, pois se considera a modernidade como a junção de culturas em seu máximo sincretismo e não da perspectiva eurocêntrica. É assim que a transmodernidade se estabelece, qual não só intitula o projeto como dá sustentação para se pensar novas formas de produção e concepção de matérias e de interdisciplinas, as quais se utilizem e se voltem para as contribuições do povo negro. Isto posto, segue a questão norteadora do nosso trabalho: **de que forma é possível construir uma educação decolonial tomando como base a experiência e a concepção do Museu Afro Brasil?** A esse demanda, logo se coloca a hipótese de tese a qual buscaremos seguir para

que tenhamos um norte: **a enunciação concreta é uma das únicas possibilidades de emancipação da condição colonial e ainda eurocentrada que nos formata.** Assim, ao se enunciar concretamente a contribuição do povo negro na formação da sociedade brasileira desconstruindo imaginários estereotipados e os colocando como detentores de ciência e arte, constrói-se outros horizontes e práticas alteritárias e emancipadoras.

Evoco a Enrique Dussel nesse momento para que junto dele consiga chegar um lugar outro: a compreensão da práxis materializada no enunciado concreto eurocentrismo. Esse novo lugar pluriversalista que defendo promove junto aos pressupostos bakhtinianos a firme convicção de que o “outro” não pode me ser indiferente, sendo parte indispensável na constituição de um “eu”, de uma provisória identidade, de uma nação ou qualquer agremiação ou entidade singular. Em oito conferências realizadas em Frankfurt, Dussel (1993) expõe seu pensamento arquitetado em sua obra: **1492: Encobrimento do outro: a origem do mito da modernidade.** O defensor da Teologia da Libertação defende uma *transmodernidade* em detrimento da modernidade como fenômeno puramente europeu. Junto a “conquista européia”, fundada no diferencial “racional” e “desenvolvido” europeu, há o quesito irracional que reside justamente no fato da negação do alheio, do não europeu como condição imprescindível no processo translógico (já aqui na perspectiva do próprio autor) de reconhecimento do “eu” mediante um “outro”. Para o autor, o *eurocentrismo* tem como seu componente fundante a noção de desenvolvimento, consequência básica da Ilustração europeia:

“O Espírito germânico é o Espírito do Novo Mundo, cujo fim é a realização da verdade absoluta como autodeterminação infinita da liberdade, que tem por conteúdo sua própria forma absoluta [...] A significação ideal é a do espírito, que volta a si mesmo, desde o embotamento da consciência. Surge a justificação da consciência de si mesmo, mediante o restabelecimento da liberdade cristã. O princípio cristão passou pela fornidável disciplina da cultura; e a Reforma lhe dá também em seu âmbito exterior, com o *descobrimento da América* (DUSSEL:21:1993 *apud* HEGEL)

Instaura-se, por meio desse centralismo da História Universal um “outro” “periférico” e subalterno ao “Espírito Germânico e ao espírito do “Novo Mundo”,

dicotômico e racional, isto é, como autossuficiente a si mesmo para se atingir a qualquer resposta a quaisquer demandas. Dussel chega a esse pensamento em seu texto (idem) ao cotejar a visão classificatória de Hegel quando o mesmo elege a África e Ásia como detentoras de "imaturidade" e "minoridade" "culpáveis", sendo suas causas a preguiça e a covardia que só poderiam ser "sanadas" por meio da Ilustração. A origem de tais termos e as ações que lhes são correspondentes fundam-se na negação primária e essencial de um "outro", dos *índices sociais* de valor do alheio (o indígena das Américas, dos negros da África e da diversidade asiática), das experiências de cotejamento que lhes foram mais do que essenciais no processo de reconhecimento da Europa a si própria como uma unidade singular e irrepetível. Vale reiterar aqui que quando me referido a Europa, sinalizo ao grupo de maior formação e imposição do *sistema mundo* (WALLENSTEIN, 1974b:47) e da consequente episteme globalizante já remarcada no *orientalismo* de Said (2007:29-30): "*falar do orientalismo, portanto, é falar principalmente, embora não exclusivamente, de um empreendimento cultural britânico e francês*"¹, um projeto cujas dimensões incluem áreas tão díspares como a própria imaginação". Não somente francês e inglês, mas a extensão do orientalismo também espanhol, português e holandês e, na esfera da formação do pensamento sociológico e da teoria crítica, em Habermas, Marx e Hegel, tem-se um orientalismo alemão, o qual principalmente tem por Hegel predicções intelectuais constituidoras desse outro a partir do eurocentrismo (DUSSEL:19-20:1993 apud HEGEL)

"A África é em geral uma terra fechada, e conserva este caráter fundamental. Entre os negros é realmente característico o fato de que sua consciência não chegou ainda à intuição de nenhuma objetividade, como, por exemplo, Deus, a lei, na qual o homem está em relação com a sua vontade e tem a intuição de sua essência... É um homem em estado bruto [...] Este modo de ver dos Africanos explica o fato de eles serem tão extraordinariamente facilmente fanatizados. O Reino do Espírito entre eles é tão pobre e o Espírito tão intenso que basta uma representação que lhes é inculcada para levá-los a não respeitar nada, a destruir tudo ... A África não tem propriamente história.

Dussel não nega ser a modernidade um fenômeno europeu, mas defende que aquele não ocorreria sem o cotejamento supracitado, necessário e primário ao

reconhecimento do eu no outro que não eu. A modernidade se inaugura quando a Europa se coloca como centro de uma História Universal que ela inaugura, juntamente com as “periferias” do mundo que resultam dessa centralização. Vale lembrar que essa noção civilizatória colonial não mais se restringe a uma geografia centro-periferia, colônia-metrópole (ROSEVICKS,2017:35) ; dissolveu-se territorialmente as centralidades eurocêntricas, as *hegemonias discursivas*⁸², entretanto, a ideologia do desenvolvimento, corolário da modernidade e que, ainda na pós-modernidade se faz presente, deu ao europeu a condição de detedor de um “direto absoluto” por ser portador daquele Espírito que constrói a imagem e a representação do Outro: subdesenvolvido. É também veemente reiterado por Dussel (1993:22-23) o fato de que mesmo críticos a Hegel como o próprio Marx não perceberam que “ a sociedade civil contraditória é superado como “Estado” em Hegel graças à constituição de colônias que absorveram tal condição (op.cit apud HEGEL)

Por uma dialética que lhe é própria, a ser superada, em primeiro lugar, tal sociedade é levada a buscar fora dela mesmas novas consumidores e, por isso, busca meios para subsistir entre outros povos que lhe são inferiores quanto aos recursos que ela tem em excesso, ou, em geral, a indústria. Este desdobramento de relações oferece também o meio da colonização, a qual, de forma sistemática ou esporádica, uma sociedade civil acabada é impelida. A colonização permite que uma parte de sua população (sic), e ao mesmo tempo, procure para si mesmo uma nova possibilidade e campo de trabalho.

A questão se centra na defesa de que a modernidade se concentra no contexto da colonização que, por sua vez, desenvolve *colonialidades de poder*⁸³, isto é, depende da supressão quase que em absoluto do diferente, em que se impõe, desse forma, categorias e novas necessidades. E tal processo não pode ser realizado sem o contato com os não “Espiritualizados”. Dussel nega a irracionalidade do *mito moderno*, pois esse mito é, radicalmente um *mito sacrificial do “Outro” por “razões”*

82 No que defende Valdemir Miotello (1992).

83 Colonialidade do poder não depende de demarcações geográficas contrariamente ao que ocorre no conceito de colonização.

instauradas por critérios daqueles que se autoafirmaram ser o centro (Espiritualizado) de uma globalidade até então inexistente sem se considerar que as movimentações transatlânticas e intersecção de culturas necessária a quaisquer empreendimentos, dado que “ O que a gente tá tentando mostrar é que existe uma história muito mais complexa das contribuições das diferentes culturas para as ciências e tecnologias que temos hoje [...] recontar de forma não hierarquizada as origens do conhecimento a partir de uma perspectiva que inclua as contribuições do continente africano” como pode ser encontrada na História Geral da África, ou então, na cultura popular e indígena. “Quando e como a consciência histórica aparece na América?” Desse questionamento feito por O’Gorman, Dussel (ibidem27: 2003) recupera a figura empregada por aquele autor para responder ao próprio questionamento: “ a invenção da América”. Cria-se, a partir da exotopia de Colombo, o critério ontológico de existência de um “Novo Mundo”, “descoberto”, que seria, até então, uma nova Ásia, ou seja, um novo lugar a ser desmembrado e interpretado por aqueles que pertenciam o “centro”, recém-criado para além do Mediterrâneo. Cria-se a invenção do “ser-asiático” do Novo Mundo, quando em 1492 Colombo afirma ter chegado a Ásia, estando na América do Sul [...] pode-se concluir, então, que o significado ontológico criado em 1492 consiste em que, pela primeira vez, dentro do âmbito da cultura do Ocidente, se atribui ao achado de Colombo no seu sentido genérico de se tratar de um ente (Dasein) geográfico (novas ‘terras’) e o sentido específico de que esse ente (Dasein) pertencia a Ásia, dotando-o assim [...] como ser asiático, mediante uma posição *a priori* e incondicional (*op.cit. apud* O’Gorman). Tendo tais considerações em vista, a transmodernidade reside justamente no exercício da alteridade, quando se reconhece que a materialidade e todas as formas de manifestação humana pressupõe a presença de inúmeras culturas, sendo cada quais detentoras de tecnologias, ciência e saberes que mesmo em condições adversas bem como se apresentou no processo colonizador, ainda resistem e, no caso do Museu Afro Brasil, são institucionalizadas, amplificando a capacidade enunciativa cujas formas arquitetônica e composicional são, em suma, trans (lógica).

A problemática que circunscreve nosso trabalho é o mesmo que envolve o efetivo tratamento e ensino das culturas e saberes afro-brasileiros nas escolas, haja vista que esse lugar é um dos mais importantes no processo propagação do preconceito mesmo quando silenciado por educadores que estão preparados em lidar com o que ocorre. Na intersecção a entre a teoria e a práxis, pois são inúmeros os desafios e empecilhos apresentados desde alteração frente a LDB nº 9.394/96 pela lei 10.639/03 que tornou obrigatório o ensino da cultura africana e afro-brasileira, decorrente dos questionamentos e reivindicações do movimento negro bem como (CALADO e BARBARIC, 2017:161), as práticas escolares e os materiais utilizados no ambiente escolar fazem pouca ou quase nenhuma referência às matrizes africanas e às produções em acervos como aqueles apresentados no Museu Afro Brasil. Embora as leis sejam uma conquista histórica que dão seguimento às diretrizes da Constituição Federal de 1988, a promulgação das mesmas não garantem uma mudança efetiva, o que gera, desse modo, um impasse entre políticas públicas e reconhecimento do racismo, fato ainda mais agravado com as medidas provisórias que fazem alterações no sistema educacional, envolvendo o ensino médio e fundamental, não sendo mais disciplinas obrigatórias: Sociologia, Filosofia, Artes, Educação Física e Música, além de não ser mais obrigatório também o ensino de cultura afro-brasileira e afro-indígena. (ibidem, 2017:178). Tendo isso em vista, caminhamos para a enunciação do nosso objetivo: **diante o contexto de adversidades supracitados, objetiva-se compreender a concepção e o acervo Museu Afro Brasil como vistas a direcionar possíveis letramentos decoloniais e a direcionar metodologias para a produção de conteúdos e ações educativas que possibilitem a valorização da cultura afrobrasileira em se ressaltando o protagonismo negro.** Especificam-se esses objetivos em outros menores bem como:

- i) analisar as produções bibliográficas originárias a partir de exposições realizadas no Museu Afro Brasil, tais como a obra: Arte, Adorno, Design e Tecnologia no tempo da escravidão, de organização de Emanuel Araújo e publicado pela própria instituição a fim de captar compreender a viabilidade e a presença de textos e imagens que possam figurar em livros e materiais didáticos;

ii) observar o acervo com o objeto de verificar a possibilidade de desenvolvimento de vídeos e games em que se considere a estética e a historicidade afrobrasileira em seu sentido de protagonismo e de decolonialidade;

iii) dar continuidade em projetos que tomam por base as produções artísticas dos diversos artistas que constam no acervo para a exemplificação e reflexão a partir da imagem em diversas disciplinas escolares (confira no anexo I)

iv) e, por fim, ampliar o debate decolonial a partir das concepções do acervo, promovendo, desse modo, uma releitura museográfica da geopoética que o constitui em olhando para suas formas arquitetônicas e composicionais.

Para se superar os engendramentos da *colonialidade do poder*, é preciso a elaboração de estratégias que solidifiquem os legados da afro brasilidade em fase das hegemonias discursivas que perfazem nossas formas de vida. Ao olharmos o Museu Afro Brasil como um *enunciado concreto* dotado de uma *forma arquitetônica e composicional* que lhe é própria, bem definida por (SILVA:2013:10) podemos apreender quão específico é o projeto de discurso que se apresentam em fase dos valores da resistência e da memória:

O espaço expográfico, a rigor, está subdividido em seis módulos, os quais recebem as seguintes denominações: “África: Diversidades e Permanências”, “Trabalho e Escravidão”, “As Religiões Afro-Brasileiras”, “O Sagrado e o Profano”, “História e Memória” e “Artes Plásticas: A Mão Afro-Brasileira”. Todos se situam no mesmo pavimento do pavilhão e estão agregados de modo a fazer com que o público se sinta provocado acerca de várias convicções assentadas em ilações errôneas. Trata-se de exposições que procuram sintetizar visualmente o discurso que o museu engendra como contra ponto ao senso comum no tocante ao papel desempenhado por africanos e seus descendentes na formação do país.

Tomando como exemplificação o módulo “Trabalho e Escravidão”, faz-se uma exemplificação prática e teórica da metodologia que se apresenta. Como parte do acervo, a obra de José Adário dos Santos, diante a perspectiva decolonial, deve ser compreendida como um enunciado que refrata as *monoculturas*⁸⁴ ou as

84 “A monocultura do tempo linear é caracterizada pela ideia de que a história possui um único sentido e uma única direção e, dessa forma dá sentido ao que chamamos de progresso, revolução, modernização,

invisibilidades que, em se tratando da *Sociologia das Ausências* de Boa Ventura de Sousa Santos, configura-se como um exercício das *ecologias* necessárias.



Figura 3 Ferro do Orixá – Ogum. Década de 1990. Ferro
Coleção particular.

Eis acima um *enunciado concreto* cuja forma composicional em fundição e geometrias específicas carregam os axiomas referentes a certa ancestralidade e materialidade histórica-dialética invisibilizadas, isto é, resultados de projetos de negação histórica. Quando enunciada a obra, José Adário lança mão de explicitar as *ecologias do saber*, bem como recupera José Roberto Teixeira Leite em seu texto:” As raízes na África Negra da Siderurgia Brasileira” (TEIXEIRA, p.75, in ARAÚJO:2013) em uma das obras que nos servirá como dados de análise, quando afirma que:

desenvolvimento, crescimento e globalização. A ideia de que o tempo é linear corrobora com a justificativa dos países sempre afrente do seu tempo, produzindo conhecimentos válidos e certificados, instituições legitimadas e formas de sociabilidade determinadas,. Para o autor ‘Esta forma produz não-existência delcarando atrasado tudo que, segundo a norma temporal, é assimétrico em relação ao que é considerado avançado’ [...] a sociologia das ausências é, necessariamente transgressiva e, sendo assim, pretende identificar e superar concepções de totalidade pondo em questão cada um dos modos de ausências’ (SANTOS, 2004: 13, *apud* PEREIRA, 2015: 10). Por ausências, podemos compreender as inúmeras classificações advindas de ma racionalidade eurocêntrica bem como se apresentou na Introdução do presente projeto de pesquisa em face da visão de Hegel sobre a África. Para Boa Ventura de Souza Santos, as ausênicas são classificadas como: i) o ignorante; ii) o residual; iii) o inferior; iv) o local; v) o improdutivo. (*ibdem*, p.8), as quais são resultados das monoculturas impostas por processos de invisibilidades que podem ser desveladas e superadas a partir das ecologias: i) dos saberes; ii) das temporalidades; iii) das trans-escalas; iv) dos reconhecimentos e v) das produtividades (*ibdem*, p.12)

Escravizados, enfiados à força nos tumbeiros, desde o século XVI vieram ferreiros africanos ao Brasil, onde, vendidos, com os demais companheiros de infortúnio, tomaram diferentes destinos, tendo os fazendeiros seus proprietários aproveitado suas aptidões na elaboração de toda sorte de ferramentas e utensílios. Eram quase certamente africanos os operadores dos dois fornos rústicos da forja que, em 1591 e 1597 [...] teriam feito funcionar, utilizando o abundante ferro do Morro do Ipanema, em São Paulo. Um século mais tarde, quando se encontrou ouro em Minas Gerais [...] dava-se preferência [...] ao grupo linguístico iorubá, jeje, ou nagô vindos de Ajudá, no Naomé, não apenas por serem mais fortes que os bantos, mas especialmente por terem um dom para localizar os depósitos de ouro. Não se tratava evidentemente de um dom, mas sim da longa experiência e do conhecimento prático [...] aliás, os escravos na época colonial sabiam fundir o ferro e com ele fabricar suas enxadas, machados, pás e enxos [...].

A história oficial não traz tais informações de suma importância à memória e visibilização dos saberes escravizados, desse modo, tornando eurocentrado a noção de história da arte e dos empreendimentos científicos relacionados a metalurgia. Desse modo, ao se investigar as contribuições que o acervo traz em consonância com formas outras de se produzir materiais didáticos e em como propor atividades e ações educativas, as quais, no seu devido tempo podem tornar-se projetos de lei a serem devidamente apresentados, enuncia-se um devir colonial. Outro momento de nossa pesquisa se centrará no mapeamento de manifestações culturais que possam se inter-relacionar com o acervo do museu. Partindo dos dados de *Concentração da População e Renda Média dos Domicílios* extraídos do *Relatório Igualdade racial em São Paulo: Avanços e Desafios* (2017), elenquei 10 distritos a serem investigados quanto à presença de manifestações culturais juvenis com ênfase na cultura africana e afro brasileira. Nesse sentido, buscaremos nas imediações dos distritos elencados acima, um conjunto de atividades que estejam sendo desenvolvidas por grupo de jovens negros nas periferias e que estejam, preferencialmente, iniciando seus projetos. É importante salientar que, o Acesso MAB visa:

“estimular a criação, o acesso, a formação e a participação do pequeno produtor e criador no desenvolvimento cultural da cidade; promover a inclusão cultural; estimular dinâmicas culturais locais e a criação artística”. Ou seja, valoriza iniciativas dos grupos que estão iniciando sua atuação como agentes comunitários de cultura no seu território [...]

Tabela 3

	Concentração da População	Renda Média dos Domicílios
1 Parelheiros	57,1%	R\$ 1,974
2 Cidade Tiradentes	55,4%	R\$ 2,125
3 Guaianases	54,6%	R\$2,251
4 Itaim Paulista	54%	R\$ 2,405
5 M'Boi Mirim	56%	R\$ 2,432
6 São Miguel Paulista	50,6%	R\$ 2,576
7 Perus	49,9%	R\$ 2,506
8 São Mateus	45,6%	R\$ 2,669
9 Itaquera	44%	R\$ 3,123
10 Ermelino Matarazzo	39%	R\$ 3,326

Fonte: Relatório Igualdade racial em São Paulo: Avanços e Desafios

Partindo dos dados de *Concentração da População e Renda Média dos Domicílios* extraídos do *Relatório Igualdade racial em São Paulo: Avanços e Desafios* (2017), elenquei 10 distritos a serem investigados quanto à presença de manifestações culturais juvenis com ênfase na cultura africana e afro brasileira. Nesse sentido, buscaremos nas imediações dos distritos elencados acima, um conjunto de atividades que estejam sendo desenvolvidas por grupo de jovens negros nas periferias e que estejam, preferencialmente, iniciando seus projetos. É importante salientar que, o Acesso MAB visa:

“estimular a criação, o acesso, a formação e a participação do pequeno produtor e criador no desenvolvimento cultural da cidade; promover a inclusão cultural; estimular dinâmicas culturais locais e a criação artística”. Ou seja, valoriza iniciativas dos grupos que estão iniciando sua atuação como agentes comunitários de cultura no seu território [...]

De que modo e por meio de quais ações a concepção do acervo pode estar acessível aos grupos que se manifestam “decolonialmente”? Nessa outra fase da pesquisa, já esmiuçado plenamente o acervo da instituição e apresentado produzido propostas de materiais didáticos, buscar-se-á do mapeamento, recolher narrativas sobre os processos artísticos e, quando não for do conhecimento dos participantes a existência do Museu Afro Brasil, propor-se-á a apresentação do mesmo.

A fim de elucidar, muito brevemente, justamente por não caber nas poucas linhas do projeto de pesquisa em questão, segue uma síntese da teoria decolonial em corolário à teoria bakhtiniana, as quais nos servirão como fundamento.

Entremeios à teoria do Enunciado Concreto, a qual nos servirá como fundamento do Circulo de Bakhtin, cotejaremos a perspectiva **decolonial**, em específico, a de Walter Mignolo. Mas do que se trata o “decolonialismo”? Advinda da teoria “descolonial”, primeira denominação dada à teoria que fora resultado do conjunto de estudos principalmente literários e culturais evidentes em algumas universidades estadunidenses e inglesas cuja proposta era de que os estudos sociais deveriam ter um caráter discursivo e que contemplasse o social em se descentralizando as narrativas dos sujeitos contemporâneos, que houvesse um distanciamento das concepções essencialistas e que o conceito de modernidade fosse compreendido a partir da crítica aos discursos dominantes

O projeto pós-colonial é aquele que, ao identificar a relação antagônica entre colonizador e colonizado, busca denunciar as diferentes formas de dominação e opressão dos povos. Como uma escola de pensamento, o pós-colonialismo não tem uma matriz teórica única, sendo associado aos trabalhos de teóricos como Franz Fanon, Albert Memmi, Aimé Césaire, Edward Said, Stuart Hall e ao Grupo de Estudos Subalternos, criado na década de 1970 pelo indiano Ranajit Guha. (ROSEVICS, p.1, 2014)

O Grupo de Estudos Subalternos, ao qual se referencia Rosevics (ibidem), consistia em um grupo de intelectuais latino-americanos que viviam nos Estados Unidos e desenvolveram seus estudos influenciados pelos processos de redemocratização da região e por debates pós-coloniais. A desagregação desse

grupo deu-se em razão da percepção que a episteme utilizada era de base europeia como a proposta por Gramsci, Foucault, Derridá e o próprio Ranajit Guham, indiano. O grupo de intelectuais percebeu que seria uma traição ao propósito coletivo se utilizar de epistemes europeias para se compreender especificidades não europeias

“É neste sentido que surge a crítica decolonial trazendo a necessidade de decolonizar a epistemologia latino-americana e os seus cânones na maior parte de origem ocidental. Como aponta Grosfoguel, é preciso decolonizar não apenas os estudos subalternos como também os pós-coloniais”. (ROSEVICS, p.2)

Nesse sentido, elevando a percepção sob os domínios do “nosso” conhecimento, vê-se que esse tem dependência epistêmica, o que nos coloca um local do saber de colonizados justamente por reiteramos um *modus operandi* de se enxergar o mundo. Buscando diferenciar o processo político de descolonização da perspectiva teórica que se enseja, Walter Mignolo propõe a denominação aos estudos que tocam na questão do colonialismo de: *decolonial*.

De encontro a um debate acerca da estética já debatido em “Para uma filosofia do ato responsável” (Bakhtin, 2006), Mignolo (2010) defende que para alcançarmos certa liberdade epistêmica é preciso que nos libertemos da estética tal como ela se apresenta vinculada aos padrões de beleza. Todos os povos e em todos os lugares se encontra a esteses (as sensações, os processos de percepções, nas formas plurais de apreensão dos sentidos.), no entanto a estética, é um empreendimento histórico que fundamento em padrões de subjetivação europeus. Todos os animais que contém sistema nervoso central, todos os povos e etnias desenvolvem a esteses, são detentores do sentir e de fazer desse sentir sua própria arte, sua própria orientação perante a *poiésis*. O que se privilegia no campo das sensações gira em torno do que se consagrou como estética, no escopo da centralidade do *belo* – atingindo fundamentação categórica sobretudo a partir dos “juízos” kantianos de modo que a partir do século XVII o conceito de esteses se restringe ao conceito de sensação belo, disso se desencadeou a estética como teoria e a arte como prática. Os dois discos que compõem a matriz de dados principais dessa pesquisa enunciam a *condição colonial* na qual vivemos, propondo a visualização dos padrões sociais que envolvem não só a beleza-estética tradicional

como também a visão eurocêntrica que a constitui, ressaltado a beleza do povo das periferias, do povo negro e de parcelas sociais sub-representadas no contexto hegemônico; a *bela Oxum* e a *cor nagô* são evocadas como belas e somente esse ato não convencional já promove a emancipação pelo ato de se enunciar.

Vê-se, nessa proposição de pesquisa acadêmica, um passo para que assim como por meio do rap se possa chegar a compreensões de uma pluriversalidade que toma como base novas formas de recuperação histórica e reconstrução de novos imaginários. O projeto de pesquisa que aqui se encontra pode ser um dos inúmeros caminhos para que se chegue à práxis decolonial.

A VOZ DECOLONIAL DO RAP NACIONAL

CONCLUSÃO INTERMITENTE E IMPERTINENTE

Mas como essa condição colonial de que falamos se perpetua? Como escapamos desse panóptico projetado há séculos, mas que permanece e a ele corroboramos por meio da apreciação do belo e da compreensão por epistemes que não nos representam? Primeiramente, é preciso compreender que habitamos a *matriz colonial de poder*, na qual somos hierarquizados por meio daquela máquina produzir diferenças e que se pauta na ideia de raça. Tal ideia, segundo Quijano (2005), é um dos eixos fundamentais constituidores do padrão mundial de poder que instauraram a globalidade tal como hoje a conhecemos. Tais processos de diferenciação, as quais se expressam no campo das classes sociais, das estratificações e das segmentações urbanas e da ordem capital, também se dá na tradição disciplinar da academia. Sempre envoltos pela ordem do discurso⁸⁵ que se projetam sobre “nosso” modo de pensar, as disciplinas enquanto meio pelos quais disciplinamos nosso trajeto de apreensão e compreensão subjaz questionamentos que são da ordem do humano que se diz universal, todavia, as singularidades que subjaz nossa forma de pensar enquanto colonizados não vem à baila como seria preciso

O caminho sugerido por Mignolo é o da “desobediência”, que se volta contra a disciplinarização do saber e que é um dispositivo de controle que, embora por vezes nos leve a considerar a cultura local, o singular, o não cânone, o não literal, etc., parte de uma episteme, da visão inicial. Não basta negar o legado grego da

85 Faço aqui alusão ao texto de Foucault “A ordem do discurso”.

síntese, nem tão pouco a síntese de Hegel, mas ir além, levando em consideração que o modo como se vê, como se faz ciência é, por princípio, a síntese que causa diferenças, pois a voz e as imagens dos sujeitos e ao que os mesmos eram sujeitos pré-colombianos ainda foi e ainda é pouco reportada. Os enunciados de rap que aqui serão reenunciados propõem revisões em como se enxergar a isso a que chamamos de *matriz colonial de poder*. Mignolo (2005) elenca os mecanismos da dominação colonial defendendo que o mesmo funciona por meio de cinco domínios principais, quais sejam: i) do econômico, ii) da autoridade em união com o da política, iii) da natureza; iv) do conhecimento v) e da sexualidade.

Em fase a esses domínios, a modernidade exige que nos dediquemos especificamente a fim de que não possamos ver como a lógica da colonização se estabelece, a qual ainda hoje é fundada em ideia de progresso ou desenvolvimento.

Encontra-se, como fio condutor das relações entre aqueles domínios a enunciação, fundada, basicamente, sobre o patriarcado e a teologia cristã disseminada na secularização da filosofia e da ciência. A matriz colonial de poder tem duas esferas, ou seja, dois níveis de enunciado, primeiro os projetos de discurso que circulam e de um segundo, o qual trata da questão do controle sobre o conhecimento que estrutura os domínios sobre os quais se erigem a modernidade

O rap, como pudemos perceber, coloca-se como uma palavra outra que procura e compreender a palavra alheia abrindo caminhos para se questionar se emancipar por meio de lutas dessas condições colonializadas que nos assola. O que dia a dia vemos e sentimos está mediado por esse lugar de estruturas sacralizantes. É por isso que ao compreender as chaves de superação das armadilhas das

identidades é que nos colocamos como superiores nessa dinâmica constante entre o mais do mesmo, entre o que está posto como “verdade” e o que é realmente vivo: a pluralidade das formas de vida.

Rap. Bit. Palavra outra. Palavra viva. Hip Hop. Cinturas que se quebram. Racionai MCs. Raciocínio Quebrado. Eu não poderia terminar essa tese sem antes perguntar: quais são os engendramentos que a classe acadêmica promove para a emancipação epistemológica a que estamos submetidos? E, também, eu não poderia terminar essa tese sem antes deixar aqui um enunciado-rap:

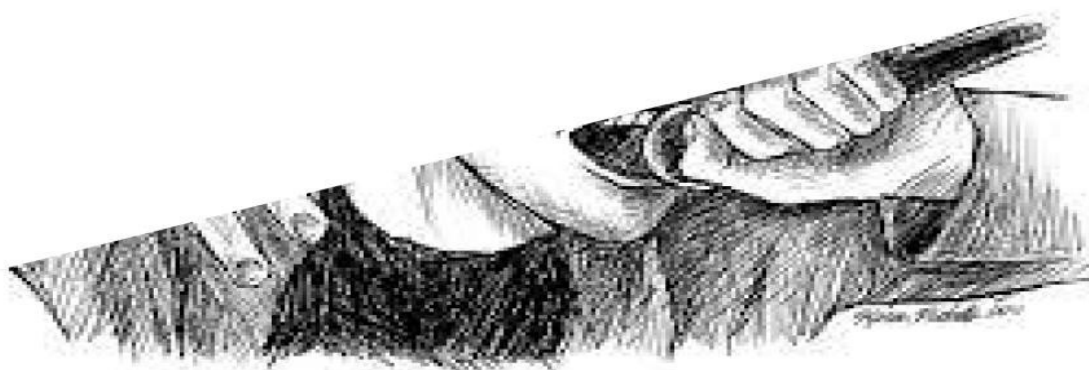
A VOZ DECOLONIAL DO RAP NACIONAL

Canas canaviais
 Ancestrais enterrados na cruz
 Jesus de pele negra em máscaras brancas
 Cinco séculos de tiro, porrada e bomba
 Gênero, classe e raça
 Tire de mim essa mordança
 Desfaça a eternidade dessa *via crucis*
 A quem mais precisamos escravizar?
 Navio negreiro quanto falta para acabar
 Café colonial em Resorts fechados
 Ao lado do Morumbi Paraisópolis de Dante
 condenados da terra não como antes
 Nova Era exige extinção da Casa Grande
 O futuro não demora
 Água, Papel, Madeira e Pedra
 Tsunamis de aquecimento global
 Constituição Federal capital do capital
 A queda da Bastilha será vital
 Para além do bem e do mal
 Arqueologias do saber entoam
 Novas formas de viver
 Antes do Fim do Mundo, Kopenawa
 Veremos sua ancestralidade viva
 Junto a Zumbi e Dandara pairar sobre máquinas
 Concretos e motores
 Nas redes de wi-fi das Pandemias e estupores
 Abya Ayala, terra mãe aos poucos vão ranger
 Sua mão de justiça
 Quando em brasa e sede se perceber
 Que a modernidade é ilusória dessa gente
 Que pretende ser mais que humanóide
 Cegos que caminham sem saber
 Que a onda que vai volta
 E o devir-negro-indígena há de aparecer
 Mostrando a simplicidade ubuntu que ensina
 Que não há um eu sem o outro
 No mais, sou aquele que não é você.

Anexos

Figura 1 Ferro do Orixá – Ogum. Década de 1990. Ferro Coleção particular.....153

VOZES DO RAP E A NOVA ESCOLA



Anexos 1



Anexos 2

Tipos de documentários

- Expositivo
- Poético
- Observativo
- Participativo
- Reflexivo
- Performático



ARGUMENTO

O Argumento é um pré roteiro, nele vamos começar a escrever a história, daremos uma estrutura e organização a todos esses dados pesquisados.

Este argumento deve responder basicamente àquelas perguntas clássicas do jornalismo, que são: O quê? Quem? Quando? Onde? Como? Por quê?

Anexos 3

ANÁLISE PRÉVIA PRODUÇÃO DE LIVROS

5. Topas participar de uma experiência?

Aqui a visão já não é tão bela

Não existe outro lugar – Periferia, gente pobre

Aqui a visão já não é tão bela

Não existe outro lugar – Periferia é periferia!

Aqui a visão já não é tão bela

Não existe outro lugar – Periferia, gente pobre

Aqui a visão já não é tão bela

Não existe outro lugar – Periferia é periferia!


Anexos 4



Quem Somos

O MATÉRIA RIMA nasceu em 2002 como um grupo de Hip Hop e, desde então, tem desenvolvido um trabalho socioeducativo inovador em escolas da rede pública, além de realizar palestras e apresentações artísticas em praças e palcos de todo o Brasil e em alguns lugares fora do país, como: África, Alemanha e França. Em 2014 institucionalizou-se e passou a denominar-se Instituto Cultural e Educacional Matéria Rima.

Anexos 5



Missão

O MATÉRIA RIMA acredita que só a Educação pode promover a justiça e a igualdade entre os povos, por isso, utiliza a força dessa cultura urbana chamada Hip Hop para disseminar a sua ideologia de vida. Partindo desse pressuposto, propõe-se também a ajudar na construção de territórios educativos, onde sociedade, escolas, OSCs, empresas, poder público, enfim os atores educativos estejam envolvidos em espaços diversos, criando novas formas de empoderar indivíduos para que esses possam expandir suas liberdades e se tornar cidadãos mais efetivos em suas comunidades.

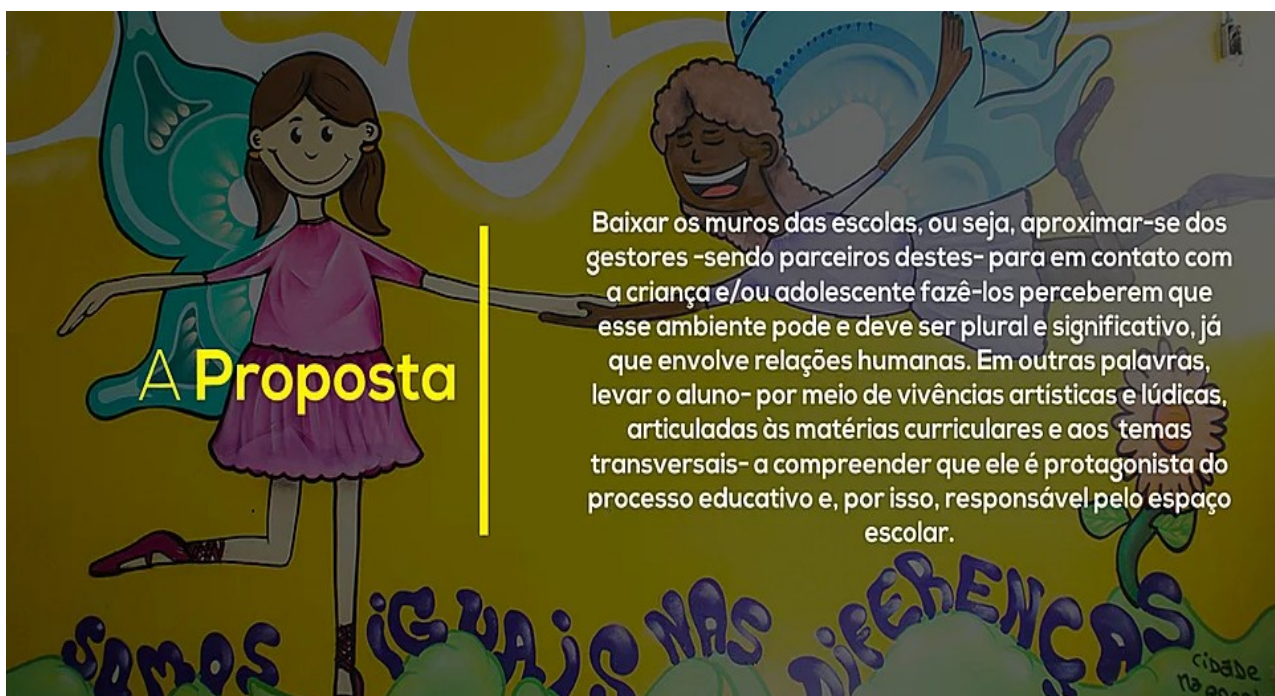
Anexos 6



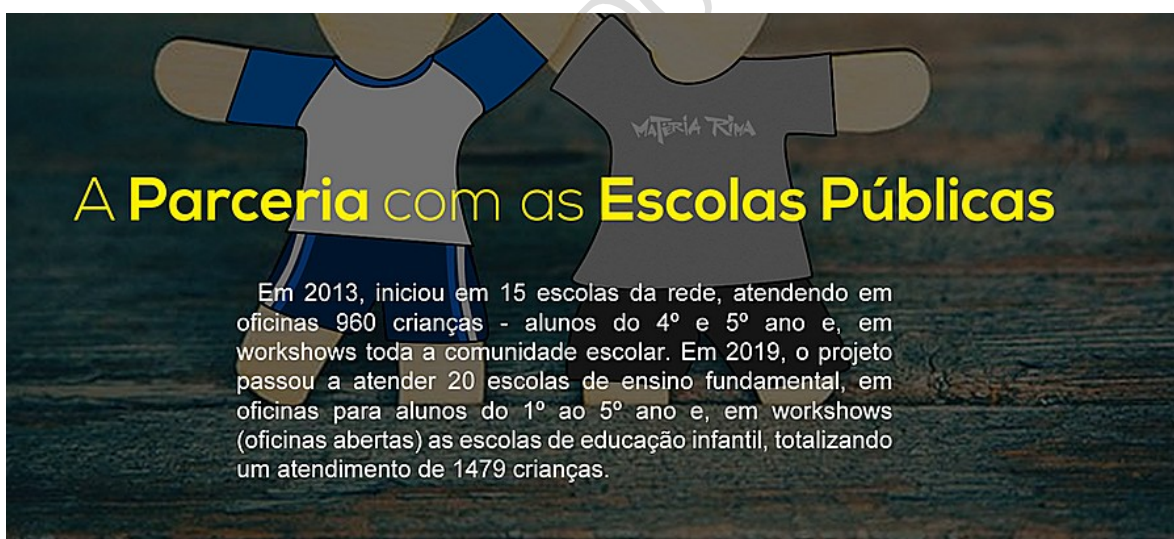
A ideia de criar o Matéria Rima foi de MC. Joul, um jovem aluno inquieto que não se sentia parte da escola; ou melhor, sentia que essa escola o expulsava com o seu currículo maçante e desmotivador. Mas o menino cheio de criatividade não se conformou, fez a matéria da escola virar poesia e arte. Criou uma ferramenta socioeducativa pioneira que visa alcançar a comunidade escolar e o seu entorno. A metodologia é inovadora porque acredita nos elementos da cultura urbana como facilitadores da interação e, conseqüentemente, do ensino e aprendizagem.

Anexos 7

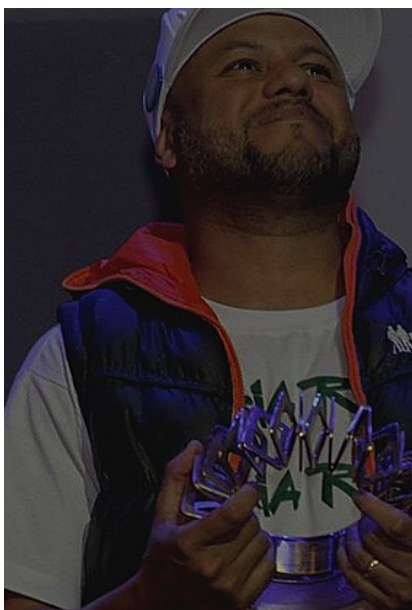
A VOZ DECOLONIAL DO I



Anexos 8




Anexos 9

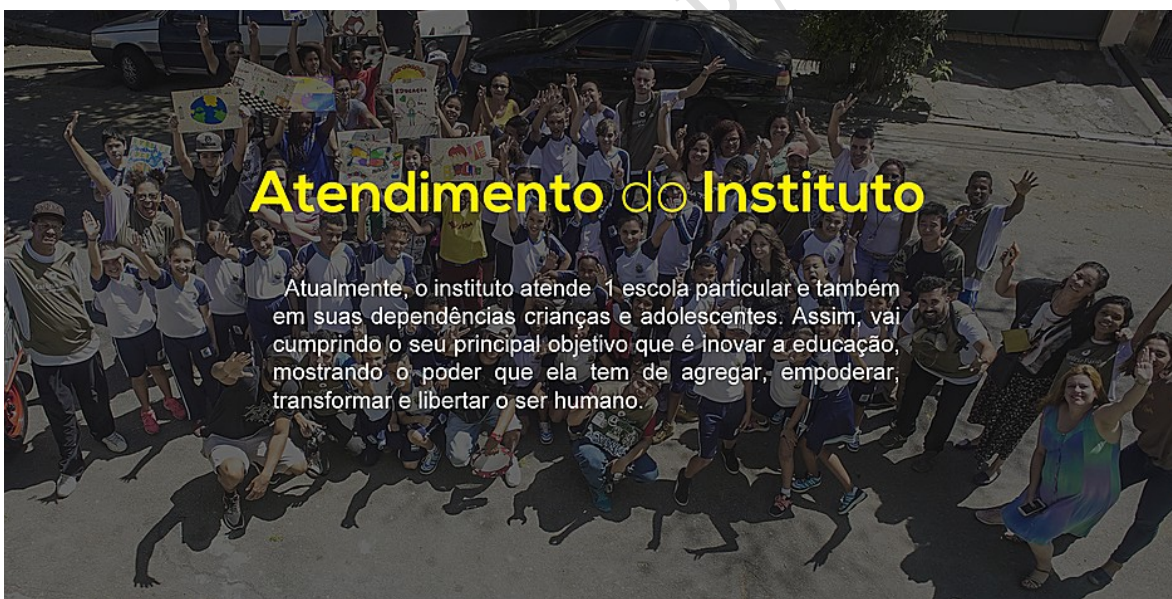


Principais Resultados

Como facilitador do ensino e aprendizagem, o projeto tem alcançado resultados positivos, entre eles: contribuiu para elevar o IDEB das escolas atendidas; tem aproximado às famílias do ambiente educativo e elevado a autoestima dos alunos, desenvolvendo as suas capacidades sociopsicológicas, como resiliência, perseverança, empatia e habilidade para trabalhar em grupo e aprender com os seus erros. O trabalho em parceria com escolas públicas levou o projeto a ser referência em educação integral no Brasil recebendo, juntamente com a escola Sagrado Coração de Jesus, o Prêmio Regional e Nacional Itaú Unicef 2015^{AR} “Educação Integral: Aprendizagem que Transforma”. Isso fortaleceu as ações educativas, deu credibilidade à OSC (Organização da Sociedade Civil) e elevou a autoestima tanto da escola vencedora, como das outras onde o projeto é realizado. Em 2018, o projeto em parceria com a E.M.E.B Dep. Freitas Nobre ficou entre os dez melhores projetos do Brasil na 13ª edição do Prêmio Itaú - Unicef “Parceria em Ação”.



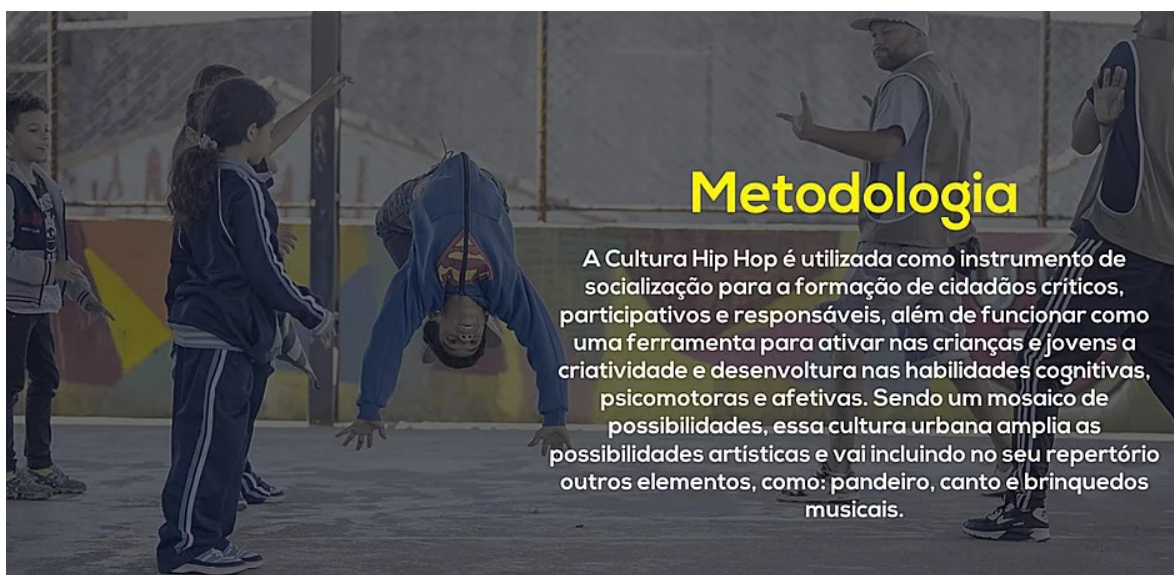
Anexos 10



Atendimento do Instituto

Atualmente, o instituto atende 1 escola particular e também em suas dependências crianças e adolescentes. Assim, vai cumprindo o seu principal objetivo que é inovar a educação, mostrando o poder que ela tem de agregar, empoderar, transformar e libertar o ser humano.

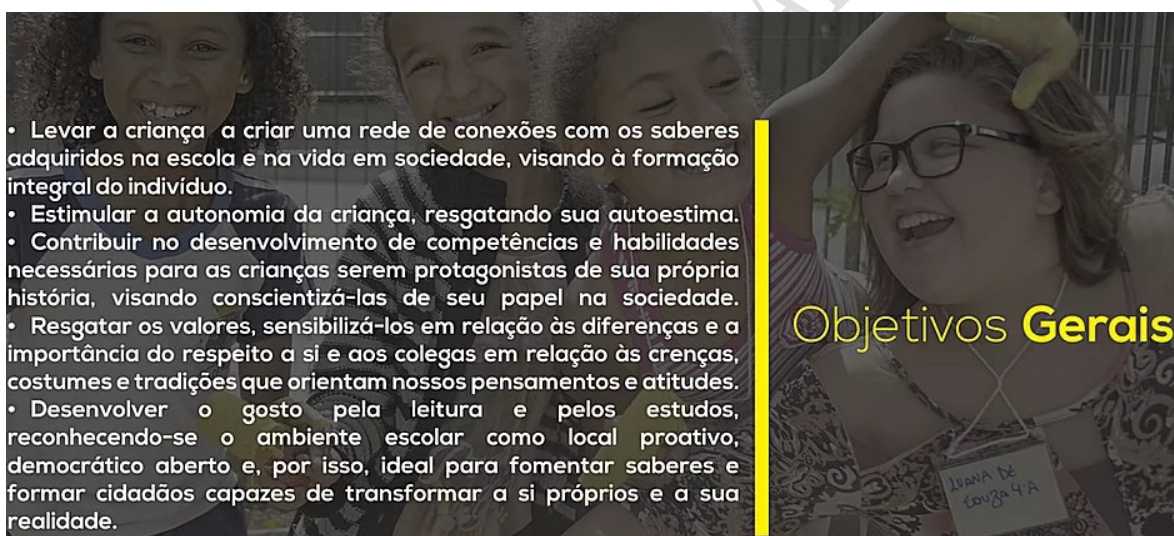
Anexos 11



Metodologia

A Cultura Hip Hop é utilizada como instrumento de socialização para a formação de cidadãos críticos, participativos e responsáveis, além de funcionar como uma ferramenta para ativar nas crianças e jovens a criatividade e desenvolver nas habilidades cognitivas, psicomotoras e afetivas. Sendo um mosaico de possibilidades, essa cultura urbana amplia as possibilidades artísticas e vai incluindo no seu repertório outros elementos, como: pandeiro, canto e brinquedos musicais.

Anexos 12



- Levar a criança a criar uma rede de conexões com os saberes adquiridos na escola e na vida em sociedade, visando à formação integral do indivíduo.
- Estimular a autonomia da criança, resgatando sua autoestima.
- Contribuir no desenvolvimento de competências e habilidades necessárias para as crianças serem protagonistas de sua própria história, visando conscientizá-las de seu papel na sociedade.
- Resgatar os valores, sensibilizá-los em relação às diferenças e a importância do respeito a si e aos colegas em relação às crenças, costumes e tradições que orientam nossos pensamentos e atitudes.
- Desenvolver o gosto pela leitura e pelos estudos, reconhecendo-se o ambiente escolar como local proativo, democrático aberto e, por isso, ideal para fomentar saberes e formar cidadãos capazes de transformar a si próprios e a sua realidade.

Objetivos Gerais

Anexos 13

REFERÊNCIAS

ALVARENGA, Oneyda. Música popular brasileira: São Paulo: Duas Cidades, 1982.

ARAÚJO, EMANUEL. O Museu Afro Brasil. São Paulo: Safra, 2010.

_____. Arte, Adorno, Design e Tecnologia no tempo da escravidão. São Paulo: Museu Afro Brasil, 2013.

BAKHTIN, M. *Estética da Criação Verbal*. Martins Fontes: São Paulo, 2010.

_____. Para uma filosofia do ato responsável. [Tradução aos cuidados de Valdemir Miotello & Carlos Alberto Faraco]. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010. p155

_____. A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais. 7ª ed. Editora Hucitec: São Paulo, 2010.

_____. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. Hucitec: São Paulo, 1995.

_____. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. Hucitec: São Paulo, 1988.

BRANDÃO, LEAL, Aida. **Encontros com um Brasil Afro-Pindorâmico: Processo formativo de pesquisa contra colonial em terras indígenas no Espírito Santo. Dissertação. Universidade Federal do Espírito Santo. Centro de Ciências Humanas e Naturais.** 1991. Disponível em:

http://repositorio.ufes.br/bitstream/10/11290/1/tese_13161_Aida%20Brand%C3%A3o%20Leal%2005.04%20-%20definitiva.pdf. Acesso em: 08/01/2021.

BARONAS, Roberto Leiser Baronas (Org.) Estudos Discursivos à brasileira: Uma intradução.

BARRETO, Lima. Contos. Os percalços do Budismo. (s/d) Disponível em: [Lima Barreto \(dominiopublico.gov.br\)](http://LimaBarreto.dominiopublico.gov.br). Acesso em: 02/10/2020.

BRASIL, Lei 4.591/64, de 16 de dezembro de 1964. Art. 12, § 1 da Lei do Condomínio.

BOURDIEU, P.O poder simbólico. Lisboa, Difel, 1989.

CABETTE, Eduardo Luiz Santos. Bakhtin e o Direito: Uma visão transdisciplinar. Nuria Fabris Editora: Porto Alegre, 2014.

CÂMARA, Joaquim Matoso. História da Linguística. 6ª ed. Editora Vozes: Rio de Janeiro, 1975.

CAMARA, Raphael da Silva. O Grotesco: um Corpo Estranho na Literatura do Medo no Brasil. Disponível em: <https://sobreomedo.files.wordpress.com/2013/06/15062013.pdf>. Acesso em 13 mai. 2019.

CAMPOS, Maria Inês Batista. A compreensão sobre a arquitetônica em Bakhtin. Oragon, Porto Alegre, v.30, n.59p.199/210 jul/dez 2015.

CANCLINI, Nestor. Culturas Híbridas. Estratégias para entrar e sair da modernidade. São Paulo: EDUSP, 1998.

CARETTA, Antônio Álvaro. Estudo dialógico-discursivo da canção popular brasileira. São Paulo: Annablume, FAPESP, 2013.

_____. Estudo dialógico-discursivo da canção popular brasileira e seu papel na constituição do imaginário da cidade de São Paulo na primeira metade do século XX. Annablume, FAPESP, 2015.

_____. Cancionistas Invisíveis. Revista Cult, nº105, ano 9, pp. 54-8. Disponível em: <http://revistacult.uol.com.br/home/2010/03/cancionistas-invisiveis/>. Acesso em: 19/10/2016

- COSTA**, Camila. **Por que Brasil parou de divulgar 'lista suja' de trabalho escravo tida como modelo no mundo?**. BBC News Brasil. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-38386804>>. Acesso em 21 Set. 2020.
- DUSSEL**, Enrique. In: Edgardo Lander, *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas*, CLACSO, Brasil, 2005, pp. 24-32.
- FANON**, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. Salvador: Edufba, 2002.
- FANON**, F.. *Os Condenados da Terra*. Rio de Janeiro, RJ: Editora Civilização Brasileira, 1968.
- FERNANDES**, Florestan. *Mudanças sociais no Brasil*. São Paulo, Difel, 1960a. .
 _____ *Ensaio de sociologia geral e aplicada*. São Paulo, Pioneira, 1960b.
 _____ *Educação e sociedade no Brasil*. São Paulo, Dominus/Edusp, 1966.
- FORTUNATO**, IVAN. *PATEO DO COLLEGIO: UM LUGAR NA CIDADE DE SÃO PAULO*. TESE: UNESP: RIO CLARO, 2014.
- FREIRE**, GILBERTO. *Caso, a Grande e Senzala*. 46° ed. - Rio de Janeiro. Recorte, 2002.
- FREIRE**, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*, 13.º ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1983.
- GALVÃO**, Walnice N. MPB: “uma análise ideológica”. In: *Sacos de Gatos*. São Paulo: Duas Cidades, 1976, p.93-119.
- GERALDI**, José Wanderley. *A diferença identifica. A desigualdade deforma* (pgs.39-56). In: *Ciências Humanas e Pesquisa: leituras bakhtinianas.*, Maria Tereza Freitas, Solange Jobim e Souza, Sonia Kramer (orgs.) São Paulo: Cortez Editora, 2007.
- _____. *O ensino de língua portuguesa e a Base Nacional Comum Curricular* Revista Retratos da Escola, Brasília, v. 9, n. 17, p. 381-396, jul./dez. 2015. Disponível em: <file:///C:/Users/flavio/Downloads/587-1901-1-PB.pdf>
http://www.obeco-online.org/roswitha_scholz24.htm. Acesso em: 19/05/2018.
- GILROY**, Paul. *O Atlântico Negro*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 2001.
- GRILLO**, Sheila Vieira de Camargo. *A noção de campo nas obras de Bourdieu e do Círculo de Bakhtin: suas implicações para a teorização dos gêneros do discurso*. Revista da ANPOLL/Associação de Pós-Graduação e Pesquisa em Letras e Linguística – São Paulo, n.1 (1995-).
KOSHIBA, Luiz. *O Índio e a conquista portuguesa*. São Paulo: Atual, 1994.
- GRILLO**, Sheila Vieira de Camargo. *A noção de campo nas obras de Bourdieu e do Círculo de Bakhtin: suas implicações para a teorização dos gêneros do discurso*. Revista da ANPOLL/Associação de Pós-Graduação e Pesquisa em Letras e Linguística – São Paulo, n.1 (1995-).
- HEGEL**, G.W.F. *Fenomenologia do Espírito*. Vozes, Petrópolis: 1992.
- hooks**, bell (1994). *Teaching to transgress. Education as the practice offreedom*. Nova York/Londres: Routledge.
- KOSHIBA**, Luiz. *O Índio e a conquista portuguesa*. São Paulo: Atual, 1994.
- KURTZ**, AS PERFÍDIAS DO CAPITAL FINANCEIRO.Robert. Disponível em:<http://www.obeco-online.org/rkurz159.htm>. Acesso em: 19/05/2018.
- _____. *Cristóvão Colombo Forever? Para uma crítica das actuais teorias da colonização no contexto do “Colapso da modernização”*. Disponível em http://www.obeco-online.org/roswitha_scholz24.htm. Acesso em: 19/05/2018. (b);
- MELO**, J. R. B. *Tese: VOZES SOCIAIS EM CONSTRUÇÃO: dialogismo, bivocalidade polêmica e autoria no diálogo entre Diário do hospício, O cemitério dos vivos, de Lima Barreto, outros enunciados e outras vozes sociais*. Araraquara:2017.

- MARX**, Karl [(1867:189)1996] - O Capital - Editora Nova Cultural – Vol. III, Capítulo XV.
- MALDONALDO-TORRES**, Nelson . Sobre la colonialidad del ser: contribuciones al desarrollo de un concepto. In: CASTRO-GÓMES, Santiago; GROSFUGUEL, Ramón. El giro decolonial. Reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global. Bogotá. Siglo del Hombre Editores; Universidad Central; Instituto de Estudios Sociales Contemporáneos y Pontificia Universidad Javeriana; Instituto Pensar; 2007. _____ . A topologia do Ser e a geopolítica do conhecimento. Modernidade, império e colonialidade. Revista Crítica de Ciências Sociais, 80, Março 2008.
- MELO**, J. R. B. Tese: VOZES SOCIAIS EM CONSTRUÇÃO: dialogismo, bivalência polêmica e autoria no diálogo entre Diário do hospício, O cemitério dos vivos, de Lima Barreto, outros enunciados e outras vozes sociais. Araraquara:2017
- MEMMI**, Albert. RETRATO DO COLONIZADO: PRECEDIDO DE RETRATO DO COLONIZADOR – 1ªED. Civilização Brasileira: São Paulo, 2007
- MIGLIEVICH-RIBEIRO**, Adelia e **BENEDUZI**, Luis Fernando. América Latina como lugar de enunciação: Vozes dissidentes, modernidades dissonantes. **Civitas - Revista de Ciências Sociais**. Porto Alegre, v. 15, n. 3, p. 375-380, jul.- set. 2015.
- MIGNOLO**, Walter. A ideia de América Latina: a era colonial e a opção decolonial. Barcelona: Gedisa editorial, 2005.
- _____. AIESTHESIS DECOLONIAL Artículo de reflexión. CALLE14 // volumen 4, número 4 // enero - junio de 2010. Disponível em: <file:///C:/Users/Jaqueline%20Borges/Downloads/Dialnet-AiesthesisDecolonial-3231040.pdf>. Acesso em: 06 Fev.
- _____.(2003), "Os esplendores e as misérias da 'ciência': Colonialidade, geopolítica do conhecimento e pluri-versalidade epistémica", in Boaventura de Sousa Santos (org.), *Conhecimento prudente para uma vida decente: Um discurso sobre as ciências' revistado*. Porto: Edições Afrontamento.
- MIOTELLO**, Valdemir. A construção turbulenta das hegemonias discursivas: o discurso neoliberal e seus confrontos. Tese. Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), 2001.
- MOREIRA**, Tatiane Aparecida. Discursividade, poder e autoria em raps brasileiros e portugueses: arenas entre a arte e a vida. Tese. UFSCar, 2016.
- MOREIRA**, Tatiane Aparecida. Discursividade, poder e autoria em raps brasileiros e portugueses: arenas entre a arte e a vida. Tese. UFSCar, 2016.
- NAPOLITANO**, Marcos. História e Música: história cultural da música popula. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.
- NAPOLITANO**, Marcos. História e Música: história cultural da música popula. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.
- NETO**, José Borges. História da Linguística no Brasil. Paraná: Estudos Linguísticos, XXXIV, 2005,
- NETO**, José Borges. História da Linguística no Brasil. Paraná: Estudos Linguísticos, XXXIV, 2005,
- NUNES**, Gilcerlândia Pinheiro de Almeida. A Integração do Negro na Sociedade de Classes: uma difícil via crucis ainda a caminho da redenção. **Cronos**, Natal-RN, v. 9, n. 1, p. 247-254, jan./jun. 2008.

ORLANDI, O. Discurso em Análise: sujeito, sentido, ideologia. Campinas: Pontes, 2012.

ORLANDI, O. Discurso em Análise: sujeito, sentido, ideologia. Campinas: Pontes, 2012.

PEREIRA, Marcelle. Museologia social e sociologia das ausências no contexto da amazônia brasileira: uma aproximação teórica. In: Cadernos de Sociomuseologia, nº6-2015.

PONZIO, A. (2010). Procurando uma palavra outra. São Carlos: Pedro & João Editores. _____. (2013). No círculo com Mikhail Bakhtin. São Carlos: Pedro & João Editores.

PONZIO, Augusto. Identidade e mercado de trabalho: dois dispositivos de uma mesma armadilha mortal. In: MIOTELLO, Vladimir; MOURA, Maria Isabel. A alteridade como lugar da incompletude. São Carlos/SP: Pedro e João Editores, p. 49-95, 2014. [Links]

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In.: **LANDER, Edgardo (org.).** *A Colonialidade do Saber - Eurocentrismo e Ciências Sociais - Perspectivas Latino-americanas.* Buenos Aires: Clacso, 2005

MALDONADO-TORRES, Nelson (forthcoming) *Against War: Views from the Underside of Modernity.* Durham: Duke University Press.

_____. */*/ (2001) 'The Cry of the Self as a Call from the Other: The Paradoxical Loving Subjectivity of Frantz Fanon', *Listening: Journal of Religion and Culture*, vol. 36, no. 1, pp. 46 60. */*/ (2005) '

_____. Decolonization and the New Identitarian Logics after September 11: Eurocentrism and Americanism against the Barbarian Threats', *Radical Philosophy Review*, vol. 8, no. 1, pp. 35 67.

RAMA, A. *La Ciudad Letrada.* Hanover: Ediciones del Norte, 1984.

ROJO, Roxane; MELO, Rosineide de. Letramentos contemporâneos e a arquitetônica Bakhtiniana. *D.E.L.T.A.*, 33,4, 2017 (1271-1289), disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/delta/v33n4/1678-460X-delta-33-04-1271.pdf>. Acesso em: 22/04/2018.

SANTOS, Boa Ventura de Souza. *A crítica da razão indolente: contra o desperdício da experiência.* - 4.ed. -São Paulo: Cortez, 2002.

_____. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. *Novos estud. - CEBRAP*, São Paulo, n. 79, p. 71-94, Nov. 2007. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010133002007000300004&ln=en&nrm=iso>. access on 09 Jan. 2021. <https://doi.org/10.1590/S010133002007000300004>.

p.123

_____. Para uma sociologia das ausências e uma sociologia das emergências. In: *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 63, Outubro de 2002:237-280. Acesso em Junho 2018.

_____. Para uma sociologia das ausências e uma sociologia das emergências. In: *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 63, Outubro de 2002:237-280. Acesso em Junho 2018.

_____ & MENEZES, Maria Paula. Para além do pensamento abissal; das linhas globais a uma ecologia dos saberes. In: Epistemologias do Sul. São Paulo: Cortez, 2010.

_____ & MENEZES, Maria Paula. Para o problema das diferenças. (08/08/2017) Disponível em: <http://obeco.planetaclix.pt/roswitha-scholz3.htm>. Acesso em: 19/05/2018

SOARES, Elza. Do cóccix Até O Pescoço. **A carne**. Intérpretes: Seu Jorge – Marcelo Yuka-Wilson Cappellette. Faixa 3. Maianga Discos– 789836945 001 6. 2002.

SCHOLZ, Roswitha. A Nova crítica social e o problema das diferenças. (08/08/2017) Disponível em: <http://obeco.planetaclix.pt/roswitha-scholz3.htm>. Acesso em: 19/05/2018. (a);

SCHOLZ, Roswitha. Crítica da dissociação-valor e teoria crítica. **Revista Exit!: crise e crítica da sociedade das mercadorias** [online]. Lisboa, 2017, não paginado. Disponível em: http://www.obeco-online.org/roswitha_scholz28.htm. Acesso em: 19 jan.2019.

SILVA, Matheus Lobo Aquino de Moura e. Casa grande de Sensala e o mito da democracia racial. 39º Encontro Anual da Anpocs.

SILVA, Nelson FerndandoInocencio da. Museu Afro Brasil no contexto da Diáspora: dimensões contra-hegemônicas das artes e culturas negras. Tese: UNB, IdA, 2013.

SINGLETON, T.; **SOUZA**, M. A. T. de. Archaeologies of African Diaspora: Brazil, Cuba, and United States. In: MAJEWSKI, T.; GAIMSTER, D. (Eds.). International Handbook of Historical Archaeology. New York: Springer, 2009. p. 449-469.

SOUZA, G. T. (1999) **Introdução à Teoria do Enunciado Concreto do Círculo Bakhtin / Volochinov / Medvedv**. São Paulo: Humanitas/ FFLCH/USP, 148 p.

SOUZA, Geraldo Tadeu. Introdução a teoria do enunciado concreto. São Paulo: Humanitas, 2002.

SOUZA, Jessé . (2016), A radiografia do golpe: entenda como e por que você foi enganado . Rio de Janeiro , LeYa .

SPIVAK, G. C. Subaltern Studies: Deconstructing Historiography. In: In Other Worlds. New York: Methuen, 1987, p. 215-219.

TAKAHASHI, Henrique Yagui. “Capítulo 4, Versículo 3”: o “crime” na teologia dos Racionais MC’s. Disponível em: [Capítulo 4, Versículo 3 - o crime na teologia do Racionais MCs \(usp.br\)](#). Acesso em: 22/08/2020

TATIT, Luiz. Semiótica da Canção: melodia e letra. Escuta: São Paulo, 2003.

TINHORÃO, José Ramos. Pequena história da Música Popular Brasileira. Petrópoles: Vozes, 1975.

_____. As origens da canção urbana. Lisboa: Caminho, 1997.

WALSH, Catherine. Cartografias decoloniais.? Interculturalidad y (de)colonialidad? Gritos, grietas y siembras desde AbyaYala. In: Poéticas e políticas da liunguagem em vias de descolonização. Orgs. Garcia Diniz Alai; Araújo Pereira Diana e Kaminski Alves Lourdes. São Carlos: Pedro e João Editores, 2017.323p.

WALLERSTEIN, I. (1974a). O sistema mundial moderno. Vol. I: a agricultura capitalista e as origens da econoemia-mundo europeia no século XVI. Porto: Ed. Afrontamentos.

_____ (1974b). O sistema mundial moderno. Vol. II: o mercantilismo e a consolidação da economia-mundo europeia, 1600-1750. Porto: Ed. Afrontamentos.
WEBER, MARX. A ética protestante e o espírito do capitalismo. Companhia das Letras. São Paulo, 2004.

Websites Consultados

https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L4591.htm Acesso em 20/05/2016;

<https://www.youtube.com/watch?v=roWEPbweE6o>. Acesso em: 21/05/2016.

Albúns Consultados

EMICIDA. Sobre Crianças, quadris e lições de casa. CD. Sony Music: São Paulo, 2015.

CRIOLO. Convoque seu Buda. CD. Universal Music: São Paulo, 2014.

http://www.museuafrobrasil.org.br/docs/default-source/public%C3%A7%C3%B5es/africa_em_artes.pdf

A VOZ DE COLONIAL DO RAP AFROBRASILEIRO